

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

NATÁLIA DE SANTANNA GUERELLUS

RACHEL DE QUEIROZ: REGRA E EXCEÇÃO
(1910-1945)

NITERÓI - RJ

2011

NATÁLIA DE SANTANNA GUERELLUS

Rachel de Queiroz: Regra e Exceção

(1910-1945)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense como requisito para a conclusão do curso de Mestrado em História.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Rachel Soihet

NITERÓI - RJ

2011

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

G931 Guerellus, Natália de Santanna.

Raquel de Queiroz : regra e exceção (1910-1945) / Natália de
Santanna Guerellus. – 2011.
Santanna Guerellus. – 2011.

174 f.

Orientador: Raquel Soihet.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal
Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, 2011.

Bibliografia: f. 162-174.

1. Biografia. 2. Escritora brasileira. 3. Queiroz, Rachel de,
1910-2003. 4. Gênero. I. Soihet, Raquel. II. Universidade Federal
Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia.
III. Título.

CDD B869.3

*Se a coisas são inatingíveis...ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos, se não fora
A mágica presença das estrelas*

Mário Quintana
Espelho Mágico

*A linguagem afetada pelo silêncio é o ninho.
Como o visível afetado pela obscuridade é o sonho.*

Pascal Quignard
Todas as manhãs do mundo

*Minha pergunta, se havia, não era:
“que sou?”, mas “entre quais eu sou?”*

Clarice Lispector
A paixão segundo G.H.

*A história das ciências não é a história do verdadeiro, de
sua lenta epifania, ela não poderia pretender contar a
descoberta progressiva de uma verdade inscrita desde
sempre nas coisas ou no intelecto, salvo a imaginar que o
saber de hoje possui enfim de maneira tão completa e
definitiva que pode tomar a partir dela a medida do
passado.*

Michel Foucault
Ditos & Escritos

*Julguei que se podia fazer história com
aquilo que, até o presente, era só anedota.*

Marc Bloch
Os Reis Taumaturgos

*Veza ou outra, eu falava desse espanto, mas como
ninguém parecia compartilhá-lo, nem mesmo
compreendê-lo (a vida é, assim, feita a golpes de
pequenas solidões), eu o esqueci.*

Roland Barthes
A Câmara Clara

*Um livro muda pelo fato de que
não muda enquanto o mundo muda.*

Levenson

Agradecimentos

A história desta dissertação é a história de uma paixão. Não seria fiel a ela se não a revelasse desde já, desde o começo. Paixão que moveu esta escrita, que transpirou neste trabalho junto com o movimento monótono e enfadonho das teclas do computador. Optei, por conta e risco, escrever estas primeiras palavras assumindo o lado sensível da presente pesquisa. É um pequeno depoimento e agradecimento pessoal, modo de revelar alguns traços de um namoro de seis anos com a obra de Rachel de Queiroz e agradecer àqueles que cruzaram este caminho ou participaram dele.

Em geral, não sabemos de onde vem o amor. Ensinaram-me, desde pequena, que o amor é um dom divino. A Deus, portanto, agradeço desde o começo deste texto, por fazer com que tudo que envolveu este trabalho fizesse sentido. Agradeço pela força, por não ter desistido de pesquisar e escrever, mesmo com todas as dificuldades dos últimos dois anos, e por me conceder a oportunidade de trabalhar com o que gosto, com o que amo.

Seis anos, de fato, não significam muita coisa. Quantas vezes ouvimos dizer que, ainda que passemos a vida inteira com uma pessoa, mesmo assim, podemos não conhecê-la. Ainda mais se tratando de uma autora e de uma obra com tamanha dimensão.

Rachel de Queiroz: noventa e três anos de vida, cerca de setenta deles escrevendo ininterruptamente. Se pensarmos ainda na bibliografia referente à autora, teremos matéria infinita. Seria preciso viver de novo para conhecer tudo de Rachel de Queiroz. E, ainda assim, correríamos o risco de não conhecê-la, somente pela ingenuidade, arrogância e ambição da empreitada.

Conheci Rachel como conheci outros autores da literatura brasileira: na escola, e muito por conta do vestibular. Nessas horas, até gosto dele. Através dessa “obrigação”, li livros interessantes, que talvez nunca lesse, e perderia a oportunidade de aprender. Além disso, tenho mãe professora de português, e literatura correu sempre anos luz à frente de física e química no rol das preferências. Daí os vestibulares feitos para História e Letras. Ao cursar História, porém, nunca pensei que veria Rachel novamente.

Ao longo do curso, e estudando historiografia, aos poucos percebi que poderia coadunar os gostos e me dedicar à História e à Literatura, mesmo porque a divisão em disciplinas é mais uma questão de sistematicidade do que de efetividade. A História pra mim, então, mostrou-se muito mais ampla.

A opção foi clara já no segundo ano da graduação, com a oportunidade de entrar para o grupo PET de pesquisa, ao qual devo muito do pouco que sei. Doze estudantes dedicados, uma orientadora “humanista”. Uso este título para definir em simples palavra Ana Paula Martins, pensamento holístico, coração maternal, incrível capacidade de ensinar e aprender. Todos os ingredientes necessários para pesquisar com vontade, com amor. Aprisionar não é mais possível. Agradeço a ela por mostrar esta possibilidade.

Por esta época, os estudos de Gênero já eram absorvidos quase por osmose e não há como separá-los da análise feita no presente trabalho. São extremamente importantes na minha formação pessoal e acadêmica, porque problematizam uma questão que muito interessa a mim e ao mundo contemporâneo: as identidades que o sujeito pode assumir. Para os estudos de Gênero, estas identidades são móveis, surgem de acordo com as múltiplas perspectivas que formam o sujeito quando este precisa ser definido, sejam elas de classe, raça, gênero, geração, profissão, etc. São históricas e variam de acordo com o contexto e as estratégias necessárias. Além disso, são basicamente apreendidas nos discursos, muitas vezes utilizadas como mecanismo de poder.

Como diria Ana Paula, gênero não é somente um conceito, é uma visão de mundo. Desde que aprendi a ver o mundo com esses olhos, não posso mais me desfazer deles, ao mesmo tempo em que temo incorrer em suas armadilhas.

*Foi mesmo por meio do Estudos de Gênero que Rachel voltou à cena. Lembrei da existência da autora quando disse à minha mãe que queria estudar uma escritora brasileira, e mostrei o livro *A invenção do Nordeste*, de Durval Muniz, que Ana Paula havia me indicado. Minha mãe respondeu na hora, sem pestanejar: O Quinze.*

Mãe, melhor amiga, consultora em matérias de sentimento e profissão, corajosa, fiel, dedicada. Nunca separada de meu pai, um exemplo de ser humano, além de ser pai, no melhor de seu significado. Não há palavras que eu possa depositar neste papel que registrem a grandeza que eles têm e como acreditaram em mim, mesmo quando eu não mais poderia. Seria inútil tentar agradecer aqui. Espero expressar meu amor todas as vezes que os abraço.

*Feita a indicação, mais uma vez corri ao livro que havia lido no ensino médio. A releitura foi mais do que prazerosa, foi reveladora. Percebi que as paixões nascem pela atenção aos detalhes, pela vontade de conhecer o outro em suas qualidades e defeitos, pela forma com que este outro revela aquilo de **mudo** que há em nós, completa a nossa dificuldade de expressão. Assim foi ler O Quinze anos depois.*

Rachel de Queiroz abriu caminhos para mim. Abriu meus olhos na direção de uma análise da escrita de mulheres no Brasil em seu processo histórico e de um questionamento a uma ideia simplista de feminino. Além disso, surpreende-me até hoje sua força, carisma e capacidade incríveis de simplesmente, viver. Viver sem “passar batido”, deixando marcas, sendo lembrada. A capacidade de tomar a vida nas mãos e fazer dela o que quiser. A ela agradeço por grande parte do que me move hoje.

*Ao final do curso de História, apresentei a monografia intitulada **VÆ SOLIS¹ - Gênero, Cultura e Sociedade nos Romances de Rachel de Queiroz (1930-1939)**. Ao ingressar no mestrado, passei por várias redefinições da pesquisa que, a princípio, voltar-se-ia para as crônicas rachelianas produzidas a partir de 1945.*

*No entanto, com a comemoração do centenário de Rachel no ano de 2010, uma série de documentos novos e eventos interessantes fez com que preferisse continuar a estudar os primeiros romances da autora, acrescidos daquilo que não aparecera, até então, na sua bibliografia: os primeiros escritos, anteriores a *O Quinze de 1930*.*

Daí, este trabalho, depois de muitas reviravoltas, concentrar sua análise nos primeiros passos de Rachel de Queiroz, desde o jornalismo cearense, as correntes políticas, os saraus, festas literárias e círculos femininos até sua entrada para os grupos de projeção nacional, os modernistas, o mercado editorial, o jornalismo de expressão nacional e sua crítica implacável a alguns, solidária a outros.

A inserção de Rachel no que podemos chamar de “cânone” de então, e sua profissionalização consciente na área da escrita, foram os objetos deste trabalho. Uma ambição e tanto para ser cumprida, em apenas dois anos, como é exigência da universidade hoje.

Não poderia, também, realizá-lo sem a confiança da professora Rachel Soihet. Sem sua incrível capacidade de compreensão, sempre aberta a aprender e entender esta aluna tão perdida, não teria como realizar a presente pesquisa. Agradeço, imensamente, sua segurança, disponibilidade, carinho, paciência, cuidado e amizade.

Aos meus irmãos que, mesmo não entendendo muito o sentido do que faço ou por que coleciono livros, sempre apoiaram minhas escolhas, foram meus amigos, aguentaram meu mau-humor, meus comentários pseudo-intelectuais demais e minhas posições frente à vida, muitas vezes diferentes das deles. Obrigada.

Aos meus tios, tias e primos. Àqueles mais próximos e aos mais afastados, agradeço o carinho que têm comigo e peço desculpas por não estar tão presente como gostaria. Aida, Vanessa e Kamilla; Vera, Cavuca, Michele e Mirele; Alice, Cal, Cristiano, Mariana; Tia Edir; Tio Maurício, Anna Verena ... um agradecimento especial a vocês.

Ao meu querido avô Mário, cheio de vida e dono de uma memória incrível, agradeço por poder ouvir suas histórias e seu silêncio, por seu exemplo, sua simplicidade, humildade e sabedoria.

A categoria de amigos é muito ampla. Nela cabem tios, tias, primos, professores, irmãos. Tantos, tão diferentes e dos lugares mais longínquos. Muitos peregrinando pelo mundo. Outros capazes de viajar com o simples pensamento. Tenho consciência de estar cercada de pessoas autênticas, de grande coração. Sem a amizade de vocês, viveria numa solidão insuportável.

Vou me abster de citar nomes, porque, se não citar todos, serei injusta. E tenho mania de me punir por esse tipo de esquecimento. Além disso, acredito que a amizade é um sentimento recíproco. Acredito que vocês sabem quem são. Àqueles que estão em Portugal, França, Curitiba, Fortaleza, Quixadá, São Gabriel da Cachoeira, Brasília, Recife, João Pessoa/Campina Grande/Areia, Belém, São Paulo, no amado Rio de Janeiro e Niterói, e no estado da Bahia, muito obrigada por, simplesmente, existirem e me darem a oportunidade de abraçá-los de vez em quando; de ligar, quando a saudade bate; de me hospedar em suas casas, quando preciso; de conversar horas a fio sobre qualquer coisa importante ou desimportante; de filosofar; de comer junto; de escrever poesias ou, simplesmente, de respirar a mesma paixão pela vida.

Um adendo especial a duas pessoas que estão a milhares de quilômetros. Uma atravessado um oceano inteiro. A outra, atravessado o país inteiro. Vocês fazem uma falta tão grande quanto essa distância: Jojô e Daniel.

Agradeço a Norberto Ferreras, Jorge Ferreira, Ângela de Castro Gomes, professores da UFF e, especialmente, a Suelly Gomes e Giselle Venâncio, com quem tive maior contato e conversas esclarecedoras. Vocês foram muito importantes para que esta pesquisa se realizasse. A Marcos Alvíto agradeço por, além de ser um professor incrível, estar incluído no parágrafo das amizades que tive oportunidade de fazer no Rio de Janeiro.

¹ Esta é uma das frases do final de *O Quinze*. No próprio livro, é traduzida como *Ai dos sós...*

Professora Magali Engel, muito obrigada pela convivência na disciplina, no grupo de estudos (Gepisp) e por ter me ajudado a amadurecer esta dissertação. Nossas conversas e suas críticas foram preciosas. Espero ter, ao menos, cumprido algumas. E agradeço por tê-la, novamente, na banca de defesa.

Também agradeço à professora Conceição por integrar esta banca e ter a disponibilidade de ler meu material. Obrigada.

Ao longo destes anos, aprendi a valorizar aqueles que trabalham com arquivos e que, mesmo sob as mais precárias condições, auxiliam o pesquisador no acesso a seu precioso material. Aos bons funcionários da Biblioteca Pública de Curitiba, da Biblioteca Pública de Fortaleza e da Biblioteca Nacional. A Rafaela, do Arquivo Público de São Paulo. Aos funcionários da Fundação Casa de Rui Barbosa. Aos funcionários das duas bibliotecas da Academia Brasileira de Letras e, em especial, a Luiz Antônio de Souza (muitas das ideias desta dissertação partiram de suas observações), uma das pessoas mais cultas que conheço. A Aline, da Biblioteca da Associação Brasileira de Imprensa. Ao bibliófilo Ubiratan Machado por suas dicas e pela ajuda. A José Augusto Bezerra, por ter permitido o acesso a sua biblioteca, tão bem cuidada, tão rica. A eles agradeço a oportunidade de conhecer o trabalho da bibliofilia, que admiro cada vez mais.

A Maria Luiza de Queiroz, por deixar que eu respirasse o ar do “Não me Deixes”, misturado ao cheiro da cajúina e dos bolos, por conversar comigo sobre Rachel, por preservar a memória de sua irmã, por ser forte como é.

Por fim, ao povo brasileiro e à Universidade Federal Fluminense, pela oportunidade de receber financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Cnpq. Agradeço a oportunidade.

Guardo certo patriotismo no peito e, se algo de válido for retirado desta dissertação, espero que seja para enriquecer a história do meu país.

Muito obrigada!

SUMÁRIO



INTRODUÇÃO

Por quê?	11
----------------	----

I- RIZOMAS

1. Menino criado em casa de intelectual	20
2. Primeiros anos de Imprensa	36
3. Uma ousadia nem tão ingênua	55

II- ENCRUZILHADA

1. “Obra-prima, <i>tout court</i> ”	75
2. Anarcóide Sentimental	108

III- MARCAS

1. A Casa: um lar	131
2. Uma profissão como qualquer outra	149

CONCLUSÃO	156
-----------------	-----

REFERÊNCIAS

1. Fontes primárias	161
2. Bibliografia	164
3. Arquivos Consultados	172

RESUMO

A trajetória pessoal e profissional de Rachel de Queiroz (1910-2003) tem despertado a atenção de pesquisadores universitários desde, pelo menos, a década de 1990, em parte pelo desenvolvimento dos estudos de gênero no ambiente acadêmico e também pelo reconhecimento da importância da memória da autora. Sua história confunde-se, muitas vezes, com a história do próprio país, se pensarmos na inserção da mulher no mercado de trabalho, nos movimentos políticos no começo do século XX, nas formas de governo até o Golpe Militar e mesmo adiante, nas diversas correntes literárias, no desenvolvimento do jornalismo, etc. Todos estes temas foram de alguma forma vividos e apreendidos pelo olhar de Rachel de Queiroz e transmitidos, seja nos seus textos de ficção ou através de sua memória. Pensando em todos estes aspectos procuramos nos debruçar sobre a trajetória inicial da autora cearense, aprofundando o tema de sua inserção no ambiente literário dos anos 20/30 - quando integrou movimentos comunistas e trotskistas, até 1945, data que temos como sua profissionalização na área da escrita. Nesse sentido, procuramos mapear seu campo intelectual e os argumentos para sua incorporação, conscientes de ser ele repleto de disputas, estratégias, interesses, mas também solidariedade, amizade, gratidão. Para isto, utilizaremos como fonte a produção da autora entre 1927 e 1945 – incluindo romances, crônicas e algumas poesias e artigos esparsos – além de biografias, memórias, entrevistas, correspondências e artigos de terceiros sobre a autora.

Palavras-chave: Trajetória Biográfica; Gênero; Rachel de Queiroz.

ABSTRACT

Rachel de Queiroz's personal and professional trajectory (1910-2003) has attracted the attention of university researchers since, at least, the 1990s, in part because of the development of gender studies and also because of the importance of her memory and testimony. Her life can be seen along with Brazilian history, if we look at the history of women entering into the labor market, also the political movements in the early twentieth century, forms of government until the military coup and even below, the various literary trends in the development of journalism, etc. All these issues were somehow lived and experienced by Rachel de Queiroz and transmitted, either in their works of fiction, or through her memory. Thinking about all these things we pretend to look to Rachel's first steps, reflecting on the theme of her inclusion in the most important literary group of the 20/30 year - when he joined Trotskyists, and Communist movements - until 1945, when we have as her professionalism in the area of writing. In this sense, we looked at the intellectual field, its disputes, strategies and interests, but also its solidarity, friendship and gratitude. For this, we will use as sources the production of the author between 1927 and 1945 - including novels, essays and some poetry and articles - as well as biographies, memoirs, interviews, letters and articles by others about Rachel de Queiroz.

Keywords: Biography; Gender; Rachel de Queiroz.

O PORQUÊ?

*Responder a perguntas não respondo.
Perguntas impossíveis não pergunto.
Só do que sei de mim aos outros conto:
de mim, atravessada pelo mundo.*

Cecília Meireles

Pessoalmente falando...

Os primeiros romances escritos por Rachel de Queiroz, a nosso ver, têm duas características em comum: a primeira delas é a impressão de que as palavras iniciais do texto são descrições de uma cena quase cinematográfica, começada antes de o leitor chegar. Fato não tão surpreendente, pois o cinema foi uma das paixões da autora desde muito jovem. Símbolo da modernidade, parece ter penetrado a linguagem escrita, presente nas descrições de Rachel. A segunda característica se dá pelas palavras finais, que retratam sempre figuras em movimento, estejam as personagens em vagões de trem rumo ao conhecido ou ao desconhecido, cavalcando ou ainda caminhando rumo à liberdade, à solidão, ao inusitado.

Nós, leitores, em nossa condição de caçadores de boas histórias e acostumados a, constantemente, subestimar o autor que temos em mãos - quase como juízes esperando convencimento - abrimos o livro curiosos, porém ingênuos. Passeamos o olhar pela contracapa e logo lembramos aquelas imagens de Rachel de Queiroz, uma senhora de cabelos acinzentados, na varanda de uma grande casa antiga, olhando nos nossos olhos².

Ao lermos a página inicial, sentimos que nos falta o começo da história, porque em palavras escritas ela não tem começo. Voltamos à primeira palavra à procura, e não encontramos a origem de nada: chegamos no meio de uma cena. O primeiro parágrafo é, desde sempre, meados de uma conversa. Onde ela começou, não sabemos. Somos pegos de surpresa.

Mas, de repente, não mais que de repente, estamos confortáveis naquelas palavras como estaríamos numa velha casa do sertão, abraçados por uma larga rede de

² A representação de Rachel de Queiroz como uma senhora é característica da memória elaborada sobre ela. Característica também reforçada pela própria autora desde pelo menos os anos 40. Basta notar as imagens reproduzidas em suas crônicas para a revista *O Cruzeiro* nos anos 1950.

pano cru, fosse o livro uma conversa gostosa, regada a comida boa, café ou, aos que preferem, boa cachaça.

No entanto, quando pensamos no leitor dos anos 1930 e nos colocamos em seu lugar, entendemos a dimensão de surpresa do texto. Estariam eles não tão confortáveis como nós, mas surpresos, como numa sala de cinema em pleno anos 30, tomados pelo poder das imagens, pela ilusão surpreendente de uma realidade até então mascarada pelos floreios do Romantismo literário, até então vagamente desenhada em palavras. Estariam surpresos com aquela nova linguagem, objetiva, dura, direta.

Desde já estabelecemos nosso primeiro paralelo em forma de rima: Rachel de Queiroz, figura em transição/ Do tradicional ao moderno, sua escrita propõe conciliação³.

O narrador racheliano não se restringe ao nascimento ou à morte – isto é o natural. Sua preocupação é com o processo, o(s) momento(s) exato(s) em que o cotidiano ou o inusitado passam. Cotidiano que, sorrateiramente, esconde importantes transformações, ainda que nós - ou as personagens - não se dêem conta delas antes que chegue o final das páginas, o novo recomeço, o movimento repetido, o continuar infinito que é viver. É este modo de investigar o ser humano, em sua forma mais seca, mais simples, mais objetiva que preenche nossos olhos de leitor, que convence nossos ouvidos, que nos faz humildemente parar e escutar.

E engana-se quem pensa que isto é sinônimo de falta de profundidade psicológica. A profundidade encontra-se nas entrelinhas e na capacidade do leitor de dar vida àquelas personagens que parecem tão cruas, que seguem, porque precisam seguir, porque “a vida é uma coisa que tem que passar, uma obrigação de que é preciso dar conta⁴”.

Diria a autora que sua linguagem é fruto do jornalismo, profissão que praticou ao longo de toda a vida literária e que teria conformado um estilo direto, enxuto, uma escrita que seria quase como uma literatura-depoimento. Aliás, característica defendida não só por Rachel, mas por grande parte dos romancistas dos anos 30. Em relação a nossa autora, foi exatamente seu estilo simples, claro e sem floreios que surpreendeu e

³ Gostaria somente de citar que este paralelo surgiu quando estava pesquisando na Academia Brasileira de Letras e, por coincidência, deparei-me com o acadêmico Sérgio Paulo Rouanet. Conversando rapidamente sobre Rachel, chegamos a algumas conclusões interessantes. Essa foi uma delas. Agradeço, portanto, a este mestre.

⁴ QUEIROZ, R. de. **Cem crônicas escolhidas**. São Paulo: Global Editora, 2004.

serviu como argumento primeiro para sua incorporação aos mais importantes círculos literários de meados do século.

Assim, procuramos contextualizar uma mulher que escreve em plena década de 1930, década sangrada por uma revolução, sonhada de mudanças, decepcionante em muitas de suas utopias. Rachel é, como suas personagens, uma figura em movimento, num contexto de transições significativas na sociedade brasileira que então se moderniza. Mulher cuja trajetória e cujo estilo nos faz repensar o que quer que definamos acerca da escrita de autoria feminina no Brasil, sua relação com o cânone literário, e sua profissionalização numa área em que fora por muito tempo restrita ao submisso papel de leitora ingênua.

Para além do estilo, nota-se em Rachel também seu carisma invejável, característica nunca esquecida por aqueles que com ela conviveram. Rachel de Queiroz foi quase sempre descrita além de sua capacidade literária; ela era uma *presença*⁵. Mesmo as críticas já dos anos 1930, ainda insipientes em seu rigor metodológico, não ignoraram a pessoa da escritora ao avaliarem seus livros, fosse por ela ser extremamente jovem, ou ser estranhamente mulher, peculiarmente esquerdista, ou por ser visceralmente sertaneja.

Estudar Rachel de Queiroz através do viés da História Cultural é, portanto, um ótimo exercício para quem não quer apenas pensar a literatura em seu caráter lúdico, ideal, excepcional e atemporal, mas acrescentar ao estudo suas características sociais.

Temos em mãos uma escritora que se utilizou da palavra para representar o mundo e para sobreviver enquanto ser no mundo. Pessoa que foi capaz de viver e de vender palavras, histórias. Isto numa aproximação tão perigosa, que desafia o pesquisador quando este se depara com suas entrevistas e memórias e, automaticamente, confunde-as com suas crônicas. História e Literatura. Desafio dos mais saborosos para a historiografia contemporânea. Diríamos, para a vida contemporânea.

Além disso, estudar Rachel de Queiroz é olhar de frente para pluralidades, paradoxos, complexidade, autenticidade, enfim, humanidade. É correr o risco de se apaixonar, de ser completamente seduzido. Risco, diga-se de passagem, que correm todos aqueles que se entregam, com ou sem medo.

⁵ Veja o título de um dos mais importantes livros de entrevistas com a autora: NERY, H. R. **Presença de Rachel**: conversas informais com a escritora Rachel de Queiroz. Ribeirão Preto: FUNPEC Editora, 2002.

Não por acaso, Rachel dizia que, quando jovem, admirava as atrizes e seu poder de representar, de convencer. Até chegou a diluir esse sonho na figura da personagem de seu romance *Dôra, Doralina* nos anos 70. Mas escrever era o que sabia fazer. Foi uma escolha profissional. Escolha muito consciente, numa época de entrada maciça das mulheres no mercado de trabalho. “Eu me considero uma profissional, como você está aqui me entrevistando, como vocês estão aí fotografando, tô eu aqui falando. Somos tipos de profissionais”, afirmou em entrevista para o Programa Encontro Mercado, nos anos 1990.

Ao pensar desta forma a escrita e ao defender sua obra como um depoimento, Rachel nos entrega nas mãos a chave para pensar sua literatura como uma interpretação realística, um olhar sobre a sociedade em que viveu, as pessoas com quem conviveu, as redes sociais que firmou, o campo intelectual em que atuou: “Tenho uma teoria de que todo personagem é autobiográfico”⁶. Ninguém pode escrever sobre aquilo que não viveu, sobre aquilo que não é seu.

Isto sem esquecer que, ao escrevermos sobre a trajetória de Rachel de Queiroz, enfrentamos, constantemente, as armadilhas da ilusão biográfica, tal como a definiu Pierre Bourdieu: “... na ilusão de que a história de vida de um indivíduo aponta para um determinado sentido, e também para uma determinada significação, desenvolvendo-se linearmente em uma direção, quando o que acontece é a relação inversa, pois, sendo o relato biográfico uma construção, é ele que organiza a história de vida e busca dar-lhe sentido”⁷.

Conscientes de que os sentidos de uma vida são múltiplos, nosso trabalho pretende analisar Rachel de Queiroz nos diferentes círculos sociais que conviveu ao longo dos anos 1930, tempo de sua profissionalização na área da escrita. Ao mapear estes diferentes campos, articulando produção e recepção, objetivamos compreender parte da sociedade brasileira da primeira metade do século XX, através de Rachel de Queiroz. Entre nossas principais questões neste contexto, nos perguntamos: o que é escrita feminina para a época? Quais os argumentos de incorporação de Rachel de Queiroz ao cânone? Como sua biografia influencia a escrita de seus romances? Como as amizades e as relações profissionais se estabelecem?

⁶ Entrevista ao Programa Encontro Mercado. Anos 1980/90. Disponível em: http://www.encontromercado.net/sec_perfil.php?id=74

⁷ BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: editora FGV, 1998. p. 184.

Expomos, desde já, ao leitor que este é um caleidoscópio de olhares. Ao longo de todo o texto nos colocaremos entre os anos 1920 e 1940, brincando com a sanfona do tempo. Isto porque os grupos sociais se interseccionam, e passa a nos importar muito mais o tema a ser discutido do que encadear uma sequência de fatos no tempo. Evitamos fazer uma coletânea de anedotas. Procuramos interpretações sobre uma vida e seus sentidos, constantemente nos nossos mergulhados. Tudo a partir de fontes da memória da autora e de suas cartas, crônicas, romances, poemas, entrevistas e as críticas literárias feitas à sua obra.

A noção de *campo* é aqui pensada pela influência de dois autores: Norbert Elias e, novamente, Pierre Bourdieu. O primeiro nos auxilia com a relação indivíduo/sociedade ao pensar a rede de funções interdependentes pela qual as pessoas estão ligadas entre si, seja por profissão, amizade política, etc. Ela tem peso e leis, circunscreve as liberdades, as limita. As relações de interdependência se dão entre os próprios indivíduos e entre os grupos de indivíduos, formando cadeias de atos. “Assim, cada pessoa singular está realmente presa; está presa por viver em permanente dependência funcional de outras; ela é um elo das cadeia que ligam outras pessoas, assim como todas as demais, direta ou indiretamente são elos nas cadeias que a prendem”⁸.

Já o segundo, numa perspectiva bem semelhante, define o *campo intelectual* e suas relações com o *campo do poder* e o *habitus de classe*. Sugere o estudo das biografias de artistas, analisadas em seu campo ideológico de origem, pois é resultado da posição de uma categoria particular de escritores na estrutura do campo intelectual, por sua vez incluídos em um tipo específico de campo político, cabendo uma posição determinada à fração intelectual e artística⁹.

Daí o cuidado, ao analisar um autor, uma obra, ou uma temática relacionada, em “situar o *corpus* assim constituído no interior do campo ideológico de que faz parte, bem como estabelecer as relações entre a posição deste *corpus* neste campo e a posição no campo intelectual do grupo de agentes que o produziu¹⁰”.

⁸ ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Cap. 1. Texto de 1939. P. 22/23.

⁹ BOURDIEU, P. Campo do poder, campo intelectual e *habitus* de classe. In: _____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2005 p. 184.

¹⁰ BOURDIEU, P. **Op. Cit.** (2005). p. 186.

Para mapear os círculos sociais rachelianos, nosso fio condutor serão suas próprias obras. Partimos das condições de produção de sua escrita, o conteúdo desta escrita e a circulação da palavra impressa, seu impacto sobre certos leitores e as consequências desta leitura na vida da autora e no contexto social de que foi fruto.

A primeira parte, intitulada **Rizomas**, explora o contexto de inserção de Rachel de Queiroz na área da escrita alguns anos antes do primeiro livro (*O Quinze* - 1930). Escolhemos como lugares principais de sociabilidade literária o ambiente familiar, o jornalismo cearense e os grupos de amizade que ajudaram a promover a autora.

Em seguida, **Encruzilhada**. Como o próprio nome diz, é o tempo de arriscar um caminho ainda incerto. Começamos pela análise da estreia da autora, através das críticas literárias a seu primeiro romance em 1930. Em seguida, *Através de João Miguel* (1932) e *Caminho de Pedras* (1937), deparamos-nos com os primeiros círculos literários de alcance nacional - é quando Rachel entra em contato com os comunistas, trotskistas, regionalistas e outros grupos intelectuais importantes. A recepção a estes dois romances estará intimamente ligada à participação nos círculos acima citados.

Por fim, **Marcas**. *As Três Marias* (1939) será nosso guia quando pensamos a profissionalização de Rachel na escrita, seu estabelecimento no Rio de Janeiro e as relações firmadas com importantes editores e jornalistas. É a entrada definitiva no mercado de trabalho da escrita e a consolidação de seu nome nas letras nacionais. Conquistas que levam em conta desafios.

Com isto pretendemos contribuir com os estudos acerca da autora e também com a história da escrita de mulheres no Brasil, campo que vem crescendo exponencialmente a partir dos anos 1980.

Os estudos de Gênero que resgatam e problematizam esta escrita também fazem parte do fundamento deste trabalho. Isto porque levam em conta não só as identidades que o sujeito pode assumir ou que podem ser atribuídas a ele, de acordo com as múltiplas perspectivas que o formam, sendo elas classe, raça, gênero, geração, profissão, etc, como também do próprio contexto em que atua e as estratégias necessárias para se mover nele. Estes estudos contribuem ao considerar, também, as definições identitárias relacionadas à escrita e aos mecanismos de poder¹¹.

¹¹ Algumas considerações sobre Gênero, História e Escrita em: BONNICI, T. **Teoria e Crítica Literária Feminista: conceitos e tendências**. Maringá: Eduem, 2001; COSTA, A. de O. & BRUSCINHI, C. (Org.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos e Fundação Carlos Chagas, 1992; DUARTE, C. L. **Feminismo e Literatura no Brasil**. In: **Estudos Avançados**. N. 17 (49). São Paulo: Edusp, 2003; HOLLANDA, H. B. de. (Org.) **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da**

Apesar de adotarmos alguns elementos da sociologia de Bourdieu e Elias para analisarmos os campos intelectuais nos quais Rachel de Queiroz atuou e nos quais formou suas opiniões, concordamos com Giovani Levi na crítica que este faz a Bourdieu. Para Levi, ao pensar as trajetórias individuais como estruturais, o sociólogo francês dá margem à aceção de que os desvios já fazem parte da estrutura do grupo, uma estrutura pré-definida. A escolha consciente parece antes constatada do que construída, enfatizando aspectos deterministas e inconscientes¹².

Sentimos estas mesmas impressões ao analisar os textos de Bourdieu. Por isso, guardamos certas reservas. Como contraponto à rigidez destas estruturas sociais, adotamos a maior flexibilidade sugerida pelas ideias de *estratégia* e *tática*, de Michel de Certeau: “sobre a realidade maciça dos poderes e instituições e sem alimentar ilusões quanto ao seu funcionamento, sempre discerne um movimento browniano de micro-resistências, as quais fundam por sua vez micro-liberdades, mobilizam recursos insuspeitos, e assim deslocam as fronteiras verdadeiras da dominação dos poderes sobre a multidão anônima”¹³.

São as margens de autonomia do sujeito, as quais vemos constantemente na trajetória racheliana, mesmo sendo ela apenas um grão nas areias da baía, metáfora do que era o Brasil intelectual de então. Grão que resolvemos pegar na mão e observar como reluz frente aos outros, frente ao sol, frente a nós.

Assim também, o enfoque de Gênero nos auxilia a pensar as margens de liberdade, as estratégias de resistência, o subterrâneo, o selvagem da escrita de autoria feminina neste momento. Portanto, além da relação entre o indivíduo e os grupos a que pertencem, pretendemos dar atenção às questões de gênero e às incoerências do sujeito, as diferenças entre o *eu* e as percepções de si, etc.

cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994; HOLLANDA, H. B. de. <http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br>; MATOS, M. I. S. de & SAMARA, E. M. & SOHET, R. **Gênero em Debate: trajetória e perspectiva na historiografia contemporânea.** São Paulo: Educ, 1997; MOI, T. **Sexual/Textual Politics.** London: Methuen & Co. Ltd, 1985; SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Revista Educação e Realidade.** Número 16(2), jul/dez. Porto Alegre: UFRS, 1990; SOIHET, R. & PEDRO, J. M. . A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. **Revista Brasileira de História,** v. 27, 2007 p. 281-300.; ZINANI, C. J. **história da literatura:** questões contemporâneas. Caxias do Sul: Educ, 2010.

¹² LEVI, G. Usos da biografia. In: **Usos e abusos da história oral.** Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005. p. 174/175.

¹³ CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano.** Vozes: Petrópolis, 1996. p. 18.

Resultado de seis anos de pesquisa, resultado de uma longa paixão, fechamos com esta dissertação o ciclo Rachel de Queiroz. E ainda assim este é, com certeza, apenas um pequeno projeto frente às possibilidades que uma biografia tão rica quanto a desta escritora cearense pode despertar em qualquer círculo de reflexão: acadêmico, escolar ou simplesmente curioso.

Enfim, ao leitor, mais histórias.

RIZOMAS

(1910-1930)

Novo Dicionário Aurélio

Rizoma [Gr. *Rhízoma*, ‘o que está enraizado’] *sm.* **1.** *Bot.* Caule radiforme e armazenador das monocotiledôneas, que é ger. subterrâneo, mas pode ser aéreo. Caracteriza-se não só pelas reservas, mas também pela presença de escamas e de gemas, sendo a terminal bem desenvolvida: comumente apresenta nós, e na época da floração exhibe um escapo florífero.

Menino criado em casa de intelectual...

“E a influência da família, da sua infância...”

- ... menino criado em casa de intelectual, ou é intelectual também, ou é cretino...”

Cretino: Pessoa amoral, cínica, manipuladora, trapaceira, irônica... Com estas palavras responde Rachel de Queiroz à pergunta de Maria Cláudia Bomfim em entrevista de 05 de junho de 1986, sentada nos aposentos da Academia Brasileira de Letras¹⁴.

Resposta um tanto ácida e irônica, para uma pergunta que nos parece tão banal. Rachel de Queiroz, se não foi a escritora que mais deu entrevistas ao longo da vida, foi uma das. Questões acerca da infância, da família, pais, etc estão presentes em quase todas. Locutor e interlocutor celebrando os primeiros passos de uma grande carreira, a origem de tudo, ambos reforçando a lógica de uma vida.

Essa é apenas uma das falas que podemos destacar da memória da autora cearense acerca da influência da família sobre sua profissão de literata. Escolhemo-na, exatamente, por ser tão direta, bem ao gosto de Rachel – mormente com o recrudescimento de seu bom humor já quando chega perto dos oitenta anos. Figura de espírito sincero e ácido por vezes, Rachel denuncia a obviedade com que lida com a família enquanto pólo de seu caminho intelectual.

Estranho para o leitor de Rachel, entretanto, notar a presença constante de personagens órfãs – em especial as protagonistas – em seus romances¹⁵. Conceição, Santa, Noemi, Guta, Dôra, Maria Moura, a beata Maria Bonita. Lendárias ou puramente ficcionais, as mulheres que nasceram sob os olhos e o carinho de Rachel são mulheres solitárias, órfãs de pai, mãe ou já esquecidas de suas origem.

Se pensarmos, porém, que a questão não é tanto a da orfandade das personagens, mas, talvez, sua busca por autonomia - derivada e, ao mesmo tempo, produzida pelos caminhos da solidão, afirmando sua constituição enquanto sujeito independente, livre,

¹⁴ Depoimento Acadêmico. Rachel de Queiroz. Entrevista a Maria Cláudia Bomfim. 05/06/1986. Diretor: Arnaldo Niskier. 75 min. Arquivo da Academia Brasileira de Letras.

¹⁵ BARBOSA, M. L. **Protagonistas de Rachel de Queiroz** – Caminhos e descaminhos. São Paulo: Pontes, 1999.

forte - veremos com outros olhos o significado que a família tem na memória de Rachel de Queiroz.

Nascida no começo do século XX e tornando-se adolescente na segunda década deste século, a menina Rachel viu-se contantemente em diálogo com os processos de modernização e urbanização no Brasil como um todo e também na capital em que nasceu.

Neste sentido, a imprensa desta época dá destaque constante ao diálogo entre os processos políticos, econômicos e sociais da República que se constitui e as mudanças acarretadas por eles no comportamento feminino.

Para o discurso feminino, a noção de emancipação estava diretamente ligada ao conceito de liberdade individual, que deveria ser garantida, entre outras coisas, através da aquisição de direitos civis e eleitorais. Já para os homens da mesma época a mulher deveria ser emancipada da posição de escrava dentro do lar, mas a sua esfera de atuação estaria circunscrita a este espaço, como esposa e como mãe¹⁶.

Para Barbosa, as protagonistas de Rachel, em geral, não veem, por exemplo, a solução de seus problemas no casamento. Mostram-se, por vezes, críticas a esta instituição de base tradicional. Mesmo pressionadas, as protagonistas tentam encontrar maneiras alternativas de realização, além daquelas permitidas. Maneiras que vão desde a profissionalização, até a busca por aventuras, viagens a outras paisagens, o deslocamento físico e passional. É uma negação que vai desde a conscientização e a não aceitação dos limites impostos, até a ruptura total: a transgressão¹⁷.

Sérgio Buarque de Hollanda, ao pensar a sociedade brasileira deste período – e, especialmente, a sociedade paulista -, destacou a relação que o processo de modernização provocou na individualização dos sujeitos, citando, por exemplo, os vários casos, cada vez mais comuns, daqueles que eram retirados do seio familiar para estudar nos centros ou no exterior e acabavam desenvolvendo, quase que inevitavelmente, um senso de responsabilidade e de independência¹⁸.

Também Maria Lacerda de Moura, pensadora anarquista e feminista da primeira metade do século XX, ao pensar as mudanças estruturais da família burguesa tradicional

¹⁶ SILVA, C. G. da. **Modernizando o Casamento**: a leitura do casamento no discurso médico e na escrita literária feminina no Brasil moderno (1900-1940).141 f. Dissertação (Mestrado em História), Setor de Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 2001. p. 18.

¹⁷ BARBOSA, M. L. **Op. Cit.** p. 33-34.

¹⁸ HOLANDA, S. B. de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. P. 144.

no começo do século no Brasil, articulou o problema da luta pela emancipação do indivíduo no capitalismo industrial à luta pela emancipação feminina¹⁹. Acreditou-as diretamente interligadas.

Na direção destas modificações no comportamento e nas relações patriarcais, Sérgio Buarque de Holanda destaca a permanência das relações afetivas, emotivas, familiares como um recurso brasileiro de sociabilidade, forma de manter os laços que, mesmo sendo laços de trabalho, mesmo burocráticos, constroem-se sobre uma ambientação cordial, amigável, que lembra a família patriarcal²⁰.

Com certeza, a este historiador não interessou investigar mais a fundo a especificidade da mulher neste processo de urbanização e individualização, mas para a mulher branca de classe média, como é o caso da nossa autora, a entrada no mercado de trabalho teve grande impacto sob suas perspectivas de atuação na república brasileira a partir do final do século XIX. Sair do círculo familiar para estudar ou para garantir uma construção mais sólida de autonomia financeira e subjetiva, tornava-se cada vez mais comum, mesmo que reproduzindo ainda muitas das características da família patriarcal.

A amizade em bases fraternais, com certeza, foi uma característica marcante da personalidade e da trajetória de Rachel de Queiroz. Descontando aqueles que não suportavam sua sinceridade agreste, foi através das amigas que a autora pôde sentir-se em casa tanto no sertão do ceará, como em Fortaleza, São Paulo, no Rio de Janeiro, no interior do Brasil, na Europa ou em qualquer outro lugar que esteve ao longo da vida.

Neste sentido, laços de dependência femininos característicos do século XIX²¹ perderam cada vez mais força com a virada do século. A mulher de elite do século XX já não está mais restrita à reprodução da lógica familiar de sua mãe. Mulher que sai às ruas, mesmo morando sozinha, tem ambições intelectuais e pode desenvolvê-las institucionalmente. Vejam, não quer dizer que a maioria o fizesse. Estamos longe disso.

¹⁹ LEITE, M. M. **Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura**. São Paulo: Ática, 1984. p. 28.

²⁰ HOLANDA, S. B. de. **Op. Cit.** p. 148/149.

²¹ Pensamos aqui no estudo feito por Maria de Lourdes Eleutério sobre escritoras brasileiras do entresséculos e a forma como a autora vinculou a carreira destas escritoras a laços de dependência com seus pais, irmãos, maridos. Em nosso contexto, anos 20/30 do século XX, notamos uma maior possibilidade de autonomia feminina, por sua entrada no mercado com consciência e ambição de independência. Ver ELEUTÉRIO, **Vidas de romance**. As mulheres e o exercício de ler e escrever no entresséculos (1890-1930). Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

Mas aqui as possibilidades são muito maiores, pelo próprio desenvolvimento urbano e industrial brasileiro e pelas mudanças econômicas, sociais e políticas pós-república.

Mesmo por isso, “a mulher moderna” tornou-se uma preocupação social na República brasileira, procurando ser constantemente redefinida pela imprensa e no próprio seio familiar. Ela era, para muitos, um sonho; para outros, um pesadelo. No entanto, encará-la era necessário, não seria mais possível fechar os olhos para a sua presença.

Durval Muniz de Albuquerque analisa como as mudanças ocorridas no começo do século XX afetaram a visão dos homens no nordeste brasileiro, acabando por reduzir seu espaço de ação, quase os sufocando. Muito deste sufocamento deu-se pela ampliação das perspectivas sociais para a mulher nordestina desta época, o que gerou consequente perda de domínio masculino²².

Conceição, personagem de *O Quinze* – primeiro romance de Rachel de Queiroz, é um exemplo da influência destas transformações do aspecto familiar sobre a mulher. Mas o romance não se limita a Conceição e nem à sua visão do assunto. É no abismo que se cria entre o casal Conceição e Vicente – um personagem que denota a reprodução da lógica patriarcal – que duas visões diferentes de família e dos papéis de gênero se apresentam. Visões não necessariamente opostas ou eliminatórias, mas problemáticas.

Acreditamos que Rachel de Queiroz se encontra num momento de transição da sociedade brasileira, em vários aspectos. Transição que começa pela própria forma como as relações familiares passam a se conformar. Momento em que há uma ampliação de perspectivas sociais para a mulher, o que acarreta receio aos mais tradicionais, preocupados com a manutenção da “ordem” - palavra de peso na Primeira República.

Albuquerque, ao estudar o papel dos artistas nordestinos na construção do próprio Nordeste enquanto discurso, afirma:

Podemos dizer, pois, que Rachel de Queiroz se situa a meio caminho entre a construção do Nordeste como um espaço de tradição, um espaço de saudade do mundo do sertão dos seus antepassados, e o Nordeste como espaço da revolução social, como o espaço antiburguês; ponta de lança de uma transformação social mais profunda no país, por seu grau de injustiças e misérias. Vive ela, claramente, os conflitos de uma geração suspensa entre o

²²ALBUQUERQUE. D. M. de. Limites do mando, limites do mundo: a relação entre identidades de gênero e identidades espaciais no nordeste do começo do século. In: **História: Questões & Debates**. Vol. N. 34. p. 89-103. Curitiba: Editora da UFPR, 2001.

desabar dos territórios tradicionais e os vários projetos de reterritorialização que marcam a década de 30. Uma nova sociedade que destruía o mundo natural²³

Na sequência, o autor afirma que Rachel “opta por uma visão extremamente tradicionalista da sociedade, notadamente, no que tange aos códigos de valores”²⁴. A nosso ver, a opção de Rachel não é nem pelo rural e tradicional, nem pelo urbano, industrial, moderno. Ela procura uma conciliação. Basta pensar nos temas abordados em suas mais de 3000 crônicas em vida. Temas tão variados que vão desde a busca por leis que regulassem o trabalho agrário até a construção da ponte que ligaria o Rio à Ilha do Governador, ou a situação dos cinemas na capital federal.

Ao longo de quase toda a vida, Rachel de Queiroz teve duas moradas: um apartamento no Rio de Janeiro e sua fazenda no sertão cearense. Seis meses em cada lugar era seu roteiro comum quase todos os anos. A vida, entre o rural e o urbano, entre a lembrança da família e a “solidão entre a multidão”, característica das grandes cidades. Eis a conciliação em sua prática mais apaixonada.

Em relação aos valores de gênero, não é preciso nem discorrer muito para afirmar o questionamento de certos tabus que a obra de Rachel representou. Percebemos isto em relação a *O Quinze*, e mesmo antes dele. Ironicamente, no romance não é nenhum personagem masculino quem critica em Conceição sua vida mais “avançada” e sua autonomia assustadora. A crítica vem de uma mulher de outra geração, sua própria avó:

Conceição tinha vinte e dois anos e não falava em casar. As suas poucas tentativas de namoro tinham-se ido embora com os dezoito anos e o tempo de normalista; dizia alegremente que nascera solteirona.

Ouvindo isso a avó encolhia os ombros e sentenciava que mulher que não casa é um aleijão...

- Esta menina tem umas idéias!

Estaria com razão a avó? Porque, de fato, Conceição talvez tivesse *umas idéias*; escrevia um livro sobre pedagogia, rabiscara dois sonetos, e às vezes lhe acontecia citar o Nordau ou o Renan da biblioteca do avô.

Chegara até a se arriscar em leituras socialistas, e justamente destas leituras é que lhe saíam as piores das tais *idéias*, estranhas e absurdas à avó.

Acostumada a pensar por si, a viver isolada, criara para seu uso idéias e preconceitos próprios, às vezes largos, às vezes ousados, e que pecavam principalmente pela excessiva marca de casa²⁵.

²³ ALBUQUERQUE, D. M. de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Editora Massangana, 2001. p. 145.

²⁴ ALBUQUERQUE, D. M. **Op. Cit.** p. 141.

²⁵ QUEIROZ, R. de. **O Quinze**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1985. p. 4-5.

Família, em relação à memória racheliana e às entrevistas que deu em vida, é uma concepção de foco múltiplo, às vezes, restringindo-se ao trinômio burguês “pai, mãe e filhos”, e, outras vezes, adquirindo um aspecto bem mais amplo, abarcando a categoria difusa dos “primos”. Esta última é uma característica não só da autora, mas de uma concepção patriarcal tradicional. No discurso memorialístico racheliano, o foco micro ou macro vai depender da estratégia necessária para argumento. Normalmente, o primeiro é valorizado como lugar de construção da autonomia, e o segundo, como espaço de sociabilidade segura.

Para o leitor, chega a ser uma grande diversão perceber que sujeitos, os mais diferentes, de estados brasileiros os mais diversos, eram primos ou primas de Rachel de Queiroz. Vira até piada. Basta soar um nome intelectual importante que pensamos automaticamente: deve ser algum primo dela. Assim Cosette de Alencar - escritora mineira -, Pedro Nava – médico e escritor também mineiro-, Humberto de Alencar Castelo Branco – cearense, primeiro presidente do regime militar brasileiro. Só para citar poucos exemplos. De fato, o parentesco surge como uma referência ao compartilhamento de idéias, mais um grau diferencial de amizade do que unicamente a questão sanguínea. Sem, no entanto, prescindir dela.

Assim, por exemplo, em livro dos anos 90 Rachel conta como se “construiu” seu parentesco com o General Castelo Branco:

Conhecemos o general Castelo Branco através de Paulo Sarasate. Nós ainda morávamos na Ilha do Governador. Tinha ele sido comandante da Região em Fortaleza, fizera muitas relações e, Alencar que era, descobrimos que éramos parentes; e, assim, entre nós, surgiu uma relação muito simpática, muito cordial²⁶.

De qualquer forma, é característica das entrevistas de Rachel a referência à instituição familiar, à importância do laço de sangue, expresso pelos nomes tradicionais dos “Alencar” e dos “Queiroz”.

Filha de Clotilde Franklin e Daniel de Queiroz, Rachel nasceu a 17 de novembro de 1910, em Fortaleza, Ceará. A mais velha de cinco filhos.

Pela parte materna, orgulhava-se de descender dos Alencar, família conhecida na região por sua tradição política, revolucionária e literária, como: Bárbara de Alencar (1760-1832) tornou-se conhecida como participante da Revolução Pernambucana de 1817 e da Confederação do Equador de 1824, sofrendo perseguições e prisões com o

²⁶ QUEIROZ, R. de. & QUEIROZ, M. L. de. **Tantos Anos**. Editora Siciliano: São Paulo, 1998. p. 226.

fracasso do movimento. É considerada por muitos a primeira heroína do Brasil. Seus filhos, José Martiniano, Tristão Gonçalves e Carlos José dos Santos também foram revolucionários importantes.

José de Alencar (1829-1877), quase prescindiu de apresentações. Um dos maiores nomes do romantismo brasileiro, o escritor cearense trouxe já em sua época, o regional como tema e como representação da nacionalidade. Rachel de Queiroz conta que o escritor costumava ler seus romances para as primas, todas em círculo, atentas e críticas aos destinos das personagens. O final de *O Guarani*, por exemplo, teria sido mudado por vontade de suas primas.

Do lado paterno corria o sangue dos Queiroz, antiga família do sertão, cujas origens foram descritas pelo tio de Rachel, Espiridião de Queiroz Lima, numa crônica familiar publicada nos anos 1940.²⁷

O livro começa “numa bela tarde de junho do ano de 1685” quando o senhor Manoel Pereira de Queiroz, natural da região portuguesa de Viana do Castelo, recebeu em casa seu futuro genro, Antônio Duarte de Queiroz.

Ao longo dos séculos, a descendência se estabelece em Pernambuco, na Bahia, no Ceará e no Rio Grande do Norte, dedicando-se às mais diversas atividades, desde a que envolve o cuidado com a terra, à mercantil, militar, política e, até mesmo justiceiros fora-da-lei. Em um pequeno ramo, ainda, misturou-se sangue indígena.

As mulheres já figuravam, desde o começo, como grandes matronas, administradoras, mulheres fortes, ativas, voluntárias. Resgatar a família através de uma amplidão temporal tão grande serve como argumento de legitimidade de uma tradição, ao mesmo tempo que garante espaços, contatos, favores.

Através do convívio familiar, Rachelzinha – como era conhecida no ambiente privado - aprendeu a valorizar a erudição e o conhecimento das línguas, mas era pouco afeita à instrução formal e regular:

Com isto que lhe contei você veja como fui modelada ali. Eu não tive uma educação regular. O primeiro colégio em que entrei na minha vida, eu tinha dez anos e meio, porque minha avó paterna foi mandar eu rezar, e eu não sabia rezar direito (meus pais não eram muito religiosos) e ela ficou muito indignada por eu não saber rezar e me botaram num colégio de freiras, que eu adorei, porque tinha uma loucura para ir ao colégio. Fiquei lá até me

²⁷ LIMA, E. de Q. **Antiga Família do Sertão**. Fortaleza: Editora Agir, 1946. Acervo de José Augusto Bezerra (AJAB).

diplomar aos quinze anos, e depois nunca mais tive uma instrução formal. A minha família não topava esse negócio de gente ir para o colégio²⁸.

Foi mesmo no círculo familiar que Rachel recebeu o ensino das primeiras letras. Já mocinha, a avó a incentivava a ler em francês e inglês. Rachel ainda não tinha consciência da importância deste aprendizado, mas, anos mais tarde, o inglês e o francês lhe garantiriam oportunidades de emprego imprescindíveis. Somente aos dez anos Rachel entrou para o Colégio Imaculada Conceição, terminando aos quinze a Escola Normal, formação comum a muitas mulheres da época.

Daniel de Queiroz, pai de Rachel, seguiu, no começo do século XX, a carreira jurídica comum à elite em geral, o que possibilitou constantes mudanças e viagens, habitações e relações firmadas em diferentes lugares do país, como Rio de Janeiro, Pará e Ceará.

Esta mobilidade pode ser percebida como característica muito importante na formação de Rachel, uma vez que, segundo Maria de Lourdes Eleutério, o fato de extrapolar o espaço do lar e de uma região específica abre, para a mulher, um caminho mais amplo de expectativas e realizações no começo do século XX²⁹: vendo novas paisagens, inspiram-se novas formas de conhecimento, e conhecer o outro é elaborar também um discurso sobre si.

O pai de Rachel, no entanto, logo largou a carreira jurídica, aventurou-se como professor e terminou por se entregar à sua paixão: a terra. Passou grande parte da vida cuidando de sua propriedade, e repassando esses valores a toda sua descendência. Um poema escrito por Rachel em 1927 e publicado no jornal *O Ceará*, fala do clima sentido na casa da fazenda, o clima mágico do sertão:

Home

Meu doce ninho sertanejo,
Meu velho casarão risonho e branco!
Quanta alegria,
quanto conforto vejo
no seu ar senhoril de fidalguia
a porta aberta, hospitaleiro e franco...
Nele a luz elegeu sua morada;
Por toda parte se insinua,

²⁸ Página Oficial da Folha online. Entrevista de 09/1998 colocada em site no ano de 2003, por ocasião da morte da autora: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u38515.shtml> Acessado em julh/2005.

²⁹ ELEUTÉRIO, M. L. **Vidas de Romance: as mulheres e o exercício de ler e escrever no entresséculos (1890-1930)**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005. p. 62.

Cintila, vibra, estua,
Em borbotões brilhantes derramada
Nas colunas do alpendre, as trepadeiras
Entrelaçam-se em verde tecedura
E os flamboyants, os benjamins,
Os jasmims,
As roseiras,
Estrelados de flores,
Numa risonha profusão de cores
Sufocam-no em verdura...
Por sob o seu telhado
Gerações, às dezenas, tem passado...
A minha casa já tem tanta idade!
No entanto, é tão gentil, tão conservada,
Renova tanto a *maquillage* a cal
Que ante a sua frescura,
A gente jura
Ao ver meu casarão patriarcal,
Que ele está na primeira mocidade (...) ³⁰

Neste sentido, a família foi um pólo norteador do desenvolvimento pessoal e intelectual de Rachel de Queiroz desde a mais tenra idade, sendo educada em ambientes de grande erudição, no qual se destacavam as mulheres: *mamãe, tia Beatriz e Elsa (que depois foi ser freira) eram as intelectuais do grupo*³¹.

A família também foi fator importante nas participações políticas, uma vez que garantiu a liberdade de escolha da autora - mesmo quando esta optou pelos movimentos de esquerda - chegando a servir de intermediária em acusações na justiça e prisões como a de 1932, na qual o tio, Euzébio de Queiroz Lima, conseguiu sua transferência e liberação³².

Mesmo por isso, a autora destaca em suas memórias a liberdade de opção política que tinha dentro de casa. O clima de injustiça social, de revolta política permeou o imaginário de grande parte dos jovens da época. Conta Rachel em suas memórias uma história muito engraçada que aconteceu com sua família em meados da década de 20:

“Já no tempo da Coluna Prestes³³: a mocidade delirava com a marcha dos revoltosos, fazia de Prestes o seu ídolo. Como os jovens de há pouco tempo cultuavam

³⁰ Este poema faz parte das publicações recentes, feitas por conta das comemorações do centenário de nascimento da escritora cearense. A descoberta, organização e publicação destes poemas raros “pré-O Quinze” foi feita pelo bibliófilo cearense José Augusto Bezerra e publicadas como: QUEIROZ, R. de. **Serenata**. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2010. P. 20/21.

³¹ QUEIROZ, R. de. & QUEIROZ, M. L. de. **Op. Cit.** p. 17.

³² QUEIROZ, R. de. & QUEIROZ, M. L. de. **Op. Cit.** p. 57.

³³ Luiz Carlos Prestes (1898-1990) formou, junto com outros rebeldes, a Coluna que levou seu nome. Percorreram o interior do país ao longo de dois anos e cinco meses ainda na década de 1920, protestando

os retratos de Che Guevara com a sua boina, a gente tinha o retrato de Prestes, o Cavaleiro da Esperança, e os retratos de Juarez, Siqueira Campos, João Alberto. Eram todos tenentes, jovens e bonitos. De modo que, para nós, mocinhas, faziam par com os astros do cinema”³⁴.

Certo dia, na fazenda da família - corrido o boato de que a Coluna tinha saído do Piauí em direção a Juazeiro -, avisaram que vinha, ao longe, um grande grupo de pessoas. Logo puderam enxergá-los, cercados pela poeira que se via já do Alto Grande. O pai de Rachel correu a esconder o gado. A mãe começou a juntar suas jóias. Todos com medo de que os revoltosos os obrigassem a dar comida, cavalos, animais de corte. Enquanto isso, os jovens começaram a arrumar suas trouxas para ir junto com a Coluna. Rachel mudou o vestido, penteou o cabelo, beliscou as bochechas e ficou esperando ansiosa, cercada pelos gritos de revolta do pai, chamando-os de idiotas, idiotas por quererem debandar com os revoltosos. Ele, porém, não os proibiu de se manifestarem. Todos alinhados no alpendre, esperando a aproximação do bando que, no final das contas, não passava de um grande grupo de ciganos de passagem pelas terras. “Aquele velho cigano nunca entendeu porque papai lhe deu um abraço, mandou matar dois carneiros e dar farinha e rapadura à vontade”³⁵.

Ao lembrar a família, seus pais e irmãos, Rachel reitera que a liberdade de opinião era um valor no seio familiar, promotora de sujeitos autônomos. Somente em relação à literatura algumas restrições eram feitas. Em carta de 1924, Rachel escreve do sertão, para sua amiga de toda a vida, Alba Frota:

Ultimamente tenho lido muito. Estou me iniciando em romances; mamãe consentiu que eu lesse *A Moreninha* e *Rosa*, ambos de Macedo, conhece? Já estou muito adiantada em literatura, não achas? Quem d’antes só lia *Histórias de Troncoso*! A Maria Luiza já arranhou a *Divina Comédia* em português? Quando a vires dize-lhe que faço votos a fim de que gosto muito, apreciando assim, as “belezas insuperáveis do divino Dante”... (estou ficando romântica à beça! É a influência da vida campestre)³⁶.

Este é um dos relatos dos tempos em que a jovem estudante encantou-se pela literatura, muito ao gosto de sua mãe e cercada pelas censuras do colégio de freiras onde

e arregimentando contingente contrário à política brasileira da época, principalmente no que tange a sua característica oligárquica e centralizadora.

³⁴ QUEIROZ, R. de. & QUEIROZ, M. L. de. **Op Cit.** p. 263.

³⁵ QUEIROZ, R. de. & QUEIROZ, M. L. de. **Op. Cit.** p. 265.

³⁶ Carta de Rachel de Queiroz a Alba Frota de 18.06.1924. Arquivo de José Augusto Bezerra (AJAB).

estudava. Já então com treze anos, a menina se deliciava com aquilo que a família considerava boa literatura. Ao contrário, menosprezavam-se os textos feitos “para mulheres”, os romances açucarados e romantizados que, tradicionalmente, encontravam-se nas mãos femininas, como os da *Bibliothèque Rose*.

Talvez venha daí um certo medo que Rachel depositaria nos anos seguintes, em ser associada à mal falada “escrita feminina”. Sua fuga deste epíteto marca quase toda a trajetória de sua obra, provocando enormes confusões quando procuramos definir concepções de gênero através do estudo sobre Rachel de Queiroz.

A figura de Dona Clotilde é fundamental, portanto, nesta época da vida de Rachel. Sempre destacando a beleza de sua mãe, a vê em suas memórias como fonte de inspiração. Dona Clotilde foi também aquela que regulava as leituras da filha, tendo um gosto muito refinado, em sintonia com as tendências estrangeiras e com uma literatura brasileira nem um pouco banal, tendo conhecimento mesmo dos jovens modernistas de São Paulo³⁷. A mãe era grande fã de Machado de Assis, por exemplo. Gosto que passou como herança para Rachel, junto a uma biblioteca como milhares de volumes.

Um fator a completar esta história é a precariedade do mercado de livros no Brasil ainda na década de 1920. Mesmo com o barateamento de algumas publicações, os grandes autores nacionais e estrangeiros, normalmente, importados ou adquiridos por altos preços. Aqueles de preços mais cômodos eram muitas vezes acusados de serem de baixo nível³⁸, o que nos revela o privilégio de um grupo que tem gosto refinado por Joaquim Manoel de Macedo e Dante Alighieri. Do Brasil à Europa, o mundo infantil de Rachel era um mundo de livros.

Além disso, Rachel tinha acesso aos periódicos franceses assinados por sua mãe, como os das Edições Plon³⁹. Família erudita, de influência política e autonomia de pensamento, a família Queiroz não era uma qualquer.

Aliado ao interesse próprio pela leitura, a família era também um local de sociabilidade literária. Saraus, festas e teatros eram feitos pelas adolescentes e pelas crianças em datas especiais e a avó, matricarca por excelência, exigia que as netas lessem para ela os livros em francês.

³⁷ Anos depois, seria também Dona Clotilde que guardaria os documentos da filha, desde suas primeiras publicações na imprensa. Hoje seu arquivo está depositado no Instituto Moreira Salles.

³⁸ LAJOLO, M. & ZILBERMAN, R. **Formação da leitura no Brasil**. São Paulo Ática, 1998. p. 65.

³⁹ ACIOLI, S. **Rachel de Queiroz**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2003. p. 43.

Ainda pequena, Rachel lembra dos verões que passavam na serra. Certa vez, muitos se empolgaram e montaram uma espécie de comédia com os parentes; com as moças vestidas de deusas gregas. Até então, nenhum papel tinha sido dada à pequena filha de D. Clotilde. Foi quando tia Beatriz ficou com pena e resolveu colocar a menina emburrada num entreato, recitando poema de Guerra Junqueiro: “Raiou a madrugada; as estrelas dormentes, fáticas...” Mas a menina queria mesmo era ser deusa.

Abriam-se as cortinas, a mocinha com vestido de organdi e laço na cabeça, abrindo a boca pequena, a recitar Guerra Junqueiro. Todos atentos, achando uma graça a performance. De repente, a menina resolveu parar aquela recitação toda empolada e coçar o joelho. Mais alguns minutos. Silêncio e nada. A menina disse: “Me esqueci”. As tias pedindo em sussuros dos bastidores que ela saísse do palco. Mas, como toda boa escorpiana, a pequena Rachel ali permaneceu por vingança, encarando o público até que a retirassem à força⁴⁰. Assim, se fez deusa.

Em palestra acerca de Rachel de Queiroz, Heloísa Buarque de Hollanda menciona a capacidade que a autora cearense tinha de não só tratar do sertão em seus livros e crônicas, mas em levar o sertão onde quer que fosse. Assim, a impressão aconchegante e sertaneja de sua casa em pleno Rio de Janeiro⁴¹. Daí a valorização que encontramos nas memórias de Rachel em relação ao ambiente familiar, o ritual das refeições, o bem-estar caseiro, o “bem receber”, o acolhimento do outro como um acolhimento de família.

Para além dos livros, é importante destacar aqui também a oralidade presente no contexto da vida de Rachel de Queiroz neste período infante-juvenil; ela seria uma das características marcantes da escrita da autora, apresentada sem receio e sem artifício, corrida, fluida, natural, como conversas na varanda, como o contar de histórias.

Em suas memórias, surgem sempre referências a estes momentos, entre os saraus, as leituras do jornal feitas por seu pai para todos os membros da casa, sua avó contando ter ouvido as histórias que José de Alencar lia para as primas, Rachel de Queiroz ainda adolescente lendo romances em francês para sua avó. Inúmeras referências à oralidade deste sertão nordestino, deste círculo primeiro de Rachel de Queiroz.

⁴⁰ QUEIROZ, R. de. & QUEIROZ, M. L. de. **Op. Cit.** p. 20.

⁴¹ Comentário feito por Heloísa Buarque de Hollanda em palestra pela comemoração do Centenário de Nascimento de Rachel de Queiroz, a 17 de novembro de 2010. Instituto Moreira Salles.

Neste sentido, em conversa com o historiador Roger Chartier, afirma o sociólogo Pierre Bourdieu: “à ideia do livro que se pode compôr, do qual se pode seguir a circulação, a difusão, a distribuição, etc., é preciso substituir a ideia de leituras no plural e a intenção de buscar indicadores das maneiras de ler”⁴². Ou seja, o historiador ou pesquisador deve pensar não somente na circulação do livro, mas nas diferentes maneiras de ler e contar ou ouvir histórias.

No sertão cearense da década de 1920 e, mais especificamente, no contexto da família Queiroz, a oralidade ainda está presente junto com a escrita. As leituras são feitas em grupo. Um jornal para a família inteira, homens e mulheres. Jornal lido em voz alta e, provavelmente, discutido nas suas partes mais polêmicas.

No entanto, nas memórias e no discurso racheliano, a referência à oralidade não é ingênua. Serve também para justificar a naturalidade de sua própria escrita. O retorno à família é um recurso muito utilizado por artistas ao pensarem a origem de sua habilidade escriturística, origem normalmente localizada na infância.

Neste sentido, os primeiros anos de vida são muito importantes na trajetória Racheliana, como campo primeiro de exercício das letras, um campo crítico e exigente, uma vez que era ambiente de cultivo intelectual. Mas é importante também observarmos a família como uma chave operacional na memória racheliana, responsável por integrar sua arte à ascendência natural, por naturalizar a vocação para uma escrita.

Além disso, pensar a família em Rachel de Queiroz é também pensar como a própria Rachel constituiu sua família. Tendo nascido em ambiente de cultura intelectual, de amplas relações políticas, de cordialidade, incentivadora de autonomia, Rachel entendeu o recado e desenvolveu um caminho bem peculiar com relação à sua própria trajetória amorosa, familiar.

Casou-se duas vezes ainda na década de 1930. A primeira com o poeta e bancário José Auto, nos idos de 1932. Junto com ele participou das rodas trotskistas paulistas, assunto que destacaremos em outro capítulo. Com o poeta, teve, também, sua primeira e única filha, que batizou com o nome da mãe: Clotilde. Já pelo sétimo mês de gravidez, morando em Itabuna com o marido, Rachel tratou logo de ir para o Ceará, ter o bebê junto da família. Clotildinha acabou nascendo prematura.

⁴² CHARTIER, R. A leitura: uma prática cultural. In: _____. **Práticas da Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2000. p. 236

Com pouco mais de um ano, a pequena teve febre, seguida de meningite e morreu em fevereiro de 1935. Trauma que marcou a vida da mãe para sempre. Já bem idosa, Rachel afirma entre lágrimas, em documentário de 2001:

...ela adoeceu e minha vida acabou um pouco. Foi um lado da minha vida que ficou completamente mutilado. Você perder um filho... só quem perde um filho pode avaliar o que é a perda, o que significa a destruição de uma parte da sua vida. Você consegue prosseguir vivendo porque você fecha aquela parte como quem fecha um oratório, mas toda vez que abre a porta...

Não vou falar dela; olha, tô com a voz embargada.⁴³

Depois da morte da filha, a escritora deu uma reviravolta. O trauma acabou por afastar o casal, separando-se pouco tempo depois. Rachel de Queiroz seguiu então sozinha para o Rio de Janeiro no final da década de 30. Nunca mais teve filhos. Aos 29 anos encontrou um grande amor e passou o resto da vida com ele: Oyama de Macedo, médico, amigo do primo, Pedro Nava. Rachel costumava dizer em entrevistas que os dois eram como dois xifópagos (gêmeos siameses); quando da morte do companheiro nos anos 80, foi como perder outra parte do corpo.

A liberdade, Rachel procurou também em sua vida pessoal e recebeu, em geral, apoio familiar. Com o divórcio sendo permitido por lei somente nos anos 1970, Rachel encarou dois casamentos muitas décadas antes disso e teve apoio dos pais e irmãos. Ao retratar protagonistas que são autônomas em suas escolhas amorosas, que se arriscam por elas, para além da moral social e tradicional, Rachel retratou a liberdade que ela mesma assumiu.

Nascida nestes anos de transição política, econômica, literária e especialmente no que se refere às perspectivas e ao comportamento feminino, nossa escritora expressou literariamente o conflito dos valores familiares vividos pela sociedade de sua época. Autonomia e individualidade, decorrentes da modernização, urbanização e profissionalização, dialogavam com valores da família patriarcal tradicional, mas já decadente nos grandes centros. Restos que permeavam atitudes baseadas na valorização do patriarca, enquanto provedor, e, na mulher, enquanto mãe e esposa, submissa e dependente.

⁴³ Rachel de Queiroz. Documentário. Direção Jurandir Oliveira. VHS. 2001. Arquivo Academia Brasileira de Letras.

A trajetória de Rachel, ao contrário, reflete as mudanças que se faziam nas perspectivas sobre a família e, principalmente, sobre a mulher. Sua obra soa como um jogo de dominó. Ao mesmo tempo em que repete o desenho anterior - a tradição, o passado -, traz uma nova sequência de experiências que redefine todo o jogo, todo o contexto.

Primeiros anos de imprensa

A crítica mais conhecida do *O Quinze*, primeiro romance de Rachel de Queiroz, foi publicada em *As novidades literárias, artísticas e científicas* em 18 de agosto de 1930. Seu autor, Augusto Frederico Schmidt (1906-1965), era um jovem poeta conhecido das rodas literárias modernistas do Rio de Janeiro e, como grande parte dos intelectuais de sua época, mantinha mais um espírito crítico para com a literatura que aparecia do que procurava encaixá-la em análises teóricas⁴⁴. Afirma o poeta:

Dentro da nossa limitadíssima produção feminina [brasileira], não me lembro de nada que seja revelador de tanta possibilidade como esse romance escrito por uma mocinha [Rachel de Queiroz] – (não obstante algumas informações, que venho de obter, há em meu espírito ainda alguma dúvida sobre a autenticidade desses dezenove anos tão singularmente graves e compreensivos) – uma mocinha que veio, pelo menos, dar aos escritores nossos de hoje, e são raros os que não necessitam, uma lição de simplicidade⁴⁵.

A partir do texto completo de Schmidt podemos abordar diversos aspectos de seu contexto e, por isso, voltaremos constantemente a ele. Mas, para nosso propósito inicial, comecemos por este pequeno trecho referente ao primeiro romance da escritora cearense; linhas que revelam elogio, desconfiança e surpresa.

De fato, difícil acreditar que uma jovem mulher, de apenas dezenove anos, escreveria um romance como aquele que Schmidt tinha em mãos, livro que o poeta elogiava, ainda sem saber que suas cento e poucas páginas permaneceriam na história da literatura brasileira como um marco, sendo valorizado desde a primeira edição.

No entanto, seria ingênuo dizer que *O Quinze* fora um milagre. Mesmo porque sua autora já escrevia, há pelo menos três anos, na imprensa cearense, participava dos círculos intelectuais de sua cidade, escrevia crônicas, poemas e tinha suas próprias opiniões já formadas acerca da literatura de sua época.

Com o centenário de Rachel de Queiroz, comemorado em 2010, muitos documentos desta fase têm aparecido e tornam-se disponíveis para o pesquisador interessado, em locais como o impressionante arquivo de José Augusto Bezerra,

⁴⁴ Ver MARTINS, W. A crítica modernista. In: COUTINHO, A. **A literatura no Brasil**. São Paulo: Global Editora, 1996. p.591-634.

⁴⁵ SCHMIDT, Augusto Frederico. Uma revelação – O Quinze. In: **As Novidades Literárias, Artísticas e Científicas**. Rio de Janeiro, 18 de agosto de 1930, no. 4.

contendo inúmeros documentos pessoais da autora e também o arquivo do Instituto Moreira Salles, aberto a consulta a partir do final em 2010.

Para nós, mais do que saber da trajetória da autora, importa-nos entender seu significado no contexto geral da imprensa cearense de começos do século e da literatura de autoria feminina no Brasil.

Sendo assim, convidamos o leitor a pensar os momentos imediatamente anteriores a *O Quinze*, anterior ao ponto zero do ano de 1930 e observar meio de longe, meio de perto, a trajetória de uma mocinha tornando-se mulher, pequena, forte, de cabelos ondulados, professora da Escola Normal de Fortaleza, e recheada de pretensões literárias.

Conta a memória de Rachel que sua inserção oficial nos círculos intelectuais da capital cearense deu-se por meio de uma carta, sob o pseudônimo de Rita de Queluz, enviada à redação do jornal *O Ceará*. A busca por essa carta inaugural é uma história à parte, que daria um bom romance no estilo *Código Da Vinci* à brasileira. Pena não termos vocação literária para tanto.

Em pesquisa no ano de 2009, nos deparamos com a carta, reproduzida por Suzana de Alencar no jornal *O Povo* de 06/08/1930 por conta da publicação de *O Quinze* (hoje este artigo está em forma de microfilme na Biblioteca Pública de Fortaleza). Cecília Cunha, pesquisadora da trajetória de Rachel e residente em Fortaleza, também encontrou a reprodução da dita carta e a publicou no jornal *O Povo* devido às comemorações do centenário de nascimento de Rachel de Queiroz neste ano de 2010.

Também no processo dessas comemorações, o Instituto Moreira Salles reproduziu, em 2010, a carta *fac-símile*, publicada pela primeira vez no jornal *O Ceará* a 03/02/1927. Por ser um antigo documento, tem alguns borrões que dificultam a leitura e que a carta encontrada no microfilme de *O Povo* de 1930 acaba por completar.

A correspondência foi escrita em vinte e sete de janeiro de 1927 e publicada no periódico poucos dias depois; referia-se ironicamente ao concurso *Rainha dos Estudantes Cearenses*, e dirigia-se à vencedora, Suzana de Alencar Guimarães, escritora local do jornal:

Minha graciosa Majestade:

Quero primeiro dar-lhe os parabéns calorosos pelo triunfo que sua bela inteligência de mulher culta alcançou sobre a dolorosa mediocridade de nossas melindrosas.

Nada mais justo que o ato das classes estudiosas do Ceará, elegendo-a. Mas, agora que vais ter sobre a fronte o diadema real, pergunto-me se são de fato os parabéns que lhe devo dar.

Não os acha mal cabidos, dada a atual desvalorização do sangue azul?
E já pensou quantos inconvenientes acarretam atualmente o cetro e a coroa?
(...)
É por isso que avento a idéia de lhe mudarem o título: e em vez de ser chamada “Sua Majestade Suzana I, Rainha dos Estudantes Cearenses”, proclamem-na “Chefe do Soviet Estudantal do Ceará”
Rita de Queluz⁴⁶

Só este pequeno trecho já nos daria pano para uma manga: as referências a Suzana de Alencar, a diferença que Rachel de Queiroz/Rita de Queluz faz entre a mulher culta e as melindrosas, a brincadeira com o “sangue azul”, e a ideia de “Soviet Estudantal”, que é engraçadíssima e muito bem colocada, pode revelar muito deste contexto.

Para discutir a produção racheliana antes de *O Quinze*, usaremos o espaço dos próximos tópicos deste trabalho. Neste sentido, separado por temas, os tópicos abordarão tempos similares. Rezamos para que você, leitor, tenha paciência e chegue ao final.

O Ceará fora fundado em 1925, por Júlio de Matos Ibiapina. Este nasceu em 1890, em Aquiraz, e morreu no Rio de Janeiro, em 1947. Ensinou francês e alemão, iniciou curso de Direito, foi membro da Academia Cearense de Letras e deputado estadual entre 1917 e 1920⁴⁷.

Seu jornal era expressão do chamado à época *jornalismo independente*, afastando-se dos periódicos mais partidários e opondo-se ferozmente aos periódicos católicos, como o *O Nordeste*. A questão do partidarismo no Ceará entre 1912 e 1930, dividia-se, basicamente, entre conservadores e democratas, era um ranço ainda do século XIX, de uma imprensa que vagava entre os epítetos de liberal e de conservadora e que tinha, nos jornais, seu palco de disputas⁴⁸.

Mesmo com novas técnicas editoriais e espaços maiores para assuntos diversos de política, a imprensa continuou como palco de disputas políticas e particularistas ainda no começo do século XX – disputas estas mais ligadas ao perfil pessoal do próprio editor e de seu círculo social e suas posições políticas, culturais e sociais. Era

⁴⁶ A formosa oração de Suzana de Alencar Guimarães, na Festa a Rachel de Queiroz. *O Povo*. 06.08.1930. Arquivo da Biblioteca Pública de Fortaleza. (ABPF).

⁴⁷ MONTENEGRO, A. F. **Júlio de Mattos Ibiapina: um pioneiro da sociologia regional no Ceará**. Fortaleza: UFC, 2002. P. 11.

⁴⁸ FERNANDES, A. C. S. **A imprensa em pauta: entre as contendas e paixões partidárias dos jornais Cearense, Pedro II e Constituição na segunda metade do século XIX**. Dissertação de Mestrado. PPGH – UFC. Junho/2004. 203p. p. 15.

caracterizada, então, a imprensa naquela época, pela violência da linguagem e pela constante utilização de acusações difamatórias.

Segundo Nelson Werneck Sodré, “No Ceará, por exemplo, sob domínio da oligarquia Acioli, o jornal do governo - *A República*, agredia os elementos da oposição, enquanto no *Unitário*, de João Brígido, que combatia o governo local, tudo se marcava pelo espírito mordaz”⁴⁹.

Nos anos 20, o jornalismo adentra as discussões da reforma política. Para Ibiapina, o jornal era sua maior arma, mesmo pela concepção que tinha em relação à função da imprensa que, segundo ele, deveria preocupar-se mais com os problemas estaduais e nacionais, com a conscientização do povo cidadão e não viver a serviço dos partidarismos⁵⁰.

Interessante notar que o estado do Ceará ocupa o sétimo lugar na lista de implantação da imprensa no Brasil, tendo isto ocorrido por volta de 1824. Já a partir da década de 1870, havia circularidade dos jornais cearenses em outras províncias e vice-versa⁵¹. Na primeira metade do XX, esta circularidade é ainda maior e chega a assustar ver que por esta época, o Brasil era mais interligado do que imaginamos. A troca de informações entre o Sul e o Norte do país é notável⁵².

Além do caráter independente e político do jornal, Júlio Ibiapina já tinha uma certa preocupação literária, mesmo sem integrar propriamente os círculos dos modernistas cearenses da década de 20/30. Seu jornal teve mais repercussão entre as classes médias em crescimento, classe de onde o próprio jornalista provinha. Comandou-o, desde a década de 1920, junto a seu amigo, Demócrito Rocha, figura de quem trataremos melhor mais adiante.

Entre os demais membros encontravam-se jornalistas empenhados em leituras socialistas, como Jáder de Carvalho, Djacyr Menezes e Hyder Corrêa Lima, que se tornaram amigos de Rachel. Foi por essa época que a autora afirma já ter entrado em contato com estas leituras, tendo sido “comunizada”, antes do contato com o Partido

⁴⁹ SODRÉ, N. W. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. p. 372.

⁵⁰ MONTENEGRO, A. F. **Op. Cit.** 20.

⁵¹ FERNANDES, A. C. S. **Op. Cit.** p. 22/24.

⁵² Pereceberemos melhor essa característica quando discutirmos o círculo modernista no Ceará, no próximo tópico.

Comunista propriamente dito⁵³. Neste sentido, a primeira carta enviada por Rita de Queluz já trazia os elementos de uma crítica social que permeava o imaginário desta época brasileira. Tendo impressionado Ibiapina desde esta carta, sua autoria foi em seguida descoberta por amigos em comum. O fato de seu pai ser conhecido na capital fez com que logo os amigos associassem o selo da cidade de Quixadá ao nome de Rachel de Queiroz. Além disso, Ibiapina era amigo do pai de Rachel desde a época dos ‘marretas’ e ‘rabelistas’⁵⁴, e costumava definir-se como opositorista por definição, ateu e anticlerical⁵⁵.

Conta a autora que, logo após a carta, mandaram um convite para que ela conhecesse o jornal, e, então, passou a colaborar efetivamente com ele. Logo, ficou responsável pela página literária. Nesta página, de título bem ao gosto moderno (*Jazz-Band*), Rachel passou a ganhar cem mil réis por mês. Organizava o suplemento, fazia os convites e a seleção de colaboradores, além de publicar crônicas com frequência⁵⁶.

Em geral, tratando de temas da época e, também, referentes às questões regionais, os textos rachelianos deste período são os primeiros passos de uma escrita em formação. A jovem, professora recém-formada, encontrou seu espaço ao ser admitida por um grupo de jornalistas e literatos que se preocupava em renovar a imprensa de seu estado, incentivando a produção literária de homens e mulheres. *O Ceará*, por sua vez, tinha a clara intenção de atrair público de ambos os sexos, como demonstra este editorial escrito por Suzana de Alencar:

Rita de Queluz, que hoje enviou para o *Jazz-band* uma linda violeta do jardim espiritual que é a sua alma de mulher artista, é o pseudônimo de [ilegível] escritora patricia que, com a sua prosa forte, nos dá a grande alegria de saber que no Ceará há cérebros femininos que, em pleno esplendor das suas dezesseis primaveras, sabe pensar e sentir⁵⁷.

⁵³ QUEIROZ, R. de. & QUEIROZ, M. L. de. **Op. Cit.** p.42. Discutiremos melhor as posições de esquerda de Rachel no próximo capítulo.

⁵⁴ O tenente-coronel Marcos Franco Rabelo governou o Ceará entre 1912 e 1914. Foi opositor da maior oligarquia que o estado já viu, a dos Aciolis. Apesar do curto período no governo, o rabelismo acabou por se firmar enquanto corrente política, polarizando e configurando todas as espécies de reação contra o continuísmo acioliiano. O nome de Franco Rabelo ficou por décadas associado ao opositorismo, fosse ele qual fosse. BARROSO, P. **Uma história da política do Ceará**. Fortaleza: Banco Nordeste, 1984. 66-69.

⁵⁵ QUEIROZ, R. de. & QUEIROZ, M. L. de. **Op. Cit.** p. 29.

⁵⁶ QUEIROZ, R. de. & QUEIROZ, M. L. de. **Op. Cit.** p. 30.

⁵⁷ Editorial. **O Ceará**. 10.04.1927. (AJAB).

Em carta na semana seguinte, Rachel, feliz por participar de um periódico tão democrático, trata logo de se impor, criticando a menção a seus poucos dezesseis anos e ao que isso poderia suscitar de imaturidade:

Mademoiselle Suzana,

Não se assuste; esta não é para publicar, só para lhe agradecer. É para lhe dizer um “muito obrigada” pelas boas palavras que escreveu a meu respeito. Não sei se as mereci; creio mesmo que não. Mas não serei eu quem as vá desmentir; fizeram-me tão bem!

Não imagina quanto animam a um pobre principiante, que com um certo temor tenta as agruras do público, tão lisongeiras palavras. Foi uma verdadeira obra de caridade, a sua!

A despeito, porém, de seus efeitos benéficos, houve, no que disse, um ponto que me contrariou: o ter-me traído os dezesseis anos. Se o meu pesadelo é ser bebê! Sabe que cousa detestável é ser-se isso?

Talvez o saiba, pois mademoiselle, apesar do trono, da redação, da Faculdade, ainda é um poucadinho bebê; ainda sente a amargura de não ser tomada muito a sério, de ainda dizer coisas que as pessoas graves qualificam de infantilidades (...)

Para os que doravante me lerem, embora lhes fale eu de filosofia ou matemática (que pra mim simbolizam quase o inatingível) do modo mais sisudo e respeitável, não passarei de uma pirralha com ideias de gente grande.

Por isso sou obrigada a sempre tratar de coisas fúteis e tolas; como ideais e melindrosas; pois, como sabe, as crianças bem educadas não entendem, ou se entendem não falam das coisas sérias da vida (...)

Suzana de Alencar Guimarães, mais velha que Rachel, era jornalista já à época, participava da sessão literária do jornal de Ibiapina, escrevia poesias e crônicas e participava dos círculos de leitura e dos salões literários da cidade. Infelizmente, nossas informações sobre ela são extremamente limitadas.

Neste começo de século XX, a escrita, enquanto profissão, ainda está se consolidando. Sérgio Miceli faz algumas assertivas neste sentido, ao ressaltar que o mercado de trabalho para a elite desta época amplia suas possibilidades para além dos tradicionais cursos de Direito. Os jovens com condições materiais podem agora integrar os cursos de Engenharia e Medicina, ou ainda optar pela carreira militar. A escrita literária é uma das demais opções, porém associada à sensibilidade e à educação, aproximando-se do feminino e ampliando-se, cada vez mais, pelo desenvolvimento da imprensa e do mercado editorial⁵⁸.

Percebemos que é uma preocupação constante de Rachel, ao longo de seu caminho, se diferenciar dos temas fúteis e bobos, que ela acredita serem aqueles relegados às mulheres que escrevem pela época. Podemos lembrar aqui da exigência familiar que os Queiroz tinham com suas próprias leituras jornalísticas ou literárias.

⁵⁸ MICELI, S. **Intelectuais à Brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 169.

Afastar-se do estereótipo da escrita e dos temas femininos foi uma preocupação constante para Rachel. Já percebemos isto aqui.

Rachel de Queiroz adentra o mundo da escrita, portanto, pela aproximação com a literatura, valorizada no ambiente familiar. Com a inserção e a prática no jornalismo, desenvolve sua narrativa em busca de espaço próprio. Ainda no *O Ceará* escreve seu primeiro folhetim, composto de cinco partes e intitulado *A História de um nome*, valorizado e divulgado pelo periódico :

Sua excelência, o Sr. Barão de Almofala⁵⁹ recebeu, da jovem e talentosíssima escritora [coestadame], Rita de Queluz, uma formosa carta, enviando-lhe os originais da novela *História de um nome*, sua brilhante e segura estreia literária.

No próximo domingo, *O Ceará*, iniciará a publicação deste valioso trabalho em que serão definitivamente firmados, nos círculos intelectuais do Brasil inteiro os créditos dessa formidável cerebração de Rita de Queluz⁶⁰.

O folhetim começou a ser publicado em 31 de julho de 1927 e trazia a trajetória do nome Rachel, desde os tempos do Antigo Testamento, passando pelo Egito, pela Roma da época de Cristo, pela França da Idade Média, por uma freira em Portugal, um casal rico em Pernambuco, até chegar a ser a personagem de *O moço loiro*, de Joaquim Manoel de Macedo. “Era uma personagem de emoções violentas, de cenas patéticas e sentimentais para as moças”. Com o tempo, a heroína virou até motivo de piada, foi quando o nome desistiu e terminou sendo contratado pelo pai da autora daquelas crônicas, Rachel de Queiroz⁶¹.

No entanto, é bom lembrarmos que o campo intelectual é um lugar de constante conflito, onde o escritor é desafiado em sua capacidade e isto se dá de forma especial em relação à mulher que escreve. Segundo Bourdieu, o campo intelectual é marcado por disputas de poder, onde os agentes ou sistemas de agentes possuem certa autonomia ao mesmo tempo em que são determinados pelo fato de fazerem parte deste campo, sendo que seu poder dentro do campo não pode ser definido independentemente da posição que ocupa⁶².

⁵⁹ Pseudônimo de Demócrito Rocha.

⁶⁰ ALMOFALA, B. Manuscrito para a sessão Jazz-Band de **O Ceará**. 28.07.1927. (AJAB).

⁶¹ QUEIROZ, R. de História de um nome. **O Ceará**. 31.07.1927-?. (AJAB).

⁶² BOURDIEU, P. Campo intelectual e projeto criador. In: _____. **Problemas do estruturalismo**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, s/a. p. 105/106.

Neste sentido, no ano de 1928, o *Nordeste* estampou críticas à moral daquela família, que permitia que uma jovem recém saída do colégio de freiras escrevesse para o *Condenado*⁶³. O jornal *O Povo*, de Demócrito Rocha e Paulo Sarasate, em sintonia com *O Ceará*, respondeu à crítica na primeira página do número seguinte:

Rita de Queluz

Em o matutino *O Nordeste*, queremos crer que se valendo da boa fé de seus ilustrados redatores, um colaborador do rodapé *Às Quintas* expressou-se indelicadamente respeito a nossa talentosa e brilhante congreira Rita de Queluz.

Colocados no ponto de vista mesmo do conceituado órgão católico, julgamos censurável e muito antirreligioso o modo de expressão do articulista, lamentavelmente infeliz.

Peregrino talento, jovem e culta, Rita de Queluz merece dignamente a admiração de todo o nosso meio, pairando muito acima do conceito de cronista, em pura verdade um conceito leviano, apressado, incivil, por não dizer grosseiro.

Não se trata aqui de forma alguma ao grosseiro e infeliz quinterista que seria atribuir-lhe certa e imprópria consideração. É, contudo, [formal] desagravo que espontaneamente fazemos.

Não estando no tempo inquisitorial, vivemos um regime de liberdade de crenças em que, portanto, o intelectual pode e deve ter o direito de externar as suas opiniões.

Fortaleza, 20.2.1928⁶⁴.

Assinam a resposta, entre outros, Pereira Júnior e Paulo Sarasate. Não é à toa que, em suas memórias, Rachel de Queiroz reforce, a todo tempo, que sempre teve apoio dos homens em seu percurso literário. A posição do periódico é clara, em nome de uma visão anticlerical e defendendo a liberdade de expressão. Defesa que coloca ao lado as questões de gênero, defesa muito mais ligada ao laço de sociabilidade.

Para além de Suzana de Alencar Guimarães e Rachel de Queiroz, compunham este cenário intelectual outras mulheres, como Adalgisa Cordeiro – gerente de *O Povo* -, além das inúmeras colaboradoras de outros estados do país. Estamos lidando com um jornalismo bem abrangente no contexto regional quando tratamos destes periódicos; jornais que, inclusive, serão ponta de lança nas renovações literárias e políticas no Estado.

Por nadar nesta corrente, Rachel de Queiroz estabeleceu, desde cedo, contato não só com as mudanças literárias de seu tempo, como também refletiu acerca da modernização do Brasil em seus vários aspectos, formando opinião também acerca das questões sociais e políticas. Este fato levou Rachel a se aproximar de movimentos de esquerda, assumindo uma posição frente às injustiças sociais.

⁶³ QUEIROZ, R. de. & QUEIROZ, M. L. de. **Op. Cit.** p. 31.

⁶⁴ Editorial. **O Povo**. 20.02.1928. (ABPF)

Mas o diálogo com a modernidade, em alta no momento, não parou por aí. Como afirmamos anteriormente, o campo intelectual é local de permanente conflito. Ainda seguindo a trajetória da jovem escritora sabemos que, depois de algum tempo na redação de *O Ceará*, Rachel logo foi convidada para participar da redação de um novo jornal, *O Povo*, fundado por Demócrito Rocha e Paulo Sarasate em sete de janeiro de 1928. Rocha a conhecia, pois fora diretor do jornal de Júlio Ibiapina. Segundo o primeiro editorial do novo periódico:

O povo necessita de mais gritos que o estimulem, de mais vozes que lhe falem ao sentimento.
Eis porque surgimos.
Ao desfraldar a nossa bandeira de combate, pelos mais puros ideais de justiça e liberdade, não nos entontece a glória de vencer, porque a alvorada redentora ainda está muito longe de raiar no oriente da pátria⁶⁵.

O Povo nascia, assim, com princípios muito parecidos com o de seu confrade *O Ceará*, mas acrescido de uma maior preocupação literária (ao menos nos seus primeiros anos). E, de fato, Demócrito era já, àquele tempo, o padrinho por excelência de quase todos os aprendizes de literatura e de jornalismo em Fortaleza, estabelecendo, enfim, com Paulo Sarasate e Adalgisa Cordeiro, na gerência, um dos periódicos que se constituiu, ao longo do tempo, como um dos mais importantes do estado ainda hoje⁶⁶.

“O Povo foi fundado a 7 de janeiro de 1928. Sua primeira sede foi na praça General Tibúrcio, número 158. Sua longevidade pode ser atribuída a diversos fatores: foi bem fundamentado ideologicamente, relação e comprometimento direto com os leitores, espírito inovador, adaptação às mudanças sociais e ética na conduta administrativa. A soma destes fatores o transformou em um patrimônio cultural do Estado do Ceará”⁶⁷

Neste tempo - anos 20 -, o jornal inaugurava sessão semanal publicada aos sábados, e intitulada *Modernos e passadistas* - nome sugestivo, se pensarmos que o termo *passadistas* foi muito utilizado desde as primeiras manifestações modernistas do Centro-Sul para designar aqueles intelectuais presos à tradição, ao academicismo.

No *O Povo*, toma sentido diferente, pois expressa em 1928 uma sessão sem “preconceitos”, publicando textos de nomes novos e conhecidos, tanto no círculo intelectual cearense da época quanto escritores de fora: Antônio Sales, Beni Carvalho,

⁶⁵ Editorial. *O Povo*. 07.01.1928. (ABPF).

⁶⁶ QUEIROZ, R. de. Prefácio. In: CAMPOS, M. & MONTENEGRO, J. A.. **Demócrito Rocha: o poeta e o jornalista**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1989. p. 5-11.

⁶⁷ PONTES, C. B. **Demócrito Rocha**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. p. 73.

Lúcio Várzea, Peregrino Júnior, Mário de Andrade (do norte), Jader de Carvalho, Raul Machado, Raul Bopp. As mulheres também eram autoras frequentes, destacando-se entre elas a própria – até então – Rita de Queluz, Suzana de Alencar Guimarães, Maria Eugênia Celso, Gilka Machado, Cecília Meireles⁶⁸.

Mesmo que nas capitais o jornalismo adquirisse cada vez mais um caráter de empresa, nas províncias ainda encontravam-se periódicos particulares. A própria dinâmica no interior deles era muito firmada em termos de relações pessoais e familiares, e as disputas entre os jornais por questões pessoais era um fator comum. As próprias colaborações jornalísticas denunciavam os estreitos laços de sociabilidade⁶⁹.

Integrar a redação de periódicos, publicar nestes jornais, circular no meio da intelectualidade - não só como mera figurante, mas como participante ativa -, implicava em polemizar e problematizar as definições de gênero de seu tempo, o que não quer dizer que lhe fosse interdita essa participação - ela era possível, e, aos poucos, o nome de Rachel, enquanto sujeito de uma escrita, separava-se do senso comum de uma *escrita feminina* e de escritoras associadas a este epíteto.

Nesse período,, e, especificamente, no jornal *O Povo*, o ambiente jornalístico possibilitou o contato de Rachel com outras mulheres escritoras⁷⁰, suas opiniões e reivindicações públicas, além da aquisição de uma linguagem própria que foi sendo trabalhada ao longo de sua obra como um todo.

Afirma Heloisa Buarque de Hollanda que, também nestes primeiros periódicos, no ano de 1928, a então jornalista Rachel de Queiroz, travara diálogos com Maria Lacerda de Moura (1887-1945). Esta era uma importante educadora, anarquista e feminista mineira. Lutava em defesa da Natureza, da mulher enquanto indivíduo, da liberdade - inclusive sexual, mas não promíscua - e de ideais humanitários⁷¹. Conta Hollanda que Moura elogiou a novata por seu comprometimento com a causa social,

⁶⁸ Interessante comentar que há, em documentário acerca de Carlos Drummond de Andrade (Poeta de Sete Faces – Brasil 2002. Direção Paulo Thiago. 94 min.), a reprodução de uma entrevista dada pelo poeta nos anos 1980 em que ele afirma ter consultado Mário de Andrade antes de lançar uma revista em Minas Gerais nos anos 20. Ao que Mário sugere que a revista integrasse modernos e passadistas, para melhor representar as tendências do momento.

⁶⁹ Ver MORAIS, F. **Chatô, o Rei do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

⁷⁰ Ver ensaio de CUNHA, C. Rachel antes do O Quinze. **O Povo**. 11.11.1985.

⁷¹ Ver: LEITE, M. L. M. **Maria Lacerda de Moura: uma feminista utópica**. Florianópolis/Santa Cruz do Sul: Ed. Mulheres/Edunisc, 2005.

enquanto Rachel defendeu, por sua vez, a reivindicação de Lacerda de Moura pelo voto⁷².

Segundo Miriam Moreira Leite, “a partir de seu primeiro livro, em 1918, Maria Lacerda começou a examinar a condição feminina e a estudar a bibliografia em português ou traduções existentes a respeito da mulher. Nas obras subsequentes passou a divulgar a luta pelo direito à cidadania, à educação. Pregou a necessidade de resistência à redução da vida da mulher ao papel de procriadora, aos preconceitos existentes contra a mulher escritora, à legitimação da inferioridade feminina na sociedade vigente. Defendeu o direito ao amor e ao casamento por livre escolha, a necessidade da maternidade consciente; o problema da solteirona e da prostituta; as situações criadoras dos crimes passionais e as formas do trabalho doméstico e repercussões do trabalho assalariado feminino”⁷³

Uma das maiores expressões, portanto, da luta pela emancipação no campo social, Lacerda de Moura encarnava a figura da mulher política, da mulher que reivindicava seus direitos e sua liberdade, tanto no espaço privado quanto no espaço público, então, recentemente, confrontado pelas mulheres. Artigos de Maria Lacerda interpretando o individualismo de Hans Ryner foram publicados tanto no *O Ceará* quanto no *O Povo*, juntando-se às publicações correntes do jornal.

Rachel, portanto, travou contato com as discussões feministas de seu tempo e as reivindicações pelas quais lutavam. Mesmo que, após este período, a autora tenha se oposto ao movimento feminista, é insofismável que as questões levantadas por este grupo tenham influenciado as mulheres em geral, ajudando a entender por que os romances posteriores de Rachel de Queiroz desenharam personagens femininas bem radicais para sua época⁷⁴.

Assim, percebemos que as discussões sobre a modernidade como um todo pairavam no imaginário cearense da década de 1920⁷⁵, como em grande parte do território nacional. O ambiente intelectual fortalezense, em crescimento e

⁷² HOLLANDA, H. B. de. **Op Cit.** 2002. p. 111.

⁷³ LEITE, M. M. **Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura.** São Paulo: Ática, 1984. p. 21/22.

⁷⁴ HOLLANDA, H. B. de **Op. Cit.** p.113.

⁷⁵ Ver PONTE, S. R. **Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social (1860/1930).** Fortaleza: Fundações Demócrito Rocha, 1999.

desenvolvimento desde o século XIX, caminhava numa corrente de expansão com os projetos de modernização da capital, com a fundação de jornais e dos primeiros núcleos de saber, como a Academia Francesa, o Instituto Histórico e Geográfico, a Academia Cearense, a Biblioteca Pública e a Padaria Espiritual; agremiações com diferenças entre si, mas que agregaram os mais importantes intelectuais da época. Como afirma Silva Nobre, estas agremiações e entidades intelectuais surgiram não só na capital como, também, no interior, em cidades como Quixadá, onde a família de Rachel de Queiroz possuía suas terras⁷⁶.

Apesar das dimensões de Fortaleza serem muito menores que as da capital federal ou de São Paulo, constituía a sétima capital do país em número populacional. E, na esteira dos projetos de higienização e reforma urbana típicos deste período, abrigou a construção de lojas e cafés com nomes franceses, além de outros estabelecimentos comerciais em volta da Praça do Ferreira, centro pulsátil da cidade⁷⁷.

Também o comportamento feminino apresentava novas formas: a esportista, a intelectual, a melindrosa. Na moda, os cabelos curtos e vestidos acima das canelas, cobertos pelas meias de seda eram a sensação da época, usados, principalmente, pelas “mulheres modernas” dos anos 1920 e sobre quem Rachel, ainda sob o pseudônimo de Rita de Queluz, escreveu um irônico texto em 24 de abril de 1928:

Pobres melindrosas gentis! São o mais delicioso objeto que povoa e lantejoula as ruas dolorosas de nossa Fortaleza colonial e calcetada.
Tão frágeis e multicores na floração violenta dos *etamines* berrantes, no vermelhão sanguíneo da boca, no negro refulgente ou no loiro oxigenado da cabeleira à *garçonne*!
Ninguém descobre nelas senão uma encantadora e colorida bonequinha de *guignol* que com precisão automática cavalga nos saltos a Luis XV, maneja o *baton*, e atravessa em bamboleios estudados as ruas pobres que o sol enriquece com seu oiro⁷⁸

Segundo Cleusa da Silva, a melindrosa encarnava a figura da mulher moderna em última moda, copiada do cinema americano ou das modas de Paris. No entanto, eram vistas em geral como frívolas, interesseiras e extremamente vaidosas. Apesar de Rachel

⁷⁶ NOBRE, F. S. **Da padaria espiritual à Semana de Arte Moderna**. Rio de Janeiro: Edral, 1992, p. 10.

⁷⁷ PONTE, S.R. **Op. Cit.** p.15.

⁷⁸ QUEIROZ, R. A alma da melindrosa. **O Povo**. 24.03.1928. (ABPF)

aparentemente defendê-las neste artigo, usa de extrema ironia para desculpar as futilidades destas jovens⁷⁹.

Ao mesmo tempo, ninguém melhor do que ela para tratar das mulheres modernas, ainda que criticando seus exageros. Com apenas dezessete anos, colunista de jornal e formada pela Escola Normal, Rachel já se estabelecia como jornalista conhecida no estado. Em 18 de junho de 1930 vemos a seguinte correspondência no *O Povo*:

Realizou-se ontem aqui magnífico baile no Salão Cariry, ricamente iluminado, oferecido à escritora Rachel de Queiroz e senhorinha Alba Frota, pelo casal dr. Leão Sampaio. Compareceu um grande número de famílias. Rachel de Queiroz foi saudada pelo advogado Duarte Junior e dr. Amora Maciel, recitando ela numerosos versos de sua autoria. O baile foi o mais suntuoso e distinto em nosso meio⁸⁰.

O baile que expressa a presença de Rachel de Queiroz nos círculos sociais de elite da época, revela também a forma como a jovem é vista por esta sociedade já no ano de 1930: como escritora. Tendo publicado versos, crônicas e folhetins na imprensa cearense, Rachel figurava entre a juventude intelectual que modernizava o ambiente literário do estado. As declamações, os círculos literários e as amizades firmadas neste campo colaboraram para a emergência de um nome.

Ainda em relação aos círculos literários, muitas vezes com presença exclusiva de mulheres, percebemos sua importância se pensarmos num conceito amplo de literatura. Como afirma Hollanda:

A noção de crítica literária, como dos demais gêneros canônicos, tem se revelado altamente problemática a partir dos questionamentos que o recorte feminista sugere. Os estudos mais recentes vêm demonstrando que, ao lado das formas “legítimas” que a perspectiva historiográfica tradicional sancionou e elegeu como compatíveis com o corpus clássico da literatura, havia uma “economia literária informal”, cuja produção era de um interesse surpreendente. O vigor quantitativo e qualitativo destas formas “excluídas” mostram o caráter de absoluta relatividade das noções institucionais referentes à categorização dos gêneros literários. Um dos efeitos mais decisivos do questionamento do cânone literário tradicional foi o resgate dos “gêneros menores” e das formas e redes de associação intelectual das mulheres, que sintomaticamente abrigaram a maior parte da escrita e da reflexão femininas⁸¹.

⁷⁹ Ver SILVA, C. G. da. **Modernizando o Casamento: a leitura do casamento no discurso médico e na escrita literária feminina no Brasil moderno (1900-1940)**. 141 f. Dissertação (Mestrado em História), Setor de Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 2001.

⁸⁰ **O Povo**. 19.06.1930. (ABPF)

⁸¹ HOLLANDA, H. B. **Os estudos sobre literatura no Brasil: uma primeira abordagem**. Site <http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/?p=680&cat=8>. Acessado em 13/06/2010.

Neste sentido, Rachel de Queiroz participou de círculos intelectuais e salões literários com maciça presença feminina. Esses círculos criavam seus próprios códigos, elebravam seus ídolos, defendiam seus membros.

Com base em sua convivência com escritores tradicionais de sua região, em seu contexto familiar e em sua experiência jornalística, não seria, portanto, surpresa que a escritora publicasse um romance. E, de fato, na semana anterior ao baile acima descrito já se podia encontrar o anúncio do primeiro livro de Rachel de Queiroz, abandonado o pseudônimo: *O Quinze*, numa edição de mil exemplares, que tinha como vendedora exclusiva a livraria Moraes, por 6\$000, preço bem acima da média dos romances publicados na década de 1920 no Centro-Sul.

Segundo Zilbeman e Lajolo, *O Ateneu* de Raul Pompéia custava 3\$000 em 1913; *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* de Lima Barreto custava 2\$000/2\$500 em 1918; *Narizinho arrebitado* de Lobato custava 2\$500 em 1921; *O Homem e a morte*, de Menotti Del Picchia, 4\$000 em 1923⁸²; *A escrava que não é Isaura*, de Mário de Andrade, custava 5\$000 em 1925⁸³.

Escrito sob a luz de um candeeiro, nas madrugadas de 1929 na casa da família na região do Pici⁸⁴, o pequeno romance surgiu de uma experiência com a escrita que se dava desde cedo ou até mesmo nas memórias contadas por sua família, e que lembravam os círculos de leitura presididos por José de Alencar, primo de sua bisavó⁸⁵. Mesmo com essa bagagem atemporal, Rachel apresenta-se humildemente no prefácio:

O Quinze é uma ousadia ingênua de ensaísta. Livro feito aos dezenove anos, há de ter todos os defeitos daquilo que a gente produz nesta idade em que estou, quando não se tem a sossegada prudência de ir devagar para fazer bem feito, quando nos governa a impaciência insofrida de não esperar, de ver o nosso pensamento, mal é concebido, logo escrito,

⁸² LAJOLO, M. & ZILBERMAN, R. **A formação da leitura no Brasil**. . São Paulo: Ed. Ática, 1998. Quadro da p. 324.

⁸³ LAJOLO, M. & ZILBERMAN, R. **O preço da leitura**. São Paulo: Ática, 2001. p. 84.

⁸⁴ A casa do Pici, em que Rachel de Queiroz escreveu seu primeiro romance, foi redescoberta por sua biógrafa, Socorro Acioli, nos anos 1990. Apesar de não pertencer mais à família, conserva a estrutura original e os lindos pés de grandes benjamins à entrada. Contam os vizinhos que a prefeitura tentou retirá-los para asfaltar a rua, mas os moradores não permitiram. Assim, o asfalto começa a uns 200m dos pés de benjamin, interrompe para saudá-los e prossegue poucos metros depois. Naquele recanto de árvores sentimos um mundo que se perdeu na cidade, mas que conserva naquele pequeno espaço sua memória. A casa tornou-se patrimônio do Estado em 1998, mas ainda não há nenhuma intervenção sobre ela.

⁸⁵ ACIOLI, S. **Op Cit.** p. 16/17.

impresso, disseminado, cotejado com outros alheios, fazendo parte do patrimônio mental da humanidade...⁸⁶

A humildade esconde uma grande coragem. Não havendo grandes editoras em Fortaleza, a autora publicou seu próprio livro com a ajuda o pai. Desde o começo do século, esta já era uma prática comum entre escritores que não conseguiam ou não tinham acesso às grandes editoras. Depois de impresso, era a hora de enviar cópias pra seus contatos no meio literário ou para críticos de diferentes lugares do país esperando, com isso, dar-se a ver⁸⁷.

Ao mesmo tempo em que lançava seu primeiro romance, a autora aparecia em fotos com os cabelos à *garçonne* e o vestido leve e modelado, acima das canelas, na festa onde receberia o título de “Sua Majestade, Rainha dos Estudantes Cearenses de 1930”.

Por ironia do destino ou não, Rachel havia concorrido, nos anos de 1928, 1929 e 1930, ao título de Rainha dos Estudantes, tendo sido, enfim, eleita com mais de 2000 votos para “reinar a mocidade das escolas com o cetro”, no mesmo concurso que Suzana Alencar participara e que Rachel havia ironizado três anos antes. A cerimônia bem que fora adiada devido a algumas viagens que a autora deveria fazer a estabelecimentos de ensino do interior, mas logo foi reagendada para 26 de julho de 1930.

É, portanto, inegável que o nome de Rachel de Queiroz circulava não somente nos círculos intelectuais cearenses como, também, no ambiente estudantil, seu maior eleitorado.

Assim como algumas rainhas antes dela, Rachel era considerada importante escritora, onde *O Quinze* não foi tido como um milagre mas como resultado de uma vivência na área da escrita que havia se iniciado com a prática pedagógica e a profissionalização nos jornais, escrevendo crônicas, poemas e tendo participado de rodas literárias antenadas com as mais importantes correntes brasileiras.

Aqui podemos lembrar a personagem de Conceição nas primeiras páginas do romance. A personagem retrata muito do que a própria Rachel encontrava em seu círculo de amigos mais próximo, jovens com ambições literárias e leituras socialistas,

⁸⁶ Prefácio da primeira edição de QUEIROZ, R. de. **O Quinze**. Fortaleza: Ed. Graphico Urânia, 1930. (AJAB).

⁸⁷ EL FAR, A. **Op. Cit.** p. 34.

mulheres que participavam de salões literários, organizavam saraus, escreviam e publicavam em jornais, começavam a ser reconhecidas por sua escrita para além do nome da família e da posição social.

Um exemplo é o de Henriqueta Galeno (1887-1964), filha de Juvenal Galeno⁸⁸. A única do estado a ser bacharel em Direito em 1918, Henriqueta foi professora da Escola Normal e do Liceu do Ceará. Mas era mesmo o que chamamos hoje, uma produtora cultural. “Nesta condição, suas atividades implicaram tanto perpetuar a memória e a obra do pai, quanto assegurar a inclusão e a permanência de diferentes artistas e escritores na rede de sociabilidade de intelectuais e políticos do eixo Norte-Sul brasileiro – e, naquela condição de escritora, produzir poesias e elaborar ensaios sobre mulheres que cultivavam as letras e que foram protagonistas anônimas de acontecimentos históricos”⁸⁹.

Galeno foi fundadora do Salão intelectual que tinha como nome o de seu pai. Segundo Rachel, Henriqueta era a alma de toda a agitação intelectual que se processava em torno do poeta, “ela que aliciava declamadoras, poetas e conferencistas para as tertúlias semanais, ela que se encarregava de festejar visitantes ilustres, ela, afinal, que se responsabilizava por toda a parte social e festiva da modesta vida literária cearense de então”⁹⁰.

Assim que *O Quinze* saiu nas bancas Henriqueta foi uma das primeiras a homenagear a jovem autora, promovendo um baile:

Festejando o aparecimento do apreciado romance *O Quinze*, o salão Juvenal Galeno abrirá hoje suas portas para recepcionar a escritora Rachel de Queiroz, realizando-se ali brilhante serão literário-musical em homenagem à jovem e talentosa beletrista⁹¹

Neste sentido, os salões eram de fato um foco irradiador de influências e um espaço indispensável no ingresso das mulheres no fechado sistema de produção intelectual⁹². Henriqueta Galeno, no dia da festa de homenagem, exaltou o nome de

⁸⁸ Juvenal Galeno (1836-1931), poeta, contista e folclorista cearense, foi diretor da Biblioteca Pública e professor da Escola Militar. Também participou da fundação do Instituto do Ceará. Nos anos 1920, apesar de já idoso e cego, era um dos grandes nomes intelectuais na pequena Fortaleza.

⁸⁹ CAVALCANTE, A. Henriqueta Galeno. In: MUZART, Z. L. (Org^a.) **Escritoras brasileiras do século XIX**. Florianópolis: Mulheres 2009. P. 459-488. P. 459.

⁹⁰ QUEIROZ, R. de. Prefácio. (1989). p. 07.

⁹¹ Homenagem do Salão Juvenal Galeno à autora de *O Quinze*. **O Povo**. 08.08.1930. (ABPF)

⁹² ELEUTÉRIO, M. L. **Op. Cit.** p. 26.

Rachel de Queiroz e a previniu das adversidades da carreira intelectual para uma mulher em sua época, principalmente através do que classificou como “fuxicos literários”: conversas, intrigas, ironias, formas sutis de desmerecer e zombar da escrita feminina, disfarçando a mordacidade pelo humor⁹³.

Mesmo por estar sempre atenta a estas questões, Henriqueta sabia o que falava. Num esforço de ação frente à promoção feminina, em 1936, chegou a publicar uma antologia de mulheres ilustres do país. De tal forma envolveu-se com a emancipação social do gênero feminino que foi convidada para representar a mulher cearense no II Congresso Internacional Feminista, liderado por Bertha Lutz, em junho de 1931 no Rio de Janeiro⁹⁴.

Nota-se, neste sentido, desde o final do século XIX e início do XX, tempo de inserção das mulheres na escrita jornalística, uma autopromoção feminina. Basta para isso observar os diversos jornais de tema e edição feminina publicados nesta época⁹⁵.

Além da característica já citada da autopromoção, é patente a forma como as mulheres perceberam a si próprias dentro do espaço público, assumindo-se enquanto participantes diretas na construção da “civilização”, da sociedade brasileira. Havia uma consciência da necessidade de participação da voz feminina enquanto complemento indispensável⁹⁶.

Nos anos de 1920 esta posição já estava muito mais consolidada e polêmica. Para além da questão feminina, as mulheres foram aos poucos assumindo a palavra pública para denunciar as desigualdades sociais, criticar a política, opinar sobre assuntos de interesse geral.

Mas, para isso, teriam muitas vezes que abdicar das características consideradas femininas, como a sensibilidade, o romantismo, a futilidade. Aquelas que conseguiram ter reconhecimento, ainda com todos estes obstáculos, transmitiram para nós um legado de conquistas e importantes fontes históricas.

⁹³ Homenagem...**Op. Cit.**

⁹⁴ CAVALCANTE, A. **Op. Cit.** p. 465.

⁹⁵ Ver TELLES, N. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, Mary Del. (Org^a). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto/ Unesp, 1997. p. 401- 442; SILVA, C. G. da. **Op Cit.**

⁹⁶ SIQUEIRA, E. S. et al. **Um discurso feminino possível** – Pioneiras da Imprensa em Pernambuco (1830-1910). Recife: Ed. Univrsitária da UFPE, 1995. p.88.

Como a década de 30 proporcionou o questionamento da posição da mulher na sociedade, a escrita das próprias mulheres também pluralizou as experiências femininas para além dos estereótipos da mocinha ou da prostituta, constante nos romances canônicos do século anterior.

Um exemplo foi Rachel de Queiroz, que, através de sua carreira enquanto escritora, aliada à composição de suas personagens femininas, possibilitou uma nova perspectiva sobre a mulher brasileira e sua relação com a literatura.

Retomando mais uma vez a recepção de *O Quinze*, mas agora no próprio Ceará, podemos problematizar ainda mais questões. Assim afirma Acioli⁹⁷, baseada em entrevistas com Rachel de Queiroz:

A recepção no Ceará não foi das melhores. Apareceram algumas críticas dizendo que o livro era impresso em papel inferior e que não havia sido escrito por Rachel e sim por seu pai ou pelo escritor Beni de Carvalho. Esse boato foi espalhado em notas, por outro escritor que frequentava a mesma roda de literatos de Rachel, em Fortaleza. (...). Se no Ceará a crítica se resumiu a esta mesquinhez, foi tudo muito diferente no sudeste do país.

De fato, a própria Rachel conta em livro o caso de um escritor cearense que havia publicado e distribuído folhetins criticando o primeiro romance da autora, reclamando da má qualidade do livro e afirmando que ele teria sido escrito por seu pai. Talvez por isso tenha ficado em sua memória a recepção hostil a *O Quinze* em seu estado de origem⁹⁸.

Na análise do jornal *O Povo*, porém, nos meses que marcaram a estréia do romance até a publicação da crítica de Augusto Frederico Schmidt, reproduzida pelo jornal em 04 de setembro de 1930, percebemos que o romance provocou diversas reações na capital cearense.

De um lado, existe a versão da própria Rachel acerca daqueles que desclassificaram o livro. De outro, o jornal *O Povo*, pelo qual Rachel era já bem conhecida, insistindo em divulgar todas as homenagens e críticas positivas feitas ao romance, e, posteriormente, reproduzindo as críticas literárias publicadas no Centro-Sul do país e favoráveis a ele, como as de Raimundo Moraes e Octávio de Faria⁹⁹.

⁹⁷ ACIOLI, S. **Op. Cit.** p. 37.

⁹⁸ QUEIROZ, R. de. & QUEIROZ, M. L. de. **Op. Cit.** p. 37.

⁹⁹ MORAES, R. Um livro de fogo. **O Povo**. 19.09.1930. & FARIA, O. de. O Quinze. **O Povo**. 20.09.1930. (ABPF)

Além disso, o apoio que Rachel teve das mulheres envolvidas com a intelectualidade foi muito importante, pois com ajuda delas a capital voltou suas atenções à jovem romancista e a seu livro de estreia. Neste sentido, também Maria Eugênia Celso, publicou, do Sul do país, suas impressões do romance, exaltando o talento de Rachel, principalmente em escrever um romance regionalista que tocava o leitor por ser essencialmente brasileiro¹⁰⁰.

Sendo assim, notamos que a carreira literária de Rachel de Queiroz começou timidamente, como a maior parte dos que escreviam à sua época. Família e amigos foram fundamentais na sua inserção na imprensa, onde aprendeu e conviveu com outros intelectuais - entre eles, as mulheres, em sua mesma situação.

A prática jornalística, aliada à ampliação de sua rede de sociabilidades, auxiliou na promoção e na divulgação de seu trabalho intelectual, que foi, aos poucos, servindo como instrumento para a escrita de um primeiro romance.

Ainda que timidamente lançado, com pouca tiragem e pouca qualidade de impressão, seu conteúdo superou as expectativas. Para além da reação surpreendente no Centro-Sul do país, *O Quinze* teve seus prós e contras na capital onde primeiro foi divulgado.

No entanto, o sucesso que a autora cearense conheceu ao longo da vida foi uma excessão frente ao mercado de trabalho da escrita, ainda tímido do começo do século, e à produção de muitas outras mulheres anteriores ou posteriores a ela.

Realizar este tipo de comparação ajuda a perceber que o ambiente literário brasileiro, por mais que fosse constituído quase exclusivamente por homens, não ignorava de todo a participação feminina, pois se via, cada vez, mais confrontado com a presença das mulheres nas redações, nas editoras, nos colégios, começando a reconhecer a qualidade e a importância de seus textos.

Também nesta direção, notamos a importância dos argumentos de gênero no julgamento positivo ou negativo da literatura produzida pelas mulheres; eles não são, portanto, desprezíveis na análise da crítica.

Por fim, cumpre destacar, para nosso propósito, que a geração de Rachel de Queiroz foi marcada pelo discurso acerca do moderno também no que se refere ao comportamento e à escrita da mulher moderna e à sua inserção no ambiente literário. Esta mulher dos anos 1920/30 estava atenta às mudanças sociais e políticas de seu país e

¹⁰⁰ CELSO, M. E. *O Quinze*. **O Povo**. 21.09.1930. (ABPF)

colocou em pauta o que lhe tocava neste contexto, assumindo inclusive muitas vezes a luta, inserindo-se em partidos, movimentos pelo voto, pela emancipação em relação à família e ao casamento.

A mulher estava em questão na primeira metade do século XX, tanto enquanto participante da vida política, como enquanto objeto de representação literária, mão-de-obra na ampliação do mercado de trabalho e idéia a ser discutida. E, neste sentido, Rachel de Queiroz possui uma obra tanto de representatividade quanto de qualidade, como veremos nos decorrer deste trabalho.

Uma ousadia nem tão ingênua

Todo o caminho que fizemos até agora procurou mapear os passos de Rachel de Queiroz antes do seu conhecido marco zero: *O Quinze*. Ter acesso a estas informações, a estas fontes, dependeu não só da vontade da pesquisadora, mas também da comemoração do centenário da autora neste ano de 2010. A celebração da memória, através da data, possibilitou a emergência de documentos inéditos, antes depositados em acervos pessoais.

Os três anos anteriores a 1930 foram anos ricos de aprendizagem para Rachel de Queiroz, anos em que teve contato com o jornalismo, com a literatura, com a escrita. Foram anos em que a autora cearense confrontou-se também com os movimentos literários mais atualizados, com o modernismo do Centro-Sul. Isto muito por influência dos círculos intelectuais que frequentava e, principalmente, por uma figura especial que cruzara seu caminho: Demócrito Rocha (1888-1943), fundador do jornal *O Povo* junto com seu futuro genro, Paulo Sarasate.

Nascido numa pequena aldeia de pescadores chamada Caravelas, Demócrito, ainda jovem, ficou órfão. Ele e seu irmão foram criados pela avó e, com ela, tiveram uma formação religiosa completa. Quando adulto, optou pela maçonaria e, já idoso, reconverteu-se ao catolicismo. No começo do século XX mudou-se com o irmão para Aracajú, lá aprendeu esperanto, e começou o curso de odontologia. Ainda sem completá-lo, mudou-se para o Ceará em 1912 para trabalhar como telegrafista¹⁰¹.

Como definiu Pedro Gurjão em seu discurso sobre Demócrito nos anos 1990, o escritor foi um “profeta do pensamento holístico”; foi operário, ferroviário, telegrafista, odontólogo, professor universitário, perito em grafologia, orador eloquente, poeta (pseudônimos de Antônio Garrido e Barão de Almofala), prosador, biógrafo, beletrista, pensador, humanista, publicista, tribuno, polemista, debatedor de idéias, letrista de músicas, boêmio, poliglota, membro da Associação Cearense de Imprensa, do Instituto do Ceará e da Academia Cearense de Letras¹⁰². Ufa!

Membro do grupo editorial do jornal de Ibiapina, Demócrito teve suas principais atuações nas décadas de 20 e 30, no combate à política das oligarquias, principalmente,

¹⁰¹ PONTES, C. B. p. 30.

¹⁰² GURJÃO, P. p. 33.

ao que permanecia do governo da oligarquia Accioly. Para protestar, utilizou a arma da escrita e da ação política. Demócrito lutou contra o totalitarismo, o arbítrio político, a espoliação do capital estrangeiro, as doenças físicas e sociais e fez campanhas em defesa dos interesses regionais e da identidade cultural. Demócrito denunciou a “comédia eleitoral, a hipocrisia social, a ganância dos politiqueros profissionais e os usurpadores do poder”.

Nos anos 1920, era rei na famosa Praça do Ferreira, cenário dos grupos intelectuais ativos na cidade de Fortaleza. Era conhecido também por arregimentar os mais moços em seus projetos de renovação política e literária. Já denunciava, nos anos 20, a corrupção eleitoral:

Como estratégia política, fundou o Partido da Mocidade juntamente com Eduardo Pessoa Câmara, Renato de Almeida Braga, Moésio Rolim, Valdo Vasconcelos, Lauro Vidal, Sócrates Bonfim, Valter Pompeu, Alfeu Aboim, Plácido Castelo, Jäder de Carvalho e tantos outros jovens intelectuais, na sua maioria ainda estudantes. Era um partido idealista, cujos princípios fundamentais eram: a arregimentação eleitoral das classes; o combate ao latifúndio; a luta contra a arma política do Congresso; a fiscalização das eleições e moralização do voto e a arregimentação dos operários em forte núcleo eleitoral¹⁰³

Ao longo de toda a vida nunca deixaria de participar da política brasileira, chegando a se candidatar e a apoiar a Revolução de 1930. Quando os rumos mudaram, chegou a ser espancado e perseguido pelo próprio regime que apoiara. Em 1928, ano de fundação do jornal *O Povo*, subiu ao poder do estado Matos Peixoto que, em menos de dois anos, seria deposto com apoio direto de Demócrito Rocha.

Para além da política, o jornalista baiano tinha interesse também pela renovação literária do Estado. Antenado nas correntes modernistas do Centro-Sul, foi uma das pontas de lança do desenvolvimento de um modernismo bem cearense, que teria como consequência, em médio prazo a introdução da própria Rachel de Queiroz nos círculos nacionais mais importantes.

Mesmo tendo nascido sob influência dos ideais europeus de começo do século, o movimento modernista, como demonstra Silva Brito, ansiava por uma literatura autêntica, nacional, identitária desde seus primeiros passos, ainda no final da década de 1910¹⁰⁴. Já em 1920, acontecida a famosa Semana de Arte Moderna, o movimento

¹⁰³ PONTES, C. B. p. 20.

¹⁰⁴ Ver BRITO, M. da S. **História do Modernismo Brasileiro**: Antecedentes da Semana de Arte Moderna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 6ª Ed. 1997.

gerou, em 1924, o “Manifesto da Poesia Pau-Brasil, de Oswald de Andrade – que originaria a *Revista de Antropofagia* em 1928, e, em 1926 surgiu o Grupo Verde-Amarelo com seu manifesto de 1929.

Nas ambiguidades de um movimento complexo e multifacetado, a característica nacional era o que realmente unia as diversas correntes, aliada às críticas ao Realismo e ao Naturalismo, ao Parnasianismo e ao Romantismo no que tangia “a seu aspecto piegas, sentimental e lamecha”¹⁰⁵. Mesmo as críticas ao regionalismo, eram críticas ao exagero naturalista e às figuras do caboclo do interior, como o de um *Jeca Tatu* lobatiano.

A nosso ver, ao pensarmos a influência do modernismo em nossas letras e na formação do cânone, podemos associar esse desprezo pelo Romantismo com o obscurecimento de grande parte da literatura de autoria feminina do século XIX. Esta escrita, aliada ao que as mocinhas liam nos anos 20 (romances da *Bibliothèque Rose*, por exemplo), era menosprezada pelos modernistas com o nome pejorativamente repetido de *literatura feminina*, literatura água-com-açúcar - um estereótipo que reforçava a associação entre mulher e futilidade, romance, sentimentalismo.

Em 1925, Guilherme de Almeida (1890-1969), poeta modernista, viajou por vários estados do nordeste do Brasil, e apresentou no Teatro José de Alencar, de Fortaleza, a conferência “A revelação do Brasil pela poesia moderna”. Não se sabe se por influência mesmo de Almeida, mas pouco menos de dois anos depois, foi editado pela Tipografia Urânia, o *Canto Novo da Raça*, primeiro livro cearense de poemas com clara influência modernista. Entre os autores, alguns amigos de Rachel: Jäder de Carvalho e Pereira Júnior¹⁰⁶.

O primeiro, o mais telúrico dos autores, ainda um pouco preso ao Penumbrismo, possui características tipicamente modernistas, como a sátira. Em relação à mulher moderna, escreve:

Teu cabelo à Rodolfo,
tuas olheiras românticas,
teus quadris inquietos e atordoadores,
teus seios bico-de-pássaro

¹⁰⁵ BRITO, M. S. **Op. Cit.** p. 191.

¹⁰⁶ AZEVEDO, S. **O modernismo na poesia cearense: primeiros tempos.** Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 1995. Agradeço imensamente a Maria Cecília Cunha pela indicação desta obra de Azevedo.

-dão-me a ideia cabal deste século ultra-chic!
Ontem, quando deixavas o cinema,
- o colo nu,
os braços nus,
a perna escandalosamente nua,
eu tive a súbita impressão de que,
na bolsa de ouro a te pender da mão,
vinha (de precavida que és)
-o teu vestido...¹⁰⁷

De forma geral, o pensamento sobre a modernidade de começos do século - sua velocidade, maquinaria, tecnologia - está ligado também à modernidade feminina e ao medo de seu despudoramento, seu avanço, sua presença constante no espaço público.

O Canto novo da Raça, apesar de seus traços românticos e simbolistas, já trazia características modernas, como o verso livre e a sátira, como demonstramos. Permeia em alguns autores do livro um tom patriótico, telúrico e mesmo regionalista, a descrição sobre as mudanças urbanas do início do século, o cinema, o automóvel, a cidade, as fábricas, o americanismo. Aliado a isso, percebe-se uma constante preocupação social por parte dos cearenses, transmitida no tom de documentário dado aos relatos. O Ceará foi um dos primeiros estados brasileiros a tomar conhecimento da Semana de Arte Moderna de 1922 e procurar cooperar, de sua forma, com o movimento¹⁰⁸.

É Demócrito Rocha que, ao fundar *O Povo* em 1928, vai concentrar em torno de si a juventude intelectual da capital cearense. Preocupado com a renovação literária, fará de seu periódico um dos principais difusores do modernismo cearense, agregando os nomes de Jáder de Carvalho, Pereira Júnior, Paulo Sarasate, Mário Sobreira de Andrade, Heitor Marçal, Franklin Nascimento e outros.

Através da sessão *Modernos e Passadistas*, onde aglutinava - como percebemos pelo próprio título -, as várias gerações de escritores ainda vivos nos anos 20, Demócrito laçou também Rachel de Queiroz neste empreendimento. Desde *O Ceará*, quando começara a conviver com a jovem professora, logo simpatizou com ela. Ao fundar seu próprio jornal, Rachel passou a figurar entre os principais nomes que colaboravam com o periódico.

Já em janeiro de 1929, Demócrito publicou o poema mais representativo do modernismo cearense, pelo qual o autor ficou conhecido mesmo no Centro-Sul:

¹⁰⁷ CARVALHO, J. Apud. AZEVEDO, S. **Op. Cit.** p. 25.

¹⁰⁸ AZEVEDO, S. de. **Op. Cit.** p. 35.

O Rio Jaguaribe é uma veia aberta
Por onde escorre
E se perde
O sangue do Ceará
O mar não se tinge de vermelho
Porque o sangue do Ceará
é azul...
(...)
E o pobre doente – o Ceará – anemiado
Esquelético pedinte e desnutrido –
- a vasta rede capilar a queimar-se na soalheira
É o gigante com a artéria aberta
Resistindo e morrendo
Resistindo e morrendo
Resistindo e morrendo
Morrendo e resistindo...

Afirma o pesquisador Sânzio de Azevedo que este poema foi, posteriormente, publicado na *Revista de Antropofagia* em São Paulo. Nesta publicação, logo abaixo do poema vinha esta nota: “(Este poema foi escrito por Antônio Garrido – pseudônimo de Demócrito. Quando a União mandar construir a barragem de Orós, venham vocês do sul ver o que é o Ceará. O que nos falta é a água em que vocês aí morrem afogados)”¹⁰⁹. Orós será tema também para Rachel, como veremos mais à frente.

Por este tempo, o jornalista baiano é quem dá o tom do modernismo cearense, com suas ênfases na terra, no regional e, por vezes, no indianismo. Todos, temas que Rachel de Queiroz também abordará em suas poesias desta época. Parte do que a autora escreveu foi publicado no *O Ceará*, no *O Povo*, na revista *Jandaia* ou ficou guardado a sete chaves até bem pouco tempo atrás. As comemorações do centenário em 2010 serviram, assim, como uma grande corrida por publicações inéditas da autora.

A aproximação entre Rachel e os cearenses seduzidos pelo modernismo se deu principalmente através do convívio no *O Povo*. Sua contribuição ao modernismo literário saiu nos dois únicos números da revista *Maracajá*, suplemento literário do jornal de Demócrito Rocha. Sinônimo de Maracajá: Jaguatirica. Supomos daí a proposta da revista, sua força e ataque...

Na verdade, não foi só esta revista que surgiu na época, como reflexo das propostas modernistas: *Estética*, no Rio em 1924; *Terra Roxa e Outras Terras*, em São Paulo, em 1926; *Revista de Antropofagia*, em São Paulo, em 1928, como *Papel e Tinta*; *Revista do Brasil*, na fase do Rio de Janeiro, de 1925 a 1926; *Festa*, também no Rio, de 1927 a 1929, com repique em 1934; *Movimento*, depois chamada *Movimento*

¹⁰⁹ AZEVEDO, S. de. **Op. Cit.** p. 58.

Brasileiro, de 1928 a 1930; *A Revista*, de Belo Horizonte, em 1925; *Verde*, em Vataguas em 1928; *Elétrica*, em Itanhandú, em 1928 e 1929; *Novíssima*, em São Paulo, em 1926; *Arco e Flecha*, na Bahia em 1928; *Madrugada* em Porto Alegre, em 1929 e inúmeras outras¹¹⁰

O primeiro número de *Maracajá* foi lançado em 07 de abril de 1927, editada por Demócrito, Sarasate e Mário de Andrade (do Norte), destinava-se a reverberar o modernismo por terras nordestinas. Era marcado pelo regionalismo e indianismo. Rachel já figurava neste número, com seu “Se eu fosse escrever meu Manifesto Artístico”. Mesmo antes disso, a autora já tinha se pronunciado publicamente em relação ao movimento sulista¹¹¹. Ainda para *O Ceará* arriscou alguns palpites e escreveu artigo interessante, posicionando-se acerca das correntes modernistas que estream no Centro-Sul do país:

Há, atualmente, uma corrente artístico literária sadia e rejuvenecedora que procura despertar na alma do brasileiro atual o aborígene morto ou adormecido.
À frente desse movimento surgem espíritos novos, brilhantes e empreendedores, como Plínio Salgado, Cassiano Ricardo e Cardilho Filho, que empolgantemente nos falam de Tupiretama, o sonho gigantesco a raça brasileira, Tupiretama a pátria imensa da gente tupi (...)¹¹²

Tecendo elogio à corrente mais ufanista do modernismo brasileiro em busca do verdadeiro Brasil, representada pelo verde-amarelismo¹¹³, a autora exalta também o sangue indígena da nação, sangue que no Ceará, marcou fortemente a formação da sociedade, devido à presença e à guerra contra os indígenas desde o começo da colonização. O nacionalismo para ela encontra ecos no regionalismo, na valorização do local, sentimento que tomará cada vez mais forma e marcará sua literatura ao longo dos mais de setenta anos de carreira.

Indianismo por indianismo, no próprio estado do Ceará, seu ascendente, José de Alencar, teria sido pioneiro na representação do indígena na literatura ainda no século XIX, exaltando-o na formação da nacionalidade. Assim também, Maria Firmina dos

¹¹⁰ SODRÉ, N. W. **Op. Cit.** p. 417.

¹¹¹ Ver também o estudo de Elvia Bezerra sobre os primeiros escritos de Rachel de Queiroz em: QUEIROZ, R. de. **Mandacaru**. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2010.

¹¹² QUEIROZ, R. de. **Artigo para O Ceará**. 08.04.1928. (AJAB). Manuscrito.

¹¹³ OLIVEIRA, L. L. Sinais da modernidade na Era Vargas: vida literária, cinema, rádio. In: FERREIRA, J. & DELGADO, L. (Org.). **O Brasil Republicano**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 328.

Reis, no Maranhão, com suas poesias e romances, problematizaria as relação entre brancos, negros e índios.

No entanto, em 1920, o índio Peri, romantizado e artificial, não cabe mais na era urbana e tecnológica defendida pelos modernistas¹¹⁴. Mesmo o regionalismo de um Monteiro Lobato, no começo do XX, era profundamente questionado.

Com a volta à nacionalidade, ao longo da década de 20, no entanto, o regional ressurge como possível caminho, tem de ser repensado. Já em 24, no estado vizinho de Pernambuco, os ideais modernistas são levados em conta. Em 1926, ocorre o Primeiro Congresso Regionalista, em Recife. Neste congresso Gilberto Freyre anuncia seu manifesto em prol da valorização do regionalismo sem, no entanto, rejeitar o nacionalismo¹¹⁵: “É dentro desse espírito de reinvenção do Brasil que se volta para eventos do passado ou para mitos que teriam dado origem ao povo brasileiro. Tudo em busca de sua autenticidade”¹¹⁶.

Os cearenses, donos de Peri desde o nascimento - por ser Alencar fruto desta mesma terra -, não podem abandoná-lo nesse descaso todo. O reinventam, portanto.

Como é característico do intelectual desta época, a literatura não se separava da análise social, estava intrinsecamente envolvida com ela, com seu contexto e em diálogo com as mudanças de seu tempo, com o avanço da própria modernidade. Daí a integração da quase totalidade da intelectualidade brasileira desta época nas mais diversas correntes políticas: fascistas, comunistas, liberais.

Conta Luís Bueno que uma parte significativa da literatura que começa a se formar nos anos vinte e adentra o espaço do romance nos anos 30 era fortemente crítica das posições do modernismo de 22. Periódicos como o carioca *Lanterna Verde* acusavam-no de não conseguir construir o que quer que fosse, mesmo tendo colocado em cheque o academicismo anterior. A geração de 30, portanto, constrói a si mesma,, muitas vezes, criticando o movimento anterior e não se filiando, necessariamente, a ele, como costumamos pensar. A grande preocupação com os problemas sociais e com o

¹¹⁴ BRITO, M. da S. **Op. Cit.** p. 189.

¹¹⁵ FREYRE, G. **Manifesto Regionalista**. In: <http://www.arq.ufsc.br/arq5625/modulo2modernidade/manifestos/manifestoregionalista.htm>. Acessado em 28.05.2010.

¹¹⁶ OLIVEIRA, L. L. **Op Cit.** p. 327.

regional é o que move esta geração, destacando-se, aí, intelectuais que defenderão posições políticas as mais diversas nas décadas seguintes ¹¹⁷.

Rachel, em sua opinião a favor do verde-amarelismo em 1928, opta pela corrente que mais se aproxima do que os cearenses pensam sobre a modernidade na literatura nacional. No entanto, as posições entre eles vão variar. Às vezes, filiam-se ao Movimento Pau-Brasil. Às vezes, ao Anta. Nesta confusão de movimentos descendentes da Semana de 22, o que importa é que os cearenses posicionam-se a favor do regional integrado ao nacional, independentemente dos nomes das correntes.

Vale, neste sentido, comentarmos um pequeno estudo de 1928, feito por Mário de Andrade (provavelmente, o do Norte) a pedido de Sarasate e publicado no *O Povo*, sobre o modernismo cearense. Apesar de criticar grande parte dos autores pelo extremo regionalismo que não cumpria, enfim, os princípios modernistas de universalidade, há uma análise específica acerca de Rita de Queluz a 31 de dezembro de 1928:

Rita de Queluz e o primitivismo

Rita de Queluz quer fazer *primitivismo modernista*...

Paradoxal, sem dúvida. “Tupan” [poema de Rachel] veio reforçar o paradoxo.

Entretanto, ninguém lhe tirará o talento. A cultura. Rita de Queluz é, no Ceará, e talvez no norte, a mais avançada mentalidade feminina.

Mas eu a conheci aplaudindo uns versos do Bastos Portella...

Que dirá Maria de Lacerda?¹¹⁸

Rachel é, aqui, a expressão, por excelência, de aspectos do moderno e do tradicional neste tempo de ambiguidades, em que as correntes literárias parecem, realmente, oscilar entre estes pólos¹¹⁹. Mais uma vez, Rachel é elemento de transição e, portanto, de contradição. Aliás, o paradoxo seria desde já uma das suas grandes características. Fazendo um parêntese, engraçado observar que o paradoxo que nós, leitores, identificamos, pode ser substituído, no caso de Rachel, mais por busca de autenticidade e independência intelectual.

O artigo refere-se, portanto, ao poema *Tupan*, publicado por Rita de Queluz em primeiro de dezembro do mesmo ano:

¹¹⁷ BUENO, L. **Uma história do romance de 30**. São Paulo/Campinas: Edusp/Ed. Unicamp, 2006. p. 43 a 49. Intelectuais mais conservadores, refiro-me a Tristão de Athayde (Alceu Amoroso Lima), Octávio de Faria e a própria Rachel de Queiroz a partir dos anos 1940.

¹¹⁸ ANDRADE, M. Modernismo brasileiro. **O Povo**. 31.12.1928. (ABPF).

¹¹⁹ OLIVEIRA, L.L. **Op Cit.** p. 328.

De primeiro, Tupan era o pavor das tribos...
 Só falava em resmungados tonitroantes, na linguagem retumbante dos trovões,
 Sinistro e vingativo
 Cuspia raios sobre as tabas encolhidas,
 Arredondadas de medo, no arrocho das estacadas;
 Riscava o céu de relâmpagos, cobria a terra de chuva,
 Empurrava com mão forte parás d'água nas enchentes,
 E engulia diariamente a grande brasa do sol...
 E o esquadrão de Tupan que operava nas matas e nos rios!...
 -Curupiras, caaporas, botos, sacis-pererês, boitatás e jacamins;
 Lindas yaras de verdes cabelos soltos boiando,
 Fazedoiras dos encantos no reino da cobra-grande...
 Foi preciso que surgisse a turba santa de pagés
 Que cachimbando esconjuros, matracando os maracás,
 Procurava serenar o mau gênio de Tupan...
 Depois, quando foram vindo os brancos de saia preta
 Com tristes paus encruzados – tabus sagrados da crença –
 Modificaram a imagem de Tupan
 Derrubaram a cabana do pagé,
 E aboliram o cachimbo e o maracá¹²⁰.

Nesta polêmica em relação ao poema *Tupã*, várias questões colocam-se para além do paradoxo primitivista e modernista de Rachel. Destacaremos algumas. Em primeiro lugar, seu diálogo com um movimento em torno do modernismo já está estabelecido; Rachel tem conhecimento das discussões no Centro-Sul e elabora suas próprias posições frente a ele. É celebrada pelo periódico em meio aos demais escritores, ainda que sua ambiguidade seja sempre o diálogo entre o tradicional e o moderno. Percebemos este aspecto também em 1929, em seu Manifesto regionalista¹²¹:

Eu canto a alma de minha Terra e a alma de minha gente.
 Canto o meu sol ardente, amoroso e ruivo, que é o mais pessoal e característico de todos os sóis do mundo.
 (...)
 Dizem que a arte deve ser universal. Mas afinal, o que é que exprime universalmente a nossa arte?
 Transformá-la numa colcha de retalhos cosmopolitas ou lhe dar um perfil caracteristicamente brasileiro que a faça distinguir-se em meio ao concerto artístico universal?
 Retalhando-a, espalhando-a, fracionada e anônima, por outros povos e por outras artes, operando um trabalho de dispersão, já praticado por dois séculos de literatura, dividindo-se pelos deuses da Grécia, pelas nevróticas perversões byronianas, pelo heroico preciosismo de

¹²⁰ QUEIROZ, R. de. Tupan. *O Povo*. 01.12.1928. (ABPF).

¹²¹ Conta Rachel que “Rebento de *O Povo* – aliás, seu suplemento literário – pelos meados de 1929 fundou-se um jornalzinho, *Maracajá*. Assinavam como ‘A redação’ Paulo Sarasate, Mário de Andrade (do Norte), e Demócrito, sob o pseudônimo de Antônio Garrido. Destinava-se *Maracajá* a pregar o modernismo pelas terras nordestinas, e nele todos nós desferimos vôo, convencidos de que fazer modernismo era escrever regionalismo com grande gosto de índios, antas, cocares e mais brasilidades, em frases de três palavras. Sei que tivemos a glória insigne de nos ver lidos e comentados por alguns dos grandes do Rio e S. Paulo – para nós as duas metaes inacessíveis do Paraíso”. In: QUEIROZ, R. Prefácio. (1989). p. 08.

Hugo, pela doentia extravagância do nefelibatismo, penumbrismo, futurismo, e quejandas contorsões de decadência?¹²²

Ainda em 1929, a *Revista de Antropofagia* – de Oswald e Raul Bopp –, passou a ser uma página do *Diário de São Paulo*. Neste mesmo ano, reproduziu diversas matérias de *Maracajá*, sendo inclusive esta revista analisada por um dos maiores críticos literários já à época, Tristão de Athayde, que a classificou como um misto de dinamismo e neo-indianismo¹²³.

No trecho do manifesto de Rachel de Queiroz, percebemos sua afronta ao modernismo nos moldes de 22, numa crítica ao seu cosmopolitismo e concentração regional. A autora não teme em defender sua opinião e afirmar algo interessante: a literatura testemunho e seu cunho social. Continua o manifesto:

Além do que, só compreendo e admiro uma manifestação artística quando é espontânea e sincera.

E, sinceramente, espontaneamente, meu coração só pode sentir e cantar o que sente e canta minha raça.

(...)

Eis porque sou nacionalista, eis porque dentro de meu nacionalismo inda me estreito mais ao círculo de meu regionalismo.

É que sinto que quanto mais próxima a paisagem, quanto mais íntimo o motivo de inspiração, quanto mais integrado o artista com o modelo, mais fiel, mais espontânea e sincera será sua interpretação

Eis porque eu canto o sertão, o sol, o Orós, as carnaúbas, o algodão, os seringueiros, os vaqueiros, a caatinga, a Amazônia, a praça do Ferreira e o Cariri; eis porque canto o presente tumultuoso de minha terra e o seu passado tão curto, tão claro, tão cheio de expansão e vitalidade, que é quase um outro presente¹²⁴.

Para se posicionar frente ao monopólio do modernismo paulista até então, Rachel defende a sinceridade, não poder tratar do que não conhece. E o que conhece é sua terra, seu povo. Chama este sentimento de “regionalismo”. Prova a imensidão do país e acaba criticando a centralização cultural em um estado com tantos privilégios, como São Paulo. É uma ousadia. Rachel de Queiroz prova pouco antes do *O Quinze*, que sabe muito bem sobre o que trata, como se posiciona. É bom lembrar que, por esta época, tem apenas dezoito anos.

O segundo número da revista *Maracajá*, de 26 de maio do mesmo ano, transita entre a Antropofagia, o Grupo da Anta e o Verde-Amarelismo. Rachel, mais uma vez,

¹²² Reeditado em *O Povo*. 14.04.2010. p. 12. (ABPF)

¹²³ Pseudônimo do pensador e intelectual católico, Alceu Amoroso Lima. AZEVEDO, S. de. **Op. Cit.** p. 50.

¹²⁴ *Op. Cit.* **O Povo**. 14.04.2010. p. 12.

posiciona-se junto a este último¹²⁵. A revista, desta vez, traz entre os autores também Suzana de Alencar Guimarães, companheira de Rachel na redação do *O Ceará* e do *O Povo*.

Em livro dos anos 1990, Rachel define a literatura de Suzana como “um tipo de literatura feminina da época”¹²⁶. Infelizmente, não pudemos mapear a produção desta escritora, também muito ativa nas revistas e jornais cearenses, apesar de ser um tanto mais velha que Rachel de Queiroz.

Sem explicar o que significa essa literatura feminina, mais uma vez, logo vem à nossa cabeça os estereótipos do sentimentalismo, romantismo, futilidade. No entanto, Suzana frequentava os mesmos círculos renovadores e modernistas que Rachel. É uma personagem peculiar nesta história toda que procuramos entender, mas que, infelizmente, como dito anteriormente, não temos fontes suficientes para explorar.

Até o jornal *O Ceará* lança suplemento literário em 1929, o *Tangapema*, também de conhecimento dos paulistas. Esta comunicação, aliás, é feita muito provavelmente, por meio de Raul Bopp (1898-1984), intelectual responsável pela *Revista de Antropofagia* junto a Oswald de Andrade. Bopp é nome corrente nos jornais *O Povo* e também escreve na *Maracajá*.

Por aí, não é difícil percebermos o diálogo entre as partes e o conhecimento mútuo dos respectivos movimentos nos dois estados. Deixando nossa inocência de lado, percebemos que ao publicar *O Quinze*, Rachel de Queiroz já era conhecida ao menos por nome na capital paulista e quiçá, na capital nacional.

Retomando um pouco o que vimos até agora, desde o tópico anterior desta dissertação, percebemos a variedade de temas e a profusão da escrita racheliana neste período; um período de apenas três anos, entre 1927 e 1930. Começa com uma jovem de dezesseis anos, recém formada pela Escola Normal na capital cearense, descendente de uma importante família do Estado. Em menos de três anos esta jovem integra o jornalismo independente, escreve um manifesto, poemas e crônicas para diversos jornais e revistas, participa dos círculos literários da capital – círculo muitas vezes boêmio -, posiciona-se frente à principal corrente literária da época, trata de temas referentes não só ao regional, mas à sua própria vivência pessoal – modernização, urbanidade,

¹²⁵ BEZERRA, E. Nota e flor do nosso povo. In: QUEIROZ, R. de. **Mandacaru**. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2010. P. 39.

¹²⁶ QUEIROZ, R. de. & QUEIROZ, M. L. de. **Tantos Anos**. Rio de Janeiro: ARX, 1999. P. 29.

velocidade, tecnologia, mulher moderna, etc. Conclui-se que, para além exclusivamente do conteúdo de seus textos, seu caminho intelectual impressiona ainda hoje.

Mas falta, ainda, cavucarmos mais uma relíquia destes tempos imemoriais de Rachel de Queiroz. Relíquia escondida a sete chaves, há muito pouco tempo revelada. Conta Élvia Bezerra que Alba Frota, grande amiga da nossa escritora e falecida nos anos 1960, era também uma exímia arquivista. Guardou tudo que pôde e que fosse referente a Rachel de Queiroz. Foi a ela que a escritora cearense inclusive confiou os originais de seu primeiro livro de poesias¹²⁷.

Em vida, Rachel nunca quis que o publicassem, mesmo que corresse entre os meios intelectuais boatos sobre a existência de tais originais. Somente no ano de 2010, o Instituto Moreira Salles (IMS) publicou, em edição *fac-símile*, os originais de *Mandacaru*, primeiro livro de Rachel de Queiroz, escrito em 1928 e exclusivo de poesias, envolto em mil histórias, testemunho de um tempo de ebulição na vida da jovem, ainda jornalista.

A edição, de um cuidado primoroso do IMS, revela a firmeza de pensamento da autora, com apenas dezessete anos de idade, por aqueles tempos. Apesar de nunca editado, quatro de seus dez poemas foram publicados em jornais e revistas entre 1929 e 1931¹²⁸. Para Bezerra, os poemas já estabelecem o vínculo entre eles e a prosa de *O Quinze*, por seus temas, sua objetividade, a análise dos problemas sociais e a celebração de sua região¹²⁹.

Livro-fonte de extrema importância para as letras e para os estudos rachelianos, *Mandacaru* começa com uma pequena introdução escrita pela autora cearense e dirigida aos Novos do Sul. Apesar de ser um texto extenso, vamos reproduzi-lo por completo, devido à riqueza de informações:

A vocês, **Novos do Sul**, que iniciam o grande **movimento de brasilidade**, é que me dirijo na primeira página de *Mandacaru*.

Daqui, embora de tão longe, daqui da terra sempre iluminada pelo fogo de um sol eterno, eu sigo os triunfos, as indecisões, as lutas em que vocês se debatem, no afã de despirem o Brasil da velha e surrada casaca europeia, de o fazerem vestir uma roupa mais nossa, feita do algodão da terra, e onde ele possa trabalhar e produzir, liberto do acocho que o entravava.

¹²⁷ BEZERRA, E. **Op. Cit.** p. 48.

¹²⁸ Ver nota 126.

¹²⁹ BEZERRA, E. **Op. Cit.** p. 53.

Talvez porque lhes aplaudo o programa, porque acredito no messianismo do movimento que vocês impulsionam, porque comungo na mesma ambição, tenho me podido orientar nesse tumultuar de primórdios, nessa confusão de seitas artística, em que as vozes de vocês exigem e proclamam uma reforma que de há muito se impunha, e me tenho maravilhado com as manifestações de arte sadia, original e espontânea, que sempre surgem, embelezando e individualizando a obra de cada um.

Mandacaru é um dos balbucios com que nós, os do Nordeste, tentamos colaborar na grande harmonia nacional que vocês executam.

É indeciso e vacilante como todas as estreias. Vê-se bem, pelo aferro com que me cinjo e preceitos talvez comezinhos do novo código, a intolerância apaixonada de recém-iniciada, **o entusiasmo pueril de uns dezoito anos ainda incompletos**; e ao mesmo tempo o velho calo simbolista ainda se faz sentir, os voos de Condoreirismo barato ainda se iniciam, **ainda permanecem fragmentos dessa crosta lírica**, que nós os da grande terra verde e amarela só conseguimos extirpar depois de alguns anos e muita boa vontade, porque ela traz em si a força atávica de várias gerações: nosso avô amou através de Casimiro; o tio combateu os escravagistas e fundou *clubs* libertadores, estribilhando epicamente o “*Deus, ó Deus onde estás que não respondes?!*”. Nosso pai conquistou sua dama, recitando ao pé do piano que mastigava a “Dalila” o “Ainda uma vez – Adeus!”, e fomos embalados pela versalhada arcádica do “*Bem sei que tu me desprezas...*”.

Talvez os traços do velho Simbolismo romântico se denunciem logo no título que escolhi; mas convenhamos! Creio que a arte moderna não nos proíbe o uso de uma imagem que reputamos feliz.

E eu nada encontrei que melhor exprimisse a alma de nossa raça do que o mandacaru bizonho, isolado, de aparência inútil e agressiva, que resiste sozinho aos fogaréus do sol, na tortura da seca, e é a nutrição, a salvação da pobre rês faminta e insolada, quando todas as árvores morrem, a clorofila foge, e a frescura da terra emigra, atraída pelo céu.

Eu quis abrir o coração de minha gente e mostrá-lo a vocês.

Aí envio, com toda a ternura de que dispõem minhas mãos de mulher, com todo o ardor entusiástico em que vibra a saúde brasileira de minha mocidade¹³⁰.(grifo nosso)

Este prefácio é interessante por inúmeros fatores. Enquanto prefácio, visa desde a primeira página, imprimir “maneiras de ler”¹³¹ a um possível destinatário. Neste caso, uma maneira um tanto explicativa, justificativa e humilde. Cumpre destacar a ousadia da estreante em escrevê-lo, em dirigí-lo aos modernistas do Centro-Sul, em posicionar-se e defender sua visão de brasilidade, de modernidade, de nacional. Coloca-se como representante da literatura moderna feita no Nordeste.

Se há uma ousadia neste sentido, há um receio de outro. O livro nunca foi publicado. Pouquíssimas pessoas o leram, e, muito menos, os “Novos do Sul”. Rachel abortou seus primeiros poemas antes mesmo de nascerem em forma de livro, deu-os a sua melhor amiga e nunca mais quis saber. Se Alba Frota não os tivesse guardado, menos ainda saberíamos nós.

Tendo escrito vários poemas entre 1927 e 1930, a própria Rachel ajudou na construção de um marco zero em sua trajetória biográfica, ao escondê-los ou ignorá-los. Sua autocrítica sempre foi muito severa, como podemos perceber pelo próprio prefácio

¹³⁰ QUEIROZ, R. de. **Op. Cit.** (2010). p. 67.

¹³¹ CHARTIER, R. **Práticas da Leitura.** São Paulo: Estação Liberdade, 2000. p. 245.

acima citado, ou quando a autora afirma em entrevistas nunca reler seus livros, após serem publicados, achando-os ruins.

Prefaciando pedindo desculpas foi uma característica racheliana nestes primeiros textos. Desculpas por ser tão jovem e, provavelmente, ingênua. Desculpas pela ousadia. Uma ousadia que, ao menos, traz toda “a ternura de que dispõem minhas mãos de mulher”. É quase como pedir desculpas por pensar e ter coragem de se manifestar em público. O medo que as autoras mulheres têm do espaço público, nesta época, é corrente. O medo do julgamento de seus confrades. O medo de ter dado um passo maior do que o espaço lhe permitia. Medo de ser mais.

Somente dois anos depois, esquecido o pequeno livro de poesias, Rachel teve coragem de mandar originais de um outro livro ao Centro-Sul, a escritores expressivos do movimento modernista. No entanto, como destaca Bezerra, *Mandacaru* está intimamente ligado ao livro posterior, *O Quinze*. Apresenta temas que serão melhor trabalhados no romance. Anuncia problemáticas sociais que permearão toda a obra posterior de Rachel. *Mandacaru* é um documento de grande importância pelo que traz em seu conteúdo e pela história que envolve sua própria publicação. Uma publicação que não conheceu recepção nos anos 20, que só pôde ser lido agora, quase cem anos depois, publicação vista com os olhos de hoje.

O pequeno livro é composto por dez poemas, os primeiros escritos a mão, os últimos datilografados. São eles: **Nheengarêçaua, D. Bárbara de Alencar, O êxodo, O Acre, Nascimento, Cedro, Orós, Meu padrinho, Lampião e Renda da terra**¹³².

Pelos próprios títulos percebemos como vários destes temas estarão presentes nas obras posteriores de Rachel, seja em suas crônicas, seja em suas peças de teatro ou romances. Em geral, o livro é o que propõe o prefácio, uma celebração da “Terra do sol”, do Ceará. Celebração que traz críticas sociais, pedidos de ajuda, um pouco de história e um relato das tradições.

Nheengarêçaua

Homem do Sul, você que conhece a geada e o frio,
Você que já viu primavera,
Inverno, outono como na Europa,

¹³² **Nheengarêçaua** foi publicado em *O Povo* a 07.01.1930 e em *O Cruzeiro* de 22.02.1930; **Renda da Terra** em *O Cruzeiro* de 23.11.1929; **Meu padrinho** em *A Jandaia* de 14.12.1929 e em *O Povo* de 21.12.1930; e **Lampião** na revista *Cipó de fogo* de 27.09.1931. BEZERRA, E. Nata e flor do nosso povo. In: QUEIROZ, R. de. **Op. Cit.** (2010). p. 49.

Você não sabe o que é o sol!

Você não imagina
O que é o céu sem nuvens por meses seguidos
O que é o sol bater de chapa na terra fulva
Trezentos dias encarrilhados!...

Ao meio-dia
Nos tempos de fogo em que o sol é rei,
O ar é tão fino e tão frágil,
Que treme...
O sol fura-o de luz, igualzinho à rendeira
Pinicando de espinhos a trama dos bilros...

Você nunca veio até cá...
“- Ceará”...
Retirante, sol quente, miséria...”

O sol do Nordeste foi feito somente
Pra os olhos com medo dos filhos da terra...
O filho da terra, pequeno e feioso,
Que é como o mandacaru:
Quando a tragédia seca escorraça a vida e absorve as seivas,
Só ele, isolado
No meio da caatinga que se apinha
E estende para o céu a lamúria em cinza dos galhos secos,
Luta, verdeja, encontra seiva e vive
Macambúzio e erriçado...

E, entanto, essa gente que mora tão longe
É a mesma que mora nas terras do Norte...
Se o sangue do Sul caldeou-se com o branco imigrante
Numa fecunda mistura,
Ainda existe em suas veias mestiças
Esta seiva que o Norte tem pura...

E, se somos irmãos,
Por que um laço mais forte de amor não nos prende?

Irmão longínquo, senhor das fábricas,
Dos cafeeiros, das minas, do ouro,
Eu quero que o meu poema
Faça as vezes de um vidro esfumado
Através do qual seu olhar deslumbrado
Possa ver esta terra candente do Norte...

Irmão longínquo, detentor da riqueza da Pátria,
Eu quero que as folhas abertas de meu poema
Sejam mãos estendidas
Para um abraço de fraternidade!¹³³

Nheengarêçaua significa “cantoria” em nheengatu, dialeto proveniente do tupi, como afirma a nota de rodapé dos editores. Começar por um poema referente à oralidade nos lembra já a observação feita no início desta dissertação acerca do narrar

¹³³ QUEIROZ, R. de. **Op. Cit.** (2010). p. 69-73.

oral, do contar histórias. Segundo De Certeau, a oralidade foi modificada por quatro séculos de trabalho ocidental que privilegiou a escrita. A cultura oral é, cada vez, mais rara, a não ser dentro dos sistemas escriturísticos onde reaparece, como no caso do poema racheliano¹³⁴.

Ao resgatar o indianismo, característica que marcou o modernismo cearense, Rachel começa pela característica da oralidade, da exaltação cantada, da celebração. O poema expõe também, por oposição, primeiramente, o clima diferente no Norte e no Sul, sendo este último mais próximo da Europa. Em seguida, opõe imigração branca e a mistura das raças à seiva pura do Norte. Também à urbanidade, tecnologia e riqueza dos amigos longínquos propõe que se voltem um momento para o outro lado do país, que possam enxergar a terra do sol candente, a seca, a caatinga, a lamúria.

No Ceará, o ar é furado pelo sol, como uma rendeira “pinicando de espinhos a trama dos bilros”. Tanto a oralidade como a imagem da rendeira, a proposta do abraço fraternal, as folhas abertas do poema, laços de amor, lembram climas familiares e soam como uma proposta feminina de congregação, ajuda, compreensão, fraternidade.

Ao mesmo tempo, a imagem da seca e do mandacaru – que dá título ao livro –, em muito, se parecem com a saga de Chico Bento no *O Quinze*, a saga dos vários retirantes que são escoraçados da terra pela seca implacável. Ou mesmo o personagem Vicente, aquele que permanece na terra, luta por ela até o fim, como o “macambúzio e erriçado” mandacará.

O poema que abre o livro traz, portanto, inúmeras referências à terra cearense, ao sertão, ao amor de Rachel de Queiroz pela terra, amor que permanece ao longo de toda vida. Se, em 1928, a autora ainda não tinha ideia de que teria uma carreira tão densa e longa, tinha ao menos paixões marcantes que a acompanharam sempre.

Nascimento, Lampião, Padre Cícero e Bárbara de Alencar são poemas que celebram a história do estado, a abolição, a violência. Serão temas repetidos nas crônicas rachelianas das décadas seguintes. O último celebra a presença da matriarca valente na memória cearense e conta a história de Bárbara Pereira de Alencar (1764-1831), uma das primeiras heroínas nacionais, que viveu na cidade do Crato (CE) e participou da Revolução Pernambucana de 1917 e da Confederação do Equador (1823),

¹³⁴ DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Vozes: Petrópolis, 1996. p. 222.

junto com seus filhos: José Martiniano Pereira de Alencar (1794-1860), pai do escritor José de Alencar, e Tristão Gonçalves Pereira de Alencar (1789-1825) ¹³⁵.

Já neste poema apresenta-se a característica racheliana de celebrar mulheres fortes, verdadeiras guerreiras destemidas, característica que terá seu ápice na personagem de Maria Moura, em livro já da década de 1990. Personagens que estão a meio caminho entre o feminino e o masculino. Estranhamente o mesmo lugar em que a crítica literária brasileira coloca Rachel de Queiroz, com uma leve ajuda da própria autora:

Já faz tempo que esta história aconteceu...
Talvez mais de cem anos...
E assim velha
É a história mais bonita que eu conheço...

(...)

Tinha o sol ante os olhos...
“Triunfar ou morrer” era o lema...

E uma mulher, de alma de aço afiada em dois gumes
- a bravura de fera a lutar pelas crias
E o arrojo viril dum apóstolo -, ¹³⁶
Empunhou a bandeira vermelha,
Acendeu os morteiros de guerra

E se fez a rainha ideal da revolta... ¹³⁷

Cedro e **Orós** tratam de dois açudes construídos no interior, o último ainda inacabado, em 1928, e que seria citado em 1929 por Demócrito Rocha na publicação de “O Rio Jaguaribe é uma artéria aberta” pela *Revista de Antropofagia*, em São Paulo.

Já o primeiro, o açude do Cedro, é, hoje, um ponto turístico da cidade de Quixadá, região onde a família de Rachel de Queiroz tinha suas fazendas. Foi construído no final do século XIX pelo Imperador D. Pedro II, dizem que com mão-de-obra escrava. Rachel ironiza ao final do poema:

E o Cedro grandiso
Grita, a se remirar no seu paredão alto,
Nos seus mosaicos,
Nos correntões que pendem em marcos de granito:
“- Cearense mendicante!
Olha pra mim! Vê como eu sou bonito!
Pesca meus peixes!

¹³⁵ QUEIROZ, R. de. **Op. Cit.** (2010). p. 137.

¹³⁷ QUEIROZ, R. de. **Op. Cit.** (2010). p. 75-81.

Alonga-me os canais!
Cultiva-me as vazantes!
Bebe e venera em mim a memória gloriosa
De S.M. o Imperador!”¹³⁸

Em ambos os poemas, **Orós** e **Cedro**, Rachel de Queiroz satiriza a participação de americanos e outros estrangeiros nos projetos de construção dos açudes, a corrupção e o superfaturamento das obras, o abandono e o descaso do governo.

O final do livro traz em seu último poema uma volta à cantoria. **Renda da terra** fala da cantiga da “cabocla que faz renda no alpendre, sentada ao chão” e continua:

Ela é pequena e redonda
E gostava de botar flor no cabelo.
Hoje, ela gosta mais de trazê-la à *la garçonne*...
Não repare na saia curta que ela tem;
A cabocla d’agora,
Mesmo de saia curta e de cabelo curto,
É a mesma cabocla de saia comprida de trança...¹³⁹

Interessante notar que o vestuário feminino e seu comportamento público foram temas dos modernistas no Ceará desde *Canto Novo da Raça*, em que Jáder de Carvalho satiriza a roupa curta de mulheres dos anos 20.

A própria Rachel já tinha escrito a crônica *A alma da melindrosa*, ironizando o comportamento fútil da mulher moderna. Tudo isto coopera com nosso argumento em não desvincular o modernismo brasileiro, mesmo o literário, da questão de gênero desta época, no que tange ao comportamento feminino, a sua entrada no mercado de trabalho, e à reflexão acerca de seu papel na sociedade. Conceição será o ápice desta reflexão racheliana nos anos 20/30, personagem muito parecida com a própria autora e que surpreenderá a crítica literária modernista, como veremos mais à frente.

Lampião, poema de *Mandacarú*, acaba por ser publicado em setembro de 1931, quando a revista *Cipó de fogo* é lançada. Esta, que não era suplemento de jornal nenhum, foi dirigida, “para todos os efeitos”, por Mário de Andrade (do Norte). Não teve o mesmo sucesso de *Maracajá*, mas, de pronto, afirmava que todos os modernistas do Ceará ali cooperavam, e, ainda, os de outros estados¹⁴⁰.

¹³⁸ QUEIROZ, R. de. **Op. Cit.** (2010). p. 105-109.

¹³⁹ QUEIROZ, R. de. **Op. Cit.** (2010). p. 131-135.

¹⁴⁰ AZEVEDO, S. de. **Op. Cit.** p. 70.

Nele escreveram, além de nossa autora e de Mário, João Jacques (irmão de Paulo Sarasate), Heitor Marçal, Jáder, Sidney Neto, Franklin Nascimento, Beni Carvalho e Leiria de Andrade. Os dois últimos, parnasianos convictos da cidade. Beni escrevia frequentemente para *O Povo* justamente na coluna *Modernos e passadistas*. Atitudes que explicam bem o clima de conciliação destes escritores cearenses, sua autonomia frente ao que chamam “moderno”. Revelam seu modo próprio de pensar, para além das definições paulistas do que seria ou deveria ser o movimento.

Mesmo porque o modernismo do sul iniciado nos anos 10/20 “começa por ser um movimento de São Paulo, não contra o Brasil, mas acima do Brasil. São Paulo, através de seus escritores, pretende alcançar a liderança cultural, reivindicando para si a direção da inteligência brasileira”¹⁴¹. Na segunda metade da década de 1920, a ideia já está espalhada, sua circularidade e efeito são então imprevisíveis.

Lampião traz personagens reais e fictícios do bando do cangaceiro, que andava pelo interior do Ceará e Pernambuco nas décadas iniciais do século XX. O poema vagueia em torno de uma briga entre o chefe do bando e Brasa Viva, seu mais corajoso cangaceiro. A briga relatada lembra a cena em que Rachel de Queiroz descreve o assassinato cometido no livro *João Miguel*, de 1932:

De repente,
A faca de um tateia e luz no ar
E se enterra no ventre de outro até ao cabo...
O vencido ajoelha
E cai, a escabujar numa poça de sangue...
Mas eis que o vencedor fraqueja num desmaio
E tomba como o outro,
Dentro do mesmo lamaçal sangrento...¹⁴²

Em 1958, Rachel de Queiroz aprofundaria o tema do temível cangaceiro que aterrorizou o interior nordestino na transição dos séculos em peça de nome **Lampião**, publicada pela José Olympio.

Percebemos como estes tempos são ricos na biografia racheliana, apesar de pouquíssimo citado por ela em suas entrevistas. Mesmo porque a entrevista é feita de perguntas e muito pouco sobre esse período é perguntado. Desvantagens de quando estabelecemos um ponto zero, uma iniciação, um começo mágico onde algum evento, quase como por milagre, se desvendaria.

¹⁴¹ BRITO, M. S. **Op. Cit.** p. 174.

¹⁴² QUEIROZ, R. de. **Op. Cit.** (2010). p. 123-129.

ENCRUZILHADA

(1927-1939)

Novo Dicionário Aurélio

Encruzilhada *sf.* **1.** Lugar onde se cruzam estradas ou caminhos. **2.** *Fig.* Situação de difícil opção entre alternativas equivalentes.

“Obra-prima, *tout court*”

Conta Socorro Acioli em biografia sobre a autora que era 1929 quando Rachel, então jornalista e professora da Escola Normal, viu-se com suspeita de tuberculose, a malfadada doença dos grandes escritores.

Proibida de ficar acordada até mais tarde, cercada de regras a cumprir, com o medo de sua mãe batendo sempre à porta, Rachel enfim sossegou a vida ativa que levava trabalhando na Escola Normal e sempre em contato com os círculos literários da capital cearense. Nesses dias mais quietos, sob a luz de um candeeiro, deitada de bruços, surgiu aquela “ousadia ingênua de ensaísta” – como descreve no prefácio de seu romance de estreia¹⁴³.

A tecitura do livro, no entanto, como já analisamos anteriormente, resultou de uma prática e de um diálogo com a literatura que vinha desde a infância e, profissionalmente há, pelo menos, três anos antes de 1930.

A edição de mil exemplares fora bancada pelo pai da autora, a quem ela prometeu pagar os dois contos e quinhentos de investimento e o fez assim que recebeu seu primeiro prêmio, no ano seguinte. A editora era a Gráfica Urânia, a mesma que editara o primeiro livro de poesias modernistas do estado, *O Canto Novo da Raça*¹⁴⁴, escrito por autores que, não por acaso, eram amigos ou conhecidos de Rachel.

As ilustrações foram feitas por um amigo¹⁴⁵, que carregou a mão num tom laranja visto a metro de distância, associado a uma imagem que lembra a cruz de Cristo, contraditório para uma jornalista que então trabalhava num periódico assumidamente anticlerical. Rachel não gostou muito da capa, mas era o que podia ser feito¹⁴⁶.

Temos que *O Quinze*, portanto, não foi um milagre, foi talvez um risco, uma ousadia não tão ingênua quanto parecia a primeira vista. Em diálogo com o movimento modernista do Centro-Sul há mais de dois anos, Rachel de Queiroz sabia exatamente o que estava plantando. Só não tinha como prever que aquele era terreno fértil e que a árvore plantada cresceria tanto.

¹⁴³ QUEIROZ, R. de. **O Quinze**. Fortaleza: Graphica Urânia, 1930. (AJAB).

¹⁴⁴ AZEVEDO, S. **O Modernismo na Poesia Cearense**. Fortaleza:Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 1995. P. 22.

¹⁴⁵ ACIOLI, S. **Rachel de Queiroz**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003. p. 57.

¹⁴⁶ ACIOLI, S. **Op Cit.** p. 57.

Quando passou a ser vendido pela Livraria Moraes em junho de 1930, estamparam-se propagandas do *O Quinze* nas páginas de *O Povo*. A livraria ficava a menos de 60m da Praça do Ferreira, centro cultural da cidade. Amigos de Rachel de Queiroz, também escritores ou jornalistas - Antônio Salles, Hyder Corrêa Lima e Renato Viana - forneceram uma lista de nomes no Norte, no Rio e em São Paulo para onde o romance deveria ser enviado¹⁴⁷.

Era comum desde o século anterior, que autores não consagrados, financiadores de suas próprias obras ou financiados por parentes e amigos, enviassem seus livros a jornalistas e críticos conhecidos. Já dizia Olavo Bilac em 1905, reclamando que “não há dia em que não cheguem a cada escritório de jornal três ou quatro volumes de versos e novelas. Vêm do extremo norte, do extremo sul, dos sertões, do centro, de todos os pontos do vasto país”¹⁴⁸.

A divulgação intencional para escritores do Centro-Sul revela o modo profissional com que Rachel encarava a literatura, para além da visão romântica do século XIX que estabelecia a literatura como algo para além do dinheiro e da recompensa material¹⁴⁹. Rachel queria dar-se a ver, acreditava em si mesma.

Pensando no próprio texto do *O Quinze* vemos Conceição, personagem central, consituindo-se enquanto mulher independente economicamente, professora da Escola Normal e escrevendo um manual didático, gênero literário com maior garantia de remuneração financeira no começo do século XX no Brasil¹⁵⁰.

A distribuição por conta própria, permeada pelos laços de amizade que então se desenvolviam ao longo do caminho, poderia ser utilizada como estratégia dos autores para dar-se a conhecer ou uma forma de distribuição da obra, na intenção de vendê-la. Conta Marisa Lajolo que mesmo Mário de Andrade, já reconhecido enquanto poeta modernista, pediu o auxílio de amigos como Manuel Bandeira e Prudente de Moraes

¹⁴⁷ QUEIROZ, R. de. & QUEIROZ, M. L. de. **Tantos Anos**. Rio de Janeiro: ARX, 1999. p.35.

¹⁴⁸ Apud. EL FAR, A. **O livro e a leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. p. 34.

¹⁴⁹ Marisa Lajolo discute muito bem este ponto em dois de seus livros. A segunda metade do século XIX e ainda começos do XX coloca o escritor numa “sinuca de bico”, uma vez que torna-se por vezes negativo procurar ganhar dinheiro com a escrita, o que vai se modificando com a profissionalização. Ver LAJOLO, M. & ZILBERMAN, R. **O preço da leitura**. São Paulo: Ática, 2001.

¹⁵⁰ LAJOLO, M. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1998. p. 91.

Neto para que o ajudassem na distribuição de *A escrava que não é Isaura* no Rio e em São Paulo, edição que ele próprio financiara¹⁵¹.

A circulação de exemplares por conta própria é, portanto, uma tática conhecida e marcaria ainda por longo tempo a trajetória de Rachel de Queiroz quando, já a partir dos anos 40, era ela quem receberia frequentemente textos de jovens escritores iniciantes esperando sua avaliação ou promoção, casos retratados nas crônicas do *O Cruzeiro*¹⁵². No caso de sua estreia nos anos 1930, ainda restrita ao campo literário de sua cidade, a distribuição para figuras conhecidas da capital era fundamental projetar-se ao menos entre os nomes mais referenciais da literatura da época.

A primeira edição de *O Quinze*, portanto, foi responsável por circular o nome de Rachel de Queiroz entre aqueles críticos e escritores do Rio de Janeiro e de São Paulo e, conseqüentemente, uma forma de arriscar a entrada num círculo maior, que então se constituía. Somente com a segunda edição de 1931, pela Editora Nacional em São Paulo, é que um público mais amplo e menos especializado pôde ter acesso ao texto.

Neste sentido, nossa análise da primeira recepção do *O Quinze* ficará restrita à visão dada pela crítica da época. Lembrando que, como afirma Wilson Martins, grande parte dos escritores modernistas eram donos mais de um espírito crítico do que de uma formação de crítica literária propriamente dita: “Entre 1922 e 1940 a crítica é exercida pelos próprios criadores. Todo mundo é crítico e ninguém o é”. Uma crítica impessoal e anônima era comum, sempre relacionando-se com os manifestos do momento, sendo que as revistas literárias comportam uma crítica coletiva de acordo com as intenções da revista. Poucas figuras, nesse momento, são encaradas realmente como críticos literários, entre eles Tristão Athayde e, ao longo da década de 30, Mário de Andrade¹⁵³.

Ao analisar os argumentos da crítica a *O Quinze*, podemos entender as expectativas do ambiente literário modernista de então e como ele auxiliou a entrada de Rachel de Queiroz no mercado de trabalho da escrita, com o selo de garantia de figuras importantes da época, além de possibilitar seu contato com diversos nomes de intelectuais espalhados por todo o Brasil.

¹⁵¹ LAJOLO, M. & ZILBERMAN, R. **Op Cit.** 2001. p. 84.

¹⁵² Rachel de Queiroz tornaria-se cronista exclusiva do *O Cruzeiro* em 1945, lá permanecendo até 1975 e chegando a publicar cerca de três mil crônicas sobre temas diversos.

¹⁵³ MARTINS, W. A crítica modernista. In: COUTINHO, A. **A literatura no Brasil**. São Paulo: Global Editora, 1996. p. 598.

Este foi o primeiro passo na carreira de uma escritora que, anos depois, seria vista como uma escritora popular. Restringindo-nos aos anos 30, falamos de um Brasil com população de maioria analfabeta, de um mercado editorial em consolidação e de uma precariedade na distribuição em caráter nacional.

Temos, portanto, dificuldade em pensar qualitativamente a recepção do leitor comum em relação aos primeiros romances rachelianos. Mas acreditamos que a incorporação ao círculo literário modernista, credenciada pelos comentários feitos por esses intelectuais, é a primeira forma de possibilitar a escrita enquanto profissão na primeira metade do século XX.

Segundo De Certeau, o leitor sempre modifica o seu objeto. O leitor não toma o lugar do autor nem um lugar de autor. Compreende dos textos outra coisa que não aquilo exatamente que era a “intenção” deles. Essa atividade “leitora” será reservada ao crítico literário – que acaba constituindo também uma autoridade, sempre privilegiada por seus próprios estudos acerca da leitura¹⁵⁴.

Estando em alta na década de 1930, os modernistas vão ocupar grande parte da mais importante imprensa da época, tornando-se cada vez mais responsáveis pelo que servia e pelo que não servia em termos de arte brasileira.

É através deste “certificado de garantia” que se firmariam os contratos com a imprensa, a publicação de demais livros, a permanência propriamente dita no eixo Rio-São Paulo, a divulgação em caráter nacional. Está claro que estas serão as consequências, para nós que olhamos em retrospecto. Ainda nos anos 30, acreditamos que a intenção primeira da autora era apenas atuar para além de sua região, era uma aposta no reconhecimento de seu trabalho.

Focando nossa análise na recepção pela crítica literária não podemos esquecer que, enquanto mulher, o risco era ainda maior, pelos preconceitos de gênero e pelo menosprezo à época pela chamada *literatura feminina*. Veremos que, somente se deslocada deste território comum a que as mulheres que escreviam eram normalmente associadas, a autora pôde encontrar aceitação nos círculos de maior influência na literatura.

Temos, portanto que, em resposta aos envios que Rachel fez de seu romance, uma resposta do norte merece destaque. Escreve Mello Rezende num bilhete a Antônio Salles em 1930:

¹⁵⁴ De CERTEAU, **Op. Cit.** p. 265. Também Foucault trata do poder constituído pela crítica literária em FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2006. p. 63.

Li em viagem, com interesse e prazer, o livro da tua discípula (...). Parece-me, porém, evidente – na forma e na maneira da romancista – a tua influência. Contudo, a meu ver, o título de “romance” (dado ao vocábulo a sua significação técnico-literária) não quadra bem ao *Quinze*. Parece-me, antes, uma interessante novela, onde se encontra, perfeitamente delimitada, a narrativa de dois bellos contos (...). O perfil de Conceição, com suas pinceladas mais fortes, creio que daria um apreciável quadro da moça moderna um tanto [ilegível] sexual, que a nossa organização econômica de sociedade fez brotar dos destroços do mundo varrido pela guerra¹⁵⁵.

Em Rezende a inconsistência formal e a influência de um mentor são evidentes, como era comum julgar a escrita dos iniciantes. Ainda mais em se tratando de uma mulher escritora. Segundo Lemaire, a linearidade histórica e literária são sintomas de uma das principais obsessões masculinas nas sociedades patriarcais: sua eterna insegurança acerca da paternidade biológica e, na história literária, pela super-ênfase na paternidade cultural, na autoria e na importância do controle do texto a fim de prevenir uma possível proliferação de sentidos¹⁵⁶.

Mas Conceição já salta aos olhos, perfil da mulher moderna, da concepção de um feminino que nasce com a guerra, tempo em que as mulheres moveram as cidades, trabalharam e ganharam certa autonomia enquanto seus cônjuges, irmãos e pais pereciam nos campos de batalha.

Outra nota importante é que, neste pequeno comentário em forma de bilhete, em nenhum momento o tema da seca – um dos aspectos destacados pelas críticas literárias do Centro-Sul e pelas antologias posteriores à década de 1930 - é avaliado ou sequer mencionado.

De fato, a terra e a seca eram já temas recorrentes na literatura cearense. Para além dos cordéis e da literatura científica que já pensava em soluções para as mazelas do Norte do país, escritores cearenses como José de Alencar, os próprios Juvenal Galeno e Antônio Sales tinham como temas principais os discursos sobre sua terra e, conseqüentemente, sobre a seca¹⁵⁷.

¹⁵⁵ Correspondência de Mello Rezende a Antônio Salles. Fundação Casa de Rui Barbosa As Cp 197. (FCRB)

¹⁵⁶ Heloísa Buarque de Hollanda comenta como não foi concedido às mulheres o direito de estabelecer uma linhagem: “A única exceção talvez seja Clarice Lispector, única escritora com algum descendência. Cecília Meireles dá uma linhagem defeituosa e Rachel de Queiroz, por sua vez, é considerada uma patriarca de saias e assim mesmo sem descendência”. In: <http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/?p=561>. Acessado em 07/01/2011.

¹⁵⁷ Ver. NOBRE, F. S. **Da Padaria Espiritual à Semana de Arte Moderna**. Fortaleza: Edarl, 1992.

Mesmo Rachel de Queiroz afirma em entrevista de 1992 que conhecia então os livros de Rodolfo Teófilo e Domingos Olímpio, “aquela coisa pesada da escola realista de Zola – porcos comendo recém-nascidos abandonados, sofrimento, enfim, esse tipo de visão. Eu queria fazer um romance mais “light” (...), sem ficar toda hora falando de gente morrendo de fome¹⁵⁸”. Neste sentido, se pensarmos somente em relação ao tema, pouco poderia interessar aos leitores cearenses da década de 1930 o romance de uma jovem escritora como Rachel de Queiroz. Nesta entrevista, no entanto, já percebemos a novidade do texto racheliano: a economia da linguagem. A nosso ver, uma linguagem nova, ligada ao moderno, à linguagem cinematográfica.

Este é um fator importante, se pensarmos algumas características do regionalismo que fazia sucesso ainda no século XX e criticado pelo modernismo de 22: normalmente transformado no conto sertanejo, retratando o homem rural como pitoresco e jocoso ou marcado sempre pelo exagerado naturalismo acadêmico. Rachel não cabia nessa definição. Somente em Euclides da Cunha, anos depois revisto e perdoado pelo modernismo, é que a perspectiva sobre o sertanejo modifica-se¹⁵⁹.

Outro conterrâneo de Rachel, Martins Capistrano, redator-secretário do periódico *Fon-Fon*, enviou uma carta à autora, que foi publicada no jornal *O Povo*, onde a autora trabalhava. Capistrano destaca, através de elogios, um ponto a mais que Rezende: a economia da linguagem e as evocações que considera típica de sua terra e que faz do livro de Rachel “um livro cearense, com todo o vigor e toda a inquietação de nossa terra mártir”¹⁶⁰. Revela a problematização do regional sem utilizar a escrita naturalista exagerada sobre as mazelas da seca. É forte e direta, seca.

Aqui começa a haver uma diferenciação e uma apreciação mais detalhada do *Quinze* num horizonte de expectativas da década de 1930. A dinâmica entre o regional e o universal, característico da nossa literatura, passa a ter uma outra perspectiva do regionalismo. Clareza e concisão formal faziam-se extremamente necessárias para um ambiente literário recém impactado e em constante diálogo com os pressupostos levantados pelo modernismo e sua crítica ao academicismo literário.

¹⁵⁸ QUEIROZ, R. de. As três Racheis. **Cadernos de Literatura Brasileira**. São Paulo, n. 4, set.1997. Entrevista. P. 22/23.

¹⁵⁹ CÂNDIDO, A. **Literatura e Sociedade**: estudos de teoria e história literária. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 2000. p. 114.

¹⁶⁰ CAPISTRANO, M. Carta de Martins Capistrano para Rachel de Queiroz – 1º. De agosto de 1930. Reproduzido em **O Povo**. 20.08.30. (ABPF)

Raymundo Moraes, escritor do Norte, publicou o artigo “Um livro de fogo” em 19 de setembro de 1930, que também foi reproduzido no *O Povo*. Destaca o poder que *O Quinze* tem em transportar o leitor para a aridez cearense, mesmo aquele leitor mais acostumado com as “beiradas marginais do aranhol hídrico”. E novamente surge aqui a ênfase no estilo direto, seco: “onde há uma pedra, ela coloca a pedra; onde há uma lágrima, ela coloca a lágrima (...) a fantasia lírica não lhe perturba o enredo de modo a fazer numa troca de imagens, rosas de chagas¹⁶¹”.

Mais um a evocar a imagem do feminino, Moraes elogia o romance de Rachel utilizando um tanto de exagero retórico: “Livro de fogo, turbilhonante de faíscas e [funéreo] de coluna de fumaça, ele remarca a eclosão radiosa dum admirável espírito feminino. Rachel de Queiroz surge nas letras como a sacerdotiza que [olha] sobre o borralho dum Estado incendiado, ou, talvez, como a vestal que vigia a lâmpada votiva da verdade¹⁶²”.

Em Moraes, portanto, Rachel para além do estilo enxuto ganha ares de diferença dentro de um imaginário sobre o feminino, aproxima-se das imagens raras e sacralizadas, como a da sacerdotiza, da deusa ou da virgem guardiã da verdade. Os elogios exagerados procuram explicar a diferença de Rachel perante a escrita que o autor considera banal, pelo modo como a escritora cearense consegue representar a seca sem se utilizar dos recursos líricos.

Nisso percebemos como a escrita do século XIX, já rechaçada pelo modernismo paulista, configurou-se enquanto lugar da linguagem exagerada, lírica, e o quanto estas definições aproximaram-na de uma definição do feminino. Mesmo porque a literatura folhetinesca do XIX devia em grande parte seu sucesso às leitoras que, não por acaso, tornaram-se escritoras nesta mesma época.

Na margem sul do país foi também por influência de amigos que o livro caiu nas mãos de Gastão Cruls e em seguida nas de Graça Aranha e Augusto Frederico Schmidt. Aranha, tendo participado do modernismo de 22, mesmo sendo de geração anterior, ficaria no imaginário de Rachel por longo tempo. Conta a cearense que Graça lhe enviara uma carta muito entusiasmada, assim que lera *O Quinze*. Morreu dias depois de enfarte tendo, no entanto, escolhido aqueles que receberiam o primeiro prêmio da Fundação

¹⁶¹ MORAES, R. Um livro de fogo. *O Povo*. 19.09.1930. (ABPF)

¹⁶² MORAES, R. *Op Cit.*

que ele acabara de criar: Murilo Mendes para a poesia, Cícero Dias para a pintura e *O Quinze* na categoria romance.

O prazer da leitura, muitas vezes fora das nossas análises críticas da literatura, é um dos mais influentes mecanismos constituintes da recepção. Nos lembra disso o francês Roland Barthes e o alemão Hans Jauss nos anos 1970¹⁶³. Mas, se quisermos buscar as origens desse argumento, pelo menos desde Aristóteles, a catarse provocada pela arte é um elemento fundamental. O prazer é, talvez, a primeira reação da leitura e vemos sua dimensão destacada em quase todas as críticas que estamos analisando neste texto.

Mesmo que sendo uma mórbida lembrança, Rachel de Queiroz conta em suas memórias que, quando foi chamada para conhecer a Fundação Graça Aranha, ainda nos anos 30, constatou a veracidade da informação sobre a “última leitura” de Graça: “na reconstituição do gabinete do mestre, aberto sobre o braço da *bergère* onde ele costumava sentar-se para ler, estava o exemplar do *O Quinze* que eu lhe mandara com dedicatória. Fiquei meio encabulada e achei a homenagem um tanto fúnebre. E os amigos me gozavam, dizendo que Graça morrera da leitura...”¹⁶⁴.

Já o poeta Augusto Frederico Schmidt resolve, em agosto de 1930 (com o romance ainda quente nas mãos), revelar publicamente no *Novidades Literárias, Artísticas e Científicas* o assombro que o acometeu:

Acabo, agora mesmo, de ler um romance, e não resisto à tentação de sobre ele dizer algo, de comunicar o entusiasmo de que estou possuído, de chamar a atenção para um livro que vem revelar a existência de um grande escritor brasileiro. Grande escritor que é uma mulher, incrivelmente jovem¹⁶⁵.

A recepção talvez mais ‘aberta’ à literatura regional da década de 30 (não só com Rachel, mas também com Graciliano Ramos, José Lins do Rêgo, Jorge Amado) se deu, segundo Wilson Martins, devido a uma inflexão determinante nas correntes literárias e ideológicas de onde provinha Rachel de Queiroz: de um lado, o modernismo literário, urbano e estetizante dos anos 20, que não soubera escrever o romance idealmente

¹⁶³ Ver: JAUSS, H. O prazer estético e as experiências fundamentais da *Poiesis, Aisthesis e Katharsis*. In: LIMA, L. C. **A literatura e o leitor**. Textos de estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 85-103.

¹⁶⁴ QUEIROZ, R. de. & QUEIROZ, M. L. de. **Op. Cit.** p. 53.

¹⁶⁵ SCHMIDT, A. F. Uma revelação – O Quinze. In: **As Novidades Literárias, Artísticas e Científicas**. Rio de Janeiro, 18 de agosto de 1930, no. 4.

contido em seu programa, do outro o regionalismo esquerdizante do Nordeste que colocou em questão os problemas sociais do país¹⁶⁶.

Neste sentido, já circulava nos círculos intelectuais da década de 1920 uma reavaliação do movimento modernista de 1922 que teve sua concentração em São Paulo. Tristão de Athayde e Octávio de Faria são dois nomes que criticaram mais fortemente a atuação do movimento, conclamando os escritores do norte do Brasil a participar de uma consciência literária que então se formava, ampliando o debate para além do Centro-Sul.

Há um questionamento principalmente à dimensão de imitação estrangeira dos primeiros anos do modernismo, sugerindo-se uma volta ao tipicamente brasileiro¹⁶⁷. Este “tipicamente brasileiro” normalmente incorre num regionalismo. Por estes argumentos se pautarão grande parte das avaliações literárias aos escritores do norte na década de 1930.

Ainda no Centro-Sul, *O Quinze* recebeu a atenção de grandes críticos da época, Tristão de Athayde e Agripino Grieco. Segundo Luís Bueno - um dos pesquisadores que vem renovando os estudos literários sobre a década de 1930 - a crítica de Grieco localiza da melhor forma a importância que teve o romance de Rachel de Queiroz nos anos 30:

Bom trabalho, sem dúvida, exatamente porque quase não é literatura, porque a autora, avessa a armar tempestade no tinteiro, conduziu, talvez sem pretendê-lo, uma ofensiva contra os lugares comuns da seca e do dramático cearense e, não realizando *meeting* em favor dos flagelados, realizou algo de mais humano, que o Brasil todo pode ler e entender (...) Numa adolescência graciosa de tom, a narradora surpreende-nos, não pela novidade que inventa, mas pela novidade que tira da velharia (...)¹⁶⁸

Para Bueno, este trecho de Grieco traz a avaliação mais acertada do romance, pois revela exatamente a novidade da velharia: o regionalismo de Rachel, distanciado do regionalismo anterior. Dessa forma, Grieco evidencia seu valor de renovação da literatura da época.

A simplicidade da linguagem de Rachel a afasta definitivamente do regionalismo naturalista: “Na verdade, o que Rachel de Queiroz faz é deslocar a temática do

¹⁶⁶ MARTINS, W. Rachel de Queiroz em perspectiva. In: **Cadernos de Literatura Brasileira: Rachel de Queiroz**. Instituto Moreira Salles. Número 4. 1ª reimpressão, jan/2002. p. 75.

¹⁶⁷ BUENO, L. **Uma história do romance de 30**. São Paulo/Campinas: Edusp/Editora da Unicamp, 2006. p. 56.

¹⁶⁸ GRIECO, A. 1933. Apud. BUENO, L. **Uma História do Romance de 30**. p. 125.

romance, colocando no centro não a desgraça da seca, mas a problemática da ligação do homem com a terra”¹⁶⁹. Ao mesmo tempo, Rachel traz outra novidade, pois através da simplicidade, o romance aponta para uma série de questões relevantes à época, como o drama da seca, a condição feminina e os processos de urbanização¹⁷⁰.

1. *O Quinze* e o feminino

Augusto Frederico Schmidt foi o primeiro a escrever sobre *O Quinze* no Centro-Sul e sua crítica se tornou a mais famosa, sendo reimpressa em algumas das mais de trinta edições do livro. Poeta conhecido no ambiente literário da década de 1930, quando ligou-se principalmente às figuras modernistas, seu nome confere certa popularidade à crítica, auxiliando na divulgação do nome de Rachel de Queiroz nos círculos intelectuais.

Em decorrência disto, é interessante notar os argumentos que Schmidt utiliza para valorizar o romance da jovem autora de *O Quinze*:

Há pouco tempo, ainda, lia eu um outro livro feminino, que conseguiu grande sucesso na França, o *David Golder*, de Irene Nemirowski, e pensava na importância real que a mulher está tomando agora na literatura. Uma Katherine Mansfield, uma Virginia Woolf, uma Rosemond Lehmann, são autores de primeiro plano nas letras contemporâneas. Dentro da nossa limitadíssima produção feminina [brasileira], não me lembro de nada que seja revelador de tanta possibilidade como esse romance escrito por uma mocinha [Rachel de Queiroz] – (não obstante algumas informações, que venho de obter, há em meu espírito ainda alguma dúvida sobre a autenticidade desses dezenove anos tão singularmente graves e compreensivos) – uma mocinha que veio, pelo menos, dar aos escritores nossos de hoje, e são raros os que não necessitam, uma lição de simplicidade¹⁷¹.

Entre as várias observações a serem feitas neste pequeno trecho, destacamos duas. A primeira é a presença concreta das mulheres na literatura dos anos 30 (como produtoras e leitoras), explicitada pelo trecho “mais um livro feminino” e pela citação de escritoras estrangeiras renomadas. Segundo Eleutério, era comum na época a valorização de autoras estrangeiras e a comparação com a inferioridade da produção feminina nacional, incapaz de influenciar o desenvolvimento artístico do país¹⁷².

¹⁶⁹ BUENO, L. **Op. Cit.** p. 125.

¹⁷⁰ BUENO, L. **Op. Cit.** p. 130.

¹⁷¹ SCHMIDT, A. F. **Op. Cit.**

¹⁷² ELEUTÉRIO, M. L. **Vidas de Romance: as mulheres e o exercício de ler e escrever no entresséculos (1890-1930)**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005. p. 28.

Pensar sistematicamente a participação das mulheres na história nacional é um esforço centenário, mesmo que acompanhado de diferentes intenções em cada tempo. Em 1878, por exemplo, Joaquim Manuel de Macedo lança *Mulheres Célebres*; no ano seguinte H. Capitolino publica *Pernambucanas Ilustres*¹⁷³.

Em 1899 há um esforço feminino neste sentido, Ignez Sabino lança *Mulheres Ilustres do Brasil*. Seguem-se *Mulheres Admiráveis*, da nossa já conhecida cearense, Henriqueta Galeno, e a tese *Mulher na literatura*, que Maria Ritta de Soares Andrade defende ainda na década de 1920 como parte de um concurso para livre docência no Ateneu Pedro II. Como afirma Heloísa Buarque de Hollanda:

Quase todos os trabalhos de organização de dicionários ou antologias realizados por mulheres, que constituem uma significativa fração da produção crítica e historiográfica femininas, evidenciam em seus prefácios um claro projeto político de sobrevivência e uma lógica de apoio e estratégia de mercado¹⁷⁴.

Neste sentido, citar as próprias mulheres, lembrar de sua importância, é uma característica marcante da produção feminina como estratégia de sobrevivência no mundo da escrita desde o século XIX. Assim se fez no Brasil, como se fez na Europa. Madame de Staël, por exemplo, foi longamente citada e lembrada como exemplo em várias outras produções de mulheres subsequentes, como forma de filiar-se, mas também de demonstrar que as mulheres constituíam uma tradição¹⁷⁵.

Desde meados do século XIX, portanto, surgem muitos jornais e revistas sob responsabilidade das mulheres. Aparecem mesmo em lugares distantes, manuscritos ou compostos em gráficas precárias e grande parte não dura muito. Com o tempo, adquirem melhores condições de produção, divulgação e distribuição; conquistam leitoras e leitores¹⁷⁶.

O primeiro jornal editado por mulheres que conhecemos hoje foi o *Jornal das Senhoras*, criado em 1852 no Rio de Janeiro. Fundado pela jornalista Joanna Paula Manso de Noronha, de inflexão claramente feminista, o *Jornal das Senhoras*, em seus quatro anos de existência, abriu um espaço importante de divulgação e discussão para o

¹⁷³ ELEUTÉRIO, M. L. **Op. Cit.** p. 64.

¹⁷⁴ HOLLANDA, H. B. . **Os estudos sobre literatura no Brasil: uma primeira abordagem**. Site <http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/?p=680&cat=8>. Acessado em 13/06/2010.

¹⁷⁵ SMITH, B. **Gênero e História**. Homens, mulheres e a prática histórica. Florianópolis: Edusc, 2003.

¹⁷⁶ ELEUTÉRIO, M. L. **Op. Cit.** p. 163.

debate sobre as artes, a escrita ou a política e sua importância para um público feminino¹⁷⁷.

Nas províncias não foi diferente. Assim afirma o editorial do jornal pernambucano *A mulher*, de 1883: (...) “Como anuncia seu programa, será para a defesa de nosso sexo e para provar sua capacidade intelectual com a ciência e os fatos históricos¹⁷⁸”.

A relação entre o feminino e a escrita de forma geral é tão marcante que, aliada às suas demandas enquanto leitoras, acabam tendo um papel importantíssimo na constituição do romance brasileiro, na publicação dos folhetins por parte dos escritores, na constituição dos salões literários e dos jornais publicados para e pelas próprias mulheres. Além disso, muitas vezes elas assumem a posição de ensaístas em suas colunas¹⁷⁹.

No entanto, como afirma Eleutério, a maior parte gravita em torno de seus maridos, irmãos, dificilmente alcançando perspectivas de desenvolver carreira. Característica que vai modificando-se aos poucos, ao longo do século XIX¹⁸⁰. Enquanto grande parte dos homens de letras tinham seus cargos burocráticos como garantia, as mulheres, proibidas do acesso a esses cargos, permaneciam quase sempre com a marca registrada da dependência.

Já no final da República, as mulheres integraram as lutas abolicionistas e republicanas, sendo para isso conclamadas a participar. O Ceará, primeiro estado a decretar a abolição, fundou em 1882 a Sociedade das Senhoras Libertadoras com o objetivo de lutar pela abolição, senão pelo caminho legal, pelas intimidações e denúncias na imprensa¹⁸¹. As mulheres de elite tiveram papel ativo e promoveram debates, discursos sobre o assunto, escreveram poemas. Um poema assinado por mulher é publicado no periódico *Libertador* em 1881:

¹⁷⁷ HOLLANDA, H. B. **Op. Cit.** Site.

¹⁷⁸ SIQUEIRA, E...et al. (Orgss.) **Um discurso feminino possível: Pioneiras da imprensa em Pernambuco (1830-1910)**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 195. p. 38.

¹⁷⁹ HOLLANDA, H. B. **Op. Cit.** Site.

¹⁸⁰ ELEUTÉRIO, M. L. **Op. Cit.** p. 25. Cita o exemplo de Josefina Álvares de Azevedo, Amélia de Oliveira, Adelaide de Castro Alves, Evangelina Lima Barreto.

¹⁸¹ CUNHA, C. **Além do mar e das flores: primeiras escritoras cearenses**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2008. p. 52.

Quem há que hoje não sinta
palpitar-lhe o coração?
Da justiça ouvindo a voz
Bradar: emancipação

(...)

Tremei, bárbaros, acabou-se
Da tirania o reinado;
Tendo obreiros do progresso
Nossa causa advogado

Engrandecida e louvada
Seja vossa associação
Que, por decreto divino,
Nos estende agora a mão

E vós, virgens cearenses,
Vede nossos defensores,
Ama nosso seguir
Na senda, espalhando - flores.

*Uma Cearense Abolicionista*¹⁸².

E, de fato, na virada do século XIX para o século XX, com o histórico de experiências desde o século anterior, a inserção feminina no mercado da escrita foi cada vez maior, passando aos poucos a compartilhar os mesmos espaços da imprensa masculina, da grande imprensa com fins comerciais que então se formava e que fez fenecer os jornais e revistas artesanais. As mulheres passaram a escrever em veículos de renome e de maior circulação¹⁸³, numa imprensa com características de empresa, mudada pela modernização e importação de maquinário, ainda que a distribuição continuasse sendo feita em carroças¹⁸⁴.

No campo da poesia, até a década de 1920 predominaram os versos em moldes parnasianos. Um grande nome surgiu nesta direção: Francisca Júlia, que retoma temas greco-latinos e cultiva sonetos inspirados naqueles que considera seus mestres; entre eles, Olavo Bilac¹⁸⁵. Com o movimento modernista das décadas seguintes, foi criticada por sua performance junto aos demais parnasianos por figuras como Mário de Andrade.

Numa outra direção, Gilka Machado produziu poemas de versos eróticos que, ao contrário de suas colegas, não esconde a sensibilidade e os sentimentos que vivia

¹⁸² Apud. CUNHA, C. **Op. Cit.** p.65/66.

¹⁸³ ELEUTÉRIO, M. L. **Op. Cit.** p. 182.

¹⁸⁴ SODRÉ, N. W. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 266.

¹⁸⁵ GOTLIB, N. **Op. Cit.** p. 40.

enquanto mulher, seu principal motivo de construção poética. A crítica eminentemente masculina, por sua vez, não entendeu Gilka como uma pessoa inteira, dona dos desejos ao mesmo tempo que cumpria funções sociais, dividiu-a por um lado na mulher, esposa, mãe e outras vezes, a “poetisa de imaginação ardente”¹⁸⁶.

É neste momento de transição que as ambiguidades em relação à escrita das mulheres e em relação ao feminino vão se tornar cada vez mais evidentes. Com a crescente presença no ambiente literário e no mercado de trabalho de forma geral, a mulher passa a ser um “problema a ser discutido publicamente”. As novas maneiras femininas, consequência de mudanças vindas desde o século XIX, incluíram mudanças de comportamento; novas posturas na moda, por exemplo, levaram ao estabelecimento de um padrão de beleza feminino, valorizando os esportes e as boas condições físicas, até para garantir uma maternidade futura.

Afirma Silva: “Não obstante as mudanças na moda e no modo de se vestir, ou mesmo nas atividades mais agressivas e independentes das mulheres resultaram num mal-estar generalizado da parte dos intelectuais. As mulheres eram acusadas de se masculinizarem e os homens de se feminizarem”¹⁸⁷.

O crítico Agrippino Grieco afirma que a atividade das letras poderia até ser permitida às mulheres, desde que suas autoras conservassem uma alma feminina e não se expressassem como homens¹⁸⁸, ou seja, desde que permanecessem e reforçassem a imobilidade de um lugar específico. O discurso do sexo aqui dá uma clara demonstração de sua relação com os mecanismos de poder, pois visava limitar o avanço da “mulher moderna”. Esta, no entanto, já estava a par dos discursos de liberdade e a requeria pra si dentro do horizonte que se apresentava para ela, muitas vezes nos moldes representados, por exemplo, pelo cinema americano¹⁸⁹.

¹⁸⁶ GOTLIB, N. **Op Cit.** p. 42.

¹⁸⁷ SILVA, C. G. **Modernizando o casamento: A leitura do casamento no discurso médico e na escrita literária feminina no Brasil moderno (1900-1940)**. Dissertação de mestrado, IFCH/Unicamp, 2001. p. 26.

¹⁸⁸ SOIHET, R. & ESTEVES, F. Carmen Dolores: as contradições de uma literata da virada do século. In: LÔBO, Y. e FARIA, L. (orgs). **Vozes femininas do Império e da República**. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008, p.145.

¹⁸⁹ SILVA, C. G. **Op. Cit.** p. 30.

As novas representações femininas deste começo do século XX, portanto, criaram espaços de discussão acerca da mulher e de quais seriam suas funções, seus espaços. Pensar a identidade feminina provocou uma crise também nas identidades masculinas.

Em nome dessa liberdade, e ao contrário do que muitos esperavam, algumas mulheres passaram a reivindicar direitos e levantar questões relacionadas à cidadania, como o casamento, o divórcio, trabalho, educação, sexualidade¹⁹⁰. Carmem Dolores (1852-1910) foi uma delas. Colocando em cheque muitas das funções atribuídas ao sexo feminino, questionou na imprensa a idéia de que a maternidade fosse inerente a toda mulher¹⁹¹ e de que o casamento fosse insolúvel e eterno. Além disso, procurou demonstrar que o acesso à educação deveria ser concedido a ambos os sexos, não havendo entre homens e mulheres diferenças de capacidade intelectual.

Segundo Cleusa da Silva, esse tipo de reivindicação, assim como a inserção da mulher no mercado de trabalho, vai despertar a contrapartida da opinião dos homens, trazendo importantes discussões ao espaço público, que foram posteriormente sufocadas pelo discurso masculino das décadas de 30/40 e que propagava a manutenção da estabilidade da família nuclear hierárquica¹⁹².

No entanto, como procuram demonstrar Rachel Soihet e Flávia Esteves, os escritos de Carmem Dolores não foram de tudo libertários. Enquanto primavam por um avanço no campo da educação, do casamento e da maternidade, foram extremamente conservadores em relação a outros aspectos: “Em *O dia moderno*, revela os novos hábitos presentes no cotidiano carioca, salientando a velocidade do ritmo e os espaços de sociabilidade; críticas veladas são observáveis quanto à futilidade das mulheres, à suspeita moralidade das moças em meio aos *flirts*, e ao relaxamento das donas-de-casa no tocante a suas obrigações domésticas”.¹⁹³ Além disso, manifestou-se contrária à luta feminina pelo voto, considerando-a uma inutilidade.

Em Carmem Dolores já vemos assertivas em relação à própria posição da mulher enquanto escritora, o que denota a possibilidade de profissionalização que esta atividade

¹⁹⁰ Como afirma Silva, desde o século XIX as mulheres já tomavam atitudes contra as concepções tradicionais do casamento, mas só na década de 20 o tema torna-se público. *Op. Cit.* p. 60.

¹⁹¹ SOIHET, R. & ESTEVES, F. **Op Cit.** P. 3.

¹⁹² SILVA, C. G. **Op. Cit.** p. 122.

¹⁹³ SOIHET, R. & ESTEVES, F. **Op Cit.** p. 5. Referente a Carmen Dolores. “O dia Moderno”. **Correio da manhã**. Rio de Janeiro. 13 de março de 1908.

começa a adquirir no século XX. Neste sentido, a autora não aceita os estereótipos aplicados à mulher que escreve e que é vista como masculinizada, péssima esposa e mãe, incapaz de cumprir sua função na sociedade, má influência para outras mulheres. Por esta e outras opiniões é que os escritos de Carmem Dolores eram tidos por vezes como “másculos demais”¹⁹⁴.

Com o intuito de pensar a recepção dos textos escritos por mulheres, a pesquisadora americana Joanna Russ analisou o contexto da produção feminina e crítica masculina nos Estados Unidos e na Inglaterra da primeira metade do século XX. A autora nos conta que, mesmo que não se encontrasse uma proibição formal à escrita feminina, existiam proibições informais e poderosas, entre elas a negação de uma formação educacional igualitária, a manutenção das mulheres no espaço privado – como dependentes, esposas, mães, filhas -, as expectativas em relação ao que deveria vir de uma mulher (sensibilidade, maternidade, inocência, submissão, beleza e não inteligência), o desencorajamento ou ainda a acusação de falta de feminilidade em assumir certas funções (como a de escritora, por exemplo)¹⁹⁵.

Incrivelmente ou não, se pensarmos nas ambiguidades de gênero a que constantemente incorrem as avaliações literárias referentes à produção escrita feminina dessa época, algumas escritoras foram reverenciadas justamente por adotarem uma escrita “viril”.

Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) foi uma das primeiras a ser celebrada oficialmente como “escritora” na virada do século, ainda que seu nome esteja quase esquecido nos dias de hoje. Foi editada por Francisco Alves até os anos 20, integrando depois o catálogo da Companhia Editora Nacional, que viria a ser a maior editora brasileira desta primeira metade do século¹⁹⁶.

¹⁹⁴ SOIHET, R. & ESTEVES, F. **Op Cit.** p. 01. Esse era um discurso também do campo científico: “Afinal, os médicos, com seu domínio do conhecimento científico, afirmavam que a mulher foi formada para sentir como o homem foi criado para pensar e ‘àquelas que tem apresentado uma inteligência superior, tem sido à custa de suas qualidades femininas’. Doenças, comportamento aberrante, esterilidade, degeneração racial eram alguns dos perigos decorrentes deste princípio, inclusive porque do desenvolvimento do cérebro feminino resultava a atrofia do útero (Lombroso e Ferreiro, 1896”. In: SOIHET, R. **O feminismo tático de Bertha Lutz**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2006. p. 21.

¹⁹⁵ RUSS, J. **How to suppress Women’s writing**. Austin: University of Texas Press, 1983. p. 6-16.

¹⁹⁶ A Companhia Editora Nacional foi fundada em 1925 por Monteiro Lobato e seu ex-funcionário, Octalles Marcondes Ferreira, logo após a falência da Companhia Graphica-Editora Monteiro Lobato. HALLEWELL, L. **O livro no Brasil**. São Paulo: Edusp, 1985. p. 219.

A autora carioca conheceu o sucesso ainda em vida, principalmente por conseguir coadunar os papéis de escritora, ativista, esposa e mãe¹⁹⁷. José Veríssimo, nome importante da literatura de seu tempo, comenta a obra *Ânsia eterna*, de D. Júlia: “...de todos as nossas literatas, a sra. Julia Lopes parece-me a única realmente bem dotada para o gênero de contos e romances. Ela escreve bem,(...) tem a inteligência das coisas, e uma virilidade sem a qual as escritoras descambam facilmente no pueril asneirado”¹⁹⁸.

Interessante notar que a escritora carioca é considerada por muitos como defensora de uma posição subordinada da mulher. No entanto, como procura demonstrar Rachel Soihet, esta perspectiva deve ser relativizada, assim como no caso de Carmem Dolores. Júlia Lopes reformula a noção de casamento, rejeitando a noção de que ele alcançava êxito somente com a ausência de identidade feminina¹⁹⁹.

Em certos trabalhos de Júlia Lopes, “especialmente naqueles de caráter pedagógico, com vista ao preparo da mulher para o casamento, e mesmo em alguns de seus romances, revela trechos de matiz conservador. Já em outros, denota uma postura diversa, constatando-se a presença de uma análise crítica, acerca da forma como se relacionavam homens e mulheres”²⁰⁰. Enquanto pregava em entrevistas e livros pedagógicos a educação da mulher para melhor servir ao lar e educar os filhos, sempre subordinada aos homens, seus romances trazem algumas personagens femininas que desafiavam a ordem vigente e questionavam os preconceitos contra seu sexo.

É patente, portanto, a comparação que podemos fazer entre os Estados Unidos/Inglaterra e o contexto brasileiro do começo do século em alguns casos de mulheres escritoras. Para outros, como no caso de Júlia Lopes é justamente o extremo oposto que serve para valorizar sua escrita. Ambos os argumentos revelam, neste sentido, a dificuldade em lidar com a produção destas mulheres, cada vez mais presentes no espaço público brasileiro avançando, junto com os homens, a caminho da profissionalização da escrita.

¹⁹⁷ SHARPE, P. Júlia Lopes de Almeida. In: MUZART, Z. (Org.). **Escritoras brasileiras do século XIX. Vol. II.** Florianópolis: Ed. Mulheres, 2004. p. 188-214.

¹⁹⁸ Apud. SOIHET, R. Comparando escritos: Júlia Lopes de Almeida e Carmen Dolores In: MONTEIRO, M. C. e L., OLIVEIRA, T. M. (orgs). **Entre o Estético e o Político: A mulher nas literaturas clássicas e vernáculas.** Florianópolis: Editora Mulheres, 2006, p. 213.

¹⁹⁹ SILVA. C. G. **Op. Cit.** p. 57.

²⁰⁰ SOIHET, R. **Op. Cit.**

O caso de Júlia Lopes é de extrema valia ao analisarmos a obra de Rachel de Queiroz. Júlia foi uma das primeiras mulheres a tentar entrar para a Academia Brasileira de Letras, sendo vetada com base nas normas da agremiação. No entanto, entra pra academia seu marido Filinto de Almeida, escritor cuja obra não tinha o mesmo alcance e importância.

Até hoje, nas quinas da Academia comenta-se a troca feita quando, por merecimento, a entrada de Júlia Lopes seria a mais lógica. Só em 1977 as mulheres entrariam para a Academia e, a primeira delas, ninguém menos que Rachelzinha. Ambas conseguiram sucesso em vida, a crítica às suas obras foi em geral positiva, mas o contexto mudou. O que não foi possível a Júlia Lopes, foi possível cinquenta anos depois, com Rachel.

Já no século XX, a variedade da escrita de autoria feminina é bem mais ampla. A liberdade feminina associava-se firmemente ao discurso da emancipação no campo político, com a reivindicação pelo voto feminino. Bertha Lutz (1894-1976) é o grande nome hoje celebrado nesta direção, ainda que múltiplos tenham sido seus campos de atuação: como cientista de renome internacional, deputada federal por um curto período em 1937 e líder feminista na batalha não só pelo voto, como pela educação feminina e sua inserção no mercado de trabalho²⁰¹. Lutz utilizava táticas, segundo Rachel Soihet, para conseguir apoio em suas causas, fortalecendo contatos com familiares, amigos, grandes personalidades.

Ao fundar a Liga Brasileira para o Progresso Feminino em 1922, procurou atrair mulheres profissionais, das quais dependia a campanha, mas também escritoras de renome, como Maria Eugênia Celso e mesmo Júlia Lopes de Almeida, ao lado de esposas de líderes políticos²⁰². Procurou utilizar discursos de cooperação entre os sexos, ao invés de comprar briga com os homens, estratégia que acabou por favorecer o movimento em certos momentos.

Mas, para além de Lutz, outros movimentos pelo voto feminino tiveram lugar, como aquele liderado por Leolinda Daltro, líder de um grupo de feministas que optou por ocupar os espaços públicos com passeatas, barulho e pressão junto a políticos e personalidades. Sua movimentação ofensiva despertou a ira dos antifeministas e

²⁰¹ SOIHET, R. **Op. Cit.** 2006. p. 15-132.

²⁰² SOIHET, R. **Op. Cit.** 2006. p. 34.

argumentos de ridicularização até hoje conhecidos foram amplamente utilizados para atrasar a campanha do voto²⁰³.

Do lado combativo temos também Ercília Cobra (1891-1938) que, no mesmo ano da *Semana de Arte Moderna* publica *Virgindade inútil – novela de uma revoltada*. Com sua obra polêmica provocou debate e muita crítica, sendo inclusive perseguida e presa pelo Estado Novo devido a suas ideias pouco convencionais²⁰⁴.

Segundo Heloísa Buarque de Hollanda começam a se esboçar, já na segunda metade do século XIX, as estruturas da ambiguidade discursiva relativas às questões de raça e gênero, aliada à configuração da nacionalidade brasileira: “A partir dos anos 20, o modernismo surge como capaz de teorizar e operacionalizar esta ambiguidade através da imagem (até hoje hegemônica no campo das artes) de um “Brasil carnavalescente”. É a época áurea da definição de um Brasil desconhecido e moderno, e, neste debate, as mulheres silenciam ou são silenciadas”²⁰⁵.

De fato, como afirma Nádya Glotlib, enquanto nas artes plásticas exibe-se uma vanguarda feminina através de nomes como os de Anita Malfatti (1889-1964) e Tarsila do Amaral (1886-1973), no campo literário elas permanecem ligadas aos temas e formas do século XIX, não participando do movimento de 1922. Este fato coopera para o esquecimento e menosprezo dos modernistas em relação à chamada escrita feminina, que passa a ser relacionada com um romantismo exacerbado, com uma escrita pouco renovadora e carregada de futilidade e pedantismo. Faz parte da *literatice*, apelido clássico de Mário de Andrade (1893-1945) na coluna *Táxi*.

Somente no final da década, um nome vai aparecer associado ao círculos modernistas: Patrícia Galvão (1910-1962). Lembrada nos anos 1980 por especialistas como Augusto de Campos e Antônio Risério²⁰⁶, Pagu é celebrada hoje por sua trajetória política, pelos aspectos inovadores de sua obra, por sua personalidade forte, seu relacionamento com Oswald de Andrade e pela crítica que fez ao feminismo pequeno-

²⁰³ DUARTE, C. L. Feminismo e literatura no Brasil. In: **Estudos Avançados**, n. 17(49), São Paulo:Edusp, 2003. p. 160.

²⁰⁴ DUARTE, C. L. **Op. Cit.** p. 161.

²⁰⁵ HOLLANDA, H. B. **Um problema quase pessoal**. Site da autora: <http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/?p=690&cat=8>. Acessado em 13/06/2010.

²⁰⁶ CAMPOS, A. **Pagu. Patrícia Galvão. Vida-obra**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

burguês de sua época, criticando-o com base na teoria do materialismo histórico, pensando em primeiro lugar as desigualdades sociais²⁰⁷.

Como observa Gotlib, Pagu serve como ponte entre o grupo modernista dos anos 1920 e a literatura engajada dos anos 30²⁰⁸. Seu primeiro romance, *Parque Industrial* (1933), é um livro de entusiasmo militante, uma apologia do partido detendo-se no comportamento do proletariado urbano feminino. Pagu viaja para os Estados Unidos, Japão, China, URSS, Alemanha, França permanecendo correspondente do *Correio da manhã*, *Diário de Notícias*, *A noite*. Quando retorna ao Brasil é presa, em plena ditadura Vargas, rompendo com o PCB logo ao sair da prisão em 1942, aproximando-se anos depois de Mário Pedrosa e da *Vanguarda Socialista*. Ao longo dos anos 1950 elabora suas próprias opiniões políticas, tornando-se defensora de um socialismo libertário, democrático e espiritualista.

Também atua no ambiente do teatro, sendo uma ácida crítica dos escritores da década de 1940, reclamando da pouca qualidade dos livros e daqueles autores que escrevem qualquer coisa apenas para vender. Propõe uma revisão da obra modernista, ainda que admitindo sua importância²⁰⁹.

Sendo assim, a escrita de autoria multiplica-se a ponto de um crítico do vulto de Tristão Athayde escrever:

“A poesia, e não a prosa, é a expressão natural da alma feminina”. Um frase dessas, que parece um truismo, será talvez amanhã um paradoxo. Pois entre os sintomas mais típicos do espírito moderno, que é por tantos modos sinônimo de decadência, está o da indistinção crescente entre os sexos²¹⁰.

A mulher se masculiniza, o homem se feminiza. Fenômeno assustador das sociedades móveis. A mulher reivindicando liberdade sexual, considerando a virgindade como um preconceito, reivindicando o divorcismo amplo, o horror à maternidade, igualdade de direitos, participação nas profissões outrora de privilégio masculino. “A mulher quer ser homem, o homem quer ser mulher”, afirma melancolicamente Athayde. E conclui: “da mesma forma que fogem da maternidade, começarão em breve a fugir da

²⁰⁷ RISÉRIO, A. Pagu: vida-obra, obravida, vida. In: CAMPOS, A. **Op. Cit.** p. 18-30.

²⁰⁸ GOTLIB, N. **Op. Cit.** p. 46.

²⁰⁹ RISÉRIO, A. **Op. Cit.**

²¹⁰ ATHAYDE, T. (Alceu Amoroso Lima). **Estudos**. Quinta Série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933. p. 89. (AABL)

poesia. A prosa lhes aparecerá também como sinal de libertação”²¹¹. Parece que não eram infundados os medos do crítico literário.

Chegamos, portanto, aos anos 1920/30, ano de grandes mudanças políticas e sociais. A primeira República não mais se sustenta e um clima de insatisfação paira sobre toda a sociedade, principalmente no campo intelectual. Questiona-se a política oligárquica, os privilégios regionais, o voto de cabresto, as desigualdades sociais. O Partido Comunista havia se organizado desde 1922 e ampliava sua atuação entre os intelectuais, os protestos do movimento tenentista e da Coluna Prestes tinham ecos cada vez maiores na capital e nas províncias. No campo literário, alguns nomes do movimento modernista e vozes de diferentes regiões do país reforçavam a necessidade das relações entre a produção literária e as questões sociais, política e literatura devem se intercambiar.

A chamada Revolução de 30 é um marco neste sentido, é a ascensão de um gaúcho à presidência, lugar tradicional de mineiros e paulistas. Ao longo da década, a figura de Getúlio Vargas vai ser cada vez mais reforçada, criando aliados e inimigos entre as elites.

Como discurremos anteriormente, é a vez das literaturas regionais, que vão se tornar a expressão de algumas características do projeto que o Modernismo de 22 já havia anunciado, de recuperação, construção da nacionalidade.

Luís Bueno destaca, além disso, a importância da reflexão sobre o outro como parte do movimento literário dos anos 1930; um outro que é o proletário, o pobre, o negro e também a mulher²¹². Esta assume, muitas vezes, a figura da “mulher enigma”. Assim como todo o resto, as posições de gênero estavam, portanto, em questão na modernidade brasileira, e adentravam, cada vez mais o espaço da criação literária, nas personagens, nos temas:

Enigma da mulher moderna

Existirá de fato aquilo que se convencionou denominar – a mulher moderna? Existe sem dúvida. Mas eu observo a propósito, em relação aos nossos escritores, o mesmo fenômeno que Emmanuel Berl notou em relação aos escritores franceses da atualidade: eles se interessam muito pouco pela chamada mulher moderna. Dir-se-ia que os nossos romancistas e romancistas, como os franceses, não vêem a mulher de seu tempo, ou viram o rosto, para não vê-la. Alguns ainda teimam em explorar o velho e estafadíssimo tema do ‘eterno feminino’ que é hoje uma bobagem sem sentido. Os outros nem isso. Os nossos melhores romancistas contemporâneos – José Lins do Rêgo, Gastão Cruls, Jorge Amado, Lúcio

²¹¹ A ATHAYDE, T. (Alceu Amoroso Lima). **Op. Cit.** p. 91.

²¹² BUENO, L. **Uma história do romance de 30**. São Paulo/Campinas: Edusp/Editora da Unicamp, 2006.

Cardoso, Erico Veríssimo – não se interessam ainda pela mulher nova do Brasil. Na França também é assim. Não se vêem mulheres modernas nem em Valery Larbaud, nem em Maurois, nem em Bernanos, nem em Malraux, nem em Montherlant. Os dramaturgos franceses, como bem observa Berl estão transformando a mulher num simples instrumento de réplicas. Entretanto, Balzac, se tivesse conhecido a mulher do nosso tempo – tão complexa, tão inquieta, tão interessante, teria escrito sobre ela dez volumes. Será que hoje não há mais Balzacs na literatura francesa? Em todo caso, há ainda um Mauriac, que tem olhos agudos e penetrantes. Nem por isso o assunto tem sido aproveitado devidamente²¹³

Este ensaio foi escrito por Peregrino Júnior para o Anuário Brasileiro de Literatura de 1937. Fica-nos patente a problematização sobre a mulher moderna e a falta de atenção que o autor acredita haver por parte da literatura. Porém, ao mesmo tempo que chama a atenção para a ausência, Júnior ignora o discurso das próprias mulheres sobre si.

Essa inconstância feminina e seus enigmas, aos olhos das escritoras, tem um sentido diferente daquela encontrada na escrita dos homens. A máscara da inconstância colocada pelo texto de alguns homens é uma tentativa de limitação, de redução da multiplicidade do ser mulher a um único, identitário, fixo, como o perfil da esposa, que poderia ser mais facilmente moldável e possuída. Para a escrita das mulheres, a inconstância é potencialmente criadora: é ela que garante às mulheres um certo poder de criar-se, de serem personagens múltiplos, o que lhes sugere serem detentoras de uma certa mobilidade, havendo algum movimento possível. É exatamente desta mobilidade das personagens que lhes advém a força criativa²¹⁴.

Na originalidade de seu estilo e marcada por sua posição social, Rachel expressou em pluralidades as questões enfrentadas pela mulher brasileira de começos do século, não desvinculada das questões sociais mais amplas. Neste sentido, respondeu a uma expectativa das correntes literárias de seu tempo, ao mesmo tempo que a inovou. No entanto, mesmo que permanecendo um nome importante na literatura ainda hoje, sua inserção não deixou de enfrentar barreiras no campo literário, em grande parte ligadas às concepções de gênero.

Voltando à crítica de Schmidt, fazemos uma segunda nota: a ambiguidade de gênero com que *O Quinze*, primeiro livro de Rachel de Queiroz, foi tratado quando comparado a demais escritores:

²¹³ JUNIOR, P. Enigma da mulher moderna. **Anuário Brasileiro de Literatura**. Rio de Janeiro, 1937. p. 73-74. Arquivo Fundação Casa de Rui Barbosa. (FCRB)

²¹⁴ Silva faz esta afirmação baseada na tese de doutorado de Norma Telles, ainda não publicada. Ver SILVA, C. **Op. Cit.** p. 50.

Nada há no livro de D. Rachel de Queiroz que lembre, nem de longe, o pernosticismo, a futilidade, a falsidade da nossa literatura feminina. É o livro de uma criatura simples, grave e forte, para quem a vida existe.

É que não tem apenas a compreensão exterior da vida. Livro que surpreende pela experiência, pelo repouso, pelo domínio da emoção – e isto a tal ponto que estive inclinado a supor que D. Rachel de Queiroz fôsse apenas um nome escondendo outro nome.

A associação do feminino com grande parte dos valores negativos combatidos pela visão modernista é patente neste trecho. Mas, como é frequente nos discursos sobre o gênero, os comentários caem normalmente no paradoxo²¹⁵, uma vez que *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, coloca em cheque qualquer associação simplista entre feminino e linguagem.

É justamente neste paradoxo que mergulham críticos como Tristão de Athayde que, para entender a produção feminina do seu momento, recorre ao argumento das almas separadas do corpo: “Um grande poeta, por exemplo, possui sempre em sua alma qualquer coisa de feminino, no mais belo sentido da expressão. Ao passo que uma mulher realmente superiora possui sempre qualquer coisa de varonil, sem perder nada de sua feminilidade natural”. Assim, afirma ter em mãos quatro livros de autoria feminina em que a distribuição da “sexualidade espiritual” se faz desigualmente²¹⁶.

Um deles é *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, “em que uma feminilidade natural parece ter cortado as suas raízes espirituais profundas e ameaça, por isso mesmo, ser invadida pelo veneno mortal da negação de si mesma”. Mais uma vez, é a mulher que não escreve como mulher e que, nesse caso, corre o risco de se perder. Ao individualismo e à modernidade que atribui à personagem de Conceição, o tradicionalismo de Athayde chama de fraco *espírito interior*, característica típica da modernidade²¹⁷.

²¹⁵ Joan Scott é uma das pesquisadoras que chama atenção para esta característica; por isso, para ela, é mister diferenciar sexo e gênero, uma vez que o primeiro refere-se ao biológico e o segundo ao cultural. Não querendo, no entanto, adentrar às discussões que se desenvolveram até hoje sobre o tema, basta-nos destacar como é complexo relacionar o saber sobre o gênero e sua relação com o sexo e vice-versa. São discursos que normalmente caem no paradoxo, como aponta a mesma Scott ao analisar o discurso das primeiras feministas francesas. O paradoxo, no entanto, não deve ser visto como negativo pois, paralelo à doxa, ele serve para contrapô-la e estabelecer novos significados Ver: SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Revista Educação e Realidade**. Número 16(2), jul/dez. Porto Alegre: UFRS, 1990; _____. Prefácio à Gender and Politics of History. In: **Cadernos Pagu**. Número 3. Campinas: Ed. Unicamp, 1994; _____. **A cidadã paradoxal**: as feministas francesas e os direitos do homem. Trad. Élvio A. Funck. Apres. Miriam P. Grossi. 2002.

²¹⁶ ATHAYDE, T. (Alceu Amoroso Lima). **Op. Cit.** p. 92.

²¹⁷ ATHAYDE, T. (Alceu Amoroso Lima). **Op. Cit.** p. 93.

Parece que o crítico vive a surpresa das ambiguidades de gênero de seu tempo e, para manter-se em campo seguro, separa corpo e espírito, cria uma visão dualista tipicamente religiosa para explicar mulheres que escrevem diferentemente dos estereótipos mais comuns. E conclui sobre o livro de Rachel de Queiroz: “Como se vê, essa obra é um belo documento da nossa melhor literatura feminina. Se bem que inferior, a meu ver, ao que eu esperava pelo muito que dele prometeram, é sem dúvida um romance que não se confunde na massa indistinta e que revela, em sua autora, um autor”²¹⁸.

Literatura feminina assume aqui mais um de seus vários sentidos. É como uma grande capa de pano, extensa, maleável, colorida; capa que pode cobrir os mais diferentes objetos, as mais distintas formas, dependendo da vontade daquele que a utiliza.

Voltando às comparações despertadas pela crítica de Schmidt - entre Rachel e escritoras estrangeiras e entre Rachel e a escrita das mulheres brasileiras até então - gostaríamos de fazer mais uma observação que acreditamos pertinente, pois é recorrente uma idéia de escrita feminina no imaginário brasileiro da primeira metade do século, o que torna o assunto importante.

Nos anos 1940, Virgínia Woolf (1882-1941), importante escritora inglesa da virada do século, merece a atenção de uma crítica literária: a mineira Lúcia Miguel Pereira. Esta estreara no romance com *Maria Luísa* em 1933, editada coincidentemente, pela editora de Augusto Frederico Schmidt²¹⁹. Mas tornou-se conhecida nacionalmente por seu estudo crítico acerca de Machado de Assis, publicado em 1936. Além disso, escreveu para periódicos como *O Correio da manhã*, *O Estado de S. Paulo*, *Revista do Brasil*, *Boletim de Ariel*, *A ordem*, *Lanterna Verde*, etc²²⁰. Lembrando que todas as três mulheres (Queiroz, Woolf, Pereira) desta nossa conversa tiveram destaque no ambiente literário da primeira metade do século XX, seja no Brasil ou na Inglaterra.

²¹⁸ ATHAYDE, T. (Alceu Amoroso Lima). **Op. Cit.** p. 96.

²¹⁹ A própria Rachel de Queiroz seria convidada por Schmidt a editar *João Miguel*, em 1932.

²²⁰ Lúcia Miguel Pereira (1901-1959) foi crítica literária, biógrafa, romancista, tradutora, autora de livros infantis. Ver DUARTE, C. L. (Org.) **Mulheres em Letras**: antologia de escritoras mineiras. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2008.

Em artigo para o *Correio da manhã*²²¹ de maio e junho de 1944 Pereira publica dois artigos muito interessantes sobre Virgínia Woolf. O primeiro intitula-se *Dualidade de Virgínia Woolf* e abrange especialmente seu romance mais marcada pelo que Pereira chama de “androgínia”, que é *Orlando*. O segundo artigo Pereira intitula *Crítica e feminismo*, debruçando-se sobre uma obra crítica de Woolf: *A room for one's own*.

Em ambos os textos, a brasileira tende a criar pares de oposição ao definir a inglesa, de onde existiriam então duas Woolfs²²²: uma racionalista (presente nas críticas e ensaios que escreve), outra sensível (presente nos romances). Da mesma forma existiria uma parte de feminilidade e outra de feminismo; sendo esta última, segundo Pereira, a mais prejudicial no trabalho de Woolf, pois que é “inteiramente alheia às atividades do espírito”.

Neste sentido, Pereira valoriza potencialmente o romance *Orlando* de Woolf, uma vez que este é “uma tentativa de libertação do sexo e do tempo, libertação a que aspiraria sem dúvida a sua autora, atormentada pela obsessão do tempo, inquieta por se sentir, intelectualmente, andrógina, fadada a pensar ora como homem, ora como mulher”.

Em *Orlando*, portanto, Woolf superaria ambos - sexo e tempo, criando um/uma personagem que vive séculos e alterna-se em homem e mulher sem grandes explicações e sem importar-se de fato com isso. No entanto, na interpretação de Pereira, a obsessão de Woolf pelo tempo não seria somente relativa ao tempo-duração que marca todos nós, mas pelo seu próprio tempo, pela época em que viveu, com suas grandezas e deficiências²²³. É a marca da geração em Virgínia Woolf, uma geração marcada pela ambiguidade do gênero.

Se, por um lado, Pereira é genial nesta interpretação do romance da autora inglesa elogiando seu androginismo, acaba por acusar e criticar o feminismo de Woolf expresso em *A room for one's own*, livro em forma de ensaio publicado por Woolf em 1929.

²²¹ Os artigos foram publicados em conjunto in: PEREIRA, L. M. **Escritos da maturidade**. Rio de Janeiro: Graphia Editorial: 1994.

²²² Esta divisão de Virginia Woolf em duas não é exclusiva de Lúcia Miguel Pereira. Mesmo que Pereira, nos anos 1940, não tenha relação direta com o movimento feminista, é coincidente que grande parte da crítica literária feminista dos anos 1970 divida a autora inglesa da mesma forma, apesar de outras diferenças na interpretação. Exemplo: SHOWALTER, E. **A literature of their own: British women novelists from Brontë to Lessing**. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1977.

²²³ PEREIRA, L. M. **Op Cit.** p. 95.

Obras de caráter e intenção diferenciadas, *Orlando* e *A room* são expressões, no entanto, do pensamento de uma mesma autora e talvez duas formas diferentes de encarar as divisões e os preconceitos de gênero de seu tempo. No romance o problema é solucionado extrapolando-se tempo e sexo, criando uma ficção onde nada disso importa mais, onde o que vale é viver, é fazer história, é criar, sentir, pensar, reagir, amar.

Já *A room* é um texto em forma de palestra cujo tema é “a mulher e a ficção”. Partindo daí, a autora inglesa avança para um belíssimo conjunto de ensaios sobre a escrita das mulheres e seus desafios ao longo da história e principalmente durante as décadas de 20 e 30²²⁴.

Na interpretação de Pereira *A room for one's own* é tido como um dos grandes livros de Woolf, pela própria forma como é construído, pela “graça de espírito, pela finura”. A brasileira junta-se à inglesa na argumentação de que, de fato, só em liberdade é que o escritor pode produzir. No entanto, Pereira discorda do que chama de “a parte feminista do texto”, ou seja, a defesa que Woolf faz da necessidade de liberdade para a mulher, de um lugar próprio para ela e de uma recompensa financeira para seu trabalho.

Pereira argumenta que liberdade de pensamento e um mínimo de bem estar material não são reivindicações somente das chamadas conquistas feministas, são direitos essenciais da pessoa humana²²⁵.

Toda esta reflexão de Pereira em relação a Woolf, junto às asserções que fizemos em relação a Rachel de Queiroz e a escrita feminina, são exemplos da ambiguidade que as definições de gênero assumiram no começo do século XX tanto no Brasil como em outros países. A dificuldade em lidar com a mulher que escreve assume duas dimensões: tanto a dimensão social de incorporação desta mulher no espaço da literatura “oficial” – e que precisa de argumentos de incorporação ou rejeição – quanto a dimensão psicológica das próprias escritoras, ao ver-se num campo em que até então era-lhe dificultado o acesso.

²²⁴ Algumas feministas da década de 70, principalmente da corrente Anglo-Saxã, não classificam esta obra como feminista pois Woolf, apesar de levantar vários problemas enfrentados pelas mulheres de sua época, não toma uma atitude política de afirmação feminina, principalmente quando passa a utilizar o conceito de *andrógino*. No entanto, quando da crítica ao feminismo diferencialista a partir dos anos 1980, Woolf é retomada e sua afirmação da androginia passa ser valorizada. Ver: MOI, T. Who's afraid of Virginia Woolf?. In: **Sexual/Textual Politics – Feminist Literary Theory**. London and New York: Methuen, 1985.

²²⁵ PEREIRA, L. M. **Op Cit.** p. 101.

Elas mesmas têm dificuldade em definir-se enquanto escritoras almejando alcançar sempre certa androginia, onde o sexo não importaria para a dimensão intelectual. Assim, Woolf cria Orlando, Pereira critica o feminismo generalizando suas conquistas para todo o ser humano, assim Rachel de Queiroz é vista como uma mulher que não escreve como mulher.

A comparação entre ambas, a nosso ver, e apesar das inúmeras diferenças entre elas, se dá pela marca do tempo, como afirma a observação tão contundente de Pereira. A geração destas três mulheres vai marcá-las profundamente em relação às suas concepções de gênero e a forma como pensam o feminino e a escrita, a sua própria escrita e a das demais mulheres.

Podemos então notar como se dá a comparação feita por Schmidt entre o primeiro livro da autora cearense (*O Quinze* – 1930) e a publicação de mulheres renomadas da literatura internacional, e como a década de 30 tornou-se um momento de redefinição da identidade da mulher. Com certeza a semelhança entre as autoras não se dá pela linguagem ou pelo estilo, uma vez que Rachel de Queiroz é valorizada justamente pela economia de descrições, pelo texto objetivo e enxuto, enquanto Virginia Woolf é conhecida pela subjetividade, descritividade e pelo chamado fluxo de consciência (também é importante sua influência sobre Katherine Mansfield).

O Quinze, ao contrário, é valorizado por ser uma “lição de simplicidade” na literatura brasileira. Nota-se que o termo *literatura feminina* é generalizado e corresponde a um estereótipo caracterizado negativamente pelo autor da crítica. Já o contrário disso é encontrado na obra de ‘Dona Rachel’, caracterizado pela experiência, repouso e domínio da emoção.

Segundo Heloísa Buaque de Hollanda, o fato é que não encontramos nem no *Quinze* nem no conjunto da obra de Rachel nenhum vestígio da heroína vitimizada, da abnegação sensível ou das grandes questões existenciais, traços aparentemente típicos do universo literário da mulher ainda hoje²²⁶.

Sendo assim, como poderia um crítico acreditar na autenticidade deste livro? Uma mulher de dezenove anos? Daí a desconfiança do “nome que esconde outro nome”. Não é à toa então que, desde os primeiros exemplares de *O Quinze*, amigos da

²²⁶ HOLLANDA, H. B. de. O ‘éthos’ Rachel. In: **Cadernos de Literatura Brasileira: Rachel de Queiroz**. Instituto Moreira Salles. Número 4. 1ª reimpressão, jan/2002. p. 113.

família e outros jornalistas de Fortaleza desconfiaram, a princípio, que o autor fosse na verdade o pai, Daniel de Queiroz²²⁷.

Mas, confusões e desconfianças à parte, o momento histórico possibilita certo reconhecimento da mulher. Tanto que - e aí se dá a comparação entre Rachel e Virginia Woolf, Katherine Mansfield, etc - mulheres estão sendo valorizadas por sua ficção em vários lugares do mundo. E mais uma vez a Europa desce ao Brasil: por que nós não podemos ter uma Virginia Woolf à brasileira? Uma mulher que inove a literatura, que trate da seca (tema social importante) com uma linguagem objetiva, realista, não sentimental (não pertencente à *literatura feminina*)?

É também por romper uma barreira de gênero através de seu estilo que a autora avança no horizonte de expectativas de seu tempo²²⁸, colocando-a frente a frente com a produção das demais mulheres que escreveram no começo do século e que foram ou não reconhecidas pelo cânone literário de então, como Júlia Lopes de Almeida, Lola de Oliveira, Mme. Chrysanthème, Maria Lacerda de Moura, Lúcia Miguel Pereira, Cecília Meireles, e outras. A partir daí seria preciso aprofundar a relação entre os diversos contextos e os diferentes gêneros literários desenvolvidos por estas mulheres para se ter uma ideia mais completa dos elementos de sua escrita.

²²⁷ QUEIROZ, R. de. & QUEIROZ, M. L. de. **Op. Cit.** p. 38/39.

²²⁸ Não pudemos desenvolver neste texto, mas cumpre citar uma interpretação da recepção de *O Quinze* que poderia ser feita a partir da ideia de *mimesis*, desenvolvida por Luiz Costa Lima. Um dos maiores divulgadores da Estética da Recepção no Brasil, Costa Lima passou a elaborar sua própria perspectiva filosófica referente à relação autor-obra-leitor. Em termos muito simples a *mimesis* da arte não seria simplesmente a *imitatio*, conceito que perdurou por muito tempo na avaliação estética. Voltando aos gregos (Platão e, principalmente, Aristóteles) e às formulações de Wolfgang Iser sobre o *efeito*, Luiz Costa Lima propõe a *mimesis* como um elemento potencial, elemento de mudança, de dinâmica cultural, baseado em uma nova interpretação da ideia de *representação*: “a *mimesis* supõe uma correspondência entre uma cena primeira, orientadora e geral, e uma cena segunda, particularizada numa obra. Esta encontra naquela os parâmetros que possibilitam seu reconhecimento e aceitação”. Em resumo, na interpretação que fazemos, *O Quinze* teria grande aceitação entre a crítica porque a obra funcionaria tanto como uma *mimesis* da seca (em seu sentido exclusivo de *imitatio*- tema da seca, linguagem seca) como uma *mimesis* do feminino (no sentido costalimeano do termo, identificação+dinâmica, avanço, multiplicação de perspectivas). Ver: LIMA, L. C. **Mimesis**: desafio ao pensamento. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

2. *O Quinze* e o nacional

Maria Eugênia Celso (1886-1963), poeta e jornalista mineira, participante ativa, junto com Bertha Lutz, da campanha pelo voto feminino também deu seu parecer sobre o primeiro livro de Rachel de Queiroz. Parecer reproduzido no *O Povo* de 27 de setembro de 1930:

É um livro que me chegou do nordeste. Um livro de capa rutila como o sol deste Ceará de que as suas páginas contam a mortífera incandescência. O livro de estreia de uma menina de dezenove anos. Um romance: *O Quinze*, de Rachel de Queiroz.

Conheci Rachel de Queiroz ao saltar em Fortaleza, por um dia bem nordestino, dourado e quente, em que até os “verdes mores bravios” num excesso de hospitalidade para com a viajante que chagava se haviam amainado em balanço alfáveis.

(...)

No sarau do Salão Juvenal Galeno, em que tantos talentos poéticos despetalaram em minha intenção as mais formosas flores do seu estro, a saudação de Rachel de Queiroz, feita em versos matutos, com uma pontinha deste humorismo simples da gente do interior, teve um sabor especialíssimo de fruta bem brasileira²²⁹.

A jornalista mineira segue contando que Rachel recitara vários poemas, entre eles o mesmo que colocara no prefácio de *O Quinze*, o poema **Êxodo**, de *Mandacaru*. Maria Eugênia notara um incongruência na jovem Rachel ao longo do sarau, pois muitas de suas poesias traziam um tom filosófico que “se tornava verdadeiramente paradoxal naqueles lábios quase adolescentes”. Mais uma vez a figura do paradoxo é trazida à tona. A coragem e a ousadia da jovem impressionam a escritora mineira. Fala como adulto, trata de assuntos de interesse público e de forma intelectual:

A morte do pequeno Josias, envenenado por ter comido uma raiz de manipeba, é de uma sobriedade de tintas, de um realismo de emoção tão sugestivo e tão perfeito, na sua simplicidade de água-forte, que mais se diria de um escritor já senhor de todos os recursos da profissão do que de uma estreante a que a inexperiência dos vinte anos ainda para completar, excusaria a sobrecarga quase inevitável do sombreado ao efeito do desenho.

A sobriedade constitui, aliás, a qualidade mestra de Rachel de Queiroz. Uma qualidade rara à exuberância dos dezenove anos. Porque tal veio de água transparente atravessando todo este angustioso painel de fome, de miséria e de morte, um sóbrio, um discreto, um delicado idílio deixa adivinhar.

Mais uma, portanto, a destacar a objetividade do texto racheliano, Maria Eugênia Celso ressalta também “o amor de primos, feito de familiaridade no tratamento e de acanhamento na manifestação, simples e complexo a um tempo, um delicioso amor que se vexaria de ser demasiado amoroso”. A autora não cita nada sobre a personagem

²²⁹ CELSO, M. E. *O Quinze*. Reproduzido em *O Povo*. 27.09.1930. Original do *Jornal do Brasil*. 05.09.1930. (ABPF)

Conceição, o que é uma questão curiosa. Por que a personagem chama tanto a atenção da crítica masculina e não desperta um comentário sequer nesta única crítica feminina que encontramos? Pode ser que Conceição não seja um surpresa tão grande assim para as próprias mulheres escritoras da época?

Por fim, Celso termina destacando o valor do livro para as letras nacionais, ao se propôr regionalista, mas capaz de interessar à coletividade, por ser essencialmente brasileiro.

Mas, mesmo a famosa crítica de Schmidt, tão analisada e reproduzida ao longo do tempo, torna-se uma importante fonte de análise para percebermos as expectativas literárias do começo da década de 30, principalmente em relação aos aspectos de gênero. O próprio Graciliano, lembrando-se da época em que leu *O Quinze* como sugestão de Schmidt, afirmou que “durante muito tempo ficou-me a idéia idiota de que era homem, tão forte estava em mim o preconceito que excluía as mulheres da literatura”²³⁰.

Mas, além disso, Schmidt tece outros comentários pertinentes:

Há pouco, ainda, o sr. Oliveira Viana insistia no seu livro *Problemas de Política Objetiva*, sobre a necessidade de se pensar definitivamente esta chaga terrível, que existe sempre, porque pode chegar de um momento para outro. Já o livro do sr. José Américo de Almeida, que teve um eco tão profundo na alma nacional, recordou também que a sêca existia, mas não era **A Bagaceira**, ainda, o livro da sêca. Outros problemas o agitavam, o descontentamento diante de outras realidades humanas, a própria vida amorosa dos heróis distraía o leitor do flagelo. E quem lê os outros livros sôbre o assunto?

D. Rachel de Queiroz veio falar de novo. É mais uma voz – e tão singularmente forte na sua delicadeza – que vem lembrar aos outros brasileiros que a sêca pode chegar de um momento para outro²³¹.

A tendência regionalista dos anos 30 tinha sido introduzida pelo livro de José Américo de Almeida, *A bagaceira*, em 1928, trazendo análises mais críticas que o romance exótico regionalista do século XIX. A força desse regionalismo era resultado de fatores contraditórios: o equilíbrio entre a renovação modernista do Centro-Sul, e a do Nordeste, que sublinhava seu cunho tradicionalista. No entanto, o livro de José Américo ainda estava numa fase de transição, tendo muitas descrições que desviavam do foco principal do texto.

Já *O Quinze*, por seu estilo enxuto, direto e firme foi de tal forma reverenciado e lido que perpetuaria a imagem de Rachel como ‘fenômeno literário’ até, pelo menos, os

²³⁰ ELEUTÉRIO, M. de L. **Op cit.** p. 71.

²³¹ SCHMIDT, A. F. **Op. Cit.**

anos 60²³². Também um dos grandes representantes intelectuais do modernismo de 22, Mário de Andrade, em resenha de 1930, se rendeu diante da impressão de autenticidade do romance, que deslocava todos os outros livros sobre o mesmo tema para o pólo da *literatice*²³³.

Este crítico, mesmo por seu combate ao que ele chama “literatice”, vai levantar outras questões em relação ao romance de Rachel de Queiroz, enveredando por argumentos que facilitaríamos a onda do romance social do Nordeste - e também o *romance proletário*²³⁴. Esta tendência começa a popularizar-se no Centro-Sul do país, promovendo escritores como Graciliano Ramos, José Lins do Rêgo e Jorge Amado.

Mário destaca no *Diário de Notícias* a linguagem como uma das grandes inovações do romance ao lado da forma como pensa as questões sociais. Perdoem-nos os leitores, mas cumpre citar a crítica quase integral:

Rachel de Queiroz, com seus divinos dezenove anos, recheada de literatura, provavelmente loquaz como todo nordestino que se preza, muito lindinha de certo, teve vontade de escrever, que é mesmo por onde a gente começa. Mas, não sei, foi escrever e não é que se esqueceu dessa impiedade luminosa que é peculiar à mocidade? Esqueceu. Escreveu um prefácio e uma citação em verso, provavelmente dela pois não traz nome de outro autor. Prefácio e verso são literatice mas da gorda. Basta dizer que a versalhada principia: “O sol, qual Moloch das lendas caducas”! O que surpreende mais é justamente isso, tanta literatice inicial se sorveter de repente, e a moça vir saindo com um livro humano, uma seca de verdade, sem exagero, sem sonoridade, uma seca seca, pura, detestável, medonha, em que o fantasma da morte e das maiores desgraças não voa mais que sobre a São Paulo dos desocupados. Rachel de Queiroz eleva a seca às suas proporções exatas. Nem mais, nem menos. É horrroso mas não é Miguel Anjo. E medonho mas não é Dante. É a seca. É mais que uma conversão da seca à realidade, é uma conversão à humanidade. E, talvez, impulsionada por esse maravilhoso calor do ser, Rachel de Queiroz achou jeito de humanizar tão dolorosamente o pequeno trecho amoroso disperso no livro, que a gente se percebe dignificado, por assim dizer, justificado quando o caso se acaba, tão sublimemente proporcionado à incompetência humana. Os outros escritores da seca criaram obras-primas literárias. Como artistas, como criadores se conservam muito acima de Rachel de Queiroz. Mas essa moça inventou a obra-prima também: Obra-prima, *tout court*²³⁵.

É interessante percebermos que, tanto a crítica de Schmidt, como muitas outras, de Maria Eugênia Celso, Raymundo Morais, Octávio de Faria foram reproduzidas no *O*

²³² ARÊAS, Wilma. Rachel: o ouro e a prata da casa. In: **Cadernos de Literatura Brasileira: Rachel de Queiroz**. Instituto Moreira Salles. Número 4. 1ª reimpressão, jan/2002. p. 88.

²³³ ARÊAS, W. **Op. Cit.** p. 88.

²³⁴ O chamado romance proletário teve seu auge nos anos 1933-1936. Apesar de ser um conceito um tanto arbitrário e vago, podemos dizer que corresponde às obras de temática social, vinculados a ideais socialistas e comunistas em voga na época.

²³⁵ ANDRADE, M. Rachel de Queiroz. In: _____. **Táxi e crônicas no Diário Nacional**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2005. Crônica de 14.09.1930.

Povo, jornal em que Rachel trabalhava, assim que saíram em seus periódicos de origem. A de Mário, no entanto, não aparece nos números do *O Povo* que tivemos acesso. Seu comentário, porém, deve ter sido levado em conta, pois nas próximas edições o prefácio será alterado até ser esquecido por completo. No entanto, ao chamar a atenção para a *versalhada* da autora em seu prefácio, o modernista parece esquecer suas próprias palavras em *Há uma gota de sangue em cada poema*, de 1917²³⁶.

De fato, como o notou Maria Eugênia Celso, o prefácio de *O Quinze* era um trecho daquele pequeno livro esquecido e nunca editado por Rachel, o *Mandacaru*, de 1928. Versos iniciais do poema **O êxodo**, terceiro poema do livro; o que prova mais uma vez a ligação direta entre a trajetória anterior de Rachel de Queiroz e o seu mais famoso romance, publicado em 1930.

Mário de Andrade celebra em Rachel, portanto, a ideia do romance como uma pesquisa social e humana, que aparece nas palavras, no tema, nas personagens. Tudo é seco: a paisagem, a linguagem, o romance; temos um ser humano cruamente retratado. E, neste sentido, Rachel de Queiroz corresponde à expectativa da crítica modernista que então se estabelecia.

Numa época em que as maiores editoras concentravam-se no Centro-Sul, a circulação do nome de Rachel nesses círculos foi fundamental para divulgar seu nome nacionalmente, dependendo, é claro, de sua constante produção, e uma produção que agradasse. A partir desses primeiros contatos no Rio de Janeiro, a autora foi convidada a publicar a segunda edição de *O Quinze* pela Editora Nacional, em 1931. Esta publicação de cinco mil exemplares é que representou uma real divulgação do livro para um público mais amplo.

Em seguida, foi convidada a editar a segunda obra pela editora de Augusto Schmidt, que ampliava-se no mercado e, em seguida, pela emergente José Olympio, que seria a editora de Rachel e de quase todos os nomes importantes da literatura de então.

Em termos práticos, no entanto, sabemos que não basta escrever bem para integrar uma literatura de projeção nacional. Grande parte deste caminho está na própria

²³⁶ Também Mário de Andrade apresenta-se timidamente nesta primeira obra, de 1917, ainda sob o pseudônimo de Mário Sobral: “nasceu (o livro), acompanhado daquela estragosa sensibilidade que deprime os seres e prejudica as existências, medrosos e humilde. E para a publicação destes poemas, sentiu-se mais medroso e mais humilde, que ao nascer”. Apud. BRITO, M. da S. **História do Modernismo Brasileiro: Antecedentes da Semana de Arte Moderna**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 6ª Ed. 1997. p. 71.

rede de sociabilidade firmada, no deslocamento regional, em contratos de trabalho, e num “dar-se a ver” constante.

Anarcóide Sentimental

Como membro da Academia Brasileira de Letras, Rachel de Queiroz foi velada a 04 de novembro de 2003 no Petit Trianon, situado no Centro do Rio de Janeiro. Teve morte calma e silenciosa aos 92 anos de idade, deitada na rede de seu apartamento no Rio de Janeiro. A data do velório coincidia com o 04 de novembro de 1977, data em que fora recebida na instituição carregando nas costas a importância de ser a primeira mulher a adentrar a tradicional Casa de Machado de Assis.

Ao longo do velório tomou a palavra o acadêmico Alberto da Costa e Silva: “Cabe-me dizer o adeus em nome da Academia a Rachel de Queiroz. Como se fosse possível dizer adeus a Rachel de Queiroz”. E segue em tom leve: “Dela soube pela primeira vez nos distantes anos de 1937, ou 1938. Quando menino via minha mãe a ler *O Quinze* e a comentar com minha avó sobre aquela moça que rompia todas as convenções da pequenina e provinciana Fortaleza de minha infância e ia sozinha aos cafés e falava publicamente mal do governo”.

De fato, ao longo de toda a vida, Rachel de Queiroz esteve envolvida, ou em algum movimento político, com grupos políticos ou personalidades importantes da nossa história. Foi amiga ou conhecida de quase todos os presidentes, quando não os rejeitava por completo. Apoiou o golpe de 64, mancha que marcaria sua trajetória seguinte e que seria quase impossível apagar.

Rachel integrou uma geração política por excelência. Geração, segundo pensamos, não tem número específico, não tem data limite, pode ser longa ou curta. O que marca sua delimitação são fatos, acontecimentos específicos que integram sujeitos num mesmo imaginário ou num ideal comum. Toda geração engloba mais duas, a anterior e a seguinte. “A história ritmada pelas gerações é uma ‘história em sanfona’, dilatando-se ou encolhendo-se ao sabor da frequência dos fatos inauguradores”²³⁷.

A geração modernista pode ter sido a mais marcante de nossa história brasileira contemporânea. Percebemos seus reflexos até hoje, seja nas artes, na economia ou na política. A própria utilização da palavra “modernização” já é uma estratégia potente, que, no discurso destes intelectuais, alia o dinamismo do contato cultural externo com o

²³⁷ SIRINELLI, J-F. A geração. In: FERREIRA, M. M. & AMADO, J. (Orgs). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005. p. 134.

que pode ser localizado na cultura tradicional²³⁸. Segundo Abdala Júnior, ao comparar diferentes territórios de passado colonial português, “A identidade cultural dos países colonizados mostra-se por uma luta que não se esgota na independência política. É uma conquista contínua de uma autodeterminação a efetivar-se dentro das condições de subdesenvolvimento e de necessidade de modernização”²³⁹.

Na literatura dos anos 30, envolvida até o pescoço com as mudanças políticas do país, a auto-reflexão é um pressuposto, agindo não somente na escolha do tema, mas mesmo na utilização da própria linguagem. Na literatura engajada dos anos 1920/30, a matéria extratextual torna-se intratextual²⁴⁰. Movimentos como o tenentista, a Semana de 22, a revolução de 30, a ditadura Vargas, além do questionamento geral quanto às injustiças sociais vão influenciar diretamente o pensamento e a linguagem deste período.

Quanto a Rachel de Queiroz, sua posição política foi definida das mais diversas formas. Até os anos trinta seus vínculos foram diretos com a esquerda brasileira, como veremos ao longo deste capítulo. Já no final da vida e depois de ter sido socialista, comunista, trotskista e anarquista, a autora - cansada de epítetos - resolveu inventar um título para sua política pessoal – que sempre foi, independentemente dos conceitos adotados, muito autêntica: o de anarcóide sentimental²⁴¹.

1. Os escritos rachelianos dos anos 1930

Em *Literatura e Sociedade*, Antônio Cândido analisa o período entre 1900 e 1945 estabelecendo o grande auge do modernismo a partir dos anos de 1930, quando há um amadurecimento das propostas de ruptura aventadas na década anterior²⁴². Além do amadurecimento das propostas, temos mesmo uma crítica à produção de 22, tida por vezes como artificial e muito ligada ao estrangeiro.

²³⁸ ABDALA JÚNIOR, B. **Literatura, História e Política: Literaturas de língua portuguesa no século XX**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007. p. 39.

²³⁹ ABDALA JÚNIOR, B. **Op. Cit.** p. 51.

²⁴¹ STEEN, E. V. 70 anos de fardão e prestações pagas. **Jornal da Tarde**. 15/11/1980. Entrevista. (ABN)

²⁴² CÂNDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. : estudos de teoria e história literária. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 8 ed., 2000.

Enquanto 1920 é uma década ainda *belle époque*, otimista com a renovação literária e as possibilidades de uma estética criativa, 1930 é a década da crise, década de desconstrução, da crítica. Elege a prosa como seu instrumento de luta, o que a diferencia mais uma vez da década anterior. “Na década de 30 está ausente qualquer crença na possibilidade de uma transformação positiva do país pela via da modernização”. Para os autores de então, a modernização não funciona se não há mudança na estrutura social. Luís Bueno, em sua análise dos romances dessa época, define esta geração como *pós-utópica*²⁴³.

Como vimos, são os modernistas da primeira leva, como Augusto Frederico Schmidt e Mário de Andrade, os primeiros a escrever resenhas sobre *O Quinze* no Centro-Sul. O contato direto da autora com o grupo de jovens renovadores deu-se a partir da publicação deste primeiro romance, quando esteve no Rio de Janeiro em 1931²⁴⁴ para receber o Primeiro Prêmio Graça Aranha, junto a Murilo Mendes na poesia e Cícero Dias na pintura. Desta viagem vários frutos renderiam, entre eles o contato com José Auto, poeta que seria seu primeiro marido e a entrada para o Partido Comunista.

Muito antes desta entrada oficial, porém, Rachel já conhecia muito bem as leituras socialistas, pela experiência que teve com a militância em seu próprio estado de origem, o Ceará.

O primeiro registro de organização de trabalhadores no Ceará remonta a 1890, com a criação de uma sessão do Partido do Operário. Sob a direção do cirurgião-dentista, Aderson Ferro, em seu manifesto propunham lutar pelo estabelecimento da jornada de trabalho de 8 horas, redução das horas de trabalho de mulheres e crianças, democratização do capital e habitação higiênica para trabalhadores. Envolveram-se igualmente em campanhas contra o analfabetismo e pela exigência de direitos iguais na Constituição²⁴⁵.

²⁴³ BUENO, L. *Uma História do Romance de 30*. São Paulo/Campinas: Edusp/Ed. Unicamp. 2006. p. 59-69.

²⁴⁴ A influência de Mário de Andrade é destacada por Rachel em suas memórias. Corresponderam-se por cartas desde 1930 mas conheceram-se somente em 1939 quando ambos foram morar no Rio de Janeiro. Segundo Rachel, Mário é o grande nome desta geração, o grande guia intelectual. QUEIROZ, R. de. & QUEIROZ, M. L. de. *Tantos Anos*. Editora Siciliano: São Paulo, 1998. p. 125-131.

²⁴⁵ RIBEIRO, F. M. *O PCB no Ceará: ascensão e declínio (1922-1947)*. Fortaleza: NUDOC, 1989. p. 22.

Bem se vê que estes trabalhadores não são, na verdade, operários, no sentido moderno do termo, mas artesãos sob a liderança de um profissional liberal. Mantinham ainda um jornal para a divulgação de suas ideias políticas: *O Combate*²⁴⁶.

Após manifestações contra o governo do coronel Benjamin Barroso, sofreram repressão sistemática, desfazendo o movimento quase por completo, voltando ele a se organizar novamente somente dez anos depois. “A verdade é que o nascente movimento operário sofria os percalços dos interesses político-partidários em disputa que procuravam cooptá-los nos períodos eleitorais e os abandonavam ao passar das eleições. Este fato contribuía para que o movimento sofresse momentos - muitas vezes longos – de profundo ostracismo e passageiros momentos de efervescência²⁴⁷”. P. 23.

Os anos de 1904, 1912 e 1913 no Ceará, marcaram a fundação de algumas organizações de operários, muitos promovendo greves e contando com a participação da Igreja junto às classes trabalhadoras. “Pode-se ressaltar, ainda no período 1912-1920, o surgimento de formas mais consistentes de idéias socializantes com a fundação, em 1919, por Moacir Caminha, Gastão Justa, Eurico Pinto e Raimundo Ramos, do Partido Socialista, como também o aparecimento de grande número de sindicatos que mais tarde desempenhariam importante papel junto às suas categorias²⁴⁸”.

Já nos anos 1920, Demócrito Rocha – o nosso já conhecido dono de *O Povo* - fundara, como estratégia política, o Partido da Mocidade onde participava também outro amigo de Rachel, Jáder de Carvalho. Funcionava como um partido idealista, “cujos princípios fundamentais eram: a arregimentação eleitoral das classes; o combate ao latifúndio; a luta contra a arma política do Congresso; a fiscalização das eleições e moralização do voto e a arregimentação dos operários em forte núcleo eleitoral. Incluíam em seu programa também o incentivo à educação do sexo feminino²⁴⁹”.

Para Francisco Ribeiro, este era um dos partidos travestidos de defensores da causa dos trabalhadores, ávido de participação, assumindo através de seus manifestos, a defesa dos trabalhadores e suas lutas, mas cuja ação ficou restrita ao campo das idéias. Participavam dele, além de Demócrito e Jáder de Carvalho, João Monteiro e Djacir Menezes, escritores que também integrariam o jornal *O Povo* a partir de 1928 e seriam

²⁴⁶ Este título foi utilizado por vários outros periódicos no Rio, na Paraíba, em Porto Alegre.

²⁴⁷ RIBEIRO, F. M. **Op. Cit.** p. 23.

²⁴⁸ RIBEIRO, F. M. **Op. Cit.** p. 25.

²⁴⁹ PONTES, C. B. **Demócrito Rocha**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. p. 20.

responsáveis por divulgar o socialismo entre o grupo de jornalistas mais próximos, inclusive Rachel de Queiroz.

Na época de fundação do Partido da Mocidade *O Ceará*, periódico de Júlio Ibiapina, era quem divulgava os programas, manifestos e notas ao público vindos do partido. Como parte da estratégia do jornal em se opôr aos conservadores e à Igreja, *O Ceará* sempre dava ênfase a esse movimento, do qual esperava a solução dos problemas sociais do Estado²⁵⁰.

O aspecto mais importante, e que deve ser ressaltado, da participação do ‘Partido da Mocidade’ na vida política local é o despertar de um importante segmento da nossa sociedade para a necessidade de implementar reformas sociais urgentes, tanto nacionais como estaduais, como a moralização da política dominada com mãos de ferro pelas oligarquias locais. Representava também um canal aberto que iria servir de exemplo de conduta à participação ativa de uma gama de jovens idealistas na busca de caminhos contrários àqueles tradicionalmente percorridos pelos representantes das classes dominantes em nosso Estado. Criava, pois, o partido, em torno de si, perspectivas de novas formas de participação política a partir de um processo de tomada de consciência das condições de vida da população que lhe servirá de base para definir um programa, estruturando-o em termos de reformas sócio-econômicas consoantes com a realidade local. (...)

O Partido da Mocidade surge em um momento histórico onde predomina na política estadual um modo de se fazer política com características do ‘tipo arcaico’ e um estágio de desenvolvimento político pré-ideológico que dificulta todo e qualquer processo de renovação política. Apesar de excluído do processo de condução político-social sua presença tem o papel de caracterizar um novo momento na vida política do Estado, na busca de transformações mais profundas ansiadas pela sociedade que não dispunha de canais competentes ou não podia utilizar-se daqueles existentes, no caso, os partidos políticos locais, que sempre representaram o contingente mais conservador da sociedade²⁵¹

É interessante notar que este Partido era composto praticamente de intelectuais da classe média e quase não tinha integração política junto aos trabalhadores. Sua atuação voltou-se mais para estabelecer os programas de reivindicação e refletir acerca dos problemas sociais da região.

Mesmo por conta de suas posições políticas, Demócrito foi perseguido várias vezes. Uma ainda em 1922, quando fora aclamado secretário do Comitê em favor de Nilo Peçanha. Como represália, transferiram-no na companhia de telégrafos em que trabalhava, de Fortaleza para o Mato Grosso. Só conseguiu permanecer na capital cearense por intervenção de amigos, como o escritor Antônio Sales.

Já em junho de 1927 chegou a ser espancado, em frente à livraria Moraes (aquela que venderia *O Quinze* três anos mais tarde) no governo de Moreira da Rocha, o

²⁵⁰ RIBEIRO, F. M. **Op. Cit.** p. 26/27.

²⁵¹ RIBEIRO, F. M. **Op. Cit.** p. 29.

qual criticava veementemente²⁵². Este mesmo governo viveria em constante tensão, enfrentando o clima passional oriundo da presença dos revoltosos que fizeram triunfar a revolução de 30, anos mais tarde, além de tentar manter a ordem e conter a atuação dos bandoleiros chefiados por Lampião²⁵³.

Fora o Partido da Mocidade, somente a partir de 1926 é que as ideias comunistas foram mais divulgadas e o PCB procurou reorganizar o movimento operário. É a partir desta época que os trabalhadores passaram a ter contato com o Partido em caráter nacional. Seja na legalidade ou através do Bloco Operário Camponês, até o começo da década de 1930, os trabalhadores procuraram se associar à pequena burguesia revolucionária e nacionalista na luta pela conquista de seus direitos.

No entanto, com a redefinição das linhas do Partido na Terceira Internacional Comunista, a partir de 1929, os objetivos do partido deixaram de ser a conquista do espaço político e das liberdades democráticas para centrarem-se na revolução agrária e antiimperialista. Também os intelectuais burgueses começaram a ser classificados como direitistas e, conseqüentemente, vistos como suspeitos²⁵⁴.

Demócrito Rocha, já em 1930, lutou junto à Caravana da Aliança Liberal pela queda do presidente Washington Luís e do governador à época, Mattos Peixoto. Para ele, este seria o fim da política oligárquica no Estado. No dia da vitória da revolução de 1930, apareceu carregado nos braços do povo na praça do Ferreira. Antes do Estado Novo chegou a candidatar-se a Deputado federal, perdendo o mandato com o golpe de Getúlio Vargas, contra quem passou a lutar a partir da segunda metade da década de 1930²⁵⁵.

Antes disto, porém, *O Povo* já começara a publicar artigos contra os comunistas, assim como o *O Nordeste*, órgão da cúria católica. Ambos apontam para o perigo da esquerda revolucionária. Isto, mesmo tendo contato com jornalistas envolvidos com estes movimentos. A repressão tornara-se cada vez mais forte, principalmente com a instauração da primeira interventoria de Fernandes Távora em 1931²⁵⁶.

²⁵² PONTES, C. B. **Op. Cit.** p. 21.

²⁵³ BARROSO, P. **Uma história da política do Ceará**. Fortaleza: Banco Nordeste, 1984. p. 97.

²⁵⁴ RIBEIRO, F. M. **Op. Cit.** p. 38.

²⁵⁵ PONTES, C. B. **Op. Cit.** p. 42.

²⁵⁶ RIBEIRO, F. M. **Op. Cit.** p. 35.

Após a estreia do *O Quinze* com grande sucesso, Rachel de Queiroz firmou seus primeiros contatos na capital federal e em São Paulo. O convite para publicar o segundo livro pela Schmidt editora foi sinal de um interesse do próprio Schmidt pela perspectiva regional, além do jovem poeta ser uma figura antenada com os aspectos políticos e sociais vividos pelo país. Ele também seria responsável por publicar, ao longo da década de 1930 autores como Graciliano Ramos, Gilberto Freyre e Lúcia Miguel Pereira. Já nos anos 1960, foi reconhecido por editores do porte de José Olympio como uma das grandes figuras a descobrir novos talentos na literatura, sendo promotor de grandes nomes que fizeram carreira a partir de suas críticas ou de suas publicações²⁵⁷.

Além disso, o poeta paulista publicou uma série de livros sobre o movimento de 1930, série nomeada “Coleção Azul”, onde se destacam *Outubro de 1930*, de Virgílio de Melo Franco, *O sentido do tenentismo*, de Santa Rosa, *Brasil errado*, de Martins de Almeida. A relação de Rachel com Schmidt, neste sentido, abriu portas para outras valiosas amizades intelectuais.

Foi a partir da vinda ao Rio de Janeiro para receber o prêmio Graça Aranha, também em 31, que Rachel de Queiroz conheceu o poeta pernambucano José Auto, que seria daí a pouco mais de um ano, seu marido. Também nesta viagem entrou em contato com intelectuais da Livraria Católica e também com membros do Partido Comunista. Algo bem plural do ponto de vista ideológico²⁵⁸.

Como afirma em suas memórias, a aproximação das leituras socialistas já se dera ainda na família, entre 1925 e 1927, logo após ter se formado na Escola Normal. Foi quando passou a ler Dostoievski, Gorki, Tolstoi, por indicação de sua mãe! A partir de 27, o contato foi aprofundado pelo convívio no jornal com militantes da causa social, como Demócrito, Jáder, Hyder Corrêa Lima e Djacir Menezes.

Rachel conta estar tão entrosada com o comunismo já em 1930 que, por ocasião da revolução que colocou Vargas no poder, nem tomou partido ao lado de Demócrito em nada, “não porque não apoiasse os revolucionários contra Washington Luís, mas porque, entre nós, se considerava esse movimento, uma revolução absolutamente burguesa, sem característica social, que nós comunistas, claro, rejeitávamos”²⁵⁹.

²⁵⁷ VILLAÇA, Anônio Carlos. **José Olympio: o descobridor de escritores**. Rio de Janeiro: Thex Ed., 2001. p. 158.

²⁵⁸ QUEIROZ, R. de. & QUEIROZ, M. L. de. **Op. Cit.** p. 54.

²⁵⁹ QUEIROZ, R. de. & QUEIROZ, M. L. de. **Op. Cit.** p. 42.

A ida ao Rio em 1931 foi o ingresso “oficial” no movimento. Apresentou-se a Nise da Silveira e Mário Magalhães munida de uma espécie de “carta de recomendação” de Hyder Corrêa Lima. Após esta inserção e por ter contatos com o Bloco Operário Camponês em Fortaleza, Rachel ficou responsável por organizar uma célula em seu estado de origem, com o que sobrara do BOC:

Os dirigentes do Rio me fizeram então secretária da Região no Ceará. Não por mérito, mas por ser capaz de escrever e datilografar. Eu recebia a correspondência e o material de propaganda. Eu ia às reuniões clandestinas e papai não se opunha, contanto que eu lhe dissesse o local onde deveria estar. Sabendo por onde eu andava, ele e mamãe ficavam tranquilos. Aliás, várias reuniões se faziam no próprio Pici, que era um ponto excelente, casa de família e, até então, fora de qualquer suspeita²⁶⁰.

Por essa época vários intelectuais estavam envolvidos em movimentos sociais de esquerda, e seus romances eram caracterizados pela denúncia social. Segundo Bueno, a posição do intelectual nesses anos será tratada pela literatura de ficção, constituindo-se num dos grandes temas do romance de 30. “Mas o que interessa por enquanto é o fato de que, metidos até o pescoço no debate ideológico, os intelectuais brasileiros naquele momento viam a literatura pela ótica da luta política e fechavam os olhos para aquilo que não dizia respeito a ela”²⁶¹.

Já em 1932, o contato de Rachel era não só com os comunistas, mas com muita gente que estava na ilegalidade de alguma forma. Sua militância era então ativa como nunca mais seria e o pensamento social invadia, cada vez mais, também sua escrita.

Depois de *O Quinze*, foi entre os caboclos da fazenda da família que Rachel encontrou os traços do protagonista de seu novo livro, João Miguel, um trabalhador capaz de perder completamente o controle numa noite de bebedeira. Por conta de uma briga que nem lembra o porquê, esfaqueia um homem: este, “ferido no ventre, caiu de boco, e de sob ele, um sangue grosso começou a escorrer sem parar, num riacho vermelho e morno, formando peças encarnadas nas anfractuosidades do ladrilho”²⁶². Por conta do dito crime, João Miguel é preso e aguarda longo tempo na cadeia.

O livro focaliza especialmente esta sua trajetória de privação da liberdade. No tempo em que permanece encarcerado, sofre a traição da mulher, que passa a ter caso com o cabo Salu, funcionário da cadeia. Com isso, sente-se ainda mais impotente frente

²⁶⁰ QUEIROZ, R. de. & QUEIROZ, M. L. de. **Op. Cit.** p. 44.

²⁶¹ BUENO, L. **Op. Cit.** p. 172.

²⁶² QUEIROZ, R. de. **João Miguel**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004. p. 9.

ao destino. Para escrever *João Miguel*, publicado em 1932 pela Schmidt Editora, a autora fez pesquisa na cadeia do Pituí, em Baturité e na cadeia pública de Fortaleza²⁶³.

Segundo Luís Bueno já se percebe em *João Miguel* uma diferenciação em relação ao *O Quinze*, uma vez que o protagonista deste novo livro se coloca como mais propício à introspecção. Por um lado a descrição da cadeia, da situação da Justiça, da impunidade dos matadores profissionais protegidos pelos políticos tem forte apelo realista. Por outro lado, os grandes dramas psicológicos de João Miguel acerca de sua situação de preso, de sua crise de identidade e de seu abandono dão ao romance uma característica mais ‘intimista’, o que o afasta do chamado *romance proletário* que emerge à época²⁶⁴.

Em relação à recepção deste segundo romance, vemos artigo muito interessante, publicado pelo ainda jovem Octávio de Faria na também jovem revista *Boletim de Ariel*, periódico exclusivamente literário publicado pela Editora Ariel, de Gastão Cruls e Agripino Grieco. Faria tinha lançado *Maquiavel e o Brasil* por esta editora e conhecera Rachel em 1931. No *O Boletim* se consolidariam grandes nomes, como o próprio Octávio, Lúcia Miguel, Jorge Amado. Mesmo Rachel escreveria algumas crônicas e críticas ainda nos anos 30.

A grande questão do artigo para o novo livro de Rachel de Queiroz seria:

Depois que as páginas harmoniosamente amargas e tranquilas do *Quinze* foram ficando para traz na nossa memória e que ao primeiro encanto e à primeira crítica sucederam os novos encantos das leituras repetidas e as novas críticas, mais profundas, mais detalhadas, restou apenas diante da afirmação do novo nome surgido na nossa literatura uma única dúvida que perseguia a muitos: - seria Rachel de Queiroz realmente uma romancista? Ou fora apenas a autora de um romance, a escritora feliz que conseguira dar de início em um único livro tudo que possuía, sem ter possibilidade de se renovar? Ou, mais precisamente ainda: Rachel de Queiroz só nos daria *O Quinze* ou conseguiria se firmar como romancista em *João Miguel* e nos possíveis romances que lhe sucedessem?²⁶⁵

João Miguel foi, portanto, a “prova de fogo” da capacidade daquela jovem pretendente a romancista. Somente por uma confirmação, dada por sua segunda obra, é que de fato seu talento faria sentido.

²⁶³ ACIOLI, S. **Rachel de Queiroz**. Fortaleza : Ed. Demócrito Rocha, 2003. p. 63.

²⁶⁴ BUENO, L. Romance Proletário em Rachel de Queiroz. In: **Revista Letras** n.47. Curitiba: Editora da UFPR, 1997. p. 32.

²⁶⁵ FARIA, O. O novo romance de Rachel de Queiroz. In: **Boletim de Ariel** 1932. no. 07. (FCRB)

Apesar de hoje ser um romance pouco conhecido, foi muito bem recebido pela crítica da época. Na *Revista Acadêmica* de 1939, numa entrevista com intelectuais sobre os 10 livros considerados mais importantes na literatura até então, dos trinta e três entrevistados, quatro citaram *O Quinze* e oito citaram *João Miguel*, entre eles Jorge Amado, Lúcio Cardoso e José Lins do Rêgo²⁶⁶. Ou seja, nos anos 1930 tanto o primeiro como o segundo romance de Rachel de Queiroz - e incluiríamos aqui também *As três Marias*, de 1939 - configuraram-se enquanto fundamentais no conjunto da literatura nacional.

Seguindo ainda com a crítica de Octávio de Faria a *João Miguel*, vemos:

É tão raro encontrar no Brasil um verdadeiro ‘romancista’ que não estranha que muitos tenham duvidado de que Rachel de Queiroz – ainda mais tratando-se de uma mulher – conseguisse mais do que já déra, renovar-se, ela que parecia ter dado tanto de si. Prefira-se ou não *João Miguel* ao *Quinze*, o que parece entretanto indiscutível é que *João Miguel* vem afirmar em Rachel de Queiroz isso que se tem de chamar: um romancista. O *Quinze* poderia ter sido uma exceção, um ‘caso’ bem contado. Certamente foi mais do que isso, foi um ‘romance’ escrito por um ‘romancista’, mas é só agora com o aparecimento de *João Miguel* que se torna bem claro o incrível fenômeno sucedido ao Norte do país: surgiu um novo romancista no Brasil²⁶⁷.

De fato, o segundo livro de Rachel de Queiroz apresenta uma narrativa mais acabada, amadurecida, com mais diálogos, sendo estes curtos e impressionantes pela precisão e objetividade. Além disso, o próprio tema da solidão e do abandono é tratado sem floreios ou exageros. Neste sentido, o crítico percebe a influência de romancistas russos, como Dostoievski e Tolstoi - lembrando que Rachel vai ser tradutora destes autores no Brasil - e de temas como socialismo, comunismo e a relação do governo com os problemas sociais, tudo cercado por uma clima meio soturno.

Os personagens são tidos como melhor elaborados e o que surpreende é uma das personagens femininas:

Grande romance indiscutivelmente, *João Miguel* passa como um herói de Tolstoi, grande e banhado em águas cada vez mais puras, sofrendo uma purificação, tingida de ‘natureza’ (que não sei bem com que pejorativo classificar) – afastando-se com o desenrolar da ação da amante que o levou à prisão e caminhando para a figura de anjo que lhe abriu horizontes novos. (Se esta última mulher não impressiona e é mesmo nossa velha conhecida desde os romances de Florence Barelly até os filmes de Lillian Gish, em compensação o outro tipo de mulher é a figura mais bem construída do romance, um tipo extraordinário que merece realmente um estudo mais demorado, impossível aqui – como aliás o do romance todo)²⁶⁸.

²⁶⁶ *Revista Acadêmica* 1939 no. 44. (FCRB)

²⁶⁷ FARIA, O. *Op. Cit.*

²⁶⁸ FARIA, O. *Op. Cit.*

Santa é a personagem mais complexa do romance, junto com o próprio João Miguel. Sua companheira no início da trama e que o abandona ao longo do tempo de prisão, a personagem revela-se uma mulher trabalhadora, com iniciativa, autocrítica, imperativa, cínica. Com certeza uma das personagens femininas que vai marcar esta habilidade de Rachel de Queiroz em descrever e construir mulheres.

No entanto, na opinião do crítico Octavio de Faria, *O Quinze* ainda era melhor em certos aspectos, como a espontaneidade e a técnica. Já o comentário de Mário de Andrade para a Revista Nova de 1932, defende o progresso da técnica em *João Miguel*, onde as personagens femininas são desenhadas mais magistralmente do que os homens, que parecem menos vivos. Mario de Andrade exalta novamente a capacidade da autora em simplificar, além do realismo, do amor à crua verdade e considera *João Miguel* uma obra-prima da literatura brasileira²⁶⁹.

Sendo assim, a segunda obra da autora vem consolidá-la no ambiente literário brasileiro da década de 1930, afirmando sua posição como importante romancista e possibilitando seu diálogo com os expoentes da crítica literária da época.

No entanto, é também por conta da publicação deste livro que sua relação, já tensa, com o Partido Comunista esfacela-se de vez. Retornando ao Rio em 1932, Rachel levou consigo os originais de *João Miguel*. Ao participar das reuniões do Partido, alguns companheiros souberam do livro e avisaram a direção, que imediatamente solicitou os originais para serem ‘avaliados’.

Daí a um mês, a autora foi chamada para receber a ‘decisão’ sobre o romance. Acusado de conter preconceitos sobre a classe operária, *João Miguel* deveria “sofrer importantes mudanças na trama. Por exemplo: uma das heroínas, moça rica, loura, filha de coronel, era uma donzela intocada. Já a outra, de classe inferior, era prostituta. Eu deveria fazer a loura a prostituta e da outra a moça honesta (...)”²⁷⁰.

Após ouvir todas as considerações dos três companheiros, Rachel muito calmamente pegou seus originais, dirigiu-se até o meio do galpão onde estavam todos reunidos, voltou-se para os três homens sentados e disse que não reconhecia neles condições literárias para opinar sobre a obra e que não ia fazer modificação alguma.

²⁶⁹ ANDRADE, M. Rachel de Queiroz: João Miguel. In: **Revista Nova**. São Paulo. 15.12.1932. p. 104-105. (FCRB)

²⁷⁰ QUEIROZ, R. de. & QUEIROZ, M. L. de. **Op. Cit.** p. 48.

No primeiro número do *A Classe Operária*, publicado após o incidente, pôde-se ler em letras garrafais que a escritora fôra erradicada do Partido por ideologia fascista, trotskista e inimiga do proletariado. Mal sabiam eles que à época, o trotskismo correspondia muito mais à sua causa pessoal.

No entanto, como já observamos, o próprio PCB passou por sérias mudanças a partir dos anos 30 com a stalinização das diretrizes comunistas, que foram responsáveis, no Brasil, pela destituição de seus principais líderes e fundadores, como Otávio Brandão e Astrogildo Pereira. Esta destituição procurou substituir os intelectuais “pequeno-burgueses” por “verdadeiros proletários”²⁷¹. O ressentimento de alguns intelectuais de esquerda foi, portanto, marcante, uma vez que seu anseio pela mudança social via na sua origem de classe um impedimento.

Participando de um comício em frente ao Teatro Municipal nesta mesma época, já depois de rompida a relação com o Partido Comunista, a autora foi presa junto com vários outros jovens. Segundo Rachel, estava acontecendo uma onda de prisões a militantes de esquerda, por conta da revolução paulista de 32: “É que a polícia procurava dar uma cor comunista, subversiva, à revolução pró-constituição dos paulistas”²⁷². Sua liberação só ocorreu por conta da intervenção de seu tio, o jurista Euzébio de Queiroz Lima, sob promessa de embarcá-la diretamente para o Ceará.

Na época desta viagem, Rachel já era praticamente noiva de José Auto, trocavam cartas desde 1931. Este, apesar de nunca ter se filiado ao Partido, era mal visto também pela polícia. Junto a ele, ampliou-se muito mais o círculo literário e as percepções políticas. Em 1932, apesar de se conhecerem basicamente por cartas, Rachel e Zé Auto resolveram casar. Depois de uma bonita cerimônia na casa da família Queiroz no Pici, seguiram para Itabuna, Bahia, para onde José Auto havia sido transferido, sendo ele funcionário do Banco do Brasil.

Uma pequena parada em Ilhéus, onde foram recebidos no bangalô da família de Jorge Amado, com quem Rachel já tinha contato. Do pouco tempo em que esteve em Itabuna, Rachel conta em carta a Antonio Salles no dia 05 de julho de 1933: “O que

²⁷¹ AMARAL, R. M. Uma voz distoante no PCB: Otávio Brandão, militante e intelectual. In: REIS, D. A. (Org.) **Intelectuais, história e política**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2000. p. 109.

²⁷² QUEIROZ, R. de. & QUEIROZ, M. L. de. **Op. Cit.** p. 58.

estou certa é que isso nunca me dará um livro. Não conheço nada mais abjeto e pitoresco do que este sul bahiano. Ah! Que saudade do Nordeste”²⁷³.

Para piorar a situação, os enjôos da primeira gravidez já começavam a chegar, junto com as tonturas, as quedas e desmaios. Daí a mais alguns meses, a escritora não aguentou e preparou seu retorno a Fortaleza. Fez questão de ter sua filha junto à família no Ceará, como era a tradição.

Com a ajuda de uma velha parteira, Rachel teve sua primeira filhinha na cama de D. Clotilde, na casa do Pici. A pequena nasceu prematura, pequena e frágil. Três gerações de mulheres num mesmo quarto²⁷⁴. Rachel recebera seu nome da avó e agora dava a sua filha o nome de Clotilde. Clotildinha. Uma homenagem à mãe, uma mulher que povoou sua infância e adolescência, como exemplo de beleza e inteligência.

Quando a pequena fez pouco mais de um mês, Rachel e José Auto mudaram-se com ela para o Rio de Janeiro e, pouco tempo depois, para São Paulo. Como alguns daqueles que romperam com o PC nos anos trinta, Rachel integrou os grupos trotskistas, que tiveram hegemonia entre a intelectualidade de esquerda quando da reorganização comunista (1930-34)²⁷⁵. Em São Paulo conheceram vários deles, através de contatos que José Auto tinha desde Pernambuco. Lívio Xavier, Mário Pedrosa, Aristides Lobo, Plínio Melo, Arnaldo Horta. Todos intelectualizados, versados na literatura socialista de então e já formuladores de suas próprias teorias. O trabalho do grupo consistia basicamente na tradução de textos importantes para os próprios membros em suas leituras e na divulgação dos ideais socialistas²⁷⁶.

Segundo Castro, os trotskistas tiveram importante contribuição nas análises sobre a história do Brasil e a conjuntura do imediato pós-30. Além disso, exerceram intensa atividade editorial e jornalística de difusão do marxismo e do anti-fascismo; era, portanto, um grupo altamente capacitado teoricamente, intelectualizado²⁷⁷.

Em São Paulo Rachel passava grande parte do tempo cuidando de sua filha e realizando traduções, não só para o grupo trotskista, mas também para a Atena Editora,

²⁷³ **Correspondência a Antônio Salles**. 05.07.1933. Arquivo Fundação Casa de Rui Barbosa. (FCRB).

²⁷⁴ QUEIROZ, R. de. & QUEIROZ, M. L. de. **Op. Cit.** p. 67.

²⁷⁵ CASTRO, R. F. Os intelectuais trotskistas nos anos 30. In: REIS, D. A. (Org.) **Intelectuais, história e política**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2000. p. 140.

²⁷⁶ QUEIROZ, R. de. & QUEIROZ, M. L. de. **Op. Cit.** p. 74.

²⁷⁷ CASTRO, R. F. **Op Cit.** p. 142.

além dar aulas particulares à noite no Sindicato de Professores do Ensino Livre. Conta a autora um caso muito engraçado desta época.

Certo dia a polícia apareceu no apartamento do trotskista Lívio Xavier, que era então vizinho de Rachel. O policial, chamado Waldemar, viera prender comunistas, o que despertou logo a atenção de Lívio. Mostrou este alguns números do *A Classe Operária*, jornal comunista em que vinha em letras garrafais a citação da expulsão de todos eles, então chamados pelos comunistas de “social-fascistas, policiais e outros insultos”. O policial rapidamente se convenceu e foi embora. Três meses depois, no entanto, apareceu novamente. Lívio, já irritado, perguntou o que ele vinha fazer de novo ali. Ao que o inspetor respondeu:

Acontece que eu tive contato com outros comunistas e fiquei sabendo da verdade. Me explicaram que vocês são muito piores do que eles, porque eles só querem fazer uma revolução única, e vocês querem fazer revolução todo o tempo, com esse negócio de “revolução permanente”!²⁷⁸

Foi o fim. Todos em cana. Rachel foi fichada pelo DOPS, José Auto fora preso de fato, junto com Mário Pedrosa, Aristides Lobo e outros. Lívio foi dispensado das grades por ser deficiente e a autora cearense só escapou da prisão porque estava com Clotildinha nos braços. Ainda assim, deste tempo em São Paulo Rachel lembra com saudades, afirma que “este período foi o melhor do meu trotskismo”²⁷⁹.

Enquanto Rachel batia pernas com o trotskismo, amigos seus, como Graciliano e Jorge Amado, enfileiravam outros grupos de esquerda. Este, apesar de só ter sua filiação oficial no PC em 1945, já mantinha contato com o partido e participava nos grupos juvenis que formariam a Aliança Nacional Libertadora. Graciliano, por sua vez, não participou da ANL nem da rebelião armada de 1935 mas, mesmo assim, foi seguidamente preso por ter contato com os comunistas²⁸⁰.

Depois de mais uma prisão, Zé Auto, já cansado, resolveu transferir-se novamente para Fortaleza. Rachel, por sua vez, foi para a capital cearense com a missão de candidatar-se a deputada pela Frente Única do Partido Socialista no estado. Fez

²⁷⁸ QUEIROZ, R. de. & QUEIROZ, M. L. de. **Op. Cit.** p. 76.

²⁷⁹ QUEIROZ, R. de. & QUEIROZ, M. L. de. **Op. Cit.**p. 74.

²⁸⁰ BARBOSA, J. M. **Militância política e produção literária no Brasil (dos anos 30 aos anos 50): as trajetórias de Graciliano Ramos e Jorge Amado e o PCB.** Tese defendida na Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro. 2010. 403p. p. 8.

comícios junto a Jäder de Carvalho (apesar dele ser stalinista), mas nunca souberam do resultado das eleições, então controlada pelos órgãos do legislativo de Vargas.

Segundo a escritora cearense, seu rompimento com o trotskismo, enquanto ideal, se deu com a morte de Trotsky em 1940. Nos anos 80, ao ser questionada sobre suas militância política, Rachel afirma que ter se voltado para a esquerda nos anos 30 foi uma consequência geral de sua geração:

E, passado o choque daquela tragédia brutal (a morte de Trotsky), fui descobrindo que o meu trotskismo era menos uma posição política e muito mais o *hero worship* pelo tremendo velho. Além do mais, a vida já me ensinava que o mundo não é tão simples, preto e branco, como fazem crer as teorias políticas. O mundo é difícil, complicado e perigoso. Os homens, de um em um, não são a massa. Cada criatura é uma unidade diferente, pede soluções diferentes. Sem ser uma liberal, caí na clássica posição democrática. Vi que, sob este ângulo realista e imediato, podia-se entender melhor e opinar sobre a realidade brasileira. É o que tenho tentado fazer desde então²⁸¹.

Em relação aos círculos intelectuais, no entanto, Ângelo Silva afirma que já em 1934 ela foi afastada do grupo junto com outros intelectuais, por discordar do enfrentamento armado contra os integralistas na Praça da Sé, em 7 de outubro do mesmo ano²⁸².

Mas é através do contato que Rachel de Queiroz teve com estes movimentos de esquerda da primeira metade do século XX, que percebemos de onde vem o rancor que a autora mantém até o fim da vida contra a figura de Getúlio Vargas e a perseguição que ele instaurou contra os movimentos de esquerda. Esta oposição ao ditador e ao que ele representava servirá de justificativa para grande parte de suas posições políticas subsequentes, inclusive o apoio à Revolução de 1964. Nesta direção, é característico da identidade de grande parte desta geração intelectual – talvez seu único ponto em comum - o anti-fascismo e a luta contra Vargas²⁸³.

Em 1934, mais uma mudança geográfica. Zé Auto fora transferido para Maceió. Percebe-se que estes anos em que esteve casada com o poeta foram de grande movimento na trajetória racheliana. Movimento político, transitando por vários grupos; movimento profissional, arriscando as mais diversas atividades; movimento literário, travando contato com escritores de diversos estados; além do próprio movimento

²⁸¹ STEEN, E. V. **Op. Cit.** Entrevista. 15/11/1980.

²⁸² SILVA, A. J. **Comunistas e trotskistas: a crítica operária à Revolução de 30**. Curitiba: Moinho do Verbo, 2002. p.120.

²⁸³ CASTRO, R. F. **Op Cit.** p.137.

geográfico, que incluía mudanças intensas na própria rotina, inclusive a rotina da maternidade.

Em Maceió, foi a vez de reunir-se com os regionalistas e outros importantes intelectuais. Nos maravilhosos cafés literários, Rachel encontrava-se com Graciliano Ramos, o poeta Jorge de Lima, José Lins do Rego, Santa Rosa, Valdemar Cavalcanti, Aurélio Buarque de Holanda, Alberto Passos Guimarães, Aluísio Branco, Manuel Diegues Júnior, Raul Lima. Entre eles, somente Rachel, Graciliano e Zé Lins tinham publicado livros. Os demais, logo também se projetariam em âmbito nacional²⁸⁴.

Foi aí que uma reviravolta maior ainda redefiniu os rumos de Rachel. Em 1935 sua pequena filha Clotilde morreu inesperadamente - de febre e meningite. Em seguida morreu no Ceará o irmão de Rachel, Flávio. Zé Auto conseguiu uma nova transferência para Fortaleza e Rachel pôde ficar com a família. Este sim foi um tempo difícil para a autora e para todos os Queiroz. Deixaria marcas para sempre, inclusive em sua escrita. A maternidade e a infância seriam problematizadas em todos os seus romances, muitas vezes num tom melancólico ou pessimista.

Por essa época, Rachel procurou manter a mente ocupada, e empregou-se na firma G. Gradhvol et Fils, de propriedade do judeu Roberto Gradhvol, onde trabalhava a princípio como responsável pelas correspondências em inglês e francês, línguas que conhecia muito bem²⁸⁵. Em pouco tempo alcançou o posto de gerente e chegou a ganhar o mesmo valor que o governador do estado²⁸⁶.

Em 1937, com o Estado Novo e a ditadura de Getúlio Vargas, Rachel foi novamente presa, devido à sua trajetória política já conhecida. Sua filiação ao PCB, mesmo que por curto período, deixara marcas. Quando estes foram completamente desmantelados em 1935 pela repressão de Vargas, Rachel há muito saíra do partido mas seu nome permanecia associado à esquerda.

No governo do interventor Menezes Pimentel (1937-1945), a repressão intensificou-se, muito por conta do próprio golpe que instaurou o Estado Novo. Desta vez, presa no Corpo de Bombeiros de Fortaleza, Rachel acabou por escrever seu terceiro romance: *Caminho de pedras*, que seria visto como uma decepção para a maior parte da crítica da época.

²⁸⁴ QUEIROZ, R. de. & QUEIROZ, M. L. de. **Op. Cit.** p. 78.

²⁸⁵ ACIOLI, S. **Op. Cit.** p. 72.

²⁸⁶ QUEIROZ, R. de. & QUEIROZ, M. L. de. **Op. Cit.** p. 78.

O livro tem duas partes, vistas pelos críticos como desconectadas. A primeira tratando da instalação de uma sede do Partido Comunista em Fortaleza nos anos 30 e as diferenças e embates entre intelectuais e operários. Já num segundo momento do livro a trama concentra-se na história de Noemi e Roberto, ambos membros do partido. Ela abandona o marido João-Jacques para ficar com um companheiro de luta.

Caminho de pedras foi o primeiro livro publicado pela José Olympio, que seria sua editora até 1992. A relação que a autora estabeleceu com J.O. ao longo da década de 1930 foi de grande importância na história de ambos. Tratavam-se como irmãos. Cumprindo o papel de irmão mais velho, J.O. : “Sabia da nossa vida, interferia nos nossos problemas, chegava a nos determinar o que fazer. Casamentos, divórcios, emprego, encrencas com polícia ou com patrão, falta de dinheiro!”²⁸⁷.

É interessante notar esta relação entre autor e editor no caso de José Olympio, um dos maiores, senão o maior editor do século XX no Brasil. Foi o grande responsável pela divulgação de praticamente todos os grandes nomes de nossa literatura. Tendo apenas o curso primário, Olympio começou a trabalhar na Casa Garraux, em São Paulo, lá permanecendo por mais de dez anos. Já em 1931, com menos de trinta anos, o jovem de Batatais (MG) inaugurou sua própria editora ainda em São Paulo, mudando-se para o Rio somente em 1934.

Humberto de Campos, grande incentivador do empreendimento de José Olympio, foi o primeiro poeta a ser editado pela casa; Plínio Salgado, o primeiro romancista e Rachel de Queiroz, a primeira autora brasileira. O modo amigável com que configurou suas relações de trabalho faria de José Olympio uma pessoa muito valorizada no ambiente literário. A ampliação do mercado do livro e seu grande boom nos anos 1930 teve relação intrínseca com a postura deste editor. Foi um tempo em que a literatura já se profissionalizava e os autores passaram a receber remunerações mais consideráveis pelos seus originais; diferentemente da relação tensa e constantemente conflitiva que assumiam os embates autor/editor no século XIX²⁸⁸.

Um outro detalhe importante na postura de J. O. é sua extrema flexibilidade literária, editando Getúlio Vargas e Graciliano Ramos, Jorge Amado e Plínio Salgado,

²⁸⁷ VILLAÇA, A. C. **Op. Cit.** p. 12. Exploraremos melhor o assunto na última parte desta dissertação.

²⁸⁸ Ver LAJOLO, M & ZILBERMAN, R. **O Preço da Leitura: leis e números por detrás das letras.** São Paulo: Ática, 2001; LAJOLO, M. & ZILBERMAN, R. **A formação da leitura no Brasil.** São Paulo: Ática, 1998.

parnasianos e antropófagos²⁸⁹. Esta era uma postura extremamente arriscada para a época. Foi desta forma que publicou *Angústia*, *Mar Morto* e mesmo *Caminho de pedras*, na mesma época em que seus autores eram perseguidos pelo governo Vargas.

Em carta de 1962 a J. O, relembra Jorge Amado: “Eram tempos de briga e andávamos, com as colorações mais diversas, sendo presos, perseguidos, não havia dinheiro. Você procurava tirar a gente da cadeia, arranjava dinheiro, editava mesmo os mais subversivos inimigos do Estado Novo, generoso e intrépido. Você e sua obra cresceram junto com a literatura brasileira moderna, estão para sempre ligados”²⁹⁰.

Assim a editora José Olympio anuncia o novo romance de Rachel de Queiroz, de 1937:

A senhora Rachel de Queiroz é um dos nomes triunfantes de nossa literatura. Seu romance *O Quinze*, trabalho de estreia, já se encontra em segunda edição e foi premiado pela Fundação Graça Aranha. *João Miguel* mostrou que a escritora cearense não adormecera no êxito inicial e estava realmente disposta a produzir novos livros, ferindo aspectos vários. Falou-se num volume seu em que seriam historiadas em conjunto as letras nacionais. Enquanto isso, ia a sra. Rachel estampando nos periódicos do país, felizes ensaios, num dos quais estudava a complexa figura do Padre Cícero. E agora é este *Caminho de pedras*, tão sugestivo a partir do título e de onde a autora joga com um material humano de bastante riqueza, empenhada sempre em resolver dolorosos problemas do amor e da morte²⁹¹.

Luís Bueno defende a idéia de que nesta segunda metade da década de 1930 o tema do romance proletário já não dominava tão fortemente a atenção do meio literário brasileiro. O romance de corte social, que predominara no início da década, já perdera o caráter de quase unanimidade que tivera.

Para Bueno, a recepção ‘fria’ de *Caminho de Pedras* se deveu ao fato do romance ter chegado atrasado, com seu tema proletário. Para a crítica da época, o livro só interessaria na parte em que se liberta das intenções ideológicas e passa a explorar a subjetividade dos personagens²⁹².

No entanto, mesmo a parte considerada ‘proletária’ do livro não admite essa classificação, uma vez que a autora critica a posição dos próprios operários, principalmente sua desconfiança em relação aos intelectuais, pondo à mostra o

²⁸⁹ VILLAÇA, A. C. **Op. Cit.** p. 13.

²⁹⁰ VILLAÇA, A. C. **Op. Cit.** p. 198.

²⁹¹ Rachel de Queiroz – *Caminho de Pedras* – Editor José Olympio. In: **Boletim de Ariel** Fev. 1937. Anno VI n.5 p. 181. (FCRB)

²⁹² BUENO, L. **Op. Cit.** (1997). p. 26.

descompasso entre os dois pólos e o problema da legitimação do intelectual dentro dos movimentos revolucionários de esquerda. Portanto, segundo Bueno, além de desagradar a crítica convencional ainda desagradou a esquerda. O romance fixa a denúncia de Rachel em relação aos mecanismos do Partido Comunista, é um dos momentos em que percebemos mais claramente seu rompimento com os movimentos de esquerda, ainda que a ideia de uma justiça e igualdade social permanecessem no horizonte da trama.

Por essa época grande parte dos intelectuais (como Jorge Amado e Graciliano Ramos) estavam envolvidos em movimentos sociais de esquerda, e seus romances eram caracterizados pela denúncia social. Segundo Bueno, a posição do intelectual nesses anos será tratada pela literatura de ficção, constituindo-se num dos grandes temas do romance de 30. “Mas o que interessa por enquanto é o fato de que, metidos até o pescoço no debate ideológico, os intelectuais brasileiros naquele momento viam a literatura pela ótica da luta política e fechavam os olhos para aquilo que não dizia respeito a ela”²⁹³.

Sendo assim, política e literatura estavam diretamente relacionadas. Mesmo não encaixando-se no chamado “romance proletário” dos anos 30 – e do qual seu amigo Jorge Amado foi um dos grandes nomes - Rachel de Queiroz publicou quatro livros nesta década, todos com temática social, mas fugindo ao óbvio da luta de classes, denunciando também diferenças de gênero. Segundo Bueno, a grande contribuição da autora cearense à literatura dos anos 30 se deu na constituição de suas personagens femininas, fugindo a todos os estereótipos criados até então, situando as personagens em diversas classes, gerações, credos e dando mais realidade a elas, destoando-as da dupla mocinha ou prostituta²⁹⁴.

Havia, nessa época, um predomínio da idéia política e, por vezes, ideológica também na avaliação da crítica literária. Afirma Martins: “Entre 1930 e 1940, talvez um pouco mais, digamos, 1945, refletindo o predomínio da ‘ideia política’ na vida brasileira, a crítica será igualmente doutrinária e extremista, propensa a julgar as obras pelo conteúdo pragmático e humanitário, desprezando as preocupações estéticas, ridicularizando a perfeição formal”²⁹⁵.

²⁹³ BUENO, L. **Op. Cit.** (2006). p. 172.

²⁹⁴ BUENO, L. **Op. Cit.** (2006). p. 283-333.

²⁹⁵ MARTINS, W. A crítica modernista. In: COUTINHO, A. **A literatura no Brasil**. São Paulo: Global Editora, 1996.p. 599.

Neste sentido, nos ajuda ainda a crítica de Almir de Andrade em relação a *Caminho de pedras*. O escritor veio em defesa de Rachel de Queiroz em resenha de maio de 1937, novamente pelo *Boletim de Ariel*.

O acolhimento que fez a crítica do último romance de Rachel de Queiroz contrasta de modo curioso com o acolhimento feito às suas obras anteriores. Ouvimos acusações as mais desparatadas e ridículas: até acusadores anônimos têm vindo à baila, aparecendo pela primeira vez nas colunas dos jornais para atirar em rosto da romancista cearense increpações nascidas não sei de que subterrâneas intenções de mediocridade e de desrespeito... Não se limitam eles à tentativa risível de se criar “escândalo” em torno do romance: chegam a ferir a própria romancista condenando-a à decadência e ao esgotamento de sua capacidade literária. Em meio dessa onda hostil, há alguns críticos que se mantiveram serenos e objetivos; mas, mesmo dentre esses, poucos se atreveram a reconhecer o que há de verdadeiro valor literário em *Caminho de pedras*²⁹⁶.

O que é interessante notar a princípio é que, apesar de não termos em mãos as tão famigeradas críticas, elas parecem ter avaliado o livro como decadente. O que gostaríamos de ressaltar aqui é que a má recepção da obra pode ter, além de críticas políticas, também razões de fundo moral. Além de tratar o tema do Partido Comunista, *Caminho de pedras* conta a história de um romance proibido na sociedade, de uma separação matrimonial, de um segundo relacionamento descrito em termos sexuais (Noemi sentia desejo por Roberto ao passo que não conseguia mais ser tocada por seu marido) e ainda com uma criança em meio à trama dos casais.

É mais interessante ainda pensar esta questão para uma época em que a maternidade e o casamento estavam em discussão no espaço público. Segundo Silva, o casamento já era tema da escrita de mulheres desde o século XIX, tomando no século XX com Júlia Lopes de Almeida uma reformulação, rejeitando a noção assimilada pela cultura patriarcal de que o êxito do casamento estava na ausência de identidade feminina. Mas é só na década de 1920 que a discussão ganhou o espaço público e criou partidos, alguns chegando a defender sua total extinção, outros clamando por uma modernização de suas bases, rejeitando a hipocrisia social²⁹⁷.

Talvez mesmo por sua polêmica, não somente em relação ao PC, mas também em relação à moralidade da época, este livro de Rachel tenha sido queimado em praça pública pelo governo de Getúlio Vargas, junto com a apreensão de vários de seus

²⁹⁶ ANDRADE, A. de. **Boletim de Ariel**. Maio 1937. Anno VI n.8 p. 274-276. Rio de Janeiro, Ariel Editora. (FCRB)

²⁹⁷ SILVA, C. G. da. **Modernizando o casamento**: A leitura do casamento no discurso médico e na escrita literária feminina no Brasil moderno (1900-1940). Dissertação de mestrado, IFCH/Unicamp, 2001. p. 60-75.

documentos pessoais²⁹⁸. Por isso talvez Almir de Andrade saiu em defesa da autora devido aos seus méritos literários já provados no *Quinze* e em *João Miguel* nestes termos:

Nunca escrevi sobre Rachel de Queiroz. Quando a crítica lhe tecia aplausos desinteressados, preferi silenciar: talvez seus romances tivessem adquirido a meus olhos uma significação tão forte, tão humana, que eu tivesse querido guardá-la para mim. Um aplauso a mais seria inútil na sua balança literária. Hoje, porém, que aquele desinteresse da crítica de outros tempos se converteu em celeuma injusta e que certos espíritos deixaram de ver o romance e a romancista para se apaixonarem com os motivos que acaso contrariam as suas suscetibilidades morais, os seus pudores ou os seus ideais estéreis de hipocrisia e de rotina – hoje, é quase um dever de consciência, é, quando menos, um dever de probidade literária, que eu associe o meu testemunho ao daqueles que tem sabido manter a serenidade da crítica e que ao desses acrescente mais um tributo de sincera e desinteressada justiça no reconhecimento dos méritos excepcionais da autora do *Quinze* e de *João Miguel*²⁹⁹.

A partir daí o crítico vai resgatar o que há em comum nos três livros até então publicados por Rachel de Queiroz, valorizando-os pela investigação do comportamento humano, de suas dimensões mais obscuras e trágicas. Andrade detêm-se praticamente durante toda a resenha na segunda parte De *Caminho de pedras*, tentando defender a personagem Noemi, exaltando-a como heroína silenciosa, a quem “o mundo venceu com suas incompreensões e com a sua facticidade inexorável, mas que conservou, mesmo assim, essa identidade completa consigo mesma, essa energia de seguir sempre o caminho ditado pela sua própria sinceridade – fosse ele um caminho de pedras e de provações dolorosas – renunciando a todas as contemporizações da moral, do respeito humano e até mesmo àquelas que poderiam ser feitas em benefício da sua própria felicidade conjugal³⁰⁰”.

Já a parte proletária do romance fica muito aquém do que o demonstrado pela autora em livros anteriores, parecendo um pouco artificial em *Caminho de pedras*. Além disso, o romance parece mesmo fracionado, e por fim, o crítico se questiona se a autora conseguirá posteriormente superar a tragédia de sua personagem principal, se conseguirá ela vencer a silenciosa descrença no mundo, se o espírito heróico e triunfante de João Miguel reviverá.

²⁹⁸ MARTINS, W. Rachel de Queiroz em perspectiva. In: **Cadernos de Literatura Brasileira: Rachel de Queiroz**. Instituto Moreira Salles. Número 4. 1ª reimpressão, jan/2002. p. 73. Ver também : RIBEIRO, F. M. **Op. Cit.** . p. 47.

²⁹⁹ ANDRADE, A. de. **Op Cit.** (FCRB).

³⁰⁰ ANDRADE, A. de. **Op Cit.** (FCRB).

Sendo assim, a recepção de *Caminho de pedras* apesar de muito hostil de um lado, acaba por exaltar a obra em outros aspectos. A crítica de Almir de Andrade deve ter provocado revisões nas críticas anteriores, uma vez que no Anuário Brasileiro de Literatura de 1938, *Caminho de pedras* é citado e valorizado por Affonso de Castro Sendas quando escreve sobre o panorama literário do ano anterior. Numa transição entre o tema social e o tema mais intimista, o terceiro livro de Rachel de Queiroz assusta, mas também prepara a cena para obras que virão a seguir.

Tanto Durval Albuquerque, quanto Wilson Martins e Luís Bueno ao estudarem a vida e a obra de Rachel de Queiroz definem o socialismo de seus romances como um desejo de justiça, baseado numa moral paternalista e cristã, sem se prender à correntes ideológicas específicas³⁰¹. O que observamos na obra da autora é uma preocupação mais voltada para a investigação do ser humano frente às adversidades da natureza ou do destino, sempre com uma preocupação com as diversas classes nesse processo. Sem, no entanto, esconder o lugar de onde veio.

³⁰¹ ALBUQUERQUE, D. M. de. **A invenção do Nordeste**. São Paulo: Cortez editora, 1999. p. 142; MARTINS, W. **Op. Cit.** (2002), p. 77; BUENO, L. **Op. Cit.** (1997). p. 31.

MARCAS

(1939-1945)

Mini Aurélio

Marca [V.D.] *sf.* **1.** Ato ou efeito de marcar. **2.** Sinal distintivo de um objeto. **3.** Símbolo gráfico (logotipo, emblema ou figura) que identifica instituição, empresa, produto, etc. **4.** Categoria, qualidade. **5.** Mancha ou vestígio de doença ou contusão. **6.** Limite, marco. **7.** Medida reguladora; padrão. **8.** *Fig.* Impressão (que fica no espírito).

A Casa: um lar

Depois de *Caminho de Pedras*, da morte de sua única filha e com o casamento entrando em profunda crise, Rachel de Queiroz mudou-se para o Rio de Janeiro. Era o ano de 1939, final da década, auge do Estado Novo. Ainda durante essa viagem foi novamente presa e interrogada quando passava por Recife³⁰².

Ao desembarcar no Rio de Janeiro, os rumos pareciam todos desembocar numa grande incógnita. Seu destino assemelhava-se ao de suas protagonistas, um eterno caminhar rumo a um futuro incerto, carregando as marcas do passado, mas em busca de felicidade, de liberdade.

José Auto e Rachel foram morar no edifício Marcelle, na Avenida Beira-Mar, centro do Rio. No mesmo edifício morava o jornalista Evandro Moreira Pequeno, que então trabalhava no *Diário de Notícias*, onde passou a cooperar também Rachel de Queiroz. Os dois juntos formavam uma ótima dupla de jornalistas e também traduziam livros.

Neste tempo, os círculos intelectuais de Zé Auto e Rachel se distanciavam cada vez mais. A escritora passou a conviver sozinha com Rubem Braga, Murilo Viana, Carlos Lacerda, Aníbal Machado, Magalhães Júnior, Mário de Andrade. Este último, grande amigo da autora, admirado e colocado no mesmo nível em seu altar de adoração junto a Manuel Bandeira. Deles recebia carinho, incentivo, críticas. Com eles ia tomar canja no Café Globo, freqüentava a Taberna da Glória. Na casa de Aníbal, em Ipanema, participava maravilhosos jantares e conhecia pessoas ilustres.

Sobre seu cotidiano no Rio de Janeiro, Assim escreve para sua grande amiga no Ceará, Alba Frota:

Creio que uma das principais razões da minha difícil adaptação aqui tem sido a sua ausência. Me sinto muito desacompanhada, desprotegida. Não vejo mulheres, e as que vejo, me horrorizam. Ando sozinha pelas ruas, no meio dum bando de homens, tomo whisky com eles pelos bares, janto nos restaurantes mais extravagantes, vou a conferências, a redações de jornal, a cinemas (muitos cinemas), vago pelas praias discutindo moral e política, enfim, não tenho quase nenhuma atividade feminina, a não ser ouvir alguns galanteios deles e retificar a pintura de vez enquando. Para uma mulher da minha capacidade maternal, você há de reconhecer que é pouco³⁰³.

³⁰² QUEIROZ, R. de. & QUEIROZ, M. L. de. **Tantos Anos**. Editora Siciliano: São Paulo, 1998. p. 136.

³⁰³ **Correspondência de Rachel de Queiroz a Alba Frota**. 26.08.1939. Arquivo de José Augusto Bezerra (AJAB)

Ser a única mulher entre os homens não era novidade para Rachel. Desde os dezessete anos destacava-se no meio deles e gostava de sentir que não era discriminada, evitava ao máximo demonstrar afetações ou qualquer sinal de feminilidade exacerbada, exagerada.

Através de Magalhães Júnior, conheceu pessoas do teatro na capital, também José Américo de Almeida e Humberto de Campos, duas figuras então importantíssimas na política e na literatura nacional. O último, ainda não sabia mas estava no final da vida. Ainda assim, um dos autores mais vendidos da literatura de então.

Humberto de Campos também fora o grande incentivador da mais próspera editora da capital, a editora de José Olympio, localizada no centro da cidade, à Rua do Ouvidor número 110.

Enquanto os anos 1920 foram um período pouco significativo no comércio livreiro do Rio de Janeiro, os anos 30, com todas as suas mudanças, principalmente políticas, contribuíram para o florescimento de uma nova literatura carregada do nacionalismo que já encontrara expressão no modernismo paulista.

O florescimento dessa nova literatura e seu real impacto vieram apenas depois da revolução, “na medida em que os acontecimentos de 1930 e 1932 anunciavam uma nova era de consciência nacional, despertando nos brasileiros instruídos uma preocupação apaixonada por seu país e seus problemas”³⁰⁴.

Interessante que, mesmo com toda a repressão policial (Rachel conta que chegaram a prender Evandro Pequeno por meses, mesmo não sendo ele comunista. A situação agravou-se quando descobriram uma coleção inteira de luxo dos livros de Dostoievski, em russo mesmo, na casa do jornalista) os literatos optaram ao longo da década pela ficção política. O fato de serem presos ou perseguidos pelo governo, aumentava ainda mais o interesse, a curiosidade dos leitores³⁰⁵.

Assim também, a busca pela literatura brasileira aumentou significativamente quando, depois da crise dos anos 20, os livros importados tornaram-se impressionantemente caros. Segundo Laurence Hallewell, a partir dos anos 30, tanto mudam os intelectuais, como renova-se a mentalidade dos editores frente às novas questões do momento³⁰⁶.

³⁰⁴ HALLEWELL, L. **O livro no Brasil**. São Paulo: Edusp, 1985. p. 336.

³⁰⁵ HALLEWELL, L. **Op. Cit.** p. 337.

³⁰⁶ HALLEWELL, L. **Op. Cit.** p. 338.

Também Antônio Cândido afirma: “Depois de 1930 se esboçou uma mentalidade mais democrática a respeito da cultura, que começou a ser vista, pelo menos em tese, como direito de todos, contrastando com a visão de tipo aristocrático que sempre havia predominado no Brasil. (...) houve maior consciência a respeito das contradições da própria sociedade, podendo-se dizer que sob esse aspecto os anos de 1930 abrem a fase moderna nas concepções de cultura no Brasil”³⁰⁷.

Já a partir de 1933, vários autores antes editados pela Schmidt, começaram a abandoná-la e migrar para empresas que investiam mais em propaganda. Quase todos foram para a Ariel, de Agripino Grieco e Gastão Cruis. Inclusive Rachel chegou a escrever alguns poucos artigos para o *Boletim de Ariel*, uma das mais importantes revistas literárias da época. Assim que saiu a segunda edição de *O Quinze* pela Nacional³⁰⁸, a maior editora de então, a autora recebeu propostas para integrar o quadro da José Olympio. Aceitou, mas ainda editou *João Miguel* pela Schmidt em 1932.

Em 1939, tanto a Schmidt Editora, como a Ariel fechavam suas portas. Os autores que ainda eram vinculados às duas, nomes importantes círculos literários do Sul, migraram para outras editoras, indo a maioria integrar o quadro de funcionários da Casa, como era chamada a José Olympio. Foram eles: Gilberto Amado, Jorge Amado, Oswald de Andrade, Lúcio Cardoso, Octávio de Faria, Amando Fontes, Gilberto Freyre, Murillo Mendes, Vinícius de Moraes, Cornélio Penna, Lúcia Miguel Pereira, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, Marques Rebelo, Plínio Salgado, José Geraldo Vieira e ainda, mais tarde, os próprios Gastão Cruis, Agripino Grieco e Augusto Frederico Schmidt³⁰⁹.

Havia muitas vantagens nesse processo. José Olympio era conhecido pela cordialidade, pela amizade, por editar autores ainda desconhecidos e por pagar adiantado os direitos autorais dos livros. O editor de Batatais, nascido em 1902, começara trabalhando na arrumação e limpeza de livros na Casa Garraux, em São Paulo. Seu caminho até a autonomia no mercado editorial foi uma consequência de sua

³⁰⁷ Apud. PEREIRA, José Mário. (Org.) **José Olympio: O editor e sua Casa**. Rio de Janeiro: Sextante, 2010. p. 18.

³⁰⁸ QUEIROZ, R. de. & QUEIROZ, M. L. de. **Op. Cit.** p. 205.

³⁰⁹ HALLEWELL, L. **Op. Cit.** p. 357.

personalidade inteligente e amigável, capaz de sonhar alto, acreditar nas pessoas e realizar projetos inacreditáveis³¹⁰.

Seu primeiro lançamento, ainda na loja de São Paulo, foi a tradução de *How to psychoanalyse yourself*, de Joseph Ralph, livro continuamente reimpresso ao longo dos vinte anos seguintes. A editora foi, no entanto, periodicamente paralisada em 1932, por conta da Revolução Constitucionalista em São Paulo, contra as imposições do recém-instaurado governo de Vargas. Num momento em que praticamente toda a elite de São Paulo revoltou-se contra o governo, os homens preferiam dar seu dinheiro e as mulheres suas jóias à causa constitucionalista e não comprando livros. José Olympio só conseguiu voltar a publicar em 33, desta vez lançando livro de Humberto de Campos, autor que seria sua viga mestra a partir de então³¹¹.

Em 1934, o editor achou por bem encarar o crescente mercado de livros da capital federal, ainda mais após a derrota de São Paulo frente ao governo e as dificuldades que daí advieram. A editora mudou-se de vez para o Rio de Janeiro, endereço da Rua do Ouvidor sendo oficialmente batizada de “A Casa”.

Logo virou pólo de encontro dos escritores da moda. Todo o grupo dos nordestinos se encontrava por lá. Nesse período, José Olympio tinha publicado livro de Zé Lins do Rego num dos atos de maior loucura do mercado editorial de então: 5.000 exemplares de *Menino de Engenho* e 10.000 de *Banguê*. Isto numa época em que a média para os livros de jovens autores era de 1.000 exemplares. Tudo bem que os livros levaram cinco anos para esgotar, mas ao menos o editor já tinha pago os direitos autorais muito antes disso³¹².

Escreve Graciliano Ramos em crônica republicada postumamente:

Está aí um lugar (José Olympio Editora) onde se encontra excelente e abundante material para um romance, que poderia ser editado ali mesmo. E até admira que, andando por lá tantos romancistas ninguém tenha pensado nisso. Move-se diariamente em redor daquelas mesas uma boa parte da literatura nacional. Fervilham as discussões, enchem a casa, às vezes se prolongam até que se feche a porta³¹³

³¹⁰ Sobre a biografia de José Olympio, ver: HALLEWELL, L. **Op. Cit.**; SOARES, L. **Rua do Ouvidor 110**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2006; PEREIRA, José Mário. (Org.) **José Olympio: O editor e sua Casa**. Rio de Janeiro: Sextante, 2010; VILLAÇA, A. C. **José Olympio: o descobridor de escritores**. Rio de Janeiro: Thex Ed., 2001.

³¹¹ HALLEWELL, L. **Op. Cit.** p. 352.

³¹² HALLEWELL, L. **Op. Cit.** p. 354.

³¹³ RAMOS, G. **Linhas Tortas**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1962.

Inicialmente os livros saíam com o formato 12x18 cm – como nas obras inaugurais de Rachel de Queiroz, Zé Lins, Graciliano Ramos, Jorge Amado e que lembram bastante nosso atuais *pocket books*. Mas em seguida passaram a medidas maiores de 14,5x22,5 cm a partir dos anos 1940. Quase sempre, José Olympio ainda fazia alguns exemplares em edições de luxo para distribuir a políticos, amigos, familiares, colecionadores. “O cuidado gráfico, o apuro na escolha dos tipos usados, a diagramação elegante e funcional – eis a marca que a editora logo difundiria junto a seu público”³¹⁴.

Na história do texto e da leitura estas são informações importantes. Segundo Chartier, baseado em Louis Marin, a representação traz dois sentidos: “tornar presente uma ausência, mas também exibir sua própria presença enquanto imagem, constituir aquele que a olha como um sujeito que olha”³¹⁵.

A grande contribuição de Marin aos historiadores, segundo Chartier, foi ter cruzado propostas, de modo a ir contra o absoluto do texto sem materialidade nem historicidade, integrando forma e significação³¹⁶. Assim também estes livros editados pela José Olympio cumpriam em sua própria materialidade um papel importante na recepção.

Os escritores eram também funcionários da Casa. Jorge Amado chegou a ser vendedor, fechava grandes e pequenos negócios para a Editora, dava seus palpites, e até aconselhava J.O. a editar livros populares e obter mais lucro³¹⁷.

Nos anos 1950, a editora inovou na propaganda de seus livros, fazendo circular pelo centro do Rio de Janeiro um pequeno caminhão, expondo as novidades. Além disso, desenvolveu a venda de livros e coleções de porta em porta, empregando mais de 600 vendedores.

Outra das características da Casa era como pensava sua linha editorial. A produção inicial era predominantemente de ficção, ensaios, história e muito pouco de poesia. Entre os autores principais desta linha editorial que configurava apenas 5% das publicações, estavam Vinícius de Moraes, Drummond, Cassiano Ricardo, Schmidt,

³¹⁴ PEREIRA, J. **Op. Cit.** p. 33-39.

³¹⁵ CHARTIER, R. **À beira da falésia: a História entre certezas e inquietudes.** Porto Alegre: Ed. Da Universidade/UFRGS, 2002. p. 165.

³¹⁶ CHARTIER, R. **Op. Cit.** p. 169.

³¹⁷ PEREIRA, J. **Op. Cit.** p. 26/27.

Murilo Mendes, Adalgisa Nery, Olegário Mariano e Manuel Bandeira. Nos anos 1950, também o grande João Cabral de Melo Neto³¹⁸.

Já a diversidade política e ideológica era de assustar qualquer um. José Olympio publicou integralistas, católicos, comunistas e até o presidente Getúlio Vargas. Segundo Hallewell, “é certamente legítimo presumir que as amizades pessoais tiveram, sem dúvida, o seu papel na política da Casa. De fato, pode-se dizer que as amizades pessoais foram a pedra angular do êxito de José Olympio, desde os dias de seu aprendizado na Garraux”³¹⁹.

As amizades políticas permitiram que o editor publicasse autores perseguidos pelo governo e ainda ajudasse a tirá-los da prisão de vez enquanto. Já as amizades com os críticos ajudou no êxito de suas vendas, quando uma apreciação favorável aparecia nos jornais, era logo incorporada às orelhas dos livros, o que constituía uma inovação à época. Também os leitores eram incentivados a mandarem cartas aos escritores, e J.O. fazia questão de volta e meia relizar noites de autógrafo, tornando a relação escritor-público muito mais próxima³²⁰.

Ainda em 1939, trabalhando em jornais e editada pela José Olympio, Rachel mudou-se do edifício Marcelle para a subida de Santa Teresa. Na capital federal começou uma nova fase em sua carreira, também expressa pela publicação de *As Três Marias*, livro um tanto diferente dos anteriores, com tom autobiográfico, em primeira pessoa e tratando quase exclusivamente de um mundo feminino. A história tem como protagonista Maria Augusta, ou Guta, relatando seu crescimento e desenvolvimento pessoal desde o colégio até a idade adulta. Um enredo que envolve milhões de outros e fornece um panorama interessantíssimo do mundo das mulheres no Brasil dos anos 1930.

Por essa época, Rachel de Queiroz era nome já conhecido. Tinha então três livros publicados: o primeiro, lançado em segunda edição pela Companhia Editora Nacional, a mais importante do país; o segundo, sucesso de crítica, editado pela Schmidt e com o elogio conjunto dos grandes intelectuais do momento; o terceiro romance, publicado já pela José Olympio Editora, polêmico e despertando por isso

³¹⁸ HALLEWELL, L. **Op. Cit.** p. 361.

³¹⁹ HALLEWELL, L. **Op. Cit.** p. 363.

³²⁰ HALLEWELL, L. **Op. Cit.** p. 363.

mesmo o interesse do leitor, ainda mais por ter sido proibido pelo governo Vargas quando de seu lançamento.

Em carta de 22 de agosto de 1938, quando já começara a escrever o quarto romance, Rachel confessa aos amigos Graciliano Ramos e José Lins:

O meu livro vai andando e andando muito rapidamente, agora. Tenho muito medo do que vocês irão pensar dele. É um pouco diferente, mais pensamento que ação, escrito na primeira pessoa. O nome, como vocês já sabem, é *As Três Marias*. Será dedicado ao poeta Manuel Bandeira³²¹.

Afastando-se quase por completo do tema exclusivamente político e social, a autora teme a reação dos amigos. Mas, mesmo pela capacidade de responder através de seus romances a algumas questões de seu tempo, *As Três Marias* foi considerado pela crítica ao longo do século XX como o melhor romance de Rachel de Queiroz.

Estamos, afinal, em fins da década. Dez anos depois da estréia de Rachel com *O Quinze*. O movimento crescente da incorporação das mulheres ao mercado de trabalho da escrita só tende a se ampliar. Nessa época, Rachel convive na José Olympio, pelo menos, com Adalgisa Nery, Dinah Silveira e Lúcia Miguel Pereira entre muitas outras mulheres cultas, constantemente presentes nos círculos intelectuais da capital. Poderíamos citar, por exemplo, também Vera Pacheco Jordão, esposa de Zé Olympio.

Adalgisa (1905-1980) era uma das grandes sensações da Livraria. Tanto por sua beleza como por seu charme e sua inteligência. Nasceu no Rio de Janeiro, filha de uma portuguesa e um mato-grossense. Casou-se aos 16 anos com o pintor e poeta paraense Ismael Nery, amigo de Murilo Mendes, Jorge de Lima, Aníbal Machado, Manuel Bandeira.

Ismael morreu de tuberculose muito novo, em 1934. Viúva, Adalgisa iniciou sua carreira literária, começando em 1935 na *Revista Acadêmica*. No mesmo ano, publica o livro *Poemas*, aplaudido pela crítica em geral. Colabora também com *O Jornal*, *Dom Casmurro* e na *Revista da Semana*, junto com seu trabalho como tradutora pela José Olympio.

Casou-se novamente, com Lourival Fontes, diretor geral do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), o órgão do Estado Novo responsável pela censura. A aproximação de Lourival e de J.O. também auxiliou a editora em momentos de

³²¹ **Correspondência a Graciliano e José Lins do Rego** 22.08.1938. Arquivo Fundação da Casa de Rui Barbosa. (FCRB)

recrudescimento da repressão. Adalgisa ainda atuou como Diretora Social desse departamento promovendo festas e realizando o trabalho de relações públicas³²².

Lúcia Miguel Pereira(1903-1959) em 1940 já lançara seu estudo crítico sobre Machado de Assis, muito elogiado pelos jornais à época e ganhador do prêmio Felipe de Oliveira. Além disso, publicara os romances *Maria Luísa* (1933) e *Em Surdina* (1933). Era, portanto, escritora e crítica literária bem reconhecida pelo meio intelectual, cooperando com periódicos como *Gazeta de Notícias* e *Correio da Manhã*. Casada com o jornalista e historiador, Otávio Tarquínio de Souza, colaborava também com uma das mais importantes revistas literárias do momento, a *Revista do Brasil*, nos anos 1940 dirigida pelo próprio Tarquínio³²³.

A revista fora fundada em 1916 pelo ilustre grupo de Luís Pereira Barreto, Plínio Barreto, Júlio Mesquita e Alfredo Pujol. Teve neste começo a colaboração de escritores dos mais vendidos, como Monteiro Lobato que, já em 1918, comprou a revista e empenhou-se por ela até 1924, quando suas dívidas já eram muito altas. Passou, a partir daí às mãos de Paulo Prado e Sérgio Milliet.³²⁴

Já em meados dos anos 30, sob direção de Tarquínio e em sua 3ª fase, a revista custava 3\$000 o número avulso, 36\$000 a assinatura anual e 20\$000 a semestral. Tinha à época lugar garantido entre as principais revistas literárias do país e encontramos nela o nosso círculo, já mais do que conhecido: a própria Lúcia Miguel, Graciliano Ramos, Augusto Schmidt, Santa Rosa – um dos maiores ilustradores da época, responsável pelos desenhos de quase todos os livros da J.O. -, Gilberto Freyre, Luiz Jardim, Afonso Arinos de Melo Franco, Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde), Hermes Lima,

³²² Com Lourival nomeado embaixador do Brasil no México, Adalgisa circulou com desenvoltura na vida intelectual daquele país, tornando-se amiga de pintores como Diego Rivera (que pintou seu retrato) e Frida Kalo. O casamento terminou em 1953, quando Lourival era chefe da Casa Civil do segundo governo Vargas. Separada, iniciou a carreira de articulista política. De 1954 a 66 escreveu famosa coluna no jornal *A Última Hora* - de Samuel Wainer, a coluna diária "Retrato sem Retoque", com teses nacionalistas e socialistas, atacando várias personalidades. Candidatou-se pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB), sendo eleita para a Assembléia Constituinte do recém criado Estado da Guanabara, em 1960 e reeleita em mais dois mandatos em 62 e 66. Uma de suas principais posições era o combate ao governo de Carlos Lacerda. Em 1969 foi cassada pela junta militar que governava o país. Seu maior sucesso literário foi com o romance *A imaginaria* de 59, de cunho nitidamente auto-biográfico e que teve varias edições em pouco tempo. Adalgisa viveu os anos depois da cassação em grande depressão e faleceu praticamente abandonada, em abrigo para idosos, no Rio de Janeiro em 1980. Ver: SCHUNAHNER, Schuna & BRASIL, Érico Vital (Org.) **Dicionário Mulheres do Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. p. 19.; CAMPOI, I. **Adalgisa Nery e as questões políticas de seu tempo (1905-1980)**. 287f. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, UFF, Niterói, 2008.

³²³ SCHUNAHNER, Schuna & BRASIL, Érico Vital (Org.) **Op. Cit.** p. 340-341.

³²⁴ HALLEWELL, **Op. Cit.** p. 240-262.

Mário de Andrade, Sergio Buarque de Holanda, Aurélio Buarque de Holanda, Afrânio Coutinho, Dinah Silveira, Sergio Milliet e Almir de Andrade³²⁵.

A revista de 23x16cm, capa verde com letras em vermelho e preto trazem, no número 17 de 1939, uma crítica acerca de *Floradas na Serra*, romance de estreia de Dinah Silveira, sucesso absoluto quando de seu lançamento: “Outra coisa é registrar em Dinah Silveira de Queiroz é a feminilidade de sua prosa, a graça de mulher que há na sua expressão literária. Ela não contraria o seu sexo para compor. Pelo contrário, é assim como a mágica Contesse de Noailles, uma fonte cantando no jardim. O estilo de Dinah Silveira é sóbrio, mas tem sempre o que dar em cor e música. É atraente, tem gosto de fruta e o cheiro das flores da serra”³²⁶.

Dinah Silveira de Queiroz (1917-1982) nascera em São Paulo, sendo escorpiana, como Rachel de Queiroz. Foi escritora, jornalista, radialista, crítica literária, romancista, cronista, dramaturga. Ganhou, em 1940, o Prêmio Antônio Alcântara Machado da Academia Paulista de Letras, justamente por *Floradas na Serra*, que se tornaria filme em 1941, com Cacilda Becker no papel principal. Dinah foi uma das autoras que mais rendeu à José Olympio, pelo grande aceite de seus romances junto ao público. Seria também uma das maiores combatentes pela entrada das mulheres na Academia Brasileira de Letras, a qual ingressa em 1980. *A Muralha*, livro de 1954, chegou a ser *Best-seller* quando de sua adaptação pela Tv Globo em 2000³²⁷.

A partir de 1939, a *Revista do Brasil* passou a contar também com a publicação mensal de um artigo de Rachel de Queiroz acerca do cinema. Fã de carteirinha das películas desde pequena, cooperou por bom tempo com a revista mensal.

No número seguinte ao da crítica acerca de *Floradas na Serra*, Almir de Andrade, conhecido de Rachel de Queiroz e crítico de seus romances, fez longo comentário acerca de *As Três Marias* na sessão *Livros*:

Rachel de Queiroz parece que atingiu, com este romance, sua feição definitiva. quer no estilo, quer na estrutura, *As Três Marias* é uma obra amadurecida, forte, cheia de personalidade. obra de quem chegou a um ponto de cristalização de tendências, que de há muito vinham se esboçando e que só agora encontraram a sua forma decisiva de equilíbrio. É a mesma romancista de *O Quinze*, de *João Miguel* e de *Caminho de Pedras* que aparece aqui. Suas personagens respiram a mesma atmosfera, se debatem em conflitos da mesma natureza. Algo de novo, todavia, percebemos agora: uma serenidade, um equilíbrio que não

³²⁵ Consulta ao arquivo da Academia Brasileira de Letras. Biblioteca Rodolfo Garcia. (ABL)

³²⁶ ANDRADE, A. de. Livros. In: **Revista do Brasil**. Ano II. 3ª fase. n. 17. p. 72. (AABL)

³²⁷ SCHUNAHNER, Schuna & BRASIL, Érico Vital (Org.) **Op. Cit.** p. 180.

havia nas obras anteriores e que se revestem de um sentido, não sei de que indiferença pelas coisas ou se de resignação com a fatalidade das coisas...³²⁸

Ao ler o comentário de Andrade percebemos que aquele medo de Rachel fora infundado. Ao passar o texto para a primeira pessoa, conquista uma forma mais contundente, num equilíbrio que vinha se desenvolvendo desde *O Quinze*, entre as características sociais e o desenvolvimento das personagens no seu plano psicológico. Mais uma vez a crítica impressionista de Andrade associa autor e personagem, quando percebe o amadurecimento das propostas do livro frente às questões da vida:

Onde encontrou a romancista essa serenidade? A quanta coisa teria ela renunciado para conseguí-la? Até que ponto teria ido a sua compreensão das coisas da vida, para que ela pudesse ter posto na figura de Guta esse traço dominante que nos impressiona tanto do princípio ao fim do romance – uma impressão de repouso, mas de repouso no sofrimento? Esse romance nos oferece o espetáculo de uma grande vitória da romancista sobre si mesma, de uma tentativa para aplanar, disciplinar, equilibrar uma legião de conflitos interiores insolúveis³²⁹.

Quase podemos associar o caminho trilhado por Rachel ao longo de toda a década de 1930 - entre romances e perdas, entre grandes cidades e interiores, entre a solidão e as amigas – à produção deste último romance, publicado em 1939. Somente trinta anos depois dele poderíamos ter um romance novo de Rachel em mãos.

O decorrer da década de 1930 foi mudando o parâmetro das técnicas romanescas e da ideologia literária. O romance social e o regionalista perderam seu espaço, muito pelo recrudescimento da censura varguista. Uma literatura mais subjetiva, mais intimista emergiu com mais força.

De acordo com Wilson Martins , isso permitiu à autora “encontrar a ‘verdadeira’ Rachel de Queiroz, precursora de uma visão feminista que se antecipava por uns bons trinta anos a concepções dogmáticas”³³⁰. Além disso, Martins ainda afirma - um tanto exageradamente a nosso ver - que “não houvesse esse escrito, ela [Rachel] estaria formando, àquela altura, na ‘retaguarda característica dos incharacterísticos’ que ocupa um grande espaço nas letras brasileiras. Porque até então ela era apenas um satélite na grande constelação do romance nordestino ortodoxo”³³¹.

³²⁸ ANDRADE, A. de. Livros. In: **Revista do Brasil**. Ano II. 3ª fase. n. 18. P. 77. (AABL)

³²⁹ ANDRADE, A. de. **Op. Cit.**

³³⁰ MARTINS, Wilson. Rachel de Queiroz em perspectiva. In: **Cadernos de Literatura Brasileira: Rachel de Queiroz**. Instituto Moreira Salles. Número 4. 1ª reimpressão, jan/2002. p. 82.

³³¹ MARTINS, W. **Op Cit.** 2002. p.70.

As Três Marias foi sua consagração e afirmação enquanto profissional da escrita, coincidindo com seu estabelecimento definitivo na então capital federal. No panorama de 1939, publicado pelo *Anuário Brasileiro de Literatura*, Jaime de Barros afirma que a literatura brasileira em geral sofreu um declínio de produção após o esgotamento da série de romances cíclicos do Norte e vinha agora procurando novos rumos:

Mas só agora começamos a sair dessa depressão, determinada por fatores internos e universais, de natureza política e social. A literatura contemporânea identificou-se realmente de tal forma com os destinos humanos que nela se refletem todas as flutuações das sociedades e de sua organização. A crise literária é hoje um fenômeno social tão evidente quanto as crises econômicas e políticas, por força do poderoso reflexo destas no espírito humano. Na encruzilhada decisiva de caminhos, a dúvida, a indecisão, os avanços e recuos, as paradas súbitas, a angústia da incerteza são inevitáveis.
(...) O romance realista, dos nossos dias, que começou com um caráter de memórias, de reminiscências, de reportagens, com os livros dos srs. José Lins do Rego, Amando Fontes e Jorge Amado, evoluiu num sentido mais profundo de investigação psicológica, de interpretação precisa da vida³³².

Assim, segundo Barros, a literatura brasileira de finais da década de 30 afastava-se terminantemente do romance social e proletário - principalmente daqueles baseados em modelos importados de escrita - para uma fase de criação e crescimento próprios, autênticos:

Parece-me, porem, que o romance mais forte, de maior densidade publicado em 1939 foi o da senhora, Rachel de Queiroz. Em *As Três Marias* a autora de *O Quinze* ampliou sua visão, caracterizou com segurança as figuras centrais de Maria Augusta, Maria José e Maria da Glória. Composto em tom fragmentário de reminiscência, o romance não perde a intensidade tão vivo é o jogo de situações e de destinos, tão poderosa a capacidade da senhora Rachel de Queiroz de dar realidade aos personagens, comunicar sua emoção, animar e desenvolver episódios³³³.

Mantendo seu estilo objetivo, mas desviando um pouco a paisagem de um Nordeste rural para um ambiente mais urbano³³⁴, a autora cearense discutiu as agitações políticas do momento, métodos de educação relacionados com a posição da mulher e problemas de emancipação feminina, no plano amoroso e social.

Em Rachel de Queiroz e nesta nova geração de romances que começa a se formar, a natureza vai ceder lugar ao homem e à sua investigação psicológica. Seria o

³³² BARROS, J. de. Tendências do Romance Brasileiro. In: **Anuário Brasileiro de Literatura**. 1940. p. 53-54. (FCRB)

³³³ BARROS, Jaime de. **Op. Cit.**

³³⁴ A história se passa em Fortaleza e também no Rio de Janeiro, de modo que a paisagem surge de modo diferente neste romance em relação aos outros.

um exemplo do que alguns estudiosos chamariam de literatura intimista, que passaria por Lúcio Cardoso e teria seu ápice nos anos 50/60, com Clarice Lispector.

No romance da senhora Rachel de Queiroz acentuou-se ainda mais essa tendência de identificação sincera e real da literatura com a vida. A paisagem só surge quando necessária à ação ou à contemplação dos personagens³³⁵.

O sucesso do livro foi tanto que Rachel conta, em cartas a sua amiga Alba Frota, as inúmeras visitas que passou a receber depois do lançamento de *As Três Marias*, inclusive a visita de uma ex-freira que trabalhara no Colégio Imaculada Conceição, retratado no livro:

Escreva, fale de você e de suas coisas. Não pense que me esqueço de você. Seu retrato vive na cabeceira da minha cama e é apresentado a todo o mundo como o anjo que me inspirou Maria José (personagem do livro) depois da saída de *As Três Marias*, e tem despertado uma curiosidade enorme. Tem gente que vem aqui em casa só para ver a carinha de Maria José³³⁶.

É bom lembrarmos mais uma vez o *boom* do mercado editorial brasileiro dos anos 1930, com o aumento significativo da publicação de ficções nacionais em paralelo à tradução de inúmeros romances. Sergio Miceli, ao analisar a intelectualidade da época, destaca a influência da literatura chamada “menor” (aventura, livros para moças, romances policiais) no gosto e, conseqüentemente, na produção dos autores nacionais³³⁷.

Assim também as biografias ou memórias influenciaram os trabalhos dos próprios regionalistas como Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Rachel de Queiroz, como podemos ver em *As Três Marias*. O romance constituiu-se como o gênero por excelência da década de 1930, um período de intensa concorrência ideológica e intelectual entre diversas organizações políticas, responsável por transmitir a visão do mundo social da classe intelectual do período³³⁸.

Com sua incrível capacidade de desenhar personagens femininas e abordá-las de uma perspectiva mais plural do que se fazia até então, Rachel de Queiroz contribuiu para a colocação da mulher no espaço do debate público. Com tudo o que vimos até

³³⁵ BARROS, J. de. **Op. Cit.**

³³⁶ **Correspondência de Rachel de Queiroz a Alba Frota.** 26.08.1939. (AJAB)

³³⁷ MICELI, S. **Intelectuais à brasileira.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 154.

³³⁸ MICELI, S. **Op Cit.** p. 159.

agora podemos mais uma vez afirmar que a mulher moderna foi uma questão política e social tão importante no contexto dos anos 1930 como outras questões relativas à modernidade, industrialização, desenvolvimento do país.

É importante também destacar a configuração do público leitor destes romances à época, público que era em grande parte também feminino. Elas demandam os temas dos romances, os livros a serem traduzidos, as revistas literárias. O incrível é perceber a pouquíssima publicação de literatura de ficção escrita por mulheres quando comparadas à masculina, sendo Rachel de Queiroz uma das únicas, convivendo no mesmo nível de vendas apenas com Lúcia Miguel Pereira e mais tarde, Dinah Silveira.

Nesse sentido, inovou também a Casa ao ser conhecida pelas “mulheres de letras” que a frequentavam³³⁹. A única notícia que se tem de mulheres de letras presentes nas livrarias antes dessa época foi a de Dona Júlia Lopes de Almeida, que frequentava a Casa Garraux em São Paulo já no começo do século. Mesmo assim, era uma estrela quase solitária.

Escreveu Graciliano sobre a Editora: “Aquilo, é um mundo. E, para ser mundo completo, encerra mulheres, naturalmente...”³⁴⁰. Segundo Lucila Soares, a Editora José Olympio abrigava quatro mulheres importantes para a época: Rachel, Lúcia, Dinah e Adalgisa Nery³⁴¹. Todas envolvidas com a mais alta intelectualidade, seja por sua escrita ou por relações pessoais. As quatro eram praticamente as únicas mulheres deste círculo cultural extremamente restrito da década de 30, ainda que Rachel não fosse tão próxima destas como era dos intelectuais homens que frequentavam a livraria.

Em 1940, o ilustríssimo escritor português autodidata Henrique Perdigão lançou a segunda edição do *Dicionário Universal de Literatura*. Em capa luxuosa, editado pela Edições Lopes da Silva, no Porto, chega à nossa mão este livro bio-bibliográfico de pretensão interessante. Já no “proêmio” o autor destaca seu interesse maior pelos

³³⁹ HALLEWELL, L. **Op. Cit.** p. 365.

³⁴⁰ RAMOS, G. **Linhas Tortas**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1962. p. 26.

³⁴¹ Ver SOARES, L. **Rua do Ouvidor 110**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006. p. 88. Hallewell ainda cita Eneida à p. 365.

autores da língua portuguesa, em especial brasileiros e portugueses, apesar de conter outros estrangeiros.

Característica de qualquer forma de seleção ou antologia, Perdigão declara logo de pronto suas preferências ao organizar a antologia: “Já *Books Abroad*, uma das maiores, senão a maior revista de crítica do Mundo, ao dar-nos a honra de se referir à 1ª Edição do nosso modesto trabalho, fazia ressaltar aos seus leitores que, por exemplo, Florbela Espanca, poetisa portuguesa, ocupava maior espaço que Goethe e Shakespeare...De fato, assim é, e... compreende-se. Isto é, compreendemo-lo, pelo menos, nós portugueses”³⁴².

Segue o texto comentando a ausência de nomes portugueses em livros de Literatura que se pretendem universais e publicados em países como a Inglaterra. Em contraponto a esses dicionários, portanto, surge este do qual falamos, feito a partir do olhar português e incluindo aí muito especialmente o Brasil. Isto, pois “ se nós nunca tivemos a pretensão, apesar de tais pedidos, de dar a estrangeiros uma noção, ainda que pálida, do vigor das suas literaturas e sim, apenas, oferecer a luso-brasileiros uma idéia, pálida também, mas evidentemente mais completa, do movimento literário que diretamente lhes interessa?”³⁴³

O autor afirma que o dicionário, no gênero e no método, é o primeiro que aparece em português. Por isso mesmo, Perdigão se queixa do desinteresse de determinados lugares e países em lhe oferecer informações biográficas preciosas, o que acaba por tornar o dicionário menos completo.

O *Dicionário Universal de Literatura* abriga escritores de poesia, romance, história, teatro, crítica, jornalismo, oratória, filosofia. Considera-se exclusivo pelo método, que não se limita a obras e fatos biográficos, mas filia os escritores à geração ou escola a que pertencem, expondo sua influência e os comentários da crítica, em vez de dispô-los em ordem alfabética³⁴⁴.

Entre as cerca de 5% de autoras presentes no dicionário, já figura em 1940, Rachel de Queiroz. Escrito, na verdade, “Raquel”. Aliás, este pequeno detalhe é responsável, às vezes, por multiplicar uma pesquisa em quatro quando, em vez de nos

³⁴² PERDIGÃO, H. **Dicionário Universal de Literatura**. 2ª Edição. Porto: Edições Lopes da Silva, 1940. p. V. (AABL)

³⁴³ PERDIGÃO, H. **Op. Cit.** p. VI.

³⁴⁴ PERDIGÃO, H. **Op. Cit.** p. XI/XII.

depararmos com nossa querida Rachel de Queiroz, encontramos Raquel de Queiroz, Rachel de Queirós ou Raquel de Queirós.

No verbete destinado a ela, às páginas 880 e 881, encontramos informações sobre: sua precocidade no jornalismo cearense, as polêmicas que a envolveram desde muito nova, sua profissão destacada como a de professora de escolas normais em Fortaleza. Perdigão destaca ainda o sucesso de *O Quinze* para a crítica do momento: “Ao *O Quinze* seguiu-se *João Miguel*, já inferior, na opinião de (Agripino) Grieco, à obra de estreia, e depois: *Caminho de Pedras* e mais recentemente *As Três Marias*, outro grande êxito, laureado com o prêmio Filipe de Oliveira e que chegaram a considerar um dos melhores trabalhos da literatura feminina na América”³⁴⁵.

Novamente em 1940, depois de Augusto Schmidt e de Tristão de Athayde nos anos 1930, vemos mais uma vez o nome *literatura feminina* ao tratar Rachel de Queiroz. Em 30, Schmidt utilizava o exemplo da cearense justamente para afastá-la dessa literatura “fútil”. Assim também, Athayde não soube muito bem como posicioná-la, afirmando que a autora talvez tivesse perdido seu espírito feminino. Já neste dicionário de 1940 *As Três Marias* aparece como um dos melhores trabalhos dentro desta mesma literatura.

Talvez mesmo pelo tema do livro, voltado para a história de diversas mulheres, ou talvez pela utilização da primeira pessoa ou ainda simplesmente pelo fato da autora ser mulher, não encontramos ainda, no entanto, definição para o que seja a - por vezes bendita, por vezes maldita - *literatura feminina*.

Aparece mais uma vez como fantasma ao redor da escrita de autoria feminina, às vezes confundindo-se com ela, às vezes ampliando-se enquanto linguagem. De qualquer forma, é aqui uma forma de valorizar o trabalho de Rachel.

Só para citar o último interessante trecho do dicionário de Perdigão, temos: “Residindo (Rachel de Queiroz) atualmente no Rio de Janeiro, em cuja imprensa colabora, trabalhava há pouco em novo romance – *As virgens loucas* – que ignoramos se já no momento se acha publicado”³⁴⁶.

Nunca soubemos de onde saiu esse título tão peculiar. Nós, no entanto, não encontramos *As virgens loucas* em lugar algum. Ao que parece, mantiveram a virgindade, ao menos em matéria de publicação.

³⁴⁵ PERDIGÃO, H. **Op. Cit.** p. 881.

³⁴⁶ PERDIGÃO, H. **Op. Cit.** p. 881.

No entanto, mesmo com todo o sucesso, àquela época um escritor não conseguia viver de direitos autorais. Tempos difíceis esses em que Rachel teve que sobreviver no Rio de Janeiro. Além dos livros, fez inúmeras matérias para os mais diferentes jornais (*Diário de notícias, Correio da manhã, O Jornal, O Estado de S. Paulo* e ainda ao *A Vanguarda Socialista* – periódico dos trotskistas).

Afirma que era a fase áurea dos suplementos literários, fazendo com que os autores mais conhecidos fossem extremamente disputados, o que acabava por constituir os periódicos como sua melhor fonte de renda³⁴⁷. Também na virada da década de 1930, “passei a ser tradutora efetiva, um livro atrás do outro e recebendo uma retirada mensal”:

Às vezes me ocorre fazer uma conta dos livros que traduzi nesse período. Adestrei-me então no inglês, no qual até então era fraca, desde que Vera Pereira, mulher de José Olympio, assumiu a escolha de autores a traduzir- e ela gostava de literatura inglesa. (...). Eu trabalhava regularmente oito a dez horas por dia; nisso ganhava a vida e a única vantagem que levava sobre os funcionários da firma é que trabalhava em casa. Alternávamos dois, três grandes autores pela literatura que nós chamávamos ‘barata’, autores sem importância mas *best-sellers* na época³⁴⁸.

Ao chegar à cidade, portanto, Rachel pediu a José Olympio que lhe arrumasse trabalho e lhe encomendasse mais traduções. Literatura estrangeira era área comandada por Vera, a esposa do chefe. Ela tinha um gosto especial por livros ingleses, enquanto a paixão de Rachel eram os europeus, especificamente os franceses.

Guardadas as diferenças, combinaram que a cada três livros de Vera, Rachel indicava dois. Foi boa, assim, a experiência, pois Rachel desenvolveu cada vez mais o inglês ao mesmo tempo em que a José Olympio tornou-se referência na tradução e na divulgação dessa literatura no Brasil³⁴⁹: “A tradução muitas vezes é a única maneira dos leitores conhecerem determinadas obras. Durante um bom tempo, a tradução me ajudou a sobreviver. Mesmo depois que comecei a escrever para *O Cruzeiro* (1945), continuei traduzindo”³⁵⁰.

³⁴⁷ QUEIROZ, R. de. & QUEIROZ, M. L. de. **Op. Cit.** p. 216.

³⁴⁸ QUEIROZ, R. de. & QUEIROZ, M. L. de. **Op. Cit.** p. 208.

³⁴⁹ SOARES, L. **Op. Cit.** p. 84.

³⁵⁰ QUEIROZ, R. de. As três Racheis. **Cadernos de Literatura Brasileira**. São Paulo, n. 4, set.1997. Entrevista. p. 25.

Somente entre 1939 e 40, a autora traduziu cerca de 13 títulos entre Jane Austen, Dostoievski, Emily Bronte e Balzac, todos pela José Olympio. Ao longo de toda a vida, foram pelo menos quarenta livros traduzidos. Outros importantes tradutores da Casa foram Dinah Silveira, Lúcia Miguel, Adalgisa, Gastão Cruis, Vinícius de Moraes, Brito Broca, Rubem Braga³⁵¹.

Para Hallewell:

Houve diversas razões para essa ênfase nos autores estrangeiros, na década de 40, em detrimento dos nacionais. A guerra, é evidente, deslocou a atenção do público de sua preocupação com os acontecimentos nacionais, que caracterizara os anos 30. As dificuldades de transporte marítimo durante a guerra estimularam a José Olympio e as demais editoras a publicar versões em português de obras que, em condições normais, teriam sido importadas em suas edições originais européias ou norte-americanas. Ao mesmo tempo, a grande onda literária da década anterior começara a refluir, em grande medida devido à crescente esterilidade da vida cultural da nação sob o Estado Novo, que então atravessava seu mais violento período de repressão (1939-1942)³⁵².

Nesse sentido, é importante destacar a dependência econômica destes novos romancistas, chamados de “profissionais” de acordo com Sergio Miceli, pois poucos alcançam esta posição e passam a viver exclusivamente da escrita. Coincidentemente, Rachel costuma definir-se como profissional da escrita, mas sem aqueles idealismos românticos. Considera um trabalho sério e, por vezes, enfadonho, ter que escrever uma crônica por dia para algum jornal ou revista.

Já por esta época, no entanto, as cartas a Alba Frota começam a ter um tom excessivamente romântico. Rachel não consegue esconder a felicidade que sente por ter conhecido aquele que seria seu grande amor: o médico Oyama de Macedo, assistente predileto de Pedro Nava no hospital. Foi o primo Nava que apresentara os dois:

E recordo a reação ofendida e ciumenta de Nava quando descobriu que Oyama e eu estávamos namorando às costas dele. É que nesse tempo uma senhora, especialmente uma jovem senhora, não saía sozinha; e como Zé Auto e eu já fazíamos vida à parte, Nava, ainda solteiro, era o meu *Escort* habitual³⁵³

Rachel e Oyama era então ambos separados. Apesar das lutas de movimentos como o feminismo pela liberação da lei do divórcio, ela só ocorreu nos anos 1970. Rachel conta que sua sogra, muito católica, tinha uma enxaqueca a cada vez que a lei

³⁵¹ HALLEWELL, L. **Op. Cit.** p. 374.

³⁵² HALLEWELL, L. **Op. Cit.** p. 374.

³⁵³ QUEIROZ, R. de. & QUEIROZ, M. L. de. **Op. Cit.** p. 209.

não passava no congresso. Quando, enfim, saiu, Oyama e Rachel foram provavelmente os primeiros a registrar segundo casamento, para felicidade da mãe dele³⁵⁴.

Não temos, infelizmente, como dimensionar a reação dos amigos e conhecidos e mesmo a imagem pública de Rachel com este segundo casamento. Provavelmente não importava muito a ela mas, nos anos 1930/40 era bem provável que diversas pessoas os olhassem de vícios.

Quando foram viver juntos, mudaram-se para uma rua lateral no bairro das Laranjeiras. Logo a mãe de Rachel, junto com seu irmão Luciano, foram visitá-los e convidaram os parentes que moravam no Rio a fazer o mesmo, para que se “calassem as maledicências”³⁵⁵. O apoio da família foi, portanto, mais uma vez integral. Oyama admiraria os sogros por isso ao longo de toda a vida.

Em carta a Alba Frota de 05 de setembro de 1942, escreve Rachel:

De tudo que eu lhe disse, querida, não vá deduzir que meu amor é um Otelo furibundo me perseguindo e fiscalizando; tudo se resolve muito suavemente, porque eu não tenho necessidade de nada, fora ele, e a ele, tenho-o sempre junto de mim. Pode quem quiser pensar que é literatura, romance, o que quiser; mas nós conseguimos chegar a um ponto de entrega total e recíproca, e a única definição para o nosso entendimento, é o velho lugar comum: viver um para o outro e pelo outro...e, se ele me exige tudo, me dá tudo...

O trabalho que a autora desenvolvia ajudava no orçamento doméstico e, assim que Oyama recebeu a oferta de coordenar as duas enfermarias da clínica médica do Hospital Paulino Werneck, os dois se mudaram para a Ilha do Governador. Lá permaneceram anos a fio, realizando o sonho de ter um pequeno sítio em pleno Rio de Janeiro. Era como um paraíso no caos. Resumo da felicidade.

Exaltada como um fenômeno literário, consagrada como romancista ou questionada por suas posições políticas e morais e reverenciada pela análise original da vida humana, Rachel de Queiroz foi em geral muito bem acolhida pelo ambiente literário brasileiro do Centro-Sul do país nesta época.

Ainda que enfrentando tempos difíceis rumo à profissionalização, a década de 1930 foi semente para o alcance de uma autonomia conquistada por poucos autores do mesmo período. Autonomia construída com grande esforço, à medida em que ia cooperando seguidamente com os jornais mais importantes da capital.

³⁵⁴ TÁVORA, A. Entrevista. **Programa Encontro Marcado**. N. 13. 1988. VHS. Arquivo da Academia Brasileira de Letras (AABL).

³⁵⁵ QUEIROZ, R. de. & QUEIROZ, M. L. de. **Op. Cit.** p. 210.

Uma profissão como qualquer outra

Em 1983, o jornalista Arakén Távora, com o auxílio financeiro da IBM Brasil, desenvolveu o programa *Encontro Mercado*, com o objetivo de aproximar escritor e público, desenvolvendo vídeos curtos acerca da vida e obra de autores brasileiros, ao mesmo tempo que patrocinava suas idas e vindas a universidades ao redor de todo o país. No final dos anos 1990, o programa ampliou-se para todas as artes plásticas e virou programa de Tv, sendo exibido pelo canal Multishow.

Há pouco tempo, um site foi feito com cerca de 120 entrevistas com os nomes mais importantes de nossa literatura, cinema, artes plásticas, música e teatro. O endereço, www.encontromercado.net, traz cerca de 24 minutos de entrevista com Rachel de Queiroz.

É desta entrevista que encontramos a afirmação contundente feita por ela: “Eu me considero uma profissional, como você está aqui me entrevistando, como vocês estão aí fotografando, tô eu aqui falando. Somos tipos de profissionais”.

Depois de mais de sessenta anos de sua estreia nos jornais cearenses, é assim que a senhora Rachel define a prática que escolheu para a vida, destacando sua dimensão social. Não é com romantismos que descreve a escrita, mas com um olhar duro e sincero, fugindo do idealismo literário e lembrando do tempo em que escrever era uma forma de sobreviver³⁵⁶.

Segundo Nelson Werneck Sodré, a partir do século XX, a imprensa brasileira começou a se transformar radicalmente. Aquela imprensa artesanal e individual não encontrava mais espaço quando da ascensão burguesa e industrial no Brasil. Cada vez mais os periódicos tomavam características empresariais, cresciam em número e em amplitude espacial, melhoravam sua distribuição, suas colaborações e matérias, além da qualidade de seus papéis e da tipografia³⁵⁷.

Logicamente, ao lado da chamada “Grande Imprensa” figurava a pequena, a imprensa proletária:

³⁵⁶ É importante destacarmos que não temos subsídios suficientes para desenvolver teoricamente a ideia de “profissionalização” no espaço deste texto. Pensamos mais na forma profissional de encarar a escrita, do ponto de vista da autora. Não estamos aqui analisando órgãos, encontros ou associações de regulamentação profissional. Nosso objetivo maior é entender como se dava a escrita na visão de Rachel de Queiroz, como ela define e lida com essa “profissão”.

³⁵⁷ SODRÉ, N. W. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 287-516.

Antes, em período histórico de condições diversas, houvera pequena imprensa; desde o século XX, porém, há grande e pequena imprensa, e esta se agrupa em dois planos: a que é pequena não somente por condições materiais, relegada ao interior do país, e que em nada perturba a estrutura social, econômica e política dominante, e nem mesmo a conseqüente estrutura da grande imprensa, e a que agrupa as publicações de circulação reduzida e de pequenos recursos materiais, mas que mantém uma posição de combate à ordem vigente e cuja condição deriva dessa posição. Assim, na imprensa, quanto aos órgãos, revistas e jornais, o que existe, agora, é uma imprensa de classe: ou da classe dominante, ou da classe dominada, com todos os reflexos que essa divisão proporciona à atividade dos periódicos e do periodismo³⁵⁸.

Como já vimos em tópico anterior, o empastelamento de jornais foi comum ao longo da década de 1930. Recurso, na verdade, utilizado pelo poder governamental no Brasil desde o século XIX. Prática que continuaria até bem pouco tempo atrás.

Um dos nomes que surgirá com esse desenvolvimento da imprensa empresarial e que saberá lidar como ninguém com esses novos mecanismos será Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, paraibano nascido em 1892.

Já em 1918 alcançou o posto de redator-chefe do *Jornal do Brasil*, em São Paulo, o jornal mais bem equipado e com o maior parque gráfico até aquele momento³⁵⁹.

Em 1922 Chateaubriand adquiriu o primeiro periódico daquele que seria seu império midiático daí a alguns anos: *O Jornal*, até então pertencente a Renato de Toledo Lopes, desde 1919: “Compra-o com auxílio de Epitácio Pessoa, Alfredo Pujol e Virgílio de Melo Franco, e com o beneplácito de Artur Bernardes. A partir daí é que Chateaubriand começou a construir o seu império jornalístico. *O Jornal*, sob sua direção, tomou feição nova, moderna, arejada, contando com excelente colaboração do exterior e do país”³⁶⁰. *O Jornal* foi o xodó de Chateaubriand desde essa época, concentrando as discussões políticas do momento, apesar de ter colaboradores literários do porte de Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde), então o crítico mais importante.

Ainda na década de 1920, mais precisamente em 1928, Chateaubriand lança *O Cruzeiro*. A revista é hoje clássica nos estudos sobre moda, humorismo ou desenvolvimento da imprensa, justamente pelas inovações técnicas e pela variedade de seus artigos. *O Cruzeiro* apareceu como uma revista ‘moderna’ já em seu primeiro número. Conta Accioly Netto, diretor do periódico durante muito tempo, que ela foi a

³⁵⁸ SODRÉ. N. W. **Op. Cit.** p. 370.

³⁵⁹ SODRÉ. N. W. **Op. Cit.** p. 397.

³⁶⁰ SODRÉ. N. W. **Op. Cit.** p. 415.

primeira a utilizar, em 1928, uma técnica de propaganda que ficaria famosa no Rio de Janeiro: a chuva de papel picado caindo como neve sobre a avenida Rio Branco em pleno verão carioca, com os dizeres: “compre amanhã *O Cruzeiro*, em todas as bancas, a revista contemporânea dos arranha-céus”.

Sua intenção a princípio foi tornar-se uma revista semanal ilustrada dentro do conjunto de veículos pertencentes a Assis Chateaubriand. Com suas fotos coloridas e papel *couché* de primeira classe, a revista era luxuosa também por contar com colaboradores do porte de Menotti del Pichia, Manuel Bandeira, Mário de Andrade e também reproduções de Di Cavalcanti, Anita Malfatti, Ismael Nery. Sendo assim, fez grande sucesso até os anos 1930 quando, segundo Accioly Netto, a revista estava prestes a falir, com pagamentos atrasados, pouco espaço para suas maquinarias e saturada nos temas das principais matérias³⁶¹.

Em suas memórias relativas ao tempo em que trabalhou para a revista como Editor chefe, Netto aponta uma grande mudança editorial com a sua chegada. O fato é que nos anos 1940 *O Cruzeiro* voltou a caminhar de vento em popa alcançando seu ápice de vendas entre as décadas de 50 e 60, chegando à marca de 700.000 exemplares em todo território nacional e internacional.

É justamente na época de auge da revista que Rachel de Queiroz foi convidada a assumir coluna exclusiva. Estes artigos de folha inteira seriam responsáveis por uma divulgação ainda maior de seu nome e de seus escritos. Rachel de Queiroz contava com trinta e cinco anos quando foi contratada pelo *O Cruzeiro*.

No *O Cruzeiro*, Rachel propôs escrever a coluna final da revista, chamada de “Última Página”. Segundo a própria autora o artigo nesta disposição valorizaria as derradeiras propagandas e, além do mais, a “última página é tão fácil de achar quanto a primeira”³⁶². Até hoje muitas pessoas que eram adolescentes ou adultos pelos idos dos anos 1940 afirmam terem apredido a ler através destas crônicas de Rachel.

Na verdade, a autora era já velha conhecida dos *Diários Associados*, a rede midiática de Assis Chateaubriand que, nos anos 1940 contava com periódicos em diferentes estados do Brasil, revistas e emissoras de rádio. Até 1945, quando foi contratada por Leão Gondim para integrar *O Cruzeiro*, Rachel de Queiroz já trabalhara

³⁶¹ NETO, A. **O Império de Papel**: os bastidores de O Cruzeiro. Porto Alegre: Editora Sulina, 1998. p.49

³⁶² QUEIROZ, R. de. QUEIROZ, M. L. de. **Op. Cit.** p.213.

para alguns dos jornais de Chatô e não cansa de confirmar a liberdade com que ele tratava a opinião de seus colaboradores.

Em entrevista de 1990, por exemplo, Rachel afirma: “O Chateaubriand era um homem acusado de muitas coisas, mas nos jornais do Chateaubriand, você podia falar mal até da avó dele que ele não se importava”³⁶³.

Já na opinião de Fernando Morais, quando fala da época do governo Kubitschek: “Chateaubriand, por seu lado, alimentava o mito de que seus jornais podiam defender posições opostas à do dono – mito embora essa aparente liberalidade editorial escondesse uma velha tática que ele adotava com habilidade havia meio século: acender uma vela para cada santo e, assim, garantir ao seu império sempre uma porta aberta em cada lado”³⁶⁴.

Até os anos 1960, a marca do *O Cruzeiro* foram suas fotos de beldades estrangeiras, coloridas e muito maquiadas num estilo de revista bem americano. As seções variaram em cerca de 11 (artigos, reportagem, humorismo, cinema, variedades, romances, política, seções, figurinos e modelos, sociais, assuntos femininos), sendo que as colaboradoras mulheres (sem contar as eventuais traduções de romances e contos de autoras estrangeiras) eram em grande número porque alternavam-se bastante, mas ocupavam apenas quatro seções no máximo, sendo fixas apenas as colaboradoras de “assuntos femininos”, “artigos” e “etiqueta”. A partir dos anos 50, no entanto, seu número diminui ainda mais permanecendo exclusivas apenas Rachel de Queiroz com a coluna “Última Página” e Helena Sangirardi e Elza Marzullo na seção “Assuntos Femininos”.

Apesar de vir logo depois dos “Assuntos Femininos”, a coluna de Rachel situava-se no índice como parte dos “Artigos” da revista. Assim escreve a autora cearense em sua crônica de número 1:

Tanto neste nosso jogo de ler e escrever, leitor amigo, como em qualquer outro jogo, o melhor é sempre obedecer às regras. Começamos portanto obedecendo às da cortesia, que são as primeiras, e nos apresentemos um ao outro. Imagine que pretendendo ser permanente a página que hoje se inaugura, nem eu nem você, — os responsáveis por ela, — nos conhecermos direito. É que os diretores de revista, quando organizam as suas seções, fazem como os chefes de casa real arrumando os casamentos dinásticos: tratam noivado e celebram matrimônio à revelia dos interessados, que só se vão defrontar cara a cara na hora decisiva do "enfim sós”³⁶⁵.

³⁶³ Entrevista com Rachel de Queiroz. **Programa Deles e Delas**. 01.11.1990. VHS. (AABL).

³⁶⁴ MORAIS, F. **Chatô: O Rei do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 18.

³⁶⁵ QUEIROZ, R. de. Crônica nº1. In: **O Cruzeiro**. (Rio de Janeiro). 01.12.1945. (AABI)

Aqui já se estabelecem características que serão cumpridas (tanto pela autora como pelo leitor) ao longo dos trinta anos consecutivos em que a coluna existiu: linguagem cotidiana, cumplicidade com o leitor, promessa de honestidade e o trato de não falar em política:

Dizem-me, também que você costuma dar sua preferência a gravuras com garotas bonitas e a contos de amor, a coisas leves e sentimentais. Como, então, se isso não é mentira, conseguirei atrair o seu interesse? Pouco sei falar em coisas delicadas, em coisas amáveis. Sou uma mulher rústica, muito apegada à terra, muito perto dos bichos, dos negros, dos caboclos, das coisas elementares do chão e do céu. Se você entender de sociologia, dirá que sou uma mulher telúrica; mas não creio que entenda. E assim não resta sequer a compensação de me classificar com uma palavra bem soante. (...)
Assim há de ser conosco, que eu, se não claudico no andar, claudico na gramática e com outras artes exigentes. Mas sou uma senhora amorável, tal como a finada imperatriz, e de alma muito maternal. A política é que às vezes me azeda mas, segundo o trato feito, não discorreremos aqui de política. Em tudo o mais me revelo uma alma lírica, cheia de boa vontade; se sou triste um dia ou outro, não sou mal humorada nunca³⁶⁶.

Tudo se cumpre como o previsto, exceto a tal da política que azeda o temperamento da autora. Esta aparecerá várias vezes e, de fato, quase sempre num tom pessimista e melancólico. O auge da temática nas crônicas do *O Cruzeiro* se dará ao longo da década de 50 até meados de 1960. Período que já não nos compete analisar.

Em 1948, dando fim ao nosso trabalho, cumpre citar o livro *A Donzela e a Moura Torta*, coletânea de crônicas lançada pela José Olympio em cores preto e vermelho, fundo verde, com ilustrações de Luís Jardim.

Depois de mais de quinze anos colaborando com a imprensa carioca, seja com crônicas ou críticas literárias e de cinema, Rachel publica sua primeira coletânea juntando, no entanto, crônicas somente a partir de 1944. Mais do que analisar os textos de *A Donzela e a Moura Torta*, queremos terminar este capítulo mais uma vez com o estudo da recepção. Desta vez nosso guia são as opiniões de Sérgio Milliet em seu *Diário Crítico* de 12 de agosto de 1948.

Milliet (1898-1966) já era figura conhecida na imprensa paulista dos anos 1920, junto a Oswald de Andrade, Cândido Mota Filho e Menotti De Picchia. Todos discutiam por essa época o que seriam os novos postulados literários e artísticos do Brasil em pleno processo de modernização³⁶⁷. Isto pouco tempo depois de ter regressado da Europa e ter entrado em contato com as artes de vanguarda. Nesse sentido, participou

³⁶⁶ QUEIROZ, R. de. **Op. Cit.** 01.12.1945. (AABI)

³⁶⁷ BRITO, M. da S. **História do Modernismo Brasileiro:** Antecedentes da Semana de Arte Moderna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 6ª Ed. 1997. p. 167.

também da Semana de Arte Moderna de 1922 sendo, a partir de então, um dos mais importantes intelectuais brasileiros.

Para ele, em comentário de 1948, Rachel de Queiroz é tida como grande escritora, posição confirmada pela sequência de romances publicados e por sua intensa atividade profissional na área da escrita, sendo uma das poucas a viver desta prática:

Nosso mundo literário não está acostumado a isso. Em geral poetas e romancistas são entre nós amadores. Não no sentido pejorativo da palavra, mas no seu sentido real. Daí a estranheza com que olham os que, como Rachel, Lins do Rego, Gilberto Freyre, escrevem regularmente nos jornais e revistas, além de publicar romances e estudos, de fazer conferências e de se interessar por todos os assuntos relacionados com a literatura. Quantas e quantas vezes, a esse respeito, ouvi dizer ‘Fulano escreve demais’, para justificar uma opinião contrária a certo artigo publicado ou, mais comumente, para desculpar a própria preguiça³⁶⁸.

Além da constância da prática escrita, Milliet já consegue fazer uma avaliação geral da obra de Rachel publicada até então. Impressionam a ele a sobriedade do estilo, a realística do texto e o aprofundamento do plano psicológico ao longo da sequência dos romances. Elogia a forma como Rachel consegue se posicionar frente ao pitoresco e à ideologia que muitas vezes predominou nos textos dos demais romancistas regionais de 30³⁶⁹.

As crônicas rachelianas, por sua vez, levam ao fim e ao cabo a definição que Antônio Cândido daria a este gênero não tão literário: “Por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade, que costuma assumir, ela (a crônica) se ajusta à sensibilidade de todo dia³⁷⁰”.

Para Milliet, as crônicas de Rachel até 1948, e especialmente aquelas publicadas na coletânea *A Donzela e a Moura Torta*, revelam a plena posse pela autora de seu instrumento de trabalho, reforçando mais uma vez a ideia de profissionalização na escrita.

A geração destes escritores, como podemos perceber, é aquela que, mesmo pelo desenvolvimento da Grande Imprensa e do Mercado Editorial, consegue encarar a escrita em seu lado mais cru, o da sobrevivência, o do trabalho. Isto tudo para além de um idealismo romântico sobre a arte.

³⁶⁸ MILLIET, S. *Diário Crítico de Sérgio Milliet*. São Paulo: Martins, 1981. Vo. VI. p. 157.

³⁶⁹ MILLIET, S. *Op. Cit.* p. 155.

³⁷⁰ CÂNDIDO, A. A vida ao rés-do-chão. In: **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas/Rio de Janeiro: Editora da UNICAMP/FCRB, 1992. P. 13.

Por fim, temos que Rachel de Queiroz é sujeito da transição. Sujeito de um país entre o rural e o urbano, o tradicional e o moderno; faz parte de uma literatura e de um jornalismo em pleno desenvolvimento e expansão; está na gangorra entre a linguagem social e a intimista, entre as várias direitas e esquerdas. Além do mais, Rachel de Queiroz viveu a transição da mulher moderna, seus desafios pessoais e profissionais para adentrar o espaço da fala, para poder expressar publicamente o que pensava sobre si e sobre o mundo. Rachel é sujeito e produto de seu tempo:

Sinto em Rachel de Queiroz uma luta permanente entre a tendência para o realismo subjetivo e a tendência para o subjetivismo poético, a divagação participante, o amor ao homem como homem, com suas condições, seus sonhos, suas decepções, suas lutas (...). O efeito mais sério, porém, dessa luta, tem sido livrá-la dos esquematismos fáceis e tentadores, da subordinação de sua arte às injunções do instante político (...). Ela é, antes de mais nada, humana e essa humanidade ela não sacrifica a nenhuma doutrina³⁷¹.

³⁷¹ MILLIET, S. **Op. Cit.** p. 158.

CONCLUSÃO

Chegamos ao fim deste trabalho. Nele, procuramos analisar a trajetória de Rachel de Queiroz entre 1927 e 1945, tendo como interesse principal mapear os campos intelectuais em que a autora circulou, pensando sempre a produção, circulação e recepção de suas obras no contexto brasileiro da época.

Neste caminho, buscamos também compreender a noção de *escrita feminina* em seu percurso histórico, em suas ambiguidades e, muitas vezes, como argumento positivo ou negativo na definição da escrita da autora. Foi ela utilizada muitas vezes ao longo da primeira metade do século XX para definir a escrita de autoria feminina, às vezes extrapolando este sentido e virando sinônimo de *literatice*, de romantismo, de literatura água-com-açúcar.

É através da perspectiva de gênero, que procuramos pensar a questão da “mulher moderna” em Rachel de Queiroz. Discussão que invadiu o jornalismo brasileiro na esteira das discussões sobre a modernidade de forma geral e também no discurso modernista de forma particular. Pensar a trajetória de Rachel envolve pensar este sujeito em transição e em contradição.

Seus primeiros escritos em jornal assustaram a provinciana Fortaleza de começos do século por ser Rachel uma escritora tão jovem e já envolvida com os jornalistas anticlericais, com os socialistas, com os boêmios.

Nos três anos em que estive em Fortaleza trabalhando em jornais locais, produzi crônicas, manifestou-se frente ao movimento literário mais importante da época e escreveu um livro de poesias que permaneceu escondido a sete chaves. Foram anos de intensa atividade literária, ainda mais para uma menina entre seus dezesseis e dezoito anos.

Quando da publicação de *O Quinze* em 1930, aquele pequeno livro “mal impresso e de um laranja assustador”, a crítica espantou-se com a objetividade, coerência e simplicidade da narrativa. Ao mesmo tempo, identificaram nestas características o que esperavam ver num romance moderno brasileiro. O detalhe é que a resposta estava dada pelas mãos de uma mulher. Um paradoxo que os fez desconfiar veementemente da autoria a princípio, mas que logo procurou ser desvendado ou ao menos explicado.

Neste sentido, ao longo da trajetória de Rachel de Queiroz, percebemos sua insistência em se afastar da definição de *literatura feminina*, ao mesmo tempo em que a própria crítica literária também a mantém a par desta, muitas vezes simplesmente por não saber como defini-la.

Isto porque a surpresa que *O Quinze*(1930) criou no cenário intelectual dos anos 1930 estava diretamente relacionada com as concepções de gênero da época, às quais a escrita de Rachel parecia não cumprir. Surpresa provocada também pela expectativa do ambiente literário modernista em expansão, ansioso por uma linguagem diferente daquela vista até então, e que percebeu na objetividade do texto racheliano uma nova possibilidade de prosa moderna.

João Miguel(1932) foi escolhido por muitos como o romance da década, tipicamente social mas com toques de psicologismo na medida certa. Mário de Andrade, já então considerado dos melhores críticos literários, logo notou a personagem coadjuvante de Santa, e destacou sua força, sua resistência, suas estratégias enquanto mulher pobre e solitária.

Por estes tempos a autora envolveu-se também com o Partido Comunista e, posteriormente, com os trotskistas, desempenhando um papel muito mais intelectual do que prático. Muito por conta disso, tornou-se figura carimbada pela polícia do governo Vargas e passou grande parte do tempo ou presa ou sendo perseguida.

Já em 1937, com o declínio do chamado “romance social” e com a perseguição em massa dos comunistas pelo governo Vargas, *Caminho de Pedras* foi proibido e recolhido junto aos romances de outros autores, como Jorge Amado e Graciliano Ramos.

As críticas literárias negativas destacaram a posição contrária que o texto de Rachel manifestava em relação ao Partido Comunista. Neste sentido, não deveria ser apreendido pelo governo. Mas, além da questão social, havia um problema de fundo moral no livro: o adultério de Noemi, a morte de seu filho, uma segunda gravidez, estando o pai da criança na prisão. O argumento moral, neste sentido, foi utilizado para proibir e apreender os exemplares. Mas, para a polícia da época, o motivo poderia ser qualquer um.

Presa inúmeras vezes, já no final de seu primeiro casamento, e tendo perdido sua primeira e única filha, Rachel de Queiroz resolveu dar uma reviravolta e mudar-se para o Rio de Janeiro. Lá fez contratos de trabalho com inúmeros jornais e pediu a seu amigo

e editor, José Olympio, que lhe desse livros para traduzir. Precisava sobreviver, caminhar sozinha.

Em 1939, lançou o último romance que publicaria nesta década. Só voltaria a publicar romances quase quarenta anos depois. Foi *As Três Marias*, sucesso de crítica, tido como o melhor publicado naquele ano. A escritora manifestou seu receio em lançá-lo, uma vez que mudava radicalmente, da terceira para a primeira pessoa, num tom claramente autobiográfico.

Dedicou o livro a seu grande amigo, o poeta Manuel Bandeira, e entregou-se totalmente à análise do universo feminino, cheio de possibilidades, de direções e também de tristezas, decepções. Multiplicou as visões até então maniqueístas, que costumavam transformar a personagem feminina em santa ou carrasca, em esposa ou prostituta.

O final da década de 30, por sua vez, marcou a profissionalização de Rachel de Queiroz, sua escolha consciente pela prática da escrita em suas mais diferentes manifestações: tradução, romance, crônicas, parcerias, comentários. Ao mesmo tempo, os anos 1930 marcaram em sua trajetória pessoal uma opção pelo amor, por uma vida austera e romântica junto ao segundo marido.

As publicações feitas pela José Olympio, editora responsável por coadunar os chamados “escritores regionalistas” ou “grupo dos nordestinos”, auxiliou na consolidação do nome desses autores, homogeneizando-os num grupo marcado pelo regional. Também as críticas literárias, ao ressaltarem as semelhanças entre os escritores e ávidas por discutir a questão social do Brasil dos anos 1930, aproximou estas perspectivas.

Sendo assim, ao longo do tempo, consolidou-se a figura de Rachel de Queiroz como escritora regionalista, como modernista da segunda fase e outras definições semelhantes. As diferentes dimensões de sua obra e sua autonomia frente às tendências intelectuais foram minguando no discurso literário ao longo do tempo.

Uma dessas diferenças, que vem sendo explorada cada vez mais pela crítica mais atualizada, é a dimensão de gênero presente em sua obra. Devendo ser problematizada e contextualizada, esta dimensão é uma forma também de ampliar os estudos literários e incorporar novas discussões acerca de identidade, de escrita e dos mecanismos de poder característicos do cânone.

Finalizamos nosso texto com o momento que consideramos o de consolidação do nome de Rachel nos meios intelectuais, seu contrato com *O Cruzeiro*, de Assis

Chateaubriand. Nossa autora permanecerá no periódico por quase trinta anos consecutivos. A coluna “Última Página” foi responsável pela circulação do nome de Rachel em cada canto do país, foi onde expressou suas opiniões acerca de quase tudo, inclusive politicamente falando.

Neste sentido, encerramos o presente trabalho, conscientes de que muito falta a uma interpretação completa da trajetória racheliana entre 1927 e 1945. Quisemos, contudo, mapear seus passos, seus círculos intelectuais e as publicações que fez por estes anos, de modo a contribuir com os estudos sobre a autora, com o estudo da escrita de autoria feminina no Brasil e com os estudos da história literária de forma geral.

FIM

Novo Dicionário Aurélio

Fim [Lat. *fine*] *sm.* **1.** Momento em que se acaba ou se conclui alguma coisa; conclusão, termo final. **2.** Ponto além do qual não se pode prosseguir; extremo, limite. **3.** A última parte de qualquer coisa. **4.** Extremidade, limite. **5.** Cauda, motivo. **6.** Intenção, propósito, finalidade. **7.** Alvo, fito, mira. **8.** Morte.

REFERÊNCIAS

1. Fontes Primárias:

Correspondências

CAPISTRANO, M. Carta de Martins Capistrano para Rachel de Queiroz – 1º. De agosto de 1930. Reproduzido em **O Povo**. 20.08.30. (ABPF).

Carta de Rachel de Queiroz a Alba Frota de 18.06.1924. (AJAB).

Correspondência a Antônio Salles. 05.07.1933. (FCRB).

Correspondência a Graciliano e José Lins do Rego 22.08.1938. Arquivo Fundação da Casa de Rui Barbosa. (FCRB)

Correspondência de Mello Rezende a Antônio Salles. As Cp 197. (FCRB)

Correspondência de Rachel de Queiroz a Alba Frota. 26.08.1939. (AJAB)

Correspondência de Rachel de Queiroz a Antônio Salles 05.07.1933. (FCRB)

Correspondência de Rachel de Queiroz a Graciliano e José Lins do Rêgo. 22.ago.1938. (FCRB)

Artigos

A formosa oração de Suzana de Alencar Guimarães, na Festa a Rachel de Queiroz. **O Povo**. 06.08.1930. Arquivo da Biblioteca Pública de Fortaleza. (ABPF).

ALMOFALA, B. Manuscrito para a sessão Jazz-Band de **O Ceará**. 28.07.1927. (AJAB).

ANDRADE, M. Modernismo brasileiro. **O Povo**. 31.12.1928. (ABPF).

Editorial. **O Ceará**. 10.04.1927. (AJAB).

Editorial. **O Povo**. 20.02.1928. (ABPF)

Homenagem do Salão Juvenal Galeno à autora de *O Quinze*. **O Povo**. 08.08.1930. (ABPF)

O Povo. 14.04.2010. p. 12. (ABPF)

O Povo. 19.06.1930. (ABPF)

QUEIROZ, R. A alma da melindrosa. **O Povo**. 24.03.1928. (ABPF)

- QUEIROZ, R. de História de um nome. **O Ceará**. 31.07.1927-?. (AJAB).
- QUEIROZ, R. de. **Artigo para O Ceará**. 08.04.1928. (AJAB). Manuscrito.
- QUEIROZ, R. de. Home. **O Ceará**. 07.06.1927. (AJAB).
- QUEIROZ, R. de. Tupan. **O Povo**. 01.12.1928. (ABPF).
- QUEIROZ, R. de. Crônica nº1. In: **O Cruzeiro**. (Rio de Janeiro). 01.12.1945. (AABI)
- QUELUZ, R. Manifesto Regionalista. **O Povo**. 14.04.2010. (1ª. 1929)
- Rachel de Queiroz – *Caminho de Pedras* – Editor José Olympio. In: **Boletim de Ariel** Fev. 1937. Anno VI n.5 p. 181. (FCRB)
- Revista Acadêmica**. 1939 no. 44. (FCRB)
- STEEN, E. V. 70 anos de fardão e prestações pagas. **Jornal da Tarde**. 15/11/1980. Entrevista. (ABN)
- Críticas Literárias**
- ANDRADE, A. de. **Boletim de Ariel**. Maio 1937. Anno VI n.8 pg 274-276. (AABL)
- _____. Livros. In: **Revista do Brasil**. Ano II. 3ª fase. n. 17. p. 72. (AABL)
- ANDRADE, M. de. Rachel de Queiroz: João Miguel. In: **Revista Nova**. São Paulo. 15.12.1932.pg. 104-105. (FCRB)
- _____. **Táxi e crônicas no Diário Nacional**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2005. Crônica de 14.09.1930. (ABN)
- ATHAYDE, T. (Alceu Amoroso Lima). **Estudos**. Quinta Série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933. (AABL)
- BARROS, J. de. Tendências do Romance Brasileiro. In: **Anuario Brasileiro de Literatura**. 1940. pg. 53-54. (FCRB)
- CELSO, M. E. O Quinze. Reproduzido em **O Povo**. 27.09.1930. Original do **Jornal do Brasil**. 05.09.1930. (ABPF)
- FARIA, O. de. **O novo romance de Rachel de Queiroz**. In: Boletim de Ariel nº 07/ abril de 1932. (AABL)
- JUNIOR, P. Enigma da mulher moderna. In: **Anuário Brasileiro de Literatura**. 1937. p. 73-74. (FCRB)

MILLIET, S. **Diário Crítico de Sérgio Milliet**. São Paulo: Martins, 1981. Vo. VI. (ABN)

MORAES, R. Um livro de fogo. **O Povo**. 19.09.1930. & FARIA, O. de. O Quinze. **O Povo**. 20.09.1930. (ABPF)

OLYMPIO, J. Rachel de Queiroz: Caminho de Pedras . In: **Boletim de Ariel** Fev. 1937. Anno VI n.5 pg 181. (FCRB)

SCHMIDT, A. F. Uma revelação – O Quinze. In: **As Novidades Literárias, Artísticas e Científicas** . Rio de Janeiro, 18 de agosto de 1930, no. 4. (ABPF)

Discursos

QUEIROZ, R. & FILHO, A. **Discurso na Academia**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1978.

Entrevistas

As Três Rachéis. Entrevista em **Cadernos de Literatura Brasileira: Rachel de Queiroz**. Instituto Moreira Salles. Número 4. 1ª reimpressão, jan/2002.

Depoimento Acadêmico. Rachel de Queiroz. Entrevista a Maria Cláudia Bomfim. 05/06/1986. Diretor: Arnaldo Niskier. 75 min. Arquivo da Academia Brasileira de Letras. (AABL)

Entrevista ao Programa Encontro Marcado. Anos 1980/90. Disponível em: http://www.encontromarcado.net/sec_perfil.php?id=74

Entrevista com Rachel de Queiroz. **Programa Deles e Delas**. 01.11.1990. VHS. (AABL).

NERY, H. R. **Presença de Rachel - Conversas informais com a escritora Rachel de Queiroz**. Ribeirão Preto: Funpec, 2002.

Página Oficial da Folha on-line. Entrevista de 09/1998 colocada em site no ano de 2003, por ocasião da morte da autora: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u38515.shtml>

Rachel de Queiroz. Documentário. Direção Jurandir Oliveira. VHS. 2001. Arquivo Academia Brasileira de Letras.

TÁVORA, A. Entrevista. **Programa Encontro Marcado**. N. 13. 1988. VHS. Arquivo da Academia Brasileira de Letras (AABL).

Fontes literárias – memórias

QUEIROZ, R. de. **O Não me Deixes: suas histórias e sua cozinha.** Editora Siciliano: São Paulo, 2000.

_____. & QUEIROZ, M. L de. **Tantos Anos.** Editora Siciliano: São Paulo, 1998.

Fontes Literárias

QUEIROZ, R. de. **Caminho de Pedras.** São Paulo: Editora Siciliano, 1992. (1ª.1937)

_____. **Cem crônicas escolhidas.** São Paulo: Global Editora, 2004.

_____. **João Miguel.** São Paulo: Editora Siciliano, 1992. (1ª. 1932)

_____. **Mandacaru.** Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2010.

_____. **O Quinze.** Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 34ª edição. 1985. (1ª. 1930)

_____. **O Quinze.** Fortaleza: Ed. Graphico Urânia, 1930. AJAB

_____. **Serenata.** Fortaleza: Armazém da Cultura, 2010.

_____. **As Três Marias.** São Paulo: Editora Siciliano, 1992. (1ª. 1939)

Outros Livros

FREYRE, G. **Manifesto Regionalista.** In:

<http://www.arq.ufsc.br/arq5625/modulo2modernidade/manifestos/manifestoregionalista.htm>. Acessado em 28.05.2010.

PERDIGÃO, H. **Dicionário Universal de Literatura.** 2ª Edição. Porto: Edições Lopes da Silva, 1940. (AABL)

RAMOS, G. **Linhas Tortas.** São Paulo: Livraria Martins Editora, 1962.

WOOLF, V. **Um teto todo seu.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004. Título original: *A room for One's Own.*

2. Bibliografia

ABDALA JÚNIOR, B. **Literatura, História e Política: Literaturas de língua portuguesa no século XX.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

ACIOLI, S. **Rachel de Queiroz.** Fortaleza: Demócrito Rocha, 2003.

ALBUQUERQUE, D. M. de. **A invenção do Nordeste e outras artes.** São Paulo: Editora Massangana, 2001.

_____. Limites do mando, limites do mundo: a relação entre identidades de gênero e identidades espaciais no nordeste do começo do século. In: **História: Questões & Debates**. Vol. N. 34. p. 89-103. Curitiba: Editora da UFPR, 2001.

AMARAL, R. M. Uma voz distoante no PCB: Otávio Brandão, militante e intelectual. In: REIS, D. A. (Org.) **Intelectuais, história e política**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2000.

ARAÚJO, N. Apresentação. In: MUZART, Z. **Escritoras brasileiras do século XIX**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.

ARÊAS, Wilma. Rachel: o ouro e a prata da casa. In: **Cadernos de Literatura Brasileira: Rachel de Queiroz**. Instituto Moreira Salles. Número 4. 1ª reimpressão, jan/2002.

AZEVEDO, S. **O Modernismo na Poesia Cearense**. Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 1995.

BAKHTIN, M. **Questões de Literatura e de Estética – A Teoria do Romance**. São Paulo: UNESP/HUCITEC.

BARBOSA, J. M. **Militância política e produção literária no Brasil (dos anos 30 aos anos 50): as trajetórias de Graciliano Ramos e Jorge Amado e o PCB**. Tese defendida na Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro. 2010. 403p.

BARBOSA, M. L. **Protagonistas de Rachel de Queiroz – Caminhos e descaminhos**. São Paulo: Pontes, 1999.

BARROSO, P. **Uma história da política do Ceará**. Fortaleza: Banco Nordeste, 1984.

BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994 (Original de 1936).

BEZERRA, E. Nota e flor do nosso povo. In: QUEIROZ, R. de. **Mandacaru**. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2010.

BONNICI, T. **Teoria e Crítica Literária Feminista: conceitos e tendências**. Maringá: Eduem, 2001.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

_____. Campo do poder, campo intelectual e *habitus* de classe. In: _____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

_____. **Problemas do estruturalismo**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, s/a.

BRANDÃO, I. & MUZART, Z. **Refazendo nós**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2003.

BRITO, M. da S. **História do Modernismo Brasileiro**: Antecedentes da Semana de Arte Moderna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 6ª Ed. 1997.

BUENO, L. **Uma história do romance de 30**. São Paulo/Campinas: Edusp/Ed. Unicamp, 2006.

_____. Romance Proletário em Rachel de Queiroz. In: **Revista Letras** n.47. Curitiba: Editora da UFPR, 1997.

Cadernos de Literatura Brasileira: Rachel de Queiroz. Instituto Moreira Salles. Número 4. 1ª reimpressão, jan/2002.

Cadernos Pagu. Número 11. Campinas: Unicamp, 1998.

CAMPOI, I. **Adalgisa Nery e as questões políticas de seu tempo (1905-1980)**. 287f. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, UFF, Niterói, 2008.

CAMPOS, A. **Pagu. Patrícia Galvão. Vida-obra**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CAMPOS, M. & MONTENEGRO, J. A. **Demócrito Rocha: o poeta e o jornalista**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1989.

CÂNDIDO, A. A vida ao rés-do-chão. In: **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas/Rio de Janeiro: Editora da UNICAMP/FCRB, 1992.

_____. **Literatura e Sociedade**. : estudos de teoria e história literária. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 8 ed., 2000.

CARVALHO, J. M. **A formação das almas**. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

CASTRO, R. F. Os intelectuais trotskistas nos anos 30. In: REIS, D. A. (Org.) **Intelectuais, história e política**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2000.

CAVALCANTE, A. Henriqueta Galeno. In: MUZART, Z. L. (Org^a) **Escritoras brasileiras do século XIX**. Florianópolis: Mulheres 2009. P. 459-488.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**. Vozes: Petrópolis, 1996.

CHARTIER, R. **À beira da falésia**: a História entre certezas e inquietudes. Porto Alegre: Ed. Da Universidade/UFRGS, 2002.

_____. **Práticas da Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

COSTA, A. de O. & BRUSCINHI, C. (Org.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos e Fundação Carlos Chagas, 1992.

COUTINHO, A. **A literatura no Brasil**. São Paulo: Global Editora, 1996.

CUNHA, C. **Além do mar e das flores: primeiras escritoras cearenses.** Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2008.

_____. Rachel antes do O Quinze. **O Povo.** 11.11.1985.

DE CERTEAU, M. **A Invenção do Cotidiano.** Petrópolis: Vozes, 1996.

DIAS, M. O. L. S. Novas subjetividades na pesquisa histórica feminista: uma hermenêutica das diferenças. In: **Estudos feministas** Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, 1994, p.373-382.

DUARTE, C. L. (Org.) **Mulheres em Letras: antologia de escritoras mineiras.** Florianópolis: Ed. Mulheres, 2008.

_____. Feminismo e Literatura no Brasil. In: **Estudos Avançados.** N. 17 (49). São Paulo: Edusp, 2003;

EL FAR, A. **O livro e a leitura no Brasil.** Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

ELEUTÉRIO, M. L. **Vidas de Romance: as mulheres e o exercício de ler e escrever no entresséculos (1890-1930).** Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Cap. 1. Texto de 1939.

FERNANDES, A. C. S. **A imprensa em pauta: entre as contendas e paixões partidárias dos jornais Cearense, Pedro II e Constituição na segunda metade do século XIX.** Dissertação de Mestrado. PPGH – UFC. Junho/2004. 203p.

FERREIRA, D. **Pilares Narrativos: a contrução do eu e da nação na prosa de oito romancistas brasileiras.** Florianópolis: Editora Mulheres, 2004.

FERREIRA, J. & DELGADO, L. (Org.). **O Brasil Republicano.** Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FOUCAULT, M. **A Ordem do discurso.** São Paulo: Edições Loyola, 2006.

_____. **O que é um autor?** Portugal: Veja/Passagens, 2002.

HALLEWELL, L. **O livro no Brasil.** São Paulo: Edusp, 1985.

HOLANDA, S. B. de. **Raízes do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Os estudos sobre literatura no Brasil: uma primeira abordagem.** Site <http://www.heloisabuarquedeholland.com.br/?p=680&cat=8>. Acessado em 13/06/2010.

_____. (Org.) **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

_____. **A questão do mútuo impacto entre a historiografia literária e os estudos culturais.** In: <http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/?p=561>. Acessado em 07/01/2011.

_____. <http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br>;

_____. O 'éthos' Rachel. In: **Cadernos de Literatura Brasileira: Rachel de Queiroz.** Instituto Moreira Salles. Número 4. 1ª reimpressão, jan/2002. p. 113.

_____. **Os estudos sobre literatura no Brasil: uma primeira abordagem.** Site <http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/?p=680&cat=8>. Acessado em 13/06/2010.

_____. **Um problema quase pessoal.** Site da autora: <http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/?p=690&cat=8>. Acessado em 13/06/2010.

JAUSS, H. O prazer estético e as experiências fundamentais da *Poiesis, Aisthesis e Katharsis*. In: LIMA, L. C. **A literatura e o leitor.** Textos de estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 85-103.

_____. A estética da Recepção: colocações gerais. In: LIMA, L. C. (Org.) **A Literatura e o Leitor – Textos de estética da Recepção.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

JONES, A. R. Writing the body. In: SHOWALTER, E. (Org.). **The new feminist criticism.** New York: Pantheon Books, 1985.

LAJOLO, M & ZILBERMAN, R. **O Preço da Leitura: leis e números por detrás das letras.** São Paulo: Ática, 2001.

_____. **A formação da leitura no Brasil.** São Paulo: Ática, 1998.

_____. **O preço da leitura.** São Paulo: Ática, 2001.

LEITE, M. L. M. **Maria Lacerda de Moura: uma feminista utópica.** Florianópolis/Santa Cruz do Sul: Ed. Mulheres/Edunisc, 2005.

_____. **Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura.** São Paulo: Ática, 1984.

LEMAIRE, R. Repensando a História Literária. In: HOLLANDA, H. B. de. (Org.) **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 58-71.

LEVI, G. Usos da biografia. In: **Usos e abusos da história oral.** Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.

LIMA, E. de Q. **Antiga Família do Sertão.** Fortaleza: Editora Agir, 1946.

LIMA, L. C. **A literatura e o leitor.** Textos de estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

_____. **Mímesis: desafio ao pensamento.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

_____. Prefácio à 2ª. Edição. In: _____. (Org.) **A Literatura e o Leitor – Textos de estética da Recepção.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p.9-36.

MARTINS, W. A crítica modernista. In: COUTINHO, A. **A literatura no Brasil.** São Paulo: Global Editora, 1996. p.591-634.

_____. **A palavra escrita.** São Paulo: Ática, 1996.

_____. Rachel de Queiroz em perspectiva. In: **Cadernos de Literatura Brasileira: Rachel de Queiroz.** Instituto Moreira Salles. Número 4. 1ª reimpressão, jan/2002.

MATOS, M. I. S. de & SAMARA, E. M. & SOHIET, R. **Gênero em Debate: trajetória e perspectiva na historiografia contemporânea.** São Paulo: Educ, 1997;

MENDES, M. **Edição crítica em uma perspectiva genética de As Três Marias de Rachel de Queiroz.** Niterói: Eduff, 1998.

MICELI, S. **Intelectuais à Brasileira.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MOI, T. **Sexual/Textual Politics.** London: Methuen & Co. Ltd, 1985.

MONTENEGRO, A. F. **Júlio de Mattos Ibiapina: um pioneiro da sociologia regional no Ceará.** Fortaleza: UFC, 2002.

MORAIS, F. **Chatô, o Rei do Brasil.** São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

MUZART, Z. (Org.). Introdução. **Escritoras brasileiras do século XIX. Vol. I.** Florianópolis: Ed. Mulheres, 1999.

NERY, H. R. **Presença de Rachel: conversas informais com a escritora Rachel de Queiroz.** Ribeirão Preto: FUNPEC Editora, 2002.

NETO, A. **O Império de Papel: os bastidores de O Cruzeiro.** Porto Alegre: Editora Sulina, 1998.

NOBRE, F. S. **Da Padaria Espiritual à Semana de Arte Moderna.** Fortaleza: Edarl, 1992.

Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Curitiba: Edições Positivo, 2009.

NYE, A. **Teoria feminista e as filosofias do homem.** Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1995.

OLIVEIRA, L. L. Sinais da modernidade na Era Vargas: vida literária, cinema, rádio. In: FERREIRA, J. & DELGADO, L. (Org.). **O Brasil Republicano**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

OLIVER, K. **French Feminism Reader**. Oxford: Rowman and Littlefield Publishers, 2000.

PEREIRA, José Mário. (Org.) **José Olympio: O editor e sua Casa**. Rio de Janeiro: Sextante, 2010.

PEREIRA, L. M. **Escritos da maturidade**. Rio de Janeiro: Graphia Editorial: 1994.

PERROT, M. **As mulheres e os silêncios da História**. Florianópolis: Edusc, 2005.

_____. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

PONTE, S. R. **Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social (1860/1930)**. Fortaleza: Fundações Demócrito Rocha, 1999.

PONTES, C. B. **Demócrito Rocha**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

PRIORE, Mary Del. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto/ Unesp, 1997.

QUEIROZ, R. de. As três Racheis. **Cadernos de Literatura Brasileira**. São Paulo, n. 4, set.1997. Entrevista. P. 22/23.

_____. Prefácio. In: CAMPOS, M. & MONTENEGRO, J. A.. **Demócrito Rocha: o poeta e o jornalista**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1989. p. 5-11.

RIBEIRO, F. M. **O PCB no Ceará: ascensão e declínio (1922-1947)**. Fortaleza: NUDOC, 1989.

RUSS, J. **How to suppress Women's writing**. Austin: University of Texas Press, 1983.

SCHUNAHER, Schuna & BRASIL, Érico Vital (Org.) **Dicionário Mulheres do Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

SCOOT. **A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem**. Trad. Élvio A. Funck. Apres. Miriam P. Grossi. 2002.

_____. Prefácio à Gender and Politics of History. In: **Cadernos Pagu**. Número 3. Campinas: Ed. Unicamp, 1994.

_____. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Revista Educação e Realidade**. Número 16(2), jul/dez. Porto Alegre: UFRS, 1990.

_____. “O enigma da igualdade”. **Estudos Feministas**. Vol. 13/n. 1/2005, p. 11-30. Florianópolis: CFH/CCE/Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

SHARPE, P. Júlia Lopes de Almeida. In: MUZART, Z. (Org.). **Escritoras brasileiras do século XIX. Vol. II**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2004. p. 188-214.

SHOWALTER, E. (Org.). **The new feminist criticism**. New York: Pantheon Books, 1985.

_____. A crítica feminista no território selvagem. In: HOLLANDA, H. B. de. **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

_____. **A literature of their own: British women novelists from Brontë to Lessing**. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1977.

SILVA, A. J. **Comunistas e trotskistas: a crítica operária à Revolução de 30**. Curitiba: Moinho do Verbo, 2002.

SILVA, C. G. da. **Modernizando o Casamento: a leitura do casamento no discurso médico e na escrita literária feminina no Brasil moderno (1900-1940)**. 141 f. Dissertação (Mestrado em História), Setor de Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 2001.

SIQUEIRA, E. S. et al. **Um discurso feminino possível – Pioneiras da Imprensa em Pernambuco (1830-1910)**. Recife: Ed. Univrsitária da UFPE, 1995.

SIRINELLI, J-F. A geração. In: FERREIRA, M. M. & AMADO, J. (Orgs). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.

SMITH, B. **Gênero e História**. Homens, mulheres e a prática histórica. Florianópolis: Edusc, 2003.

SOARES, L. **Rua do Ouvidor 110**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2006.

SODRÉ, N. W. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOIHET, R. & ESTEVES, F. Carmen Dolores: as contradições de uma literata da virada do século. In: LÔBO, Y. e FARIA, L. (orgs). **Vozes femininas do Império e da República**. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008.

SOIHET, R. Comparando escritos: Júlia Lopes de Almeida e Carmen Dolores In: MONTEIRO, M. C. e L., OLIVEIRA, T. M. (orgs). **Entre o Estético e o Político: A mulher nas literaturas clássicas e vernáculas**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2006.

_____. História das Mulheres. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997.

_____. & ABREU, M. **Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologias**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

_____. **O feminismo tático de Bertha Lutz**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2006.

_____. & PEDRO, J. M. . A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. **Revista Brasileira de História**, v. 27, 2007.

SORJ, Bila. O feminismo na encruzilhada da modernidade e pós modernidade. In: COSTA, Albertina de Oliveira e BRUSCHINI, Cristina (orgs.), **Uma Questão de Gênero**. Rio de Janeiro/S. Paulo, Ed. Rosa dos Tempos/Fundação Carlos Chagas, 1992, p. 15-23.

TELLES, N. Autor+a. JOBIM, J. L. (Org.). **Palavras da crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura**. Rio de Janeiro: Imago, 1992. P. 45-63.

_____. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, Mary Del. (Org^a). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto/ Unesp, 1997. p. 401- 442.

TEZZA, C. C. **Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo russo**. Tese apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. FFLCH, USP São Paulo. 2002.

TRINDADE, Etelvina M. de C. **Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na Primeira República**. Curitiba: Fundação Cultural, 1996.

VILLAÇA, Antônio Carlos. **José Olympio: o descobridor de escritores**. Rio de Janeiro: Thex Ed., 2001.

ZINANI, C. J. **história da literatura: questões contemporâneas**. Caxias do Sul: Educ, 2010.

Arquivos Consultados

Associação Brasileira de Imprensa AABI

Academia Brasileira de Letras AABL

Arquivo Pessoal de José Augusto Bezerra AJAB

Biblioteca Pública de Fortaleza ABPF

Fundação Biblioteca Nacional ABN

Fundação Casa de Rui Barbosa FCRB